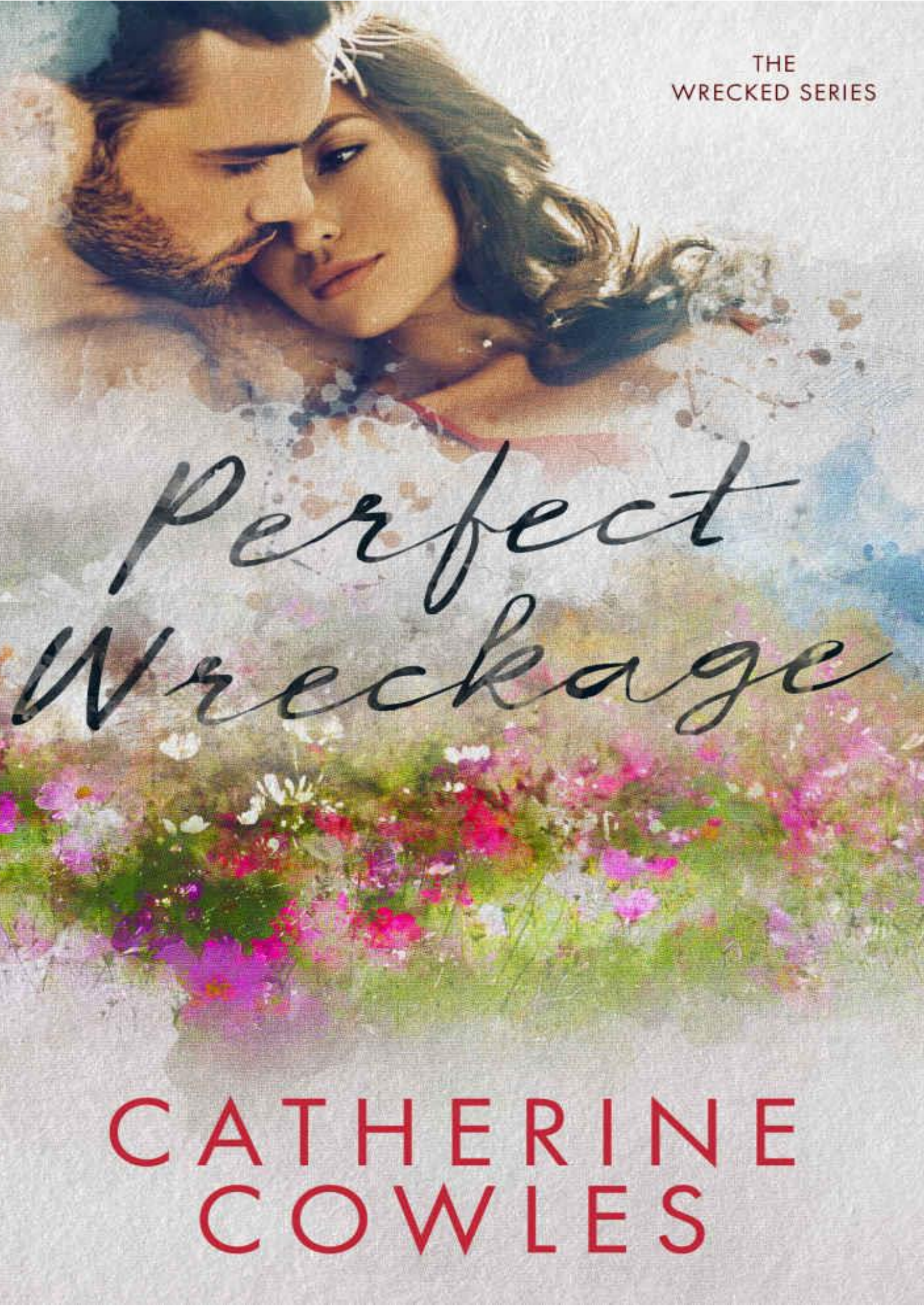

THE
WRECKED SERIES
Perfect Wreckage
CATHERINE
COWLES



Tradução: Ariella

Revisão Inicial: Mand

Revisão Final: Equipe Valkyrias

Leitura Final: Equipe Valkyrias

Formatação: Ariella

Perfect Wreckage

CATHERINE COWLES

AVISO

A tradução foi efetuada pelo grupo Doll Books Traduções (DB) e Valkyrias Traduções (VT) de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, os grupos DB e VT poderão, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo os grupos DB e VT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Para Graham e Claire.

Obrigada pelas inúmeras maneiras com que você me apoiou nesta jornada. O papel do autor não seria tão divertido se eu não tivesse você ao meu lado.

Meu passado me ensinou a não arriscar.

Para ficar longe de homens bonitos que prometiam tudo.

Minha vida era boa sem eles. Estável, segura e previsível.

Mas um beijo me mostrou que eu estava deixando de me arriscar a muito tempo.

Uma noite, e tudo que eu queria era mais do fogo selvagem dele.

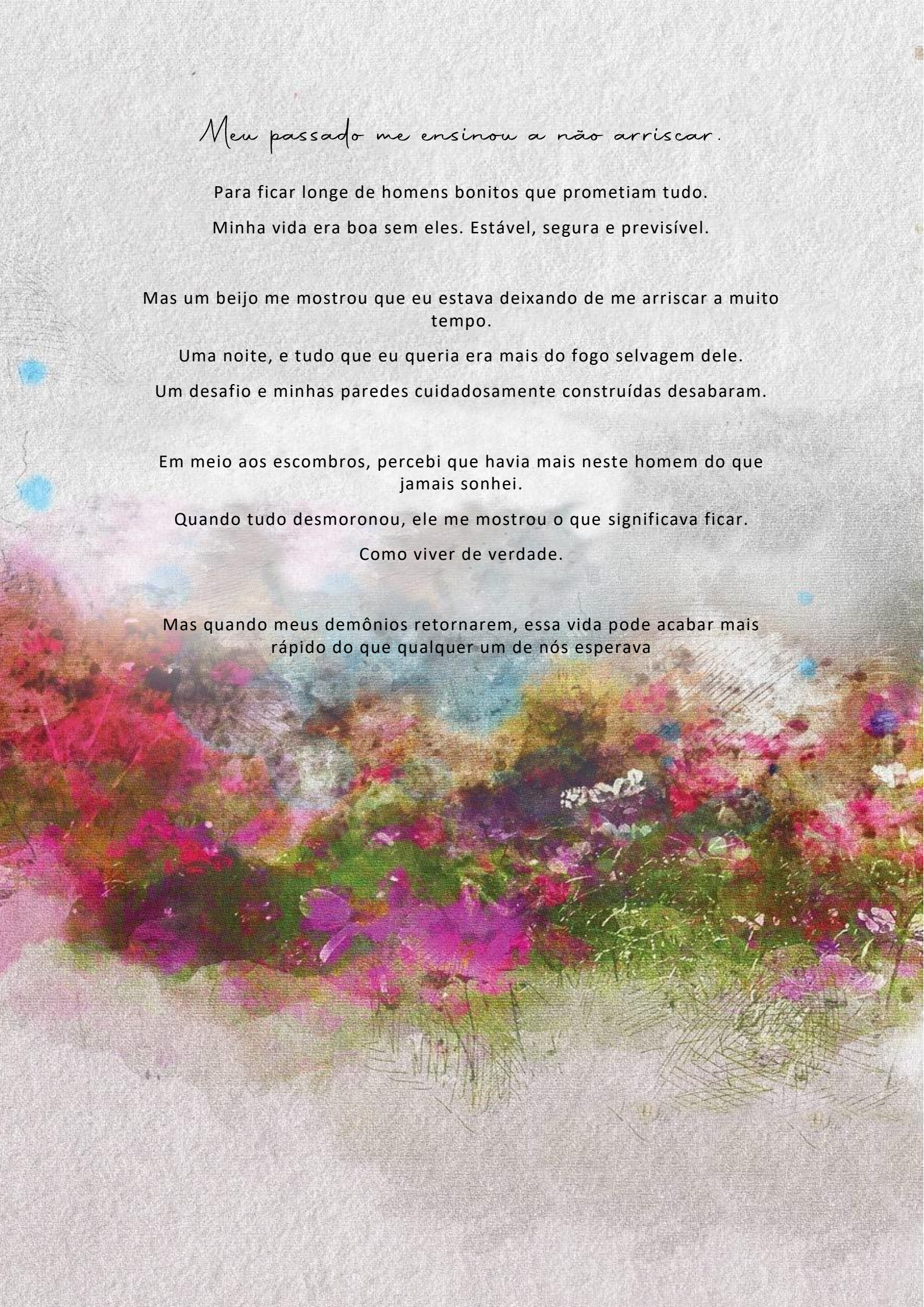
Um desafio e minhas paredes cuidadosamente construídas desabaram.

Em meio aos escombros, percebi que havia mais neste homem do que jamais sonhei.

Quando tudo desmoronou, ele me mostrou o que significava ficar.

Como viver de verdade.

Mas quando meus demônios retornarem, essa vida pode acabar mais rápido do que qualquer um de nós esperava



PRÓLOGO

Kenna

PASSADO

Acenei freneticamente, tentando limpar a fumaça do forno com uma das mãos enquanto tentava abrir a janela da cozinha com a outra. Meus esforços foram em vão. O detector de fumaça soltou um som que provavelmente faria meu cérebro sangrar.

— "Forno maldito." Corri para uma das banquetas e puxei-a sob o alarme estridente. Subi, esticando-me na ponta dos pés até conseguir alcançar o dispositivo. Eu girei e desconectei o fio rapidamente.

— O que em nome do céu está acontecendo aqui? Preciso pegar o extintor de incêndio?

— Sinto muito, Harriet. Eu só... — Não tinha certeza de como terminar essa frase.

Harriet lutou para conter uma risada enquanto balançava a cabeça, as rugas em seu rosto se aprofundando com o movimento. — Deixe-me tirar isso do forno, e você desce dessa armadilha mortal antes de cair e abrir a cabeça.

Eu cuidadosamente me abaixei do banquinho e então me levantei, colocando o detector de fumaça no balcão. — Realmente sinto muito.

Harriet acenou para mim enquanto colocava luvas de cozinha. — Você sabe que não precisa se desculpar por coisas assim. Temos que cometer erros para que possamos aprender, — eu terminei junto com ela. A melhor amiga de minha avó pregava essa linha desde que vim morar com

ela, sete anos atrás. Uma das muitas teorias de "*Harrietismo*" que passei a conhecer e amar.

Ela ergueu a assadeira e franziu a testa. — Tenho medo de dizer que acho que não vá recuperá-los. O que você estava tentando fazer?

Peguei as pedras pretas carbonizadas na frigideira. Apenas a visão deles fez arder atrás dos meus olhos. — Biscoitos.

Harriet olhou para mim ao som da tensão em minha voz. — Oh, doce menina. Podemos fazer outro lote.

— Não tenho tempo. E eu só... queria que tudo fosse perfeito. Juro que segui sua receita ao pé da letra. — Mas então, em algum lugar ao longo do caminho, algo se confundiu e meus planos viraram fumaça. Se isso não era uma metáfora para minha vida no momento, eu não sabia o que era.

— Respire fundo. — Harriet entrou na despensa e tirou um recipiente Tupperware. — Tenho alguns rolinhos do almoço que você pode levar. Afinal, para que são?

— Um piquenique. — Um para o qual passei horas me preparando, tentando pensar em cada detalhe. — É meu aniversário e de Grant.

A expressão de Harriet vacilou por um momento enquanto ela me entregou o recipiente. Seu relacionamento com o neto nem sempre foi fácil. E não importa o que eu tentei fazer para suavizar o relacionamento dos dois, nunca pareceu funcionar.

Harriet pigarreou. — Acabei de falar com Clark há um minuto, e ele disse que todos estavam indo para o continente. Passar algumas noites em Seattle antes de viajar para Boston.

Grant não disse uma palavra sobre a viagem com seus pais. Deus, eu esperava que ele não tivesse esquecido. — Ele me mandou uma

mensagem há pouco e disse que estava indo para a cidade para pegar algumas coisas. Devemos nos encontrar na praia em alguns minutos.

Ela deu um tapinha na minha mão. — Devo ter entendido mal. Vocês dois se divirtam. Apenas certifique-se de estar de volta às onze.

Eu sorri para Harriet. — Nunca há hora extra nesse toque de recolher.

— Eu só tenho você morando em casa por pouco tempo, deixe-me governar esses poucos meses com punho de ferro.

— Justo. — Essa era a questão de viver a maior parte de sua infância com um pai que não se importava nem um pouco com você, ter uma tutora rígida me fazia sentir nada além de amada. Quando meus colegas reclamavam do toque de recolher e dos jantares familiares, eu lutava contra a vontade de revirar os olhos. É realmente tão ruim saber que as pessoas se preocupam com você? Sua segurança e seu bem-estar?

Inclinei e beijei a bochecha de Harriet. — Não se esqueça, você tem uma consulta médica amanhã de manhã.

Ela deu uma risadinha. — Sempre me tratando como mãe.

— Só estou cuidando de você. — Era o mínimo que eu podia fazer pela mulher que me deu tanto. Fiquei apavorada quando vim morar em *The Gables* pela primeira vez, com certeza seria mandada embora da extensa propriedade à beira-mar de Harriet e de volta para a casa onde fui deixada sozinha, para fazer o jantar com o pouco que tínhamos em nossa despensa ou para tentar descobrir como usar a máquina de lavar roupas antes que elas cheirassem mal. Mas, lentamente, *The Gables* tornou-se meu lar, e Harriet, minha família.

Ela segurou meu rosto com as mãos. — Você é um tesouro. O melhor presente surpresa da minha vida.

A culpa me inundou pelo que parecia ser a milionésima vez nos últimos dois dias. Quase contei meu segredo mais vezes do que podia contar, faminta pela sabedoria e conforto de Harriet. Eu engoli as palavras de volta. — Eu devo ir.

Ela deu um tapinha na minha bochecha e me mandou embora afugentando com as mãos. Peguei a cesta de piquenique e saí da cozinha. Tentei tirar a culpa e a preocupação da minha mente enquanto saía pela porta da frente.

O cascalho rangeu enquanto eu me afastava da grande casa de pedra, as pedras logo dando lugar à grama espessa e exuberante que fez cócegas em meus pés. A pitoresca casa de hóspedes apareceu à minha direita, e eu podia ver a casa de Grant à distância. Eu sorri, pensando sobre a vez em que tínhamos ganhado walkie talkies[1] de longo alcance e ficamos acordados até tarde da noite, trocando histórias e compartilhando segredos.

Procurei na praia a forma longa e esguia de Grant, mas a costa estava vazia. Eu cruzei o grande pedaço de madeira que era o local perfeito para um piquenique. Espalhando o conteúdo da cesta, sentei no cobertor, tomando cuidado para não sujar meu vestido. Olhei para o meu relógio. Ele estava apenas alguns minutos atrasado.

Respirei fundo e forcei minha atenção no oceano, esperando que o movimento da água acalmasse meus nervos. Escrevi o que poderia dizer a Grant, como diria a ele, repetidamente, mas nada parecia certo. Eu só esperava que, no momento, as palavras certas viessem, aquelas que aliviassem em vez de entrar em pânico, que garantissem a ele que estávamos nisso juntos.

Eu pensei tudo de novo, praticando as diferentes coisas que eu poderia dizer, como eu as expressaria. Até que o barulho do

[1] transceptor de rádio de dois pontos, de mão e portátil.

meu estômago me trouxe de volta ao presente. Eu verifiquei a hora novamente. Quarenta e cinco minutos se passaram em um piscar de olhos. Eu olhei para o meu telefone. Sem mensagens.

O aborrecimento picou minha pele. Grant sabia que marcar ocasiões especiais era importante para mim. Dias de nascimento, aniversários, sempre fiz o possível para torná-los especiais para as pessoas que amava. Provavelmente porque minha mãe nunca tinha feito isso por mim, exceto quando ela apareceu na minha sala de aula da quarta série com uma dúzia de *donuts* velhos. Grant conhecia minhas mágoas melhor do que ninguém, o que apenas aprofundou mais ainda a ferida.

Um assobio alto perfurou o ar e me virei para ver Grant cruzando o gramado em direção à praia. Fiquei de pé, fazendo o meu melhor para manter a mistura de frustração e dor sob controle. Seus olhos brilharam com um calor familiar quando ele se aproximou. — Ei, baby. Você está linda.

— Achei que íamos nos encontrar às cinco. — Assim que as palavras saíram da minha boca, eu quis retirá-las. Minha insistência em seu atraso só arruinaria nossa noite.

Grant me deu um sorriso tímido, o mesmo que ele sempre usava antes de tentar suavizar algo. — Encontrei Joe na cidade. Começamos a conversar e perdi a noção do tempo. Sinto muito, querida. — Ele passou os braços em volta da minha cintura, puxando-me para perto. — Me perdoa?

A onda familiar se espalhou por mim enquanto eu me aconchegava mais perto. Quando Grant me segurou, foi a única vez que realmente me senti segura e não sozinha. Eu queria aproveitar a sensação para sempre. — Você está perdoado.

Ele enfiou a mão no bolso, tirando uma pequena caixa de joias e colocando-a na minha mão. — Isso deve compensar.

O veludo da caixa fez cócegas na minha palma enquanto a excitação irradiava meu corpo. Abri a caixa e engasguei. O colar de diamantes em forma de coração pegou o sol poente em uma luz cintilante. — Grant, isso é demais.

Ele segurou meu rosto, inclinando minha cabeça para trás. — Você merece o melhor. Feliz aniversário.

— Feliz aniversário, — repeti.

Seus lábios encontraram os meus em um beijo lento que enviou faíscas pelo meu corpo. Mas quando me afastei, um cheiro excessivamente doce encheu meus sentidos. Meu nariz enrugou. — Você cheira como se estivesse rolando em uma floricultura.

Grant ficou tenso. — Eu abracei minha mãe antes de eles partirem. Acho que ela estava usando um novo perfume. — Ele deu uma risadinha. — Não acho que seja bom.

Não cheirava a algo que Annabelle usaria. Mas, novamente, minhas provas nunca estavam de acordo com seus padrões. Eu empurrei os pensamentos para fora da minha mente e foquei no garoto na minha frente. A mecha de cabelo loiro dourado que sempre caía em seu rosto e as manchas verdes em seus olhos castanhos. Ele era lindo. E ele era meu. — Senti sua falta.

Grant plantou mais um beijo em meus lábios. — Senti sua falta também, baby. — Sua mão apertou minha bunda. — Você tem trabalhado muito duro.

Forcei meu sorriso a permanecer no lugar. Grant nunca entendeu minha necessidade de trabalhar, de guardar. Como ele poderia quando ele nunca quis ter uma única coisa em sua vida inteira. Mas eu precisava da sensação de segurança, o conhecimento de que poderia prover para mim mesma de alguma forma.

— Eu tenho os próximos dois dias de folga. Mas Harriet disse que você está indo para Seattle com seus pais? — Eu disse isso como uma pergunta, esperando que ele me dissesse que só estaria fora por um dia.

O corpo de Grant parecia se enrijecer com minhas palavras. — Sim, eles querem que eu voe para Boston com eles na próxima semana.

— Outra viagem de negócios? — Clark frequentemente fazia com que sua família o acompanhasse em várias conferências e eventos.

O pomo de adão de Grant balançou enquanto ele engolia, um sinal claro de que eu não iria gostar do que ele tinha a dizer. — Não exatamente, — ele murmurou.

— Então, o que você vai fazer? — O medo invadiu meu estômago. Eu não havia percebido nada de errado nas primeiras semanas, mas li em alto e bom som agora.

— Estou tentando descobrir a hora certa para te contar. — Ele brincou com a bainha de sua camisa de botão que pendia casualmente para fora da calça, e meu estômago torceu em um nó doloroso. — Eu entrei em Harvard. Papai realmente queria que eu fosse. Disse que me arranjaria um apartamento se eu concordasse.

— Cartas de admissão saem em abril. — Foi a única coisa que consegui pensar em dizer. Era final de julho agora. Quatro meses. Um terço de um ano. E durante todo esse tempo, planejamos uma vida juntos, que deveria começar em questão de semanas. — Não me inscrevi em nenhuma escola de Boston.

O estremecimento que ele me deu era tudo que eu precisava saber. Grant não estava planejando que eu fosse com ele. Lágrimas queimaram o fundo dos meus olhos. — Há quanto tempo você sabe?

Ele estendeu a mão para mim, mas eu recuei e suas mãos caíram para os lados. — Não muito, eu juro.

A maneira como seus olhos se voltaram para a esquerda me disse que ele estava mentindo. Essa mentira quebrou algo em mim. — Há apenas algumas noites, estávamos procurando apartamentos online em Seattle. — Minha respiração começou a ficar mais rápida. — Isso foi algum tipo de piada de mau gosto para você?

— Não, Kenna. Nunca. Só não sabia como te dizer. Eu te amo, mas…

Suas palavras foram sumindo quando ele se aproximou. O cheiro do perfume agarrado a ele fez meu estômago revirar. — Mas o que? — Minha voz falhou com a pergunta.

— Mas eu preciso de algum tempo para ser livre. Somos tão jovens. Eu te amo, mas não estou pronto para sossegar. Devíamos passar algum tempo separados antes de fazer isso. Acho que ambos nos sentiremos melhor com isso no final. — Ele segurou meu rosto, mas eu não conseguia nem sentir suas mãos. Eu fiquei completamente entorpecida. — Você ainda é minha para sempre, eu só preciso fazer a faculdade primeiro, sozinho.

Minha respiração acelerou novamente, como se não importasse o quanto tentasse, eu não podia fazer meus pulmões inflarem totalmente. Meus dedos começaram a formigar quando saí do aperto de Grant. Ar, eu precisava de ar.

— Kenna? Merda, você está bem? Apenas respire.

Grant passou a mão pelas minhas costas e eu não tive força para fugir disso. Eu estava muito consumida pelo esforço de tentar recuperar o fôlego. — Eu estou grávida.

Ele recuou como se eu dissesse que tinha uma doença carnívora. — V-você está o quê?

— Grávida. Estou grávida. — Apenas dizer as palavras em voz alta fez minha respiração ficar uniforme, como se fossem um chamado. Meu bebê precisava de mim. Eu não poderia perder agora.

— Mas você disse que está tomando pílula. Você mentiu?

Minha cabeça se ergueu. — Não, eu não menti. Nenhuma forma de controle de natalidade é cem por cento eficaz.

O olhar de Grant se estreitou em mim. — Mas também usamos preservativos na maior parte do tempo.

A maior parte do tempo. Minha mente girou em torno das palavras. — Toda vez. Você sempre tinha um.

Seus olhos mudaram — a mesma coisa. Mas desta vez, cortou profundamente. — Uma ou duas vezes, eu realmente não coloquei.

Eu encarei sem piscar o rosto do garoto que eu amava. Aquele que foi meu primeiro em tudo. De segurar sua mão em um cinema escuro para deixá-lo ter o pedaço de mim que eu segurei por dezoito anos. Ele me fez sentir especial, amada, *querida.* E para uma garota que havia passado tanto de sua vida sentindo-se rejeitada, ser desejada era tudo.

— Você sabia como eu tinha com medo disso. De ser como minha mãe. De pessoas pensando que eu sou como ela. — Não me arrependia do meu pequeno bebe, nem um pouco. Eu iria amá-lo ou a ela com tudo o que tinha em mim. Mas isso não mudou a traição das ações de Grant. Aparentemente, ele não se importou o suficiente com meus medos para nos proteger.

Ele se endireitou. — Se você realmente estivesse tomando pílula, não teria importância se eu não usasse camisinha algumas vezes. Inferno, talvez você tenha me enganado. Este bebê provavelmente nem é meu.

— Como você pode dizer algo assim? Você me conhece. Você sabe que eu nunca faria nada para traí-lo. — Meu coração estava quebrando. Como se o órgão tivesse sido submerso em temperaturas abaixo de zero.

O garoto que eu achava que conhecia melhor do que eu mesma, de repente parecia um estranho. Sempre soube que Grant tinha um pavio curto. Ele estava acostumado a fazer as coisas da maneira exata que queria. Mas nunca esperei que ele se voltasse contra mim. Fui eu quem ouviu quando seus pais estavam muito ocupados com o trabalho e as festas de caridade. Fui eu quem explicou de onde ele estava vindo quando Harriet perdeu a paciência com ele. Eu me certifiquei de que ele ficasse em dia com seus trabalhos escolares. Eu torci em todos os seus jogos de futebol. Eu o segurei quando ele chorou com a morte do seu avô. Como ele poderia esquecer tudo isso em um piscar de olhos?

Grant começou a andar de um lado para o outro. — Você ouviu sobre Lacey, não é? As festas? Você acha que pode me prender?

Eu empalideci, minha boca abrindo, mas eu não conseguia formar palavras, e minha mente girou rapidamente. O cheiro doce e enjoativo fez cócegas na parte de trás do meu cérebro. Lacey. Era o perfume da garota que havia me torturado durante minha infância na ilha. Jogando a embriaguez e o abandono da minha mãe na minha cara mais vezes do que eu poderia imaginar. Me fazendo tropeçar no corredor. Escrevendo coisas desagradáveis no meu armário. O menino que era o amor da minha vida, o pai do meu bebê, cheirava a... Lacey.

Fechei meus olhos, tentando bloquear a dor cortando meu peito. — Como você pode?

Ele zombou. — Você realmente acha que eu ia esperar por anos quando você estava mais trancada do que um tambor? Só porque você é a garota mais gostosa da ilha, não significa que vai me manipular. Deus, você é tão ingênua.

Bastou uma faísca. A descoberta de uma mentira que desencadeou uma reação em cadeia, revelando todos os outros enganos. Mas a pior compreensão de todas foi que não havia nenhuma maneira de Grant me amar. Ele nunca amou. Eu era apenas um rosto bonito para ele. Um belo troféu. Essa faísca enviou o futuro que eu estava construindo em minha mente, a casa que eu pensei que seria minha para sempre, em chamas.

Grant começou a recuar em direção ao gramado. — Eu não quero ter nada a ver com nenhum bebê. Se for meu, livre-se dele. Porque se você não fizer isso, você estará sozinha.

Recuei como se ele tivesse me golpeado fisicamente, embora isso fosse menos doloroso. — Você não quis dizer isso.

— Inferno, sim. — Aqueles olhos castanhos que eu tanto amava endureceram com um brilho que eu nunca tinha visto antes. — Meu pai me avisou que você poderia tentar fazer um truco maluco para me fazer ficar. Disse que tentaria me culpar, me manipular. Mas nunca pensei que você se rebaixaria tanto. Você me deixa enjoado. — Com aquele golpe de despedida, ele correu, subindo a encosta em direção a sua casa.

Meu corpo tremia enquanto afundava na areia rochosa. Se não me sentasse, temia cair. Pressionei minhas costas contra a madeira gasta do tronco. Este era um dos meus lugares favoritos na propriedade. Um lugar onde sempre encontrei paz. Em algum lugar que me lembrou o como o Universo era ilimitado, e como eu era pequena nele. Sempre achei isso reconfortante, como se tudo com o que eu lutasse fosse tão pequeno em comparação com a vastidão do mar ao meu redor. Agora, eu apenas me sentia vazia. Total e completamente sozinha.

Imaginei o oceano subindo, as ondas me engolindo por inteiro e me tirando deste espaço. Eu ansiava por isso, me deixando ir. Pisquei contra o ardor do ar salgado.

Acho que não era tão diferente da minha mãe, afinal. Dezoito anos. Grávida. Sozinha. Eu me dei uma boa sacudida. *Não.* Eu lutaria com unhas e dentes para ter certeza de que é aí que as semelhanças terminam. Mesmo se eu tivesse que fazer isso sem nenhuma ajuda.

1

Kenna

PRESENTE

— Como diabos ela nos obrigou a fazer essas coisas flexíveis mais de uma vez por semana?

Bell riu enquanto observávamos Caelyn soltava Harriet em um alongamento suave. — Porque você ama Harriet mais do que qualquer outro ser humano neste planeta, e esses exercícios de flexibilidade chique tem sido bom para sua pressão arterial.

Eu bufei e recostei-me no tapete. Bell estava certa. A ioga tinha sido boa para o coração e o espírito de Harriet. Além disso, era uma desculpa para sair e aproveitar o terreno do *The Gables*. Não importa quanto tempo tenha passado, eu nunca me cansei da vista deslumbrante.

— Você deveria estar na postura de pombo, Kenna. Isso parece ótimo, Bell.

Rosnei algo ininteligível para Caelyn antes de ficar na postura. — Puxa-saco, — reclamei com Bell.

Ela sorriu e encolheu os ombros. — Eu gosto de ioga.

Suspirei e tentei relaxar no alongamento. Eu fiz o meu melhor para tirar da minha mente minha lista mental de tarefas, para não pensar em tudo que eu poderia ter usado esta hora e meia para realizar. Era sábado e eu estava com minhas pessoas favoritas no mundo. Essas mulheres eram minhas ancoras. Elas foram faróis de luz quando meu mundo inteiro estava escuro como breu.

E agora, anos depois, estávamos todas de volta à ilha onde crescemos juntas. O tempo tinha passado, mas a proximidade que compartilhamos não mudou nem um pouco. Se qualquer coisa, ficou mais forte, o vínculo se consolidando na medula de quem éramos.

— Como vão as coisas com Henry?

A pergunta de Bell me tirou das minhas memórias. Eu empurrei mais fundo no alongamento, saboreando a dor da queimadura. — Estão bem.

— Parece que as coisas estão quentes e pesadas, *cheias* de paixão.

Peguei a toalha no final do meu tapete e joguei para ela. — Nem todos se reencontram com seu amor perdido e passam dias trancados em sua casa nova nas montanhas. — Mas nem todo mundo queria isso também. Se eu nunca mais visse meu amor perdido de novo, seria demasiado.

O sorriso sumiu do rosto de Bell e eu quis me chutar. — Você merece o amor verdadeiro, Ken. Não apenas o tipo de imitação que faz você se sentir segura.

Concentrei minha atenção em mudar minha pose de pombo para o outro lado. Eu não queria pensar sobre a pouca faísca que eu tive com Henry. — Nós só tivemos em alguns encontros. Isso não é sério.

Bell fez um barulho. Anos de amizade significaram que eu poderia traduzir o som para: *besteira.* Eu limpei minha garganta. — Então, como vai o novo espaço?

Era a coisa certa a se perguntar. Os olhos de Bell brilharam de excitação, algo que eu não tinha visto em meus próprios há uma década. — Eu acho que vai ser perfeito. Devo estar pronta para abrir as portas da loja em apenas algumas semanas.

Eu me virei para encará-la. — Isso é ótimo. Você não conseguiria encontrar um local mais ideal. — A Main Street abrigava todas as paradas turísticas essenciais para nossa pequena ilha de 1.500 habitantes e ficava a apenas alguns passos do bar que o noivo de Bell possuía. — Ford está feliz?

— Ele está feliz por eu estar tão perto de *The Catch*, mas você o conhece, ele queria me dar o dinheiro para alugar o maior e mais extravagante espaço que pudéssemos encontrar.

Eu ri. — Claro, ele queria. — Mas Bell nunca o aceitaria em algo assim. Ela precisava fazer seu sonho de possuir uma loja de móveis cheia de peças cuidadosamente restauradas acontecer por conta própria. E eu a respeitei muito por isso.

— Como vão as coisas na contabilidade?

Meus lábios se contraíram. Bell nunca pensou que contabilidade fosse exatamente emocionante. Mas eu adorava. Enquanto o mundo estava em tons de cinza, meu trabalho era todo preto e branco. Cada problema tinha uma resposta e eu sempre poderia encontrá-la.

Mas havia uma centelha de ciúme sempre que Bell falava sobre sua nova loja. Eu considerei trabalhar por conta própria mais vezes do que eu poderia contar. Pensar em escapar do meu chefe ogro e dirigir meu próprio negócio era incrivelmente tentador. Mas toda vez que me imaginava dando o primeiro passo para ter meu próprio negócio, recuava. O que eu tinha agora era o que era melhor para mim. Salário estável, seguro de saúde, aposentadoria.

Eu balancei minha cabeça. — Tudo ótimo. Minha carga de clientes diminuiu agora que Karen voltou da licença médica.

Um assobio alto perfurou o ar. — Senhoras, o que eu fiz para merecer ser saudada com tal visão?

Eu me irritei com aquele tom baixo e áspero e imediatamente me endireitei do meu alongamento. — Isso se chama ser um espião, e tenho certeza de que é uma ofensa punível com pena de prisão em todos os cinquenta estados.

Crosby sorriu, seus olhos cor de uísque brilhando com malícia. — Você me magoou, Olhos Castanhos, e depois que tive todo esse trabalho para trazer o almoço favorito de minhas mulheres.

Eu zombei. — Desculpe, mas preferimos não fazer parte do seu harém.

Crosby piscou para Bell. — Eu amo quando o atrevimento dela sai. Ford me enviou com todos os seus pedidos regulares. — Bell poderia muito bem ter derretido no local.

Eu dei uma cotovelada em seu lado. — Não se deixe levar pelo charme dele só porque ele mencionou o seu homem.

Ela riu. — Desculpe, você está sozinha com esta vingança. Gosto de Crosby e *adoro* o *panini* que tenho quase certeza que está em uma dessas bolsas.

— Veja, ela gosta de mim. É apenas uma questão de tempo antes de você vir.

— Veja o que a maré trouxe, meu amigo favorito. — Harriet avançou arrastando os pés, mas Crosby cruzou a grama para tornar mais fácil para ela alcançá-lo, curvando para que ela pudesse pressionar os lábios em sua bochecha. Por que Harriet escolheu Crosby McCoy como seu advogado, eu nunca entenderia. E por mais que eu tentasse fazê-la considerar outra pessoa, ela nunca se moveria. Ela adorava o menino-homem.

Crosby estendeu o braço e Harriet o envolveu com a mão. — Vamos para a cozinha. Podemos comer lá.

Começamos a ir para a casa principal e murmurei algo sobre advogados preguiçosos invadindo minha vida.

— Você só pensa que estou invadindo sua vida porque você me procura em todos os lugares. — Eu estremeci ao som da voz de Crosby. — Apenas admita que você já está apaixonada por mim, será muito menos doloroso para nós dois.

Deixei escapar uma mistura entre um escárnio e um bufo. — Sinto muito, garanhão surfistas simplesmente não são para mim.

— Stand Up Paddle[2]. Eu faco Stand Up Paddle. Eu não me importaria de uma viagem a Fiji para aprender a surfar. Eu poderia te levar comigo. Você, eu, um biquinizinho e margaritas na praia.

Eu olhei por cima do ombro. — Eu não sabia que você gostava tanto de biquínis.

Crosby deixou escapar um sussurro encenado. — Vou usar um, se você quiser.

Harriet riu, e eu não pude evitar a risada que me escapou. O homem realmente arrasaria em um biquíni se aceitasse usar um. — Harriet, esta é realmente a pessoa que você deseja que represente seus interesses jurídicos? É provável que ele se apresente no tribunal em um biquíni.

Ela sorriu. — Certamente tornaria as questões jurídicas mais interessantes.

— Eu pagaria um bom dinheiro para ver isso, — Caelyn ofereceu.

Crosby arqueou uma sobrancelha. — Veja, algumas pessoas me apreciam. E você, Srta. Harriet? Você vai para Fiji comigo para que eu possa aprender a surfar?

[2] Modalidade de surfe com remo em pé.

— Só se você conseguir uma daquelas cabanas com um garanhão jovem para me servir. E tem que haver batatas fritas.

Crosby apertou seu ombro. — Temos um acordo. — Ele enfiou a mão na sacola e tirou uma caixa de batatas fritas. — Começamos esta aventura com o pé direito.

O calor fervia ao longo da minha pele. — Crosby, ela não pode comer isso. Não é domingo. — Com todos os problemas cardíacos de Harriet, nós a mantínhamos com uma dieta baixa em colesterol todos os dias, exceto aos domingos. Esse era o nosso dia do lixo. Crosby sabia disso.

— Oh, relaxe. É o tamanho infantil, não vai fazer seu colesterol disparar.

Eu apertei minhas mãos no tapete de ioga, minhas unhas cavando na espuma. — Você não sabe disso. Eu estabeleci um plano de alimentação com seu médico e estamos cumprindo-o.

Crosby encontrou meu olhar. — No último checkup, o médico disse que ela estava ótima, certo? Qual é o problema de uma guloseima de vez em quando? Vamos lá, só porque você quer viver a mesma vida previsível dia após dia, não significa que Harriet precise fazer isso.

— Pare, Crosby, — advertiu Harriet.

Eu apertei o tapete com mais força, a borracha soltando um ruído de protesto. Eu ouvi a palavra que ele não estava dizendo: *chata.* E daí se minha vida fosse basicamente a mesma, dia após dia? O previsível era estável, era *seguro.* Eu sabia o que esperar e havia surpresas mínimas nos cantos. Isso é o que eu precisava. Alguém que cancelou planos, nunca definiu o horário comercial e se divertiu com esportes radicais perigosos nunca iria entender.

Eu engoli as maldições que queria dirigir a Crosby e fiz o meu melhor para manter meu tom uniforme. — Sim, todos os níveis de Harriet parecem bons. *Porque* temos seguido esse plano.

Um sorriso apareceu no rosto de Crosby. — Bem, eu trouxe batatas fritas para ela toda semana, então acho que posso continuar assim, não posso?

Parei no meio do caminho e abri minha boca. Eu imediatamente a fechei. Mas quando tentei falar, dizer alguma coisa, qualquer coisa, nada saiu. Meu olhar se voltou para Harriet. Seus lábios se contraíram. — Desculpe, doce menina, eu precisava da minha dose.

Forcei meus dedos a relaxarem seu controle sobre o tapete e comecei a andar novamente. — Se você não quiser minha ajuda com o planejamento da refeição, tudo bem. — Se Crosby estivesse no comando, Harriet comeria alimentos enlatados e fritos do *The Catch* sete dias por semana, com uma cerveja para encerrar.

Harriet soltou Crosby e agarrou minha mão. — Não seja assim. Você sabe que eu amo o quanto você se importa. — Ela lançou um olhar irritado para Crosby. — Eu só preciso das minhas batatas fritas de vez em quando.

Meus ombros caíram. Eu sabia que estava superando cada pequena coisa em meu controle com um aperto que rivalizava com o *Hulk*. Qualquer pequena coisa que eu pudesse manipular para dar a Harriet um pouco mais de tempo, eu enfrentaria como um sargento instrutor. Mas nada disso mudaria a verdade. Harriet estava morrendo. E era apenas uma questão de tempo antes que eu tivesse que me despedir da mulher que significava tudo para mim.

2

Crosby

Alguém deu um forte tapa na parte de trás da minha cabeça quando as meninas desapareceram da cozinha. — Alguém bateu em você com um pedaço de pau estúpido esta manhã? — Harriet perguntou.

Esfreguei o local na parte de trás do meu crânio. — Isso foi um pouco forte. — Exceto, que não foi. Eu estraguei tudo regiamente. Kenna era controlada e exigente desde o momento em que a conheci, mas só aumentou desde que a saúde de Harriet piorou. Não era preciso ser um psicólogo para saber que seu mundo estava girando fora de controle e estava fazendo tudo o que podia para agarrar-se a qualquer coisa ao seu alcance.

— Ela está sofrendo, Crosby.

— Eu sei disso. Sinto muito, eu não estava pensando. Eu só gosto de alfinetá-la. — Poucas coisas na minha vida me davam tanto prazer quanto ver a cor tingir as bochechas de Kenna e ouvir suas respostas sarcásticas. Esses foram os momentos em que a vi genuinamente ganhar vida. Eu sabia o que era viver a vida como um meio zumbi, seguindo uma trilha que eu nem me lembrava de ter começado. Eu não queria isso para Kenna. Ela tinha muita vida transbordando sob a superfície.

Harriet deu uma risadinha. — Vocês dois são como cão e gato.

— Ela precisa de alguém para encher o saco dela.

Harriet lançou um olhar penetrante em minha direção, como se estivesse pensando em me dar outro tapa. — Linguagem, meu jovem.

— Sinto muito, Srta. Harriet. Ela precisa de alguém para despertá-la.

Os lábios de Harriet se contraíram. — Você não está errado. — Seu foco ficou suave como se ela estivesse perdida em uma memória. — Ela teve uma vida difícil, minha doce menina. O destino não foi gentil com ela e ela merece muito mais.

Meu peito se apertou com um aperto fantasma. Por mais que tentasse obter informações perdidas dos amigos de Kenna, sabia muito pouco sobre o passado dela. A mulher ficava presa como um baú quando se tratava de discutir qualquer coisa pessoal. Eu não a tinha visto discutir assuntos pessoais com ninguém. A única coisa que eu sabia era que ela havia sido criada por Harriet. — O que aconteceu com os pais dela?

Os lábios de Harriet se estreitaram em uma linha dura. — Não tenho certeza se a mãe dela sabe quem é o pai de Kenna. Ou, se o fizer, duvido que ela o tenha informado que ele tem uma filha. A palavra amável para ela seria *frívola.* Ela não tem um osso maternal em seu corpo. Ela largava Kenna na avó e depois iria embora por semanas. Achei que, quando Carrie falecesse, a mãe de Kenna se apresentaria, mas ela não o fez. Quando descobri que ela havia deixado Kenna sozinha por três dias, pedi a custódia. Janet não lutou contra isso.

Meus dedos flexionaram em torno do meu copo. O controle, a rigidez, tudo fazia um pouco mais de sentido agora. A maior parte de sua infância foi cheia de incertezas. Isso mudou a constituição de uma pessoa. — Quantos anos ela tinha quando veio morar com você?

— Onze.

Não tão pequena. O dano já havia sido feito. Descobri que queria dar uma boa sacudida em Janet Morgan. — Eu odeio que ela tenha passado por isso.

Harriet deu um tapinha na minha mão. — Eu também, querido menino. Eu também. — Ela me olhou com um olhar avaliador. — Qual é o seu interesse nela?

Eu levantei minhas mãos em sinal de rendição simulada. — Não é assim, eu juro.

Harriet zombou. — Já ouvi isso antes, e de mentirosos muito melhores.

Não era mentira. Eu estava atraído por Kenna, mas nunca iria por esse caminho. Eu a respeitava muito, sabia que ela estava procurando por algo que eu nunca seria capaz de dar a ela. — Eu não vou atrás de Kenna. Confie em mim.

— Nada me faria mais feliz do que minhas pessoas favoritas encontrando parceiros um no outro, mas você não está exatamente em busca de algo permanente. E minha Kenna... ela merece um tipo de amor para sempre.

Eu esfreguei minha nuca. — É por isso que não vou lá. Nossas brigas e talvez alguma amizade, é tudo o que procuro.

Harriet balançou a cabeça e tomou um gole de chá. — Quem perde é você. E uma grande.

Tive a sensação de que Harriet estava certa, mas isso não mudou nada. Eu precisava de liberdade e da capacidade de fazer o que quisesse, quando quisesse. Eu nunca mais entregaria aquele pedaço de mim mesmo, era um custo muito alto. Peguei minha pasta. — Vamos dar uma olhada nessa papelada.

— Eu vejo você evitando o assunto, mas vá em frente. Apenas saiba que você não pode fugir dos demônios perseguindo você para sempre.

Oh, sim, eu poderia. Eu fiz disso a missão da minha vida e estava funcionando. Peguei os papéis e os coloquei na mesa. Harriet me pediu para redigir um novo testamento para ela alguns anos atrás, mas tinha ligado ontem para perguntar se poderíamos revisá-lo para ter certeza de

que tudo estava em ordem. — Como você acha que sua família vai lidar com isso?

— Oh, eles podem se ferrar.

Eu deixei escapar uma gargalhada. — Brutal na sua velhice. Eu gosto disso.

Ela deu de ombros. — Tenho sido mais generosa com eles do que deveria. É minha culpa que eles criaram um filho podre e mimado. Talvez este seja um pequeno alerta para todos eles. Mas, infelizmente, acho que é tarde demais.

Testamentos, relações de confiança e arranjos para o fim da vida traziam consigo uma verdade que tinha uma ousadia raramente vista em qualquer outra época. Eles mostraram quem uma pessoa amava e detestava. Como eles perdoaram. E o que eles valorizaram acima de tudo. Os documentos na mesa da cozinha gasta na propriedade palaciana, mas quente, mostravam quem era Harriet Abbot e o que ela mais valorizava.

* * *

Meu telefone tocou nos alto-falantes da minha caminhonete. Olhando para baixo, a tensão começou a se reunir em minhas têmporas. Apertei *Aceitar de* qualquer maneira. — Ei mãe.

— Olá, Crosby. Como estão as coisas nessa sua ilha?

Eu segurei uma risada. Ela chamava Anchor Island de — aquela sua ilha, — desde que me mudei para cá anos atrás, como se eu fosse o dono de tudo. Acho que ela esperava que fosse simplesmente um brinquedo que eu pegasse e largasse, mas não era. A pequena ilha se tornou meu

refúgio. — As coisas estão ótimas. Acabei de voltar para o escritório de um compromisso.

— O negócio vai bem?

Quando anunciei meus planos de me mudar para Anchor para abrir um escritório na ilha, minha mãe implorou e implorou para que eu não o fizesse. Ela me disse se eu precisava de um local de férias, para ir para *Martha's Vineyard* ou *Hamptons*. Apenas o melhor para o filho de Georgina McCoy. Ela não ficou satisfeita quando eu fui para o oeste de qualquer maneira.

— Tudo está estável. — Havia apenas um outro escritório de advocacia na ilha, mas o cara que o dirigia era um pouco esnobe. Então lento, mas firmemente, eu peguei mais e mais de seus negócios.

— Isso é bom. — Seu tom soou como se ela achasse que era um destino pior que a morte.

Mordi o interior da minha bochecha para não rir. — Como vão as coisas em Boston?

— Estamos em Vineyard esta semana, na verdade. Seu pai tem alguns dias de folga.

— Isso é ótimo. Espero que vocês tenham um bom tempo. — Eu não sabia por que compartilhava desse sentimento, não era como se minha mãe desse esses longos passeios pela praia. Ela poderia se dignar a jogar uma partida de tênis ou juntar-se a meu pai no campo de golfe, mas a areia era uma zona proibida para ela.

— Tenho certeza que vamos. Olha, na verdade estou ligando por um propósito.

Essa pressão em minhas têmporas se intensificou, crescendo em uma batida constante atrás do meu crânio. — Tudo certo.

— Encontrei Alicia na cidade.

Meu aperto no volante ficou mais forte. — Eu não preciso ouvir sobre ela.

— Ela e Brent terminaram. Ela perguntou por você, então eu passei seu novo número.

Soltei uma série de maldições baixinho. — Você não deveria ter feito isso.

— Ela cometeu um erro, Crosby. Nenhum de nós é perfeito. Certamente, você não afirma ser.

Um erro é um único lapso de julgamento. Não um caso de dois anos enquanto meu anel estava no dedo da mulher. — Então você vai em frente e passe um tempo com Alicia. Vou repassar isso. — Também significava que provavelmente teria que mudar meu número de telefone. — Eu tenho que ir, mãe. Estou no escritório.

Desliguei sem esperar seu adeus. Meus pais sempre amaram Alicia e tudo o que ela representava: que seu filho estava se estabelecendo, levando a sério sua carreira de advogado. Quando estávamos juntos, meus pais pareciam genuinamente interessados em mim pela primeira vez na vida. Eu falava de negócios com meu pai, enquanto Alicia e minha mãe iriam tagarelar sobre roupas da estação. Tornei mais parecido com *eles* quando estava com ela. Não importava para meus pais que eu estava morrendo lentamente por dentro o tempo todo.

Eu não fiz a curva para o pequeno lote de cascalho do meu escritório. Em vez disso, fui para a montanha. Eu precisava sentir o gostinho da liberdade que ganhei e que agora defendia com tanta ferocidade. Hoje, eu precisava de um tempo sozinho para abafar todas as memórias que ameaçavam me sufocar.

3

Kenna

— Essa maldita peça parece que deveria caber, mas não cabe. Acho que esse quebra-cabeça é manipulado.

Harriet riu e largou o chá. — Devo chamar Caelyn para vir para outra sessão de ioga? Parece que você perdeu seu Zen.

Eu fiz uma careta para Harriet. — Você é uma traidora, sabia disso?

Ela me deu um sorriso inocente. — O que? Acontece que eu gosto de fazer os movimentos suaves com ela.

— Torcida como um *pretzel*, — eu murmurei. Harriet sabia que eu odiava praticar esse tipo de esportes, e acho que ela sentiu um prazer perverso em me ver lutando para ficar parada no mesmo lugar por tanto tempo. Mas era bom para Harriet, e Caelyn sempre poderia usar o dinheiro extra que as sessões particulares proporcionavam. Cuidar de seus três irmãos com um único salário era um desafio nos dias de hoje.

Harriet apenas riu mais. — O que a ioga fez com você?

— Me dá coceira.

— Coceira?

— Sim. Como se minha pele fosse muito apertada para o meu corpo ou algo assim. Eu prefiro correr ou nadar do que fazer ioga.

Harriet ficou em silêncio por um momento enquanto me estudava. — Eu acho que é bom para você. Você tem que ficar sozinha com seus pensamentos.

Sempre lutei contra o silêncio. A calma trazia consigo um fluxo constante de memórias e autoanálise. Eu suportava um pouco melhor agora, mas houve um tempo que eu teria feito qualquer coisa para escapar.

— Você tem que enfrentar as coisas, doce menina. Olhar para outro lado não fará as coisas desaparecerem.

Harriet havia dito essas palavras para mim uma e outra vez enquanto eu estava deitada em minha cama no andar de cima, me recusando a sair. Houve um ciclo interminável de programas ridículos na minha televisão. Inclusive deixava a televisão ligada enquanto dormia, de qualquer maneira era o pouco de descanso que eu poderia ter.

— Eu vejo as coisas que preciso fazer. — Eu odiava a preocupação que iluminava suas feições, não queria adicionar um grama de estresse a seus ombros. — Eu faço. Não é nada como costumava ser.

Harriet colocou a mão sobre a minha, apertando suavemente. — Eu sei. Você trabalhou tão duro para superar suas perdas. Você é a mulher mais forte que conheço. Mas está tudo bem chorar.

Eu engoli contra a emoção acumulada em minha garganta, as memórias tentando se libertar.

— Você nunca fala sobre ela.

Dela. Meu bebê. Minha garotinha. Aquela que perdi apenas uma semana depois de descobrir que o pequeno embrião dentro da minha barriga, era uma *menina.* Uma semana depois de começar a pensar em nomes.

Eu me calei. Porque se eu soltasse, puxasse a rolha, as emoções me afogariam. A ferocidade deles era letal. Quando eles foram agitados, eles rasgaram meu interior, e eu tive que lutar para reprimi-los. Mas a ideia

de deixá-los em liberdade tinha imagens de minha mãe dançando em minha mente. Histérica e fora de controle.

— Eu não posso. Sinto muito, Harriet. Eu sei que você quer, mas eu simplesmente não posso. — Eu odiava decepcionar Harriet, decepcioná-la de alguma forma, mas simplesmente lidávamos com as coisas de maneira diferente. Harriet havia colocado um lapide de pedra nivelado com o solo em um penhasco com vista para o mar. A rocha não tinha um nome, apenas um belo conjunto de flores esculpidas. Eu o visitava regularmente, sempre perguntando se eu gostaria de acompanhá-la. Minha resposta sempre foi não.

Eu carregava minha filha comigo todos os dias. Ela foi impressa em cada célula do meu corpo. Não precisava de uma lapide para me lembrar dela ou para sentir a perda. E se eu olhasse para um lembrete físico, aquela parede cuidadosamente construída, aquela que mantinha as emoções mais perigosas sob controle, ela correria o risco de ruir.

— Estou preocupada com você.

Minha cabeça se ergueu. — Por quê? — Eu havia construído uma vida boa em um lugar lindo. Com pessoas que eu amava e um emprego estável. Eu estava a salvo. Segura. As duas coisas que sempre quis criar para mim, acima de tudo.

As lágrimas brilharam nos olhos de Harriet. — Manter tudo dentro do jeito que você faz... é veneno. Estou com medo de que minha saída deste lugar seja uma dose letal. Você tem que deixar sair um pouco, deixar ir.

Meu peito se contraiu e foi doloroso, olhei para a peça do quebra-cabeça em minha mão, virando a forma retangular em meus dedos. — Não fale assim. Você está melhor. Seu médico está muito impressionado com o progresso que você fez.

Harriet estendeu a mão e colocou sobre a minha novamente, parando meus movimentos. — Doce menina, meu coração vai parar em algum momento. Não se trata mais de colesterol ou de fazer caminhadas. É assim que as coisas são. Tive uma vida longa e plena. Eu amei com ferocidade e me meti em muitos problemas. E você é uma benção para a minha vida.

Eu lutei contra as lágrimas queimando meus olhos. — É esta a sua maneira de me convencer a deixar você comer mais batatas fritas.

Harriet riu, apertando minha mão um pouco. Ela piscou para mim. — O que for preciso.

4

Crosby

Eu me inclinei novamente contra a árvore na beira da praia, apreciando o espetáculo. A mulher parecia ser uma sereia na água. Traços suaves cortavam as ondas sutis da enseada. Elas eram graciosas e poderosas, contidas e explosivas. Uma justaposição tão semelhante à própria mulher.

Kenna caminhou em direção à costa rochosa. Ficando de pé, fios de água traçaram caminhos por curvas que nem mesmo seu maiô preto de cobertura total conseguia disfarçar. Ela torceu o cabelo e a capa escura comprida apareceu em cachos inesperadas. Eles me lembraram daquela parte de Kenna que ela gostava de esconder do mundo.

Seus movimentos vacilaram, e então ela tirou a toalha da praia. — O que você está fazendo aqui?

Eu sorri, saindo do tronco da árvore e caminhando em sua direção. — Caelyn me disse que este era um bom lugar para o *Stand Up Paddle*.

Kenna murmurou algo sobre sua amiga ser uma traidora. — Estou surpresa que você tenha acordado tão cedo.

Eu encolhi um pouco os ombros. Eu tinha que estar em uma reunião às dez, então essa era a única oportunidade que eu teria o dia todo de estar na água. — Cada dia é diferente.

— Deve ser bom simplesmente ir por onde o vento te leva.

Meu telefone zumbiu no bolso e eu o tirei. Um número familiar, um que eu gostaria muito de esquecer, apareceu na minha tela junto com um texto.

Ei, Crosby. Podemos conversar? É importante.

Meu rosto endureceu enquanto o gelo parecia deslizar em minhas veias. A aposta de Alicia não tinha valido a pena, e agora ela estava tentando colocar sua segunda opção de volta na reta. Não nesta vida.

Uma mão fria roçou meu antebraço, mas de alguma forma, o toque pareceu aquecer minha pele. — Você está bem?

Eu balancei minha cabeça um pouco, engessando meu sorriso despreocupado característico. — Apenas aqueles malditos operadores de telemarketing. Eles nunca desistem.

A mão de Kenna caiu e ela deu um passo para trás. — Você pode apenas me dizer para cuidar da minha própria vida. Você não tem que mentir.

Eu imediatamente senti a perda de seu calor, o leve zumbido na minha pele onde ela me tocou. — Justo. — Kenna manteve o olhar fixo no meu como se me desafiasse a contar a verdade. Eu peguei o caminho do covarde e mudei de assunto. — Eu gosto destes. — Estendi a mão e peguei uma mecha de seu cabelo em meus dedos, soltando-a e deixando o cacho rebotar.

O rosa tingiu suas bochechas. — Eu prefiro preso.

Meu sorriso cresceu mais amplo. — Não sei, Olhos Castanhos, acho que você deveria deixar isso solto. — E o que eu daria para ver esta mulher livre e indomável.

* * *

Silenciei meu telefone enquanto percorria pelos corredores da Aliança. Alicia já havia mandado uma mensagem de texto mais duas vezes no trajeto de balsa para *Shelter Island*. Respirei fundo, tentando acalmar meu aborrecimento da mesma forma que fizera com meu

telefone. Batendo a porta aberta do escritório, lutei contra a vontade de rir. Callie girava em círculo como um gato perseguindo o rabo. — Entre. Desculpe, não consigo encontrar minha caneta.

Apontei para o topo de sua cabeça. As mãos de Callie voaram para sua pilha desordenada de cabelo, acariciando até encontrar sua caneta, puxando-a para fora. — Aha! A vitória é minha!

Eu ri, movendo uma pilha de pastas de uma cadeira para outra. — Quantas xícaras de café você tomou esta manhã, Cal?

Ela estremeceu, recostando-se na cadeira da escrivaninha. — Definitivamente, não mais do que quatro.

— Achei que tivéssemos concordado que dois era o seu limite?

Callie deu de ombros, procurando em sua mesa algum item desconhecido. — Tenho quase certeza de que meu sangue contém noventa por cento de cafeína neste momento. Se eu parar de beber, provavelmente vou cair morta.

Minhas sobrancelhas se juntaram. — Achei que eles iam contratar mais ajuda para você.

Ela suspirou, afundando ainda mais na cadeira. — Simplesmente não temos orçamento para isso.

— Deixe-me ver se consigo arranjar mais algumas doações para você. — A mulher tinha apenas vinte anos, mas nesse ritmo, ela teria um ataque cardíaco antes de chegar aos trinta.

A expressão de Callie se suavizou. — Você já nos dá dinheiro e, mais importante, seu tempo. Eu juro que teríamos afundado pelo menos três vezes diferentes se não fosse por você.

O calor subiu pela minha nuca. — Você sabe que estou feliz em ajudar. — Quando saí de Boston e comecei de novo, queria mudar tudo na minha

vida. Isso significava não estar apenas focado em acumular dinheiro e alianças poderosas. Eu queria usar minhas habilidades jurídicas para o bem. Eu fiz algumas pesquisas sobre as organizações que trabalham nesta pequena cadeia de ilhas na costa de Washington.

A *Shelter Island Child Alliance* se destacou de todas as demais. Eles deram às crianças em um orfanato uma voz, um defensor no sistema legal, alguém que iria conhecê-los e falar com os juízes no tribunal de família em seu nome. Parecia algo para o qual eu era exclusivamente qualificado, conhecendo o sistema legal por dentro e por fora. Eu tive que fazer uma pequena atualização no direito da família, mas valeu a pena. Poucas coisas nos últimos anos me deram mais alegria.

Callie tirou uma pasta de sua pilha perigosa. — Estou feliz porque tenho sua nova missão.

Meu último cliente, um garoto de 13 anos chamado José, finalmente conseguiu voltar para casa com sua tia e seu tio após uma disputa desagradável pela custodia após a morte de sua mãe. O menino estava tão fechado, hesitante em contar a alguém com quem ele queria viver. Familiares de ambos os lados começaram a se atacar, tentando obter a custódia de José. Mas depois de algum tempo, tudo se resolveu.

— Quem você tem para mim?

Callie me entregou a pasta. — Esta é Zoe Parks. Pai desconhecido. A mãe dela acabou na prisão pela segunda vez depois de ser pega em um esquema de metanfetamina.

Observei o rosto da menina. Ela não podia estar com mais de oito anos de idade, e mesmo que sua mãe *se limpasse, as* chances de ela recuperar a custódia eram poucas. Havia algo quase familiar em Zoe. Eu me dei conta, ela me lembrava a uma pequena Kenna. Talvez fosse o cabelo castanho escuro. Ou talvez fosse o fato de eu ter acabado de aprender

um pouco mais sobre a história de Kenna. Independentemente disso, meu peito se apertou pela garotinha que agora estava sozinha no mundo. — Algum familiar?

Callie balançou a cabeça. — Ninguém está disposto a aceitar.

— Idiotas.

— Nem todo mundo está preparado para a paternidade, Crosby.

Callie estava certa sobre isso. Meus pais eram frios e distantes em seus melhores dias. Como se tivessem um filho simplesmente para marcar aquele item de suas listas de tarefas pendentes. O envolvimento deles em minha vida enquanto crescia e chegava à idade adulta tinha sido principalmente sobre eles tentarem me guiar para o que achavam apropriado. Mas eu estava seguro e nunca precisei pedir nada. Muitas das crianças que conheci através da Alliance teriam dado qualquer coisa por isso.

Eu fechei o arquivo. — Quando vou conhecê-la?

— Queremos dar a ela o fim de semana para se estabelecer em seu lar adotivo, se acostumar com uma nova rotina. Muitas pessoas estão fazendo muitas perguntas a ela. Que tal na segunda?

— Soa como um plano. — Eu olhei para Callie por cima da mesa. — Você vai me avisar se houver mais alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

— Sim. Agora sai daqui. Eu preciso trabalhar um pouco.

Eu me despedi com um gesto falso. — Sim, senhora. — Eu verifiquei meu relógio. — Bem a tempo de entrar no *The Burger Barn*.

Ela gemeu. — Seu vício por aquele lugar está começando a ficar preocupante.

— Eles têm os melhores *cheeseburgers* das ilhas. Acredite em mim, eu fiz minha pesquisa.

— Você vai ter doenças cardíacas se viver só de hambúrgueres.

Eu me levantei, colocando a pasta debaixo do braço. — Eu gosto de viver perigosamente, Callie. — Ela simplesmente balançou a cabeça e acenou para eu sair de seu escritório.

5

Kenna

Eu gemi enquanto rolei de costas, com uma cãibra no meu pescoço. Meu alarme soou e, quando tentei desligá-lo, derrubei meu copo d'água no chão. Murmurando uma maldição, procurei o botão de alarme e finalmente o desliguei. Eu simplesmente fiquei deitei por um momento, o calor e conforto da minha cama me chamando para ficar um pouco mais.

Houve uma batida na minha porta. Eu olhei para o relógio. Era antes das sete da manhã. Talvez Caelyn tivesse passado para tomar café com as crianças. Eu saí da cama, agarrando meu robe e puxando-o enquanto me dirigia para a porta. Abrindo, eu congelei.

A enfermeira de Harriet, Natalie, ficou ali torcendo as mãos, os olhos vermelhos. Meu coração parou no meu peito, parando e começando a subir, mas com o dobro da velocidade. — O que há de errado?

— Eu sinto muito, Kenna. Harriet faleceu.

O sangue rugia em meus ouvidos, uma batida que ensurdecia tudo ao meu redor. — Não. Eu... eu a vi ontem à noite. Ela só está dormindo.

Natalie agarrou meus braços como se fosse me segurar. — Eu sinto muito. Ela se foi. Fui dormir. E quando eu a verifiquei esta manhã, era tarde demais.

O mundo parecia desaparecer e piscar ao meu redor. Tudo amortecido, as bordas borradas. Não consegui sentir o cheiro do mar ou ouvir as próximas palavras que saíram da boca de Natalie. Não pude ver a vista enquanto Natalie me guiava em direção à casa principal. Mas a sensação de seu braço em volta de mim me sacudiu da lama.

Eu não desmoronaria. Imaginei cada pedaço de dor brutal sendo enfiado sob minhas paredes cuidadosamente construídas. Eu engoli forte enquanto trabalhava para suavizar minhas feições. — O que você precisa que eu faça?

Natalie piscou para mim, o choque evidente em seu rosto. — Eu, uh, você está bem?

— Eu vou ficar bem. Os bombeiros foram chamados? — Eles cuidaram de todas as emergências médicas na ilha, e presumi que seriam chamados para morte também.

— Eu tenho... por que você não se senta?

Natalie tentou me conduzir a um sofá na sala de estar, o mesmo lugar que Harriet e eu havíamos montado em um quebra-cabeça poucos dias antes. Eu me livrei do braço de Natalie. — Estou bem. Mas preciso ter certeza de que todos esses detalhes sejam tratados.

Natalie deu um pequeno passo para trás, a preocupação marcando suas feições. Fiz o meu melhor para manter meu rosto uma máscara em branco. A última coisa que eu precisava quando eu sentia que estava perdendo o fôlego era ver o julgamento no olhar de alguém. Eu tinha visto aquela aparência muitas vezes antes. A filha abandonada da bêbada da cidade. O lixo usado e descartado de Grant Abbot. A única maneira de evitar todos esses olhares era nunca sair da linha.

Eu fiz o meu melhor para suavizar minha expressão. — Sinto muito, Natalie. Eu só preciso ficar ocupada agora. Preciso ter certeza de que Harriet está bem cuidada. — Minha voz começou a falhar com a menção do nome dela, mas eu tentei manter o controle.

A expressão de Natalie se suavizou ainda mais. — Claro. Os paramédicos estão em caminho.

Assenti. — Devemos notificar o resto do círculo dela. Podemos dividir a lista de chamadas. — Isso me deu algo em que me agarrar. Uma tarefa a ser concluída.

Natalie foi para o escritório. — Vou pegar a agenda.

O tempo veio aos trancos e barrancos. Um borrão de telefonemas dolorosos onde mantive minha voz cuidadosamente medida enquanto comunicava os mais próximos e queridos de Harriet. Natalie deixou os paramédicos entrarem enquanto eu terminava uma ligação com os amigos de Harriet.

O cheiro a pinho e especiarias encheram meus sentidos enquanto o calor se infiltrava em minhas costas. Crosby pigarreou. — Sinto muito, Kenna.

Desculpas. Todo mundo estava arrependido. Mas o que essa palavra significava? Eu me levantei e saí da cozinha, Crosby atrás de mim. — O que você está fazendo aqui?

Ele segurou meu cotovelo assim que chegamos ao foyer. — Eu também a amava, você sabe.

— Eu sei. — Meus olhos queimaram com a força de segurar minhas lágrimas. — Você precisa de alguma coisa? Você tem toda a papelada dela e as instruções para um funeral, certo?

O olhar de Crosby examinou meu rosto como se procurasse a verdade na superfície. Ele não iria encontrar. Eu mantinha tudo muito trancado.

— Não acho que isso seja realmente importante agora.

Eu abri minha boca para responder quando uma maca coberta por um lençol roubou minha visão periférica. Eu congelei, o ar parecia solidificar dolorosamente em meus pulmões. O mundo começou a se

confundir nas bordas novamente, e a realidade me atingiu com todo seu peso mortal.

— Estou sozinha. — As palavras me escaparam em um sussurro quase imperceptível.

Crosby agarrou meu braço, desviando minha atenção da verdade brutal para o seu rosto. — Você é muitas coisas, mas sozinha não é uma delas.

Mas ele estava errado. Claro, eu tinha Bell e Caelyn, mas cada uma tinha suas próprias vidas, suas próprias famílias. Harriet tinha sido minha pessoa. Havíamos construído nossa própria pequena família para duas pessoas. E agora, ela se foi.

— Você tem tantas pessoas ao seu redor, você nem vê. Bell e Ford. Caelyn e aquelas crianças malucas. — Ele pausou por um breve momento. — Eu. Você vai superar isso.

Cada pessoa listada por Crosby se sentiu a um milhão de quilômetros de distância naquele momento. Como se eu não pudesse alcançá-las, não importando o quanto eu tentasse.

— Nenhum de nós vai a lugar nenhum. Nós vamos estar você nesse processo. Você nunca estará sozinha.

Eu me afastei da sua mão, fazendo o meu melhor para me livrar do calor que se espalhou por mim com o toque, o conforto. Porque em algum momento, ele iria embora. Todos eles iriam. Isso é o que as pessoas faziam, não importa o que queriam ou prometiam. Havia apenas uma certeza na vida: as pessoas partiam.

* * *

Rolei, mas em vez de encontrar o colchão, bati em outro corpo.

Caelyn deixou escapar um pequeno gemido. E tudo voltou à tona. Por que Caelyn estava deitada do outro lado da minha cama queen-size, e Bell estava enrolada em um saco de dormir no chão. Porque Harriet se foi. Um soluço tentou se soltar e meu corpo tremia com a força de tentar segurá-lo.

— Oh, Kenna. — Os braços de Caelyn estavam em volta de mim em um instante, a sensação deles tão familiar quanto meus chinelos favoritos. Mas eu não queria seu toque, não queria que a dor em mim diminuísse. Eu aceitei de qualquer maneira, sabendo que rejeitar seu conforto só a machucaria.

Bell perguntou. — O que está acontecendo? O que há de errado? — Ela olhou para nós duas e ficou de pé, subindo na cama muito pequena e jogando os braços em volta de nós. — Eu sinto muito.

Eu estava realmente começando a odiar essa palavra. Engoli meus soluços, travando meus músculos para que não pudesse escapar. Era a única maneira de meus amigos me libertarem. E se não o fizessem, eu iria gritar. Finalmente, elas se soltaram e eu respirei fundo, me jjogando contra os travesseiros.

Eu forcei as lágrimas, mas as memórias de ontem estavam em um loop infinito. Os rostos preocupados e tons tranquilos. A notícia de que Harriet havia sofrido um derrame durante o sono, tinha sido indolor e instantâneo. Que ninguém poderia ter feito nada para impedi-lo.

Meu corpo estremeceu. Eu deveria estar lá. Ninguém poderia me convencer de que minha presença não teria importância. Que não havia chance de eu tê-la salvado. Mas em vez disso, eu estava limpando profundamente minha cabana, tentando me perder no trabalho agitado para não pensar muito sobre a minha conversa com Harriet, aquela que ficou comigo por dias.

Eu me dei uma sacudida mental. Eu não podia pensar nisso agora. Eu simplesmente começaria a chorar, e então Bell e Caelyn grudariam em mim como cola. Eu olhei para o relógio na mesa de cabeceira. — Merda. Estou atrasada. — Eu fugi para o final da cama, indo para o banheiro.

— Atrasada para quê? — Caelyn perguntou.

— Trabalho. O que mais? Você vai se atrasar também, se não se mexer.

Bell se levantou da cama, rastejando em minha direção como se estivesse encurralando um animal selvagem. — Nós duas tiramos o dia de folga. Queremos apoiar você, Kenna. Você não deveria ir trabalhar.

Bell estava errada. Trabalho era exatamente o que eu precisava. Distração e objetivo eram as únicas coisas que me ajudariam a superar este dia. — Estou indo. — Bell abriu a boca para discutir, mas eu a interrompi. — Eu preciso disso. — Eu encontrei os olhares preocupados das minhas amigas. — Por favor, deixe passar hoje. É isso que preciso fazer.

Os ombros de Bell caíram. — OK.

— Ligue para nós se mudar de ideia. Estaremos aqui em um instante, — Caelyn acrescentou.

Um pouco da tensão saiu de mim. — Obrigada. Por querer estar aqui. E por não pressionar. — Eu amava essas mulheres, mas perto delas, não podia vestir minha armadura e fingir que meu mundo não estava desmoronando ao meu redor. Em um só fôlego, perdi Harriet, minha casa e a segurança que me esforcei tanto para criar. Logo, tudo o que restaria eram destroços.

6

Crosby

— Crosby McCoy! Você me avisou com trinta minutos de antecedência que estava cancelando e o cliente não ficou satisfeito.

Suspirei enquanto descia minha caminhonete pela rampa da balsa, ouvindo minha assistente me atormentar por fazer de seu trabalho um pesadelo. — Sinto muito, Penny. Mas não é como se eles tivessem algo urgente para discutir. Podemos reagendar para o final desta semana.

Eu não tinha sido capaz de tolerar a ideia de sentar-me com um homem que planejava processar seu vizinho porque percebeu que a linha da propriedade estava a 45 centímetros de distância e queria a cerca removida.

— Crosby, — Penny resmungou.

— Desculpe, o quê?

— Eu perguntei se você realmente iria aparecer nesta reunião ou se eu acabaria cobrindo você mais uma vez.

— Harriet morreu ontem.

Houve silêncio na linha por uma contagem de cinco. — Crosby, vou bater na sua bunda. — Penny era talvez quinze anos mais velha do que eu, mas ela falava comigo como se eu fosse seu neto. Agora, em vez daquele tom familiar, as lágrimas encheram sua voz. — Por que você não disse nada? Claro, você não pode trabalhar hoje. Mas teria sido útil se eu pudesse contar ao cliente que houve uma morte na família.

Família. Era o que Harriet havia se tornado. E não importa como sua louca e linda vida foi cheia, eu ainda não estava pronto para que chegasse ao fim. O rosto de Kenna surgiu em minha mente. Aquele breve momento

em que ela mostrou como ela estava realmente quebrada e perdida. Mas tão rapidamente quanto seus verdadeiros sentimentos apareceram, eles desapareceram novamente, uma expressão vazia tomando conta de seu rosto. Quando Bell e Caelyn a levaram de volta para a casa de hóspedes, eu lutei contra o desejo de segui-la. Eu não tinha certeza o que diabos eu teria feito, mas odiava como Kenna havia se isolado mundo.

Limpei minha garganta enquanto chegava a rua principal de Shelter Island. — Eu estou trabalhando hoje. Estou indo para a Alliance agora. Eu só precisava desta manhã para colocar minha cabeça no lugar.

— Salto de penhasco ou escalada?

Eu ri. — *Mountain Bike*.

— Funcionou?

— Um pouco. — Não tanto quanto eu gostaria. Mas a adrenalina, o ar cortante, o choque dos meus ossos após cada salto, tudo ajudou.

— Tenho certeza que Callie entenderia se você adiasse. — A voz de Penny estava cheia de simpatia. Por mais dura que fosse comigo, Penny era uma grande molenga no coração.

Eu virei minha caminhonete pela cidade, tomando cuidado para manter meu pé de chumbo no limite de velocidade. — Callie entenderia, mas a garotinha com quem estou me encontrando pensaria que sou apenas mais uma pessoa que vai falhar com ela.

Penny estalou a língua. — Você é um bom homem, Crosby McCoy.

— Só não espalhe isso.

— Será nosso segredinho.

Eu estacionei ao lado da Alliance e desliguei o motor. — Estou aqui e tenho que correr se não quiser me atrasar.

— OK. Deixe-me saber se há alguma coisa que essa menina precise e minhas meninas do círculo de tricô vão buscar para ela.

— Você tem um coração mole aí dentro, Penny.

— Oh, quieto. Vá em frente, seu encrenqueiro.

Eu ri. — Obrigado por administrar a programação. Voltarei a entrar em contato com você quando terminar aqui.

— Parece bom.

Apertei *Fim* na tela e coloquei meu telefone no modo silencioso. Sempre me certifiquei de que a primeira reunião fosse livre de toda e qualquer distração. Frequentemente, era a primeira vez que alguém realmente ouvia o que a criança tinha a dizer e fazia com que se sentisse uma prioridade. Quando elas pareciam importantes, como se eu realmente valorizasse o que quer que elas pudessem compartilhar, era aí que a mágica acontecia.

Contornei o antigo prédio de artesãos que abrigava a Alliance e me dirigi para os fundos, onde havia um playground e um pequeno campo. Um punhado de outras crianças e adultos estiveram presentes em suas próprias reuniões e tempo de orientação. Callie chamou minha atenção e acenou para uma mesa de piquenique. — Zoe, este é Crosby, o homem de quem eu estava falando. Ele vai te ajudar a dizer ao juiz o que você quer.

A garota de cabelos castanhos na mesa de piquenique era pequena. Eu presumi que ela não poderia ter mais de oito anos, mas descobri em seu arquivo que ela tinha, na verdade, nove. A ideia de que seu corpo frágil pudesse ser de desnutrição fez meu interior se contorcer.

— Eu quero voltar com minha mãe. — A voz de Zoe era tímida, e ela não encontrou nenhum de nossos olhares. Mas pelo menos ela estava

nos dizendo o que queria. Algumas crianças demoraram semanas para se abrir.

Callie esfregou a mão para cima e para baixo nas costas de Zoe. — Eu sei, querida, mas sua mãe não está bem o suficiente para cuidar de você agora.

— Ela provavelmente só precisa de mais remédio. Ela sempre fica doente quando não tem. Talvez o médico pudesse dar mais um pouco.

Senti uma sensação de queimação no esterno. Drogas. Zoe, que nem tinha dez anos, sabia que sua mãe precisava de drogas para funcionar em qualquer atividade. E sua mãe a treinou para pensar neles como um remédio. Eu relaxei no banco. — O remédio que sua mãe está tomando é ruim. Não é bom para ela, então algumas pessoas vão tentar ajudá-la.

Esses olhos que continham essa sabedoria apesar da pouca idade piscaram de volta para mim. — Eles a deixam louca às vezes. Ou realmente com sono. Às vezes, ela não acorda o dia todo.

Eu lutei para impedir que a raiva atualmente correndo por mim aparecesse em meu rosto. — Então, é bom que ela não tome mais, certo?

Zoe torceu a ponta de uma de suas tranças, enrolando fios de cabelo em volta do dedo. — Eu acho. Mas quanto tempo ela vai ficar fora?

Eu olhei para Callie por cima da cabeça de Zoe. — Nós não sabemos disso ainda. Mas você está indo bem com os Calhouns, certo?

O corpinho de Zoe enrijeceu ligeiramente. — Eu quero ir para casa.

A casa de Zoe não existia mais. O trailer que sua mãe havia alugado estava de volta nas mãos do proprietário. Felizmente, Callie conseguiu pegar algumas coisas de Zoe antes que o resto dos itens fossem jogados no lixo.

Callie deu um tapinha no joelho de Zoe. — Eu sei que estar em um novo lugar é assustador, mas apenas dê um tempo.

Algo na maneira como a menina ficou tensa com a menção de seus pais adotivos fez com que a eu me preocupasse.

Outro voluntário acenou para Callie, e ela se levantou da mesa de piquenique. — Vou deixar você ficar com Crosby, mas já volto.

Zoe assentiu e baixou o olhar para o colo, girando os polegares em círculos ao redor de cada um.

— Então, o que você mais gosta de fazer no recreio? Talvez possamos jogar isso hoje.

Seu olhar se ergueu ligeiramente. Eu me preparei para ela dizer — *brincar de casinha* — ou algo do tipo. Eu tinha começado a brincar de *Barbies* em mais de uma ocasião naquela mesa de piquenique. Mas eu tinha que admitir, eu era bom em fazer as vozes. — Futebol, — ela respondeu.

Minhas sobrancelhas levantaram e um sorriso se espalhou pelo meu rosto. — Acontece que eu amo futebol. Mas já faz um tempo que não jogo. Acha que poderia me lembrar?

A cabecinha de Zoe balançava para cima e para baixo. — Eu sou uma das melhores garotas da minha classe. Os meninos só deixam eu e Cindy brincar com eles porque todas as outras meninas são muito lentas.

Eu ri. — Bem, parece que encontrei a professora perfeita.

Seus ombros se endireitaram com orgulho. — Precisamos de uma bola.

— Vamos lá, eu sei onde Callie as guarda.

Pela próxima hora, Zoe me colocou à prova. Fiquei chocado como ela era rápida e ágil. Corremos para cima e para baixo no pequeno campo, trabalhamos no drible e nos passes. Ela deu uma risada boba quando dei uma cambalhota simulada. E, apesar de tudo, Zoe começou a me deixar entrar. Eu vi a garotinha que estava morrendo de vontade de sair, aquela que a ansiedade e o medo de viver com uma mãe viciada vinha segurando.

Eu me agachei, puxando um cartão da minha carteira. Eu escrevi o meu número de telefone celular na parte inferior. — Você me liga a qualquer hora que precisar. Ou se você só quer conversar. Eu estou sempre aqui. OK?

Zoe acenou com a cabeça, pegando cuidadosamente o cartão como se fosse feito do metal mais precioso. Ela o enfiou no bolso. — Obrigada por brincar comigo, Sr. Crosby.

— Você pode apenas me chamar de Crosby. Somos amigos agora, certo?

Ela sorriu, e aqueles olhos âmbar que me lembravam tanto dos de Kenna me acertaram um soco no estômago. Eu tinha que encontrar uma maneira de garantir que essa garota acabasse com boas pessoas que cuidavam dela.

— Zoe, a Sra. Calhoun está aqui para buscá-la, — Callie chamou.

A mesma tensão disparou pelos ombros de Zoe novamente, e meu olhar mudou para o estacionamento. Uma mulher usando um vestido de verão folgado e surrado estava ao lado de uma caminhonete que parecia ainda pior. A Sra. Calhoun sorriu e acenou. Zoe olhou para mim e meu coração quebrou com a incerteza em seus olhos. — Basta lembrar, você pode me ligar a qualquer hora. Se você está com medo ou apenas quiser conversar.

— OK. — A vida que tinha voltado aos olhos de Zoe enquanto jogávamos futebol se foi agora.

Um músculo em minha mandíbula tremeu enquanto observava Zoe caminhar até a Sra. Calhoun e subir na caminhonete. Callie foi até mim e viu Zoe e sua mãe adotiva irem embora. — Então? Como foi?

— Eu não tenho um bom pressentimento sobre a colocação dela. O que você sabe sobre a família?

A testa de Callie franziu. — Eu não ouvi muito sobre eles, honestamente. Acho que não tivemos outras crianças que foram colocadas com eles. Mas se tivesse reclamações, eu saberia.

— Acho que vou fazer uma visita não anunciada ou duas.

Callie gemeu. — Crosby... não nos coloque em problemas. A última coisa de que precisamos é ter famílias adotivas reclamando do nosso assédio.

— Você me conhece, Cal. Serei perfeitamente educado. — Eu poderia ser bastardo charmoso quando precisasse. Não era uma parte que eu gostava de interpretar. Isso me lembrava muito de um passado que eu queria esquecer. Mas para ter certeza de que Zoe estava segura, eu faria isso sem pestanejar.

Tirei meu telefone do bolso e murmurei uma maldição. Eu tinha quatro chamadas perdidas de Penny. Eu dei a Callie um rápido abraço de um braço. — Eu tenho que correr. Tenho certeza de que minha assistente está a um passo de contratar um assassino para me matar.

Callie riu. — É melhor você ir. Eu não gostaria de estar no lado ruim de Miss Penny.

Ela não estava errada. Essa mulher colocaria sal no meu café. Toquei o contato de Penny enquanto caminhava em direção ao estacionamento.

— Bem, já era hora. Eu lutei contra os cães do inferno enquanto você está fora.

Eu desativei o alarme do carro. — Desculpe, você sabe que mantenho meu telefone no silêncio durante as reuniões iniciais.

— Eu sei, eu sei.

— Quem está batendo na sua porta? O seu clube de tricô foi acusado de assassinato novamente?

— É um *círculo de* tricô. Quantas vezes eu tenho que te dizer?

Eu ri enquanto subia na minha caminhonete e a ligava. — Desculpa. Agora, quem está começando os incêndios que preciso apagar?

— Os Abbots estão aqui. — Penny sussurrou as palavras como se a família estivesse atrás dela.

— No escritório?

— Não, não. Mas eles ligaram oito vezes e ouvi dizer que já estão na ilha. Eles estão hospedados no *The Cove*.

Os idiotas gananciosos não se incomodavam em visitar sua mãe e avó mais de duas vezes por década quando ela estava viva, mesmo que eles vivessem apenas a uma viagem de balsa de Seattle. Eles haviam deixado seus cuidados para Kenna sem qualquer oferta de ajuda. Mas assim que ela morreu, lá estavam eles, famintos por dinheiro, sem dúvida. Minhas mãos apertaram o volante. — Bem, eles podem esperar.

Penny zombou. — Eu concordaria, exceto que sou eu que tenho que atender suas ligações cada vez mais alteradas.

Eu soltei um suspiro. — Bem. Diga a eles para virem às quatro e meia. Eu tenho que chamar a Kenna primeiro.

— Vou ligar para eles.

— Obrigado.

Eu apertei o botão *encerrar* e meu polegar pairou sobre o contato de Kenna no meu telefone. Eu tive o desejo ardente de protegê-la de tudo o que estava para vir em seu caminho. Eu sabia que Harriet tinha as melhores intenções, mas as coisas iam ficar incrivelmente complicadas. Com sorte, Kenna poderia aguentar a viagem.

7

Kenna

Uma série de maldições saiu pela minha cabeça enquanto eu olhava meu relógio pela quinta vez. Respirei fundo, tentando encontrar aquela paz interior que Caelyn sempre falava.

Eu balancei minha cabeça um pouco. Eu queria segurar minha raiva. Se eu estivesse com raiva, a dor não poderia se firmar. Olhei para Penny, que estava sentada atrás de sua mesa, evitando cuidadosamente o meu olhar. — Se Crosby não tiver a decência de aparecer depois de me chamar aqui com algum misterioso: 'Preciso conversar, é importante' mentiroso, vou voltar ao trabalho.

Penny estremeceu, seus cachos estremecendo com a ação. — Ele estava voltando de *Shelter Island*. A balsa provavelmente está um pouco atrasada.

Mais como se Crosby provavelmente se distraísse com algum objeto brilhante ou aventura de alto risco que ele simplesmente tinha que tentar. Deixei escapar o que quase soou como um rosnado. — Como você trabalha para aquele homem e não enlouquece?

Penny deu uma risadinha. — Ele certamente foi um exercício para minha paciência. — Seus olhos encontraram os meus com uma sinceridade que me pegou de surpresa. — Mas ele tem um bom coração. O melhor.

Isso pode ser verdade, mas o que era um coração maravilhoso se não estava presente onde precisava estar? Eu me levantei. — Sinto muito, mas não vou esperar mais. Ele pode reagendar quando for conveniente

para mim. Já perdi muito tempo hoje. — Tempo que eu precisava para ficar em cima da minha pilha de papelada no escritório.

A porta do pequeno escritório do chalé se abriu. — Estou aqui. E eu trouxe *donuts*.

Fiz uma careta para o homem que era muito bonito. Aquele sorriso atrevido, que eu tinha certeza que ele usou uma e outra vez para conseguir o que queria, só me deixou com mais raiva. — Isso é ótimo para você, mas estou voltando ao trabalho.

Fui em direção à porta, mas Crosby segurou meu cotovelo. — Uau. Ainda não tivemos nossa reunião.

Eu puxei meu braço com força da sua mão. — Você pediu uma hora do meu tempo. Essa hora acabou há cinco minutos. Eu tenho compromissos e trabalho.

— Mas eu tenho esses *donuts* só para você. — Ele parecia como se eu tivesse acabado de chutar seu cachorro.

— Eu não gosto de *donuts*. — Mentiras, mentiras, mentiras. Adorava os confeitos com cobertura, especialmente os da *Wholly Donuts on Shelter*. Eles eram de morrer. Mas eu não queria o suborno de Crosby.

— Por favor. Eu realmente preciso falar com você.

O sangue correndo por mim aqueceu com suas palavras. — Se fosse realmente importante, você não teria ido buscar *donuts* e perdido sua balsa. Você estaria aqui quando disse que estaria.

Crosby ergueu as mãos em um gesto apaziguador. — Você está certa. Eu me distraí e pensei que você gostaria disso. Eles são meus favoritos. Por favor, me dê apenas quinze minutos.

Suspirei. Se eu não lhe desse tempo agora, teria que lidar com ele mais tarde. E Crosby provavelmente chegaria tarde também. — Ok.

Crosby estendeu a mão, apontando para seu escritório. — Por aqui.

Eu entrei pela porta, levando um momento para absorver o espaço. Eu peguei a papelada de Penny para Harriet antes, mas nunca tinha entrado no santuário interno de Crosby. Foi surpreendente e esperado. Nenhuma foto estava em sua mesa ou pendurada nas paredes, apenas uma pintura a óleo impressionista do que parecia ser a *Ilha Anchor*. Na parede oposta estava pendurada uma *mountain bike*, com lama seca ainda nos pneus. Mas todo o resto estava muito limpo.

Eu relaxei em uma das cadeiras em frente à mesa. Ao fazer isso, a ansiedade passou por mim, uma compreensão de por que estava aqui. Não sei por que isso não passou pela minha mente enquanto esperava por Crosby. Eu sabia que teria que deixar *The Gables*, mas afastei esses pensamentos da minha mente o dia todo. Talvez os *Abbots* já tivessem planos de vender. Eles certamente não iriam manter a propriedade. Meu peito deu um aperto doloroso enquanto eu pensava em estranhos vagando pelos corredores da propriedade. Todas as antiguidades preciosas que contavam a história da Anchor indo para pessoas que não apreciariam as histórias que carregavam.

Crosby se curvou, abrindo uma gaveta e retirando um arquivo. Em vez de se sentar na cadeira atrás de sua mesa, ele se sentou ao meu lado, colocando a pasta em seu colo. — Como você está se sentindo?

O tom gentil de Crosby me irritou. — Você não precisa cuidar mim. Eu não vou quebrar. Apenas me diga quanto tempo eu tenho antes de precisar sair da casa de hóspedes.

Ele piscou para mim. — Do que você está falando?

— É por isso que estou aqui, não é? Para você me dizer que preciso sair de *The Gables*? Presumo que os *Abbots* vão vendê-lo. — Meus pulmões paralisaram. Oh Deus, eu realmente esperava que eles não

estivessem planejando voltar para Anchor. Acho que não conseguiria lidar com seus olhares e comentários maliciosos regularmente.

Crosby ergueu a mão como se fosse colocá-la no meu joelho, mas a colocou de volta na pasta. — Você não precisa se mudar.

— Não?

— Não. Foi sobre isso que eu chamei você para conversar.

— Eu tenho que pagar aluguel ou algo assim? — Eu tinha certeza de que os Abbots iriam me cobrar algo astronômico que eu não tinha condições de pagar.

— Não.

Eu fiz um barulho agravado no fundo da minha garganta. — Cuspa logo, Crosby.

— Harriet deixou The Gables para você.

Meu corpo inteiro ficou flácido, incluindo meu queixo, que caiu completamente aberto. — Oq-o quê?

Crosby suspirou, segurando a pasta com um pouco mais de força. — Harriet deixou para você *The Gables* em seu testamento, junto com um fundo que tem o suficiente para cobrir impostos e manutenção por pelo menos três gerações vindouras.

Minha mente girou em incontáveis direções, os pensamentos saltando uns sobre os outros enquanto davam cambalhotas no meu cérebro. — Ela não disse nada.

— Harriet sabia que você lutaria com ela se ela contasse.

Lágrimas ardiam no fundo dos meus olhos enquanto minha respiração ficava mais rápida. Eu encarei meus dedos. Por que eles estavam formigando?

— Respire, Olhos Castanhos. Apenas respire.

A mão em meu ombro me fez pular e meu olhar se voltou para Crosby. — Por quê?

— Ela te amava como se você fosse sua.

Uma única lágrima escapou do meu olho esquerdo e me apressei em enxugá-la. Harriet era minha também. Minha parceira no crime. Minha pessoa. Mas ela se foi. Eu não conseguia me imaginar vagando por aqueles corredores familiares sem sua risada alta ou o leve cheiro de seu perfume de rosa.

— Ela deixou uma carta para você. — Crosby tirou um envelope branco cremoso de sua pasta e me entregou.

Meu peito apertou com o papel familiar. *Escrever cartas é uma arte perdida, doce menina.* Eu segurei o envelope até o nariz, inspirando profundamente. O leve toque de rosa ainda se agarrava ao papel. Quantas vezes eu abri uma carta como esta enquanto estava na faculdade? Elas sempre foram cheias de fofocas da ilha e histórias engraçadas. Mas esta… o que esta traria?

Com o máximo cuidado possível, puxei a aba do envelope, minhas mãos parando por um breve momento antes de remover o papel grosso e dobrado de dentro. Eu respirei fundo e dei um puxão suave, desdobrando o papel de carta meticulosamente organizado.

Minha doce menina,

Eu odeio a ideia de escrever isso para você. Mas sei que se fosse abordar esse assunto agora, só teria uma luta em minhas mãos. Somos teimosas, você e eu. E essa teimosia tem seus benefícios e seus prejuízos. Mas sou uma velha astuta e uma coisa que a morte me dará é a última palavra.

Pegue The Gables, Kenna. Não há ninguém neste mundo grande e bonito, eu quero ter mais. Você sempre viu isso como mais do que um imóvel nobre. Você viu como sempre deveria ser. Um santuário. Um cheio de histórias do passado e com potencial para histórias infinitas do futuro.

Faça dela um lar novamente. Traga vida e amor de volta aos seus corredores. The Gables está muito vazio há muito tempo. Deve ser cheio de risos, festas barulhentas, conversas sinceras. Quero que você dê a si mesma a casa que sempre deveria ter tido. Construa uma família. Apaixone-se loucamente. Faça a vida dos seus sonhos.

Mas, para fazer isso, você não pode ter medo de cair, minha doce menina. Você sempre cai antes de voar.

Amarei você para sempre e sempre, meu maior tesouro.

Ame,

Sua Harriet

Uma lágrima caiu no papel e eu rapidamente o enxuguei com a manga da minha blusa. Era a única maneira que eu sabia que estava chorando. Não conseguia sentir a umidade em minhas bochechas ou a pressão em meus olhos.

Nunca me senti mais amada ou mais sozinha. Eu não tinha ideia de como meu corpo poderia abrigar a intensidade extrema de ambas as emoções. Era como se eu estivesse explodindo e desabando, tudo ao mesmo tempo. Meu próprio ser estava em guerra consigo mesmo.

— Eu preciso que você diga alguma coisa.

Eu não conseguia formar palavras. Não queria tirar os olhos do papel à minha frente. As últimas letras curvas e lindas que recebi de Harriet.

Uma mão apertou meu ombro. — Você está realmente começando a me assustar. Eu preciso ligar para o pai da Bell?

Eu estremeci com essas palavras, rapidamente enxugando meus olhos e forçando meu olhar para cima. — Estou bem. Eu não preciso de um médico.

— Você não está bem. Ninguém espera que você esteja *bem.* Só quero ter certeza de que você não vai ficar catatônica comigo. Talvez você devesse comer um *donut* e colocar um pouco de açúcar na corrente sanguínea.

Fiz uma careta para Crosby. — Já disse, não gosto de *donuts*.

Os lábios de Crosby se contraíram. — Harriet me disse que *Wholly Donuts* são seus favoritos.

Minhas bochechas esquentaram. Essa traidora. O que mais ela disse ao homem sentado ao meu lado? — Eu só como aos domingos.

— Por que, em nome de Deus, você teria essa regra?

— Tento me alimentar de maneira saudável o resto da semana. Domingo é o meu dia do lixo.

— Seu dia do lixo...

Endireitei minha coluna, desejando afastar o calor que ainda corria em meu rosto. — Sim. É tudo uma questão de equilíbrio.

— Permitir-se apenas um dia por semana não é equilíbrio, boneca.

— Não me lembro de pedir sua opinião sobre o assunto. E não use seus apelidos condescendentes comigo.

Crosby ergueu as mãos. — Tudo bem, tudo bem. Vou ficar com o Olhos Castanhos e só trago *donuts* aos domingos a partir de agora.

Eu mordi de volta os nomes que queria lançar em Crosby. Eles apenas lhe dariam uma sensação perversa de satisfação. Obriguei-me a respirar lenta e calmamente. — O que eu preciso fazer a seguir?

Crosby fechou a pasta em seu colo. — Vou transferir a escritura para você. Você terá que assinar alguns papéis e pronto.

Algumas linhas rabiscadas e o lugar que tinha sido meu santuário pela maior parte da minha vida seria meu espaço seguro para sempre. Mas o que Harriet pediu de mim, o que ela queria que eu construísse em The Gables, isso seria muito mais desafiador. Eu olhei para a carta em minha mão, o script em loop olhando para mim. A visão que ela teve de The Gables, para mim, foi muito mais arriscada do que eu já havia considerado. A vida dos meus sonhos sempre foi composta de uma palavra: *estabilidade.* Pessoas e coisas com as quais eu poderia contar. De repente, aquele sonho parecia um pouco vazio.

8

Crosby

Fiquei olhando para a porta por muito tempo depois que ela se fechou atrás de Kenna. As emoções que caíram em seu rosto enquanto ela lia a carta de Harriet giravam em minha mente. Eu nunca tinha visto Kenna tão desprotegida. Era como se Harriet fosse a única pessoa que tinha as chaves para destrancar todas as coisas que ela escondia em sua superfície ferozmente protegida.

— Então, como ela reagiu?

Eu estremeci com a voz de Penny, endireitando-me do meu poleiro onde me encostei no batente da porta do meu escritório. — Melhor do que eu pensava, honestamente. — Mas eu não gostei da máscara em branco que caiu no rosto de Kenna quando ela terminou a carta. Era uma fachada que parecia sugar até a última gota de sua vida, e eu não tinha ideia de como recuperá-la a não ser irritá-la. Talvez eu começasse pedindo entrega de *donuts* todos os dias, exceto no domingo.

— Como você acha que os Abbots vão reagir a isso?

Meu estômago apertou quando olhei para o relógio. A família deve chegar a qualquer minuto. — Acho que não muito bem. — Por que algumas pessoas que tinham tanto, apenas desejavam mais? Como se o simples fato de saber que estavam faltando um pedacinho da torta fosse o suficiente para deixá-los furiosos, mesmo que não pudessem comer tudo o que estava diante deles.

Penny bateu a caneta contra a mesa. — Nunca me importei com eles. Clark e Annabelle sempre agiram como se fossem bons demais para todos em Anchor, e estragaram seu filho com mimos.

— Eu nunca conheci Grant. — Eu só conheci o filho de Harriet, Clark, e sua esposa, Annabelle, brevemente durante sua última visita à ilha alguns anos atrás.

Penny estalou a língua. — Ele se acha. Nunca pensei que a resposta a um de seus pedidos poderia ser 'não'.

Bem, ele estava prestes a aprender a palavra. A grande maioria dos bens de Harriet foi reservada para diversas instituições de caridade. Trusts foram deixados para Clark e Grant, mas a herança de Grant tinha uma estipulação. Ele tinha que completar quinhentas horas de serviço comunitário em um abrigo específico para moradores de rua em Seattle antes que pudesse acessar o fundo. Harriet tinha se tornado uma boa amiga do gerente do abrigo e se certificou de que Grant não seria capaz de encantar ou comprar sua saída.

— Do que você está sorrindo?

— Apenas a astúcia de Harriet.

Um sorriso apareceu no rosto de Penny. — Ela vai tentar ensinar a esse menino uma lição do túmulo, não é?

— Isso ela vai.

A campainha sobre a porta do escritório tilintou quando ela foi aberta. A mulher que entrou franziu o cenho para o sino de ouro como se estivesse ofendida por seu som. Ela provavelmente odiava o Natal e o Papai Noel também.

— Olá, Sra. Abbot. Sr. Abbot. E você deve ser Grant.

As três pessoas claramente relacionadas entraram na sala de espera do escritório. Clark estendeu a mão, apertando a minha. — É bom vê-lo novamente, Sr. McCoy.

— Por favor, me chame de Crosby. Eu só queria que fosse em melhores circunstâncias.

— Eu gostaria que fosse pontual, — Annabelle reclamou.

— Agora, Annabelle, o atraso nos deu uma chance de nos acomodar.

Ela bufou, murmurando algo que eu não pude ouvir.

Grant Abbot estendeu a mão. — Prazer em conhecê-lo. Obrigado por arranjar tempo para nós esta tarde. — O homem era exatamente o que eu esperava, vestindo uma camisa de botão e calças sob medida. Ele era educado, mas tinha um ar de superioridade com o qual eu estava muito familiarizado.

— Por que não vamos para a sala de reuniões? Vocês gostariam de um pouco de chá ou café? Água?

Annabelle começou na nossa frente. — O que eu gostaria é levar adiante essa farsa de encontro para que possamos sair desta ilha o mais rápido possível. Já passei muito da minha vida neste lugar esquecido por Deus.

Grant deu uma risadinha. — Você pode dizer que ela não é muito para a vida de cidade pequena?

— Anchor não é para todos. — E eu estava muito feliz por não ter que dividir trinta milhas quadradas com esta mulher. Eu a segui até a pequena sala de reuniões e apontei para as cadeiras. — Por favor, sente-se. As pastas sobre a mesa são cópias do testamento mais recente de Harriet. Eu ficaria mais do que feliz em enviá-los ao seu advogado, se você quiser.

Clark enrijeceu em seu assento. — O que você quer dizer com seu testamento *mais recente?* Mamãe teve a mesma vontade desde que papai morreu.

Eu limpei minha garganta. — Ela fez algumas alterações alguns anos atrás, depois que foi diagnosticada com uma doença cardíaca.

— Por que diabos eu não fui consultado?

Eu encontrei o olhar cada vez mais irritado de Clark. Foi aqui que as verdadeiras cores começaram a aparecer. Eu mantive meu tom calmo e uniforme. — Porque você não é meu cliente, sua mãe é.

O calor coloriu as bochechas de Clark. — Minha mãe não estava com boa saúde e provavelmente não estava em sã consciência para fazer qualquer mudança em seu testamento.

Lutei para manter a expressão neutra em meu rosto. — Garanto a você, Harriet estava em perfeita saúde mental quando fez essas alterações. Ela tinha feito um check-up na semana anterior, e eu fiz questão de que o Dr. Kipton aprovasse sua saúde no momento da assinatura. — Eu também liguei para Kipton no início do dia para ter certeza de que ele apoiaria suas alterações.

Clark abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas Grant ergueu a mão. — Pai, vamos apenas ler o testamento e ver o que é. Pode não haver nada para ficar chateado.

Clark fez uma careta para seu filho, mas abriu sua pasta e começou a ler. Não demorou muito para que ele murmurasse maldições e Annabelle ofegasse. Seu olhar encontrou o meu. — Você tem que estar brincando comigo. Apoio minhas causas de caridade tanto quanto qualquer outra pessoa, mas isso é ridículo.

Eu fiquei em silêncio. O que havia para dizer? *Você é uma vadia gananciosa?*

A cabeça de Grant se ergueu. Seu tom permaneceu uniforme, mas o calor brilhou em seus olhos. — Há uma contingência em meu fundo fiduciário que não está na do meu pai.

— Está correto. Foi um desejo de sua avó que você se envolvesse mais em uma das instituições de caridade de sua escolha.

O maxilar de Grant se mexeu para frente e para trás. — Estou trabalhando para ser sócio do escritório de advocacia de papai. Eu trabalho cinquenta horas por semana. Quando você sugere que eu dedique essas quinhentas horas de tempo voluntário?

— Quinhentas horas? — Annabelle ficou boquiaberta.

Clark jogou a pasta sobre a mesa. — Isso é uma piada. Vou fazer com que seja julgado em questão de semanas.

— Você pode tentar, mas acredite em mim, você não terá sucesso. — Mas o que *podiam* fazer era amarrar a propriedade por muitos anos, deixando Kenna em um estado de limbo miserável.

— Você tem que estar brincando comigo. Ela deixou sua propriedade para aquela... aquela... — Annabelle não poderia mesmo terminar a frase.

— Tenha muito cuidado com o que você diz a seguir, Sra. Abbot. — Meus dedos se fecharam em torno da minha caneta, minhas juntas ficando brancas.

Grant examinou rapidamente as páginas do testamento antes de sua cabeça virar na direção de seu pai. — Ela não pode fazer isso, pode? Essa propriedade vale milhões.

Clark estava concentrado nos papéis à sua frente. Ele fez o possível para não deixar nenhuma parte de sua expressão denunciar, mas o pequeno tique em sua bochecha o traiu. — Preciso de mais tempo com o documento.

Os lábios de Annabelle pressionaram em uma linha fina. — Se você acha que ficaremos sentados enquanto a casa de nossa família é ocupada

por um usuário que não deseja nada mais do que sangrar nossa família até o fim, você terá uma surpresa desagradável.

Eu forcei minha voz a permanecer calma, não deixando a raiva que estava correndo por mim explodir. — Você quer dizer a casa em que você esteve duas vezes nos últimos dez anos? E a mulher que cuidou de Harriet desde o momento em que recebeu o diagnóstico. Aquela que cozinhava para ela, cuidava da casa, levava Harriet às consultas médicas e fazia com que ela nunca, nem uma única vez, se sentisse sozinha. Essa mulher?

— Ela é uma vigarista. Assim como sua mãe, — Annabelle respondeu.

Comecei a falar, mas Grant me interrompeu, o rosto duro. — Você não sabe o que aquela mulher já fez minha família passar. Ela pinta uma história muito triste, mas ela é um tubarão manipulador por trás de tudo. Kenna enganou a minha avó e está fazendo o mesmo com você. Pergunte pela ilha. Veja como ela realmente é. Como é a *mãe* dela. Então você começará a ver a verdade.

— Esta reunião acabou. — Clark se levantou, gesticulando para que Annabelle e Grant fizessem o mesmo. — Você vai ouvir de mim.

Afundei de volta na minha cadeira enquanto observava o grupo miserável sair do meu escritório. Eles seriam mais do que uma dor de cabeça.

* * *

— Você está em péssimo estado. Abusou ontem à noite?

Tentei forçar um sorriso para Ford quando sentei no banquinho no The Catch, mas saiu mais como uma careta. — Eu gostaria. Mais como o dia do inferno. — Passei as últimas duas horas certificando-me de que

toda a papelada estava em ordem, caso os Abbots fizessem algo estúpido, como tentar contestar o testamento. Eu pensei em ligar para Kenna, avisando-a do que poderia estar no horizonte, mas ela já estava lidando com muita coisa. Eu não queria colocar mais peso em seus ombros até que soubesse exatamente o que estávamos enfrentando.

Ford olhou ao redor do bar, certificando-se de que ninguém estava prestando atenção especial à nossa conversa. — O pai de Bell ligou para ela. Ele a deixou saber que poderia haver problemas para Kenna. Harriet realmente deixou *The Gables*?

— Kenna não contou a Bell? — Achei que a primeira ligação de Kenna quando ela saiu do meu escritório teria sido para Bell e Caelyn. Essas meninas eram como seus outros membros.

Ford pegou um copo de cerveja e começou a enchê-lo com Guinness. — Não. Bell saiu daqui como se os cães do inferno estivessem em seus calcanhares, então eu acho que agora elas estão em reunião.

Isso era bom. Kenna precisava de todo o apoio que pudesse obter agora. Mas eu odiava a ideia de ela esconder sua dor e seu medo das pessoas que mais a amavam. Empurrar aquelas coisas só levava a coisas ruins no caminho.

Ford me entregou a cerveja. — Você quer jantar, ou vai beber no lugar?

Eu ri. — Obrigado. É melhor eu colocar algo no meu estômago. Que tal o *Reuben*?

— Já está vindo. — Ford chamou Darlene, uma das garçonetes, para fazer o pedido. — Então... — Ford encontrou meu olhar com um avaliador. — Você acha que os Abbots vão criar problemas?

Tomei um longo gole da minha bebida. — Depois de passar um total de trinta minutos com eles, eu diria que é provável.

Ford murmurou uma maldição. — Sempre foi uma loucura para mim que os três fossem parentes de Harriet. Eles sempre pensaram que eram muito melhores do que qualquer outra pessoa.

— É aquela coisa do direito. Eles acham que o mundo lhes deve algo.

— Não apenas algo. Eles acham que o mundo deve tudo a eles.

Minha cerveja azedou no meu estômago. Ford estava certo. Os Abbots não iriam se contentar com os milhões de dólares que Harriet havia deixado para eles. Eles não descansariam até que tivessem até o último centavo.

Ford começou a servir mais duas cervejas. — Kenna sabe que eles vão atrás dela?

— Eu não acho que ela juntou essas peças ainda. — Tive o desejo repentino de ir até ela, de fazer o que fosse necessário para protegê-la da tempestade que estava prestes a cair. Harriet só queria cuidar da mulher que a amava tanto. E agora haveria muita dor de cabeça antes que houvesse cura.

— Apenas me diga como podemos ajudar. Você sabe que Bell e eu faremos tudo o que pudermos.

Eu sabia que eles iriam. Por mais que Kenna se recusasse a ver, ela não estava sozinha. As pessoas cuidariam dela e a protegeriam. Custe o que custar.

9

Kenna

As batidas soaram na minha porta. Eu fiquei enrolada no meu lugar no sofá olhando para o pedaço de madeira. Eu queria ficar sozinha. Tentar manter a fachada de ter tudo junto quando, na verdade, eu estava desmoronando, e era exaustivo. As batidas aumentaram novamente. Quem quer que estivesse batendo, era forte o suficiente para fazer a porta tremer.

— Kenna Morgan, você pode contar até dez para abrir esta porta antes de eu entrar, goste ou não, — Bell gritou. Eu não me mexi. — Você sabe que tenho uma chave.

Eu gemi e me coloquei de pé, caminhando até a porta e abrindo-a. — Ei, Bell.

Ela passou direto por mim. — Por que você não me ligou?

Minha testa franziu quando fechei e tranquei a porta. — Eu deveria?

— Sim. Quando algo louco vira seu mundo de cabeça para baixo, você deve ligar para suas melhores amigas para que possamos estar aqui para ajudá-la.

Eu fiz uma careta para o chão. Crosby. Sempre fuçando em coisas que não eram da sua conta. — Crosby disse a você.

— Não, na verdade, foi meu pai. Mas ele achava que eu já sabia.

— Seu pai?

Um pouco da fanfarronice saiu da postura de Bell. — Ele fez um check-up em Harriet antes de ela reescrever seu testamento para que, se

fosse questionado, eles teriam o testemunho de alguém sobre seu estado de saúde.

Eu pisquei de volta para Bell, meus olhos vibrando rapidamente enquanto as peças se encaixavam, cada uma mais feia que a anterior. — Os Abbots vão lutar contra isso.

Bell se aproximou de mim e começou a estender a mão, mas saí de perto. Bell suspirou. — Crosby acha que sim.

Indo até o sofá, afundei nele e puxei o cobertor sobre mim. — Talvez eu apenas deveria deixá-los ficar com tudo. — Eu não tinha coragem de travar uma batalha com a família Abbot. A crueldade deles era incomparável quando algo ameaçava tudo o que eles queriam.

— Você tem que estar brincando comigo. — As mãos de Bell foram para seus quadris. — Onde está a lutadora que conheço e amo? A mulher que trabalhou mais duro do que qualquer outra pessoa que eu conheço para construir uma vida da qual pudesse se orgulhar? Aquela que faria qualquer coisa para proteger o legado de Harriet?

Foi a última pergunta que fez minha espinha enrijecer. As linhas da carta de Harriet giraram em minha mente. *Traga vida e amor de volta aos seus corredores.* Os Abbots certamente não fariam isso. Eles só trariam brigas e amargura até que venderiam The Gables para o maior lance. Mas se eu lutasse com eles… seria feio. E essa feiura traria de volta tantas memórias. Algumas que eu tinha guardado e esperava que nunca veria a luz do dia.

— Eu sei que você está certa. Eu só… não tenho certeza se posso lidar com eles novamente.

Bell afundou na extremidade oposta do meu sofá. — Eu sei que eles colocaram você no inferno antes. Mas você não é a garota que tinha dezoito anos. E você não vai lutar contra eles sozinha.

— Eu sei. — Tentei assimilar suas palavras, descansar, confiar nelas. Mas eu não conseguia fazer isso completamente. Era como se fossem feitos de areia, escorregando facilmente por entre meus dedos.

Ela me olhou com atenção. — Como você está se sentindo?

Eu levantei um ombro. — Honestamente, não tenho certeza. — A dor crua parecia se infiltrar em cada parte de mim, pontuada por breves socos de alegria igualmente dolorosa. Harriet me amou o suficiente para me deixar uma *casa,* a coisa mais preciosa que ela possuía. Mas ela não estava aqui para se divertir comigo. — Eu não sabia que se sentir amada poderia doer tanto.

Bell agarrou meu pé tampado pelo cobertor, apertando-o. — Eu sei que isso pode não ser um consolo, mas a profundidade da dor é uma medida de como vocês se amavam. O quanto vocês impactaram a vida uma da outra.

— Isso não torna as coisas mais fáceis.

— Não, não importa. Vai demorar muito para sarar. E você vai andar mancando enquanto faz isso. Mas você *vai* superar isso.

Eu encontrei os olhos de Bell - tanta sabedoria, compreensão e empatia giravam neles. Ela sabia. Ela fazia parte do clube que ninguém se juntava voluntariamente. Aquele que significava que você perdeu alguém que fazia parte da sua alma. — O mundo parece confuso. Como se eu tivesse estado em um daqueles carrosséis que Caelyn nos fez andar na feira por muito tempo.

— É o choque. Isso vai passar. E você começará a se sentir estável novamente. Eu prometo.

Eu concordei. A ação foi um pouco dura, mas eu sabia que Bell estava certa. Eu já tinha passado por coisas piores e tinha chegado ao outro

lado. E essas provações só me tornaram mais forte, mais resistente. — Você está certa. Eu vou.

Bell largou meu pé e deu um tapa. — Você tem razão. Agora... por que você não me ligou quando saiu da sua reunião com Crosby?

Eu olhei para fora das janelas laterais da minha casa de hóspedes, aquelas que davam para as ondas que batiam no mar. — Eu só precisava resolver minha cabeça sozinha. — Eu amava Bell e Caelyn, sabia que elas estariam aqui para mim sempre que pudessem, mas elas também estavam construindo suas próprias vidas e famílias. Eu não queria ser um fardo para elas. Eu precisava ficar sozinha. Para provar a mim mesma que eu poderia. Mas eu não sabia como explicar isso a Bell sem magoar seus sentimentos.

— Você está precisando de um tempo para descobrir o que você está sentindo, mas não nos exclua. Caelyn e eu somos sua família. Sempre seremos. Você pode se apoiar em nós.

Emoções, espessas e rodopiantes, se juntaram no fundo da minha garganta. Eu sabia que Bell acreditava nisso em seu coração. Mas logo, ela e Ford iriam se casar, ter filhos. Eu não seria mais sua prioridade, e é assim que deveria ser. — Eu também te amo, Bell.

Seus olhos se estreitaram em mim. — Você não vai se livrar de mim tão facilmente.

Eu sorri. Ela me conhecia muito bem. — Bem. Acho que vou ter que sofrer por ter você por perto.

Bell pegou uma das almofadas e me bateu com ela. — Você deveria se sentir honrada por eu me dignar a agraciá-la com minha presença.

Eu levantei as duas mãos. — Desculpas, Majestade.

— Isso é melhor. — Ela me estudou por um momento. — Henry esteve aqui para verificar você?

Eu estremeci. Ele ligou depois de saber do falecimento de Harriet, perguntando-se por que eu não o deixei saber o que tinha acontecido. Ele mandou flores, queria vir me ver. — Eu disse a ele que precisava de algum espaço. Que devemos parar de nos ver, pelo menos por agora.

Bell parou. — Você está afastando todo mundo.

— Eu não estou. Mas eu não sou como você e Caelyn. Você está bem em compartilhar suas emoções com o mundo. Eu nunca serei assim. — Minha dor sempre seria uma coisa privada. Visões de minha mãe bêbada, chorando e gritando do lado de fora do *The Gables* sobre como Harriet roubou sua filha passaram pela minha mente. Eu nunca seria *isso.*

Bell apertou meu tornozelo debaixo cobertor. — Você tem permissão para processar como for necessário. Só não se esconda das pessoas que amam você.

— Eu não vou. Eu prometo. — Eu fiz o meu melhor para forçar um sorriso. — Mas se você vai ficar por aqui, o mínimo que pode fazer é me alimentar.

Bell sorriu. — *Pizza Firehouse*? — Eu abri minha boca para discutir, mas ela levantou a mão. — Eu sei que não é o seu dia do lixo, mas vamos lá, hoje foi pesado. Acho que você ganhou um pouco de abacaxi e calabresa.

— Você tem razão. — Eu apenas adicionaria mais três quilômetros à minha corrida de amanhã para compensar. — Tudo bem, vá buscar pizza para mim, mulher.

Bell riu e ficou de pé. — Estou ligando para Caelyn também. Quer alguma coisa para a sobremesa?

— Não, estou bem. — Eu a observei cruzar para a porta, mas pouco antes de ela chegar, eu falei. — Bell? — Ela se virou, seus olhos procurando meu rosto. Eu não desviei o olhar. Eu a deixei ver tudo o que eu estava sentindo naquele momento. — Obrigada.

— A qualquer hora, irmã.

Eu fiquei enrolada no sofá, me perdendo em assistir as ondas quebrando na praia rochosa. Elas estavam sempre mudando, mas eram incrivelmente constantes ao mesmo tempo. Eu queria ser como aquelas ondas, continuando a voltar para a costa, não importa o que a vida jogasse em mim.

Uma batida soou. Eu me levantei. — Isso foi rápido, — eu disse, abrindo a porta da frente. Meu coração deu um salto no peito, parando completamente por um breve momento antes de gaguejar e tropeçar de volta à vida. — Grant.

— Ei, Kenna.

Duas palavras. Isso era tudo para minhas emoções cuidadosamente engarrafadas virem à tona, para as memórias, as mais dolorosas, afundarem em suas garras.

Uma forte pontada na barriga me acordou de um sono morto. Meus olhos piscaram abertos, focando nas estrelas que brilham no escuro, que Caelyn tinha espalhado por todo o teto do nosso dormitório. Meu estômago se contraiu novamente e eu congelei.

Algo estava errado. Muito errado. Esse sentimento não era algo que eu deveria estar experimentando. Eu me levantei na cama e, enquanto me movia, senti uma umidade pegajosa entre minhas coxas.

Procurei a luz da minha mesa de cabeceira, agarrando o interruptor várias vezes antes de pegá-lo. Bell murmurou algo ao fundo, mas não

consegui distinguir as palavras além do rugido em meus ouvidos. Eu puxei as cobertas e gritei.

Sangue. Havia muito sangue. Bell e Caelyn estavam ao meu lado em um instante.

— Oh, Deus, Kenna. — Caelyn agarrou minha mão. — O que está acontecendo?

— E-eu não sei. Isso dói. — Mas eu sabia. No fundo da minha alma, eu sabia que estava perdendo minha garota. Meu pequeno bebe.

— Precisamos levá-la ao hospital, agora mesmo. — Bell percorreu nosso dormitório, recolhendo sapatos e uma bolsa.

— Talvez devêssemos chamar uma ambulância.

— Não! — Minha mão se sacudiu na de Caelyn. — Não, eu só quero ir. Eu não quero esperar.

Caelyn afastou o cabelo que estava úmido e grudado na minha testa. — Ok, vamos levá-lo lá. Tudo vai ficar bem.

Mas nem tudo estava bem. Houve mais sangue e dor e, finalmente, uma cirurgia de emergência onde meu coração parou na mesa de operação. Minha garotinha foi embora, e eu fui deixada em ruínas, pedaços quebrados que nunca mais se encaixariam perfeitamente.

Pisquei rapidamente, o rosto de Grant voltando ao foco novamente. Ele era diferente, seu maxilar mais anguloso. E ainda assim ele parecia o mesmo, aquele cabelo loiro familiar caindo em seus olhos. — O que você está fazendo aqui? — O gelo cobriu meu tom, uma rigidez nascida da perda, dor e traição.

Eu vi um lampejo de surpresa na expressão de Grant. Eu não era a mesma garota que ele havia deixado para trás, não era mais ingênua e

cegamente esperançosa. A vida havia me endurecido e eu estava feliz pela couraça que ela me deu agora.

Ele sorriu. Isso era quase o mesmo também, embora fosse um pouco mais esperto, mais praticado. — Não posso passar na casa da minha família? Eu queria ver a propriedade, lembrar-me da minha avó.

— Teria sido bom se você se lembrasse dela enquanto ela ainda estava viva.

Uma dureza deslizou nos olhos de Grant. — não tinha certeza se seria bem-vindo.

A avaliação foi bastante justa. Ele voltou uma vez desde que partiu para Boston naquele verão, há muito tempo. Ele e os pais vieram visitá-la algumas semanas depois que Harriet foi diagnosticada com uma doença cardíaca. Eu fiquei com Caelyn e as crianças pelos poucos dias em que estiveram na ilha. Fui trabalhar e foi isso, não querendo correr o risco de topar com nenhum membro do clã Abbot.

— E de quem seria a culpa?

A expressão de Grant se suavizou, mas tudo sobre isso era falso, praticado. — Eu era uma criança. Você não pode me culpar exatamente por não estar pronto para ser pai.

Eu não tinha culpado Grant por estar com medo. Inferno, eu estava apavorada. Mas eu *poderia* culpá-lo por tudo o que se seguiu. Papelada legal exigindo um teste de paternidade. Uma carta intimidadora acusando-me de calúnia. Mas o pior foram as palavras que ouvi quando Harriet ligou para Grant e seus pais do meu quarto de hospital em Seattle. Ela pensou que eu estava dormindo e não queria me deixar. Mas mesmo com o sinal sonoro das máquinas, eu podia ouvir a resposta de Grant clara como o dia do outro lado da linha. — Bem feito para ela por mentir sobre mim.

As palavras soaram repetidamente em minha cabeça. *Bem feito pra ela.* Como alguém pode ser tão cruel? Desejar aquele tipo de dor a outro ser humano. Rasgando. Essa era a única palavra que poderia descrevê-lo. Houve uma sensação de dilaceração até os ossos em meu útero, onde meu bebê havia sido arrancado. Pior, tive uma sensação profunda de dilaceração em meu peito, onde estava meu coração, onde nunca mais seria o mesmo. Mas eu usei essas cicatrizes com orgulho. Elas eram marcas de guerreiro, evidência da batalha que eu lutei por minha filha. Posso ter perdido, mas nunca parei de lutar.

— Saia.

— Me desculpe?

A expressão nervosa no rosto de Grant quase me fez rir. Só ele teria a quantidade de arrogância necessária para pensar que poderia destruir o mundo de alguém e acreditar que ainda seria bem-vindo quando voltasse. Eu mantive minha voz calma. — Você me ouviu. Saia. Você está em uma propriedade privada e precisa ir embora.

O lábio de Grant tremeu, e eu sabia que ele estava lutando contra um sorriso de escárnio, aquele mesmo torcer de lábios que sempre aparecia quando alguém não fazia o que ele queria. — Esta é a nossa casa de família. Pertenceu à linhagem de sangue dos Abbots quase desde que esta ilha existe. Se você acha que este testamento de última hora não vai ser levado ao tribunal, você está redondamente enganada.

Eu encontrei o olhar de Grant, mas não disse uma palavra. Ele não iria conseguir uma reação de mim. Ele não merecia nem um único lampejo de emoção.

O calor subiu às bochechas de Grant com a minha dispensa. — Eu estava tentando ser gentil sobre isso. Meus pais querem lhe oferecer generosamente 100 mil se você não ficar com o *The Gables*.

Eu dei uma bufada divertida. Eu não pude evitar. *The Gables* seria vendido por pelo menos cinco milhões, mais se uma petição de zoneamento fosse aprovada. Eu não disse nada, apenas continuei olhando para Grant.

Um músculo em sua bochecha vibrou. — Aqui está o meu cartão. Ligue quando tiver reconsiderado. Cem mil dólares é muito mais do que nada. E pode ser muito útil para alguém como você.

Ele estendeu o cartão. Mesmo à distância, eu poderia dizer que o papel era grosso, as letras e números gravados na cartolina. Eu não o peguei. Grant o deixou escapar de seus dedos e ele pousou na soleira. — Você vai querer pegar isso.

Meus músculos se contraíram enquanto eu observava Grant se virar e ir embora. Fiquei imóvel enquanto ele entrava em seu carro esporte e partia. Não movi nem um centímetro até que o veículo desapareceu de vista. Até que a ameaça tivesse sumido de verdade.

Não me curvei para pegar o cartão, simplesmente fechei a porta e virei a fechadura. Mas minhas mãos tremiam a cada movimento.

10

Kenna

Eu passei o alisador de cabelo sobre aquele ponto problemático. A mecha de marrom que sempre parecia querer voltar a se enrolar. O vapor subiu e, finalmente, ficou plano. Cada fio no lugar.

Tudo junto. Perfeito. Essa era minha armadura. Eu sabia que não era a reação mais equilibrada à vida, mas era melhor do que usar álcool para anestesiar a dor do jeito que minha mãe fazia, ou fugir dos meus problemas do jeito... não. Eu nem pensaria no nome dele. Ele não merecia espaço na minha cabeça.

Mas isso não impediu Grant de vagar pela minha mente nos últimos dias como se ele tivesse todo o direito de estar lá. Cheguei mais perto do espelho, inclinando minha cabeça para que eu pudesse verificar se as olheiras estavam completamente disfarçadas. Manchas azul-escuro de três noites mal dormidas. Meu cérebro estava fugindo de si mesmo, em uma trilha que girava em espiral, revisitando todas as coisas que eu nunca quis pensar, e sempre voltando à sua posição inicial, nunca fazendo nenhum progresso real. Quando o sono me encontrou, foi rapidamente interrompido por sonhos que sempre se transformavam em pesadelos.

Pisquei rapidamente, limpando a imagem no espelho. Abaixei e peguei um brinco de pérola, colocando-o em uma orelha e prendendo a parte de trás. Repeti o processo do outro lado. Meus dedos pararam na bela superfície, impecável. Minhas pérolas, de Harriet. Eu a observei ficar pronta por anos e sempre adorei quando ela usava isso. Elas eram clássicas, atemporais e pareciam muito elegantes.

Quando me formei na faculdade, Harriet os deu para mim. Eu não chorava com frequência, mas comecei a chorar bem na suíte do hotel. Ela me conhecia tão bem. Presentes com uma história sempre significaram mais.

Eu inalei profundamente, minha respiração ofegante enquanto me movia. Eu enfrentaria hoje, minha cabeça erguida, por Harriet. Eu fingiria que Grant, Clark e Annabelle nem estavam lá. Eu fixei meus olhos no meu reflexo e fiz uma promessa de nunca deixar minha armadura escorregar.

Uma batida soou na porta, quebrando meu transe. Eu rapidamente peguei minha bolsa e calcei meus saltos pretos. Apaguei os interruptores de luz enquanto me movia de sala em sala, este lugar que se tornou meu santuário. Ele me chamou para ficar - seguro dentro de suas paredes. Mas não consegui.

Abri a porta e Bell imediatamente me puxou para um abraço. — Tem certeza de que deseja fazer isso?

Dei um abraço rápido e me endireitei. — Eles não vão conseguir roubar este momento de mim. Eles não podem estragar tudo com seu ódio. Vou me despedir de Harriet.

A família Abbot nem se preocupou em me avisar quando eles agendaram o memorial. O pastor da igreja de Harriet me informou. Eles teriam enterrado Harriet, sem sequer pensar duas vezes no fato de que eu não seria capaz de dizer adeus.

— Essa é minha garota. — Bell bateu no meu ombro com o dela. — Você está pronta?

— Como sempre estarei.

Ford estava esperando na frente de seu SUV. Quando nos aproximamos, ele deu um passo à frente, envolvendo-me em um abraço

gentil. Acho que nunca o tinha abraçado antes. Eu conhecia o homem por quase toda a minha vida, e ele nunca passou os braços em volta de mim. A ternura do gesto quase me quebrou.

— Eu sinto muito. Estamos aqui para ajudá-la. O que você precisar.

Eu engoli de volta a bola de emoções rodando em minha garganta. — Obrigada.

O trajeto até o cemitério foi quase todo silencioso. Ford teve pena de mim e ligou o rádio, deixando a música suave cortar um pouco da estranheza. Eu conhecia esses dois desde sempre. Bell tinha me visto através de todos os meus altos e baixos por vinte e alguns anos. Então por que eu senti como se quisesse rastejar para fora da minha pele?

Ford parou no fundo do estacionamento. Caelyn e seus irmãos, Will, Ava e Mia, estavam esperando perto de seu SUV. Assim que saí do veículo, Mia voou em minha direção. Quando ela estava a um pé de distância, ela se lançou sobre mim. Eu a peguei no meio de um salto e a balancei em meus braços, o movimento assustando uma risada fora de mim em um dia em que pensei que um sorriso seria muito difícil.

Mia pressionou o rosto contra meu peito. — Kenna-Benna. Eu tenho saudade de você.

A culpa se acendeu. Eu geralmente via as crianças algumas vezes durante a semana, tentando ajudar a aliviar a carga de Caelyn tanto quanto podia. Mas nas últimas semanas, não estive tanto quanto deveria. Eu não tinha certeza se conseguiria me controlar. — Desculpe, Mi. Que tal eu vir para uma festa do pijama no próximo fim de semana?

Sua cabecinha se ergueu. — Bell também?

— Eu também. — Bell entrou e esfregou a mão nas costas de Mia. — Você tem que nos dizer o que você quer do *Mad Baker*.

— Bolo polvilhado de arco-íris.

Eu sufoquei uma risada. Como se houvesse qualquer outra resposta da minha doce Mia. — Isso nós podemos fazer.

Caelyn se aproximou, dando um aperto no meu braço. — Ela controla você com o dedo mindinho.

— Exatamente onde eu gosto de estar. — Eu sorri para Ava e Will. — Ei, pessoal, como estão?

— Bem. — A única palavra que Ava falou foi quase inaudível.

Will se endireitou, seu rosto adolescente parecendo tão adulto naquele momento. Ele e Caelyn tinham sofrido muito mais do que deveriam, em uma idade muito jovem. — Sinto muito pela senhorita Harriet. Ela era uma grande dama.

— Ela realmente era. Obrigada, Will.

Ele abaixou a cabeça e colocou a mão no ombro de Ava. — Devemos ir?

Ford olhou para o relógio. — Está quase na hora.

Mia se contorceu, e eu gentilmente a coloquei no chão, sua pequena mão deslizando na minha. A pontada que cortou meu coração não era tão forte quanto antes. Quando Bell e eu voltamos da faculdade para ajudar Caelyn com seus irmãos, o tempo com Mia e Ava havia sido marcado. Cada risada. Cada primeiro momento. Tudo me lembrou das coisas que eu nunca teria com minha garotinha. Mas a cada dia ficava um pouco mais fácil. E agora, as pontadas claramente registradas.

Atravessamos o estacionamento, os carros cada vez mais acondicionados à medida que avançávamos. Passos mais pesados soaram quando alguém deu um passo ao meu lado. — Como você está indo, Olhos Castanhos?

Eu mantive meu olhar direto para frente, teria acelerado meu ritmo se eu não estivesse segurando a mão de Mia. — Estou bem.

— Sei — ele falou lentamente, — Eu sempre odiei essa palavra.

Mia deu uma risadinha. — Por quê?

Ele inclinou a cabeça para baixo, dando um sorriso para Mia. — As pessoas usam quando não dizem a verdade.

O olhar de Mia saltou para mim. — Você não está bem? O que há de errado?

Mordi de volta uma maldição e fiz uma careta para Crosby. — Não dê ouvidos a ele. Crosby não sabe do que está falando. Talvez devêssemos dar a ele um dicionário para que ele possa finalmente dominar a língua inglesa.

Mia hesitou por um momento como se ela não soubesse em quem acreditar, então ela sorriu. — Um dicionário seria um presente muito chato.

Eu sorri. — Então vamos comprar um para ele de aniversário.

— Sim, vamos! Vou contar a Cae Cae.

Mia correu para Caelyn, e minha carranca voltou. Eu apontei direto para Crosby. — Você precisa observar suas palavras com as orelhas pequenas. Mia é sensível. Ela pega em tudo.

— Eu sinto muito. Eu não pensei. Serei mais cuidadoso da próxima vez.

Eu pisquei surpresa. Nenhuma réplica espertinha, nenhuma observação mordaz. Crosby realmente parecia... preocupado. Culpado. Antes que eu pudesse pensar melhor, estendi a

mão e coloquei em seu antebraço. O tecido de seu terno era luxuoso e incrivelmente macio. — Ela está bem. Eu prometo.

Crosby acenou com a cabeça, seus olhos descendo para onde estava minha mão. Eu a retirei volta.

— Você vai ficar bem com os Abbots aqui? — Ele perguntou.

Eu endireitei as minhas costas. — Eu vou ficar bem. Não se trata deles. É sobre Harriet. Recordando dela. Honrando ela. — Recusei a deixar qualquer outro membro desta família arruinar hoje.

— Muitas pessoas apoiam você, Kenna.

Suas palavras me marcaram. A dor de pertencer. Reivindicar. Eu queria tanto me apoiar neles, mas simplesmente não conseguia. — Eu posso cuidar de mim mesma.

— Eu sei que você pode, mas não custa nada ter pessoas que querem ajudar, apoiar você.

Afastei meu cabelo dos meus olhos, observando a multidão que estava reunindo na encosta. — Não, não me importo.

Crosby se aproximou de mim enquanto caminhávamos, o calor de seu corpo parecendo infiltrar-se no meu. — Então você não se importará se eu ficar por perto.

Eu abri minha boca para discutir, mas, droga, o homem tinha me prendido. E eu simplesmente não tinha energia para lutar com ele hoje. Eu precisaria de cada gota de energia que tinha para sobreviver nas próximas horas. Para segurar minha máscara no lugar e manter a tampa do meu emocional bem firmemente fixada. — Faça o que você quiser.

Crosby se inclinou, seus lábios apenas roçando a minha orelha. — Adoro quando as mulheres me dizem isso.

Eu trouxe meu cotovelo para cima e para trás em um movimento rápido. Crosby deixou escapar um grunhido abafado. — Mantenha seus lábios e outras partes do corpo para você.

— Você diz isso agora...

Eu balancei minha cabeça e continuei andando, mas não pude evitar uma contração de meus lábios.

* * *

— Que o Senhor os abençoe e guarde. Que Seu rosto brilhe e tenha misericórdia. Que Ele olhe para você com bondade e lhe dê paz. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

As palavras do ministro se filtraram no ar, seus votos de boa sorte e uma oração pelos enlutados antes de partirmos. Eu não conseguia olhar para ele, só conseguia olhar para o caixão. Minhas mãos coçavam, meus músculos estavam tensos com tanta força que não ficaria surpresa se um quebrasse. Eu queria me jogar aos pés do caixão, me segurar na grade de latão e me recusar a deixar Harriet ir. Porque quando eles a baixassem no chão, Harriet realmente teria partido. Não havia como voltar.

As pessoas começaram a se mover ao meu redor, indo em direção à igreja para a recepção. Eu não tinha certeza se conseguiria me afastar.

O calor pressionou meu lado. — Você quer ir?

A voz de Bell era delicada, mas odiei o tom. Era um que dizia que ela estava preocupada que eu quebrasse. Eu não disse nada, apenas continuei olhando para a madeira brilhante diante de mim. Dava para ver o reflexo do sol e das nuvens na tampa. Foi um daqueles dias de clima perfeito, os dias pelos quais Harriet vivia.

Uma mão deslizou na minha. Caelyn. — Estou aqui. O que você quiser fazer.

— Com licença. — A voz estridente fez minha cabeça levantar. O timbre da voz de Annabelle sempre teve um toque de maldade, mas eu tinha esquecido e desculpado. A verdade era que ela era uma mulher miserável e cruel.

Eu encontrei seu olhar, não era mais uma garotinha assustada que ela pudesse empurrar. — Posso ajudar?

O rosa tingiu as bochechas de Annabelle. — Estamos prestes a fazer o enterro. Isso é apenas família. Você precisa sair.

Caelyn respirou fundo e Bell murmurou uma maldição. Eu não desviei o olhar da mulher na minha frente. Aquela com maldade nos olhos. — Você deve ter uma vida incrivelmente triste.

— Desculpe? — O rosa nas bochechas de Annabelle ficou vermelho e se espalhou por seu pescoço.

— Mãe, por que você não vai ver se o ministro precisa de alguma coisa. — Grant conduziu Annabelle em direção ao Pastor Andrews antes de se virar para mim. — Minha família está de luto. A última coisa que minha mãe precisa é de você sendo cruel.

Bell deixou escapar um escárnio. — Por favor, aquela mulher tem gelo correndo em suas veias.

O maxilar dede Grant moveu para frente e para trás. — Posso ver que a companhia também não melhorou.

Eu não ia dar a ele o prazer de uma cena. Eu recusei. Cada palavra que eu dei a ele, cada sugestão de emoção, era apenas mais uma peça que ele teria de mim. E Grant não merecia uma única. Eu me virei para

minhas amigas. — Senhoras, que tal um bolo de sorvete? Duas colheres de biscoitos e creme na praia?

Bell sorriu. — Essa parece ser a maneira perfeita de celebrar Harriet. Ela odiava toda essa estupidez de eventos formais.

Eu ri e me senti tão bem. — Vamos.

A boca de Grant abriu e fechou como a de um peixe, tão desacostumado a ser dispensado. Virei e comecei a atravessar o cemitério em direção ao estacionamento, onde o resto dos nossos amigos esperavam.

Bell e Caelyn correram para alcançá-los, Caelyn deslizando seu braço no meu. — Eu realmente quero castrá-lo com um garfo enferrujado.

Todos nós caímos na gargalhada, do tipo que faz com que as lágrimas corram pelo nosso rosto e nossas barrigas doem. O tipo que faria Harriet sorrir se pudesse nos ver, mesmo que fosse às custas das bolas de seu neto.

11

Crosby

— Bell tem visto Kenna ultimamente? — Fiz o possível para lançar a pergunta casualmente, mas pelo olhar que Ford me deu, não tive muito sucesso. Posso nunca ser um ator vencedor do Oscar, mas isso não importava no final do dia. Eu estava preocupado.

Depois do funeral, fomos para The Gables, a praia que era a favorita de Harriet, e comemos bolo de sorvete. As crianças vestiram maiôs e brincaram nas ondas. Tínhamos compartilhado nossas histórias favoritas sobre Harriet - as engraçadas e sinceras. Foi apenas o tipo de celebração que Harriet teria adorado.

Mas nas duas semanas que se seguiram não havia notícias de Kenna. Eu não a tinha visto no *The Catch* ou *The General Store*, onde Caelyn trabalhava quase todos os dias. Eu não a tinha visto na cidade ou em seu local habitual de natação.

Ford limpou a parte superior do balcão, mas manteve um olho em mim. — Ela está mantendo um perfil muito baixo. Acho que ela quer evitar qualquer conflito potencial com o clã Abbot.

Murmurei uma maldição. Para minha consternação, Clark, Annabelle e Grant ainda estavam em *Anchor*, ocupando algumas suítes em *The Cove.* Eles não haviam entrado em contato sobre o testamento desde nosso primeiro encontro, mas o fato de ainda estarem aqui não significava coisas boas.

— Por que eles não gostam de Kenna? Você pensaria que eles ficariam gratos por alguém estar cuidando de Harriet todos esses anos para que eles não tivessem que voltar. — Eu só peguei pedaços da história da

família quando se tratava de Kenna. Por mais aberta que Harriet fosse sobre a maioria das coisas, ela era geralmente calada quando se tratava disso. E Deus sabia que Kenna compartilharia nada que eu não arrancasse dela.

Os movimentos de Ford pararam. — Não sei a história toda. Só sei que nenhum deles a tratou bem. Acho que ela tem muitas cicatrizes.

Eu senti uma sensação de torção no estômago. Ford estava escondendo algo. Mas eu não pressionaria. As coisas que ele sabia provavelmente eram cortesia de sua noiva, e eu não queria fazê-lo quebrar essa confiança.

— Eu odeio que alguém a machuque. — As palavras saíram antes que eu pudesse pensar melhor nelas. Antes que eu pudesse considerar o que elas poderiam significar. Havia algo sobre Kenna que me atraia. Era uma resistência quebrada. Algo que dizia que ela havia passado pelo inferno e saído do outro lado mais forte e feroz do que nunca.

Ford jogou o pano que estava usando em um balde no chão. — Ela não teve uma vida fácil. Nenhuma daquelas garotas teve. Acho que é por isso que o vínculo delas é tão forte. As pessoas em suas vidas com as quais deveriam ter contado nunca estiveram lá da maneira que deveriam, então elas contaram umas com as outras.

Eu estava feliz que Kenna tivesse Bell e Caelyn, que elas tivessem uma a outra. Ainda assim, a raiva que fervilhava em meu sangue pela mãe de Kenna e pelos Abbots não foi esfriada por esse conhecimento. A dor que ela suportou, fosse o que fosse, havia deixado uma couraça quase impenetrável em seu rastro.

Fiquei de pé, deslizando minha carteira do bolso de trás e puxando uma nota de vinte. — Obrigado pela refeição. Diga a Bell que eu disse oi.

— Vou dizer. Você quer praticar escalada neste fim de semana?

Eu sorri. Eu havia viciado Ford no esporte e saíamos algumas vezes por mês agora. — Basta dizer a hora.

— Parece bom. Vou mandar uma mensagem para você.

Eu movi o queixo e saí. O crepúsculo escuro do início do outono significava que eu mal precisava dos faróis para dirigir pelas estradas sinuosas da ilha. O ar estava parado esta noite. Nenhum vento do mar balançando as árvores. Baixei minhas janelas, esperando que o cheiro do ar salgado acalmasse a agitação que percorria meus membros.

Não ajudou do jeito que geralmente ajudava. Eu agarrei o volante com mais força, minhas mãos fazendo a borracha chiar. Em vez de subir a montanha em direção aos penhascos, virei à esquerda na direção do mar e para The Gables.

Estradas pavimentadas viraram cascalho, e logo avistei a grande casa principal e sua contraparte em miniatura. Eu parei fora da casa de hóspedes. Antes que pudesse pensar muito sobre o que estava fazendo, saltei da minha caminhonete.

Não me incomodei em tocar a campainha, apenas subi a entrada da frente e dei três batidas rápidas. Prendi a respiração enquanto esperava, esforçando-me para ouvir qualquer som de dentro. Quando eu estava prestes a bater novamente, ouvi passos suaves vindos do outro lado da porta. A fechadura girou e a porta se abriu.

A luz das luminárias que pendiam de cada lado da porta atingiu Kenna de uma forma que a fez parecer uma pintura a óleo. Seu cabelo estava preso em um coque baixo na nuca. Sua pele, lisa e sem maquiagem, parecia brilhar na luz fraca. Mas seus olhos... Eles disseram a verdade. Eles eram opacos, sem nenhuma das faíscas habituais, e rodeados por círculos escuros.

Ela agarrou a moldura da porta. — Crosby.

Não havia nota de boas-vindas em seu tom. — Ei, Olhos Castanhos. — Eu esperava por um lampejo de aborrecimento naquelas profundezas âmbar, mas não havia nada.

Ela suspirou. — O que você está fazendo aqui?

— Eu vim ver você. — As palavras soaram bizarras aos meus ouvidos. Eu não era seu confidente. Eu nem tinha certeza se ela me classificaria como amigo. Eu era mais um conhecido chato.

— Por quê? — A pergunta estava desprovida de emoção. Até a palavra parecia exausta.

— Eu não sei. Só entediado, eu acho.

Os olhos de Kenna deram uma sugestão de algo, apenas um piscar. — Não estou aqui para sua diversão. Vá embora.

— Não seja assim. Convide-me para entrar. Podemos jogar *Scrabble*.

Seus lábios pressionaram em uma linha firme. — Acho que minha ideia de *Scrabble* e a sua são bastante diferentes.

Eu sorri. Agora estávamos chegando a algum lugar. Uma pequena cutucada aqui ou ali, e talvez eu apenas tenha um pouco de vida de volta naqueles olhos. — Palavras sujas são sempre permitidas quando eu jogo. Acha que pode lidar com isso?

Kenna revirou os olhos. — Por que você é tão infantil? Eu nunca vou entender o que Harriet viu em você...

A faísca que iluminou seus olhos finalmente fez isso. A maldita coisa me puxou para dentro, e antes que eu pudesse pensar melhor, meus lábios encontraram os de Kenna. Eu roubei a segunda metade de sua frase e engoli inteira, minha mão deslizando sob o coque na base de seu pescoço e emaranhando nos fios soltos.

Os lábios de Kenna, macios e quentes, se separaram em um suspiro e minha língua deslizou para dentro. Seu gosto ficaria para sempre gravado em minha memória. A pasta de dente de hortelã e algo... mais. Algo que eu não teria palavras para descrever, mesmo sendo o melhor poeta do mundo.

O zumbido do meu telefone no bolso de trás me fez recuar. Kenna piscou rapidamente como se tentasse clarear sua visão. O nó em que seu cabelo estava enrolado se desfez parcialmente, e suas bochechas estavam com um tom de rosa que eu nunca tinha visto nela antes.

— Merda. Eu sinto muito. Isso não é - eu não vim aqui para *te atacar*. — Eu rapidamente peguei meu telefone, querendo ter certeza de que não era Zoe ligando. Fiz uma careta para o nome de Alicia e coloquei o telefone de volta no bolso. — Eu realmente só queria ter certeza de que você estava bem...

Kenna cortou minhas palavras quando me agarrou pela nuca e trouxe minha boca à dela. Ela aceitou com abandono, me consumindo. Eu dei a ela tudo o que eu tinha até que outro zumbido do meu bolso interrompeu o transe mais uma vez.

— Kenna. — Coloquei minhas mãos em seus ombros. — Não acho que seja uma boa ideia.

Ela olhou para mim, seus olhos um pouco selvagens. — Eu preciso sentir algo. Qualquer coisa, menos essa dormência. — Eu não pude lidar com a dor que gritou daqueles olhos selvagens. Mas foi sua palavra final que me desfez. — Por favor.

Afastei o cabelo que havia caído do coque de seu rosto. — Eu posso fazer você sentir.

12

Kenna

Minhas mãos agarraram a camisa de Crosby, evidenciando meu desespero. Eu deveria estar envergonhada, mortificada, mas não conseguia me importar. A única coisa com que me importava era segurar aquele lampejo de sentimento que despertou em mim quando os lábios de Crosby encontraram os meus. Essa faísca parecia abafar todo o nada que eu estava sentindo nas últimas duas semanas.

Eu deveria ter ficado aliviada com a dormência. Não corria o risco de deixar a emoção me engolir por inteiro, de ser como minha mãe, de assustar os outros. Mas em vez de saborear o entorpecimento, isso me apavorou. E eu teria dado qualquer coisa para apenas *sentir*.

Crosby me apoiou, seu corpo largo abrindo caminho para minha casa, pressionando-se contra mim. Eu queria sentir cada centímetro disso. Eu queria que ele me prendesse na cama e não me deixasse levantar por horas. A fome passando por minhas veias era diferente de tudo que eu já senti antes.

— Quarto? — A voz de Crosby era de alguma forma mais profunda, mais áspera, e o tom deslizou pela minha pele da maneira mais atraente. Inclinei minha cabeça para a esquerda. Ele fez uma pausa sobre mim, olhos fixos nos meus. — Você tem certeza?

— Tenho certeza. — Houve um leve tremor em minha voz, mas seja o que for que Crosby estava procurando, ele pareceu encontrar, porque eu fui levantada de uma vez. Minhas pernas instintivamente envolveram sua cintura quando seus lábios encontraram os meus novamente.

Nós nos perdemos no beijo, línguas emaranhadas, dentes beliscando os lábios. Crosby praguejou ao bater em uma parede e eu comecei a rir. — Senti falta de ouvir aquele som.

Eu parei quando Crosby entrou em meu quarto. — Que som?

— Sua risada. A real.

Crosby me abaixou lentamente até o chão, uma fricção deliciosa roçando minhas terminações nervosas enquanto ele o fazia. — Minha verdadeira? — A pergunta era embaraçosamente sem fôlego.

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Você tem sua risada educada. Aquela que você dá ao mundo na maior parte do tempo. Mas há esta outra. A maioria sai em torno de Bell ou Caelyn, às vezes as crianças. É forte e real. Você não tem medo de falar muito alto ou se preocupar com quem está por perto. Eu amo essa risada.

Lutei contra a vontade de me contorcer na frente desse homem que claramente via muito. Talvez tenha sido uma má ideia. As mãos de Crosby deslizaram pelo meu pescoço, tocando meus ombros. Seus dedos nos meus mamilos, circulando-os enquanto atingiam o pico e pressionavam o tecido fino da minha blusa. Pode ser uma má ideia, mas eu iria aproveitar cada segundo disso.

Minha mão foi para o jeans de Crosby, os dedos lutando para soltar o botão. Crosby puxou a camiseta pela cabeça em um daqueles movimentos suaves que eu só tinha visto em cenas de filmes cuidadosamente coreografadas. Minhas mãos pararam quando sua calça jeans foi desabotoada. — Você tem camisinha? — Eu estava tomando pílula, mas não me arriscava. Não mais.

Crosby tirou a carteira do bolso de trás e puxou um preservativo. Eu ri, mas parecia um pouco maníaco. — Assim como no colégio, certo? Espero que essa coisa não tenha expirado há uma década.

Seus lábios se contraíram. — Estou sempre preparado.

— Um verdadeiro escoteiro.

— Kenna?

— Sim?

— Que tal sermos menos espertinhos e mais tocar?

Eu levantei uma sobrancelha. — Sou ótima em multitarefa. Tenho certeza que posso lidar com ambos. — Minha mão escorregou na parte inferior de sua cueca boxer preta e envolveu seu pau.

Crosby soltou uma maldição. — Eu estou corrigindo.

Eu sorri. — Gosto de um homem que consegue admitir quando está errado. — Eu dei ao seu pau toques lentos, saboreando a sensação da pele lisa envolta em torno da dureza por baixo.

— Estou errado. Tão errado, eu nunca estarei certo. Contanto que você continue fazendo isso.

Eu ri. — Acho que podemos chegar a algo um pouco melhor.

Os olhos de Crosby brilharam. Em uma fração de segundo, minha mão foi liberada e eu estava no ar, voando de volta e caindo em uma posição indigna no colchão. — Muito bem.

Uma risada saiu da minha boca enquanto eu saltava. Eu não ria. Era feminino e ingênuo, mas eu não podia mentir e dizer que o som não havia escapado de mim. Pressionei meus lábios para evitar que outra escapasse.

Os lábios de Crosby se contraíram enquanto ele olhava para mim. — Não se preocupe, não vou dizer a ninguém que sob essa concha graciosa e digna está uma mulher que ri. — Eu fiz uma careta para ele e ele começou a rir.

Fui me sentar, mas ele estava em mim em um flash, os lábios roçando meu pescoço e logo abaixo da minha orelha. — Oh, não, você não está fugindo.

Lutei para manter minha respiração sob controle. — Então pare de rir e comece a trabalhar.

— Sim, senhora.

Crosby tirou as alças da minha blusa até os meus sapatos, o toque das pontas dos dedos ascendendo um caminho de sensação em minha pele. Ele puxou o tecido para baixo, expondo meus seios, depois meu umbigo. Ele agarrou a faixa do meu short de dormir e calcinha e os tirou. Então ele congelou. Eu tive uma vontade repentina de me contorcer. — Você é tão linda.

O calor atingiu minhas bochechas. Rindo e agora corando. Era como se eu estivesse bêbada com os hormônios no ar. Enfiei os dedos dos pés nos bolsos da calça jeans de Crosby que ficava frouxa em seus quadris. — Fora.

Ele sorriu. — Eu vivo para servir. — Em um flash, ele estava nu para mim. Eu assisti fascinada quando ele rolou a camisinha sobre si mesmo. Sempre pensei que essa ação fosse desajeitada, mas Crosby de alguma forma a tornava sexy. O movimento foi suave, autoconfiante e minha barriga se apertou de desejo.

Ele deu um passo à frente, deixando seus dedos percorrerem minhas coxas, ascendendo as terminações nervosas que pareciam culminar num ponto. Um único dedo percorreu minha boceta.

— Crosby. — Foi em parte reprimenda, em parte apelo.

— Você quer alguma coisa, Olhos Castanhos? — Ele continuou acariciando, provocando. Ele parecia não ter pressa. No entanto, nenhum toque passou por cima do meu clitóris que me levaria onde eu queria ir.

— Pare de brincar.

Crosby deu uma risadinha. — Eu poderia fazer isso a noite toda. A sensação de você, tão suave em meus dedos. Gosto de brincar com você.

Soltei o que quase soou como um rosnado e circulei minhas pernas em volta de sua cintura, tentando impeli-lo para frente. Ele sorriu, inclinando sobre mim, seus lábios perto dos meus, a ponta do seu pau batendo contra a minha entrada. — Você está pronta para sentir?

— Sim. — A palavra saiu antes que eu pudesse pensar sobre a sabedoria dela. Em um longo golpe, ele entrou em mim.

Meus olhos lacrimejaram com a sensação de plenitude, de experimentar algo diferente do entorpecimento que parecia ter invadido todas as células do meu ser desde o funeral de Harriet. — Mais. — Desta vez, minha palavra foi um apelo, uma exigência.

Crosby começou a se mover, primeiro devagar e depois ganhando velocidade. Cada movimento me levava um pouco mais alto, me fazia buscar mais - o prazer, a pontada de dor, qualquer coisa que me dissesse que eu estava viva.

Meus quadris subiram para encontrar os dele, uma dança instintiva que seria apenas nosso. Um ritmo único para nossos corpos e nosso prazer. Com a menor mudança em nossos ângulos, Crosby ficou subitamente mais profundo. Eu o senti em todos os lugares. Cada vez que ele atingiu aquele local, faíscas percorriam por todo o meu corpo.

— Goze comigo, Kenna.

Meu nome surgiu em um rosnado de sua boca e me deixou ainda mais excitada. Meus músculos se contraíram quando Crosby empurrou. Eu me esforcei e procurei, pedindo a coisa que mais queria. Um polegar áspero acariciou o meu clitóris. Um único movimento, poucos milímetros de movimento, e meu mundo se despedaçou.

Nada além de sensações me cercava. Eu queria morar neste lugar para sempre e nunca mais partir. Para sempre saber como eu poderia estar o viva.

Crosby se arqueou, deixando escapar um som gutural ao gozar. Ele desabou na cama, nos rolando para que eu ficasse em cima dele. Nossa respiração combinou enquanto engolíamos o ar. Meu corpo ainda zumbia e formigava como se estivesse apenas recuperando as sensações depois de ficar congelado por horas. Eu mantive meus olhos fechados, não querendo perder o momento.

O coração de Crosby batia contra minha bochecha enquanto ele arrastava os dedos para cima e para baixo nas minhas costas. — Eu sabia que você estava escondendo uma tigresa sob aquela superfície lisa e composta.

Eu congelei. Meus músculos ficaram tensos e prendi a respiração. *Tigresa.* O que eu acabei de fazer? Eu basicamente implorei a Crosby para fazer sexo comigo. Exigi que se apressasse com o trabalho. O que estava errado comigo?

— Kenna? Você está bem? — Não havia nada além de preocupação na voz de Crosby enquanto ele afastava o cabelo úmido do meu rosto. — Eu não te machuquei, machuquei?

Eu balancei minha cabeça.

— O que foi?

— Isso - não sou eu. Eu não - eu não sou.

O sorriso que dividiu o rosto de Crosby me deu vontade de socá-lo. — Você tem permissão para fazer algo que não se enquadra em seu plano anual. Viva um pouco. Você ficaria surpresa como a vida pode ser divertida.

Eu olhei com raiva para Crosby, saindo de cima dele e me afastando, ignorando o estremecimento que queria vir à tona com a perda. Crosby praguejou.

— Eu vivo bastante. Gosto da minha vida do jeito que está. E parte dessa existência não inclui sexo com homens aleatórios.

Crosby se sentou, uma pitada de raiva piscando em suas belas feições. — Eu não sou uma pessoa qualquer. Nós nos conhecemos há anos. E sempre houve algo entre nós, uma química que queimava a fogo lento. Você está com muito medo de admitir. Para enfrentá-lo.

Eu me arrepiei. — Eu não estou com medo. Não de você. De nada. — Era tudo mentira. Eu estava com medo o tempo todo. Petrificada. Mas eu não ia deixar esse homem ver isso. Ninguém pegava esse pedaço de mim.

— Ah não?

— Não. Na verdade, acho que devemos continuar fazendo isso.

Crosby congelou. Sua boca se abriu, fechou e voltou a abrir. — Fazendo o quê, exatamente?

— Fazer sexo. — Eu fiz o meu melhor para manter meu rosto neutro, mas por dentro, eu estava gritando, o *que você está pensando?* — Como você disse, obviamente temos uma boa química, por que não continuar com isso? Eu não estou assustada. Você está?

Crosby sorriu. — Vou te dar todos os sentimentos que você quiser, em duas condições.

Eu franzi meus lábios. Se Crosby e eu mantivéssemos esse acordo, talvez eu matasse o homem. — E isso seria?

— Primeiro, você vai em algumas aventuras comigo. Você precisa viver um pouco, e não apenas no quarto. — . Com a minha carranca, ele arqueou uma sobrancelha. — Sem aventuras, sem orgasmos.

— Bem. Mas nada que possa me matar.

— Combinado.

— Que mais?

Crosby sorriu, mas havia uma sugestão de algo um pouco triste que tingiu sua expressão. — Isso é tudo que seremos. Você não pode me pedir mais.

Revirei meus olhos para o céu. — Acho que posso me conter.

— Então eu acredito que nós temos um acordo.

— Bom. Então saia da minha casa. Eu preciso dormir um pouco.

A ordem foi um erro, porque Crosby se lançou, agarrando-me pela cintura e me jogando por cima do ombro. — Primeiro, precisamos tomar banho. Tenho que me certificar de que você está limpa para dormir.

Ele se certificou. E cada centímetro de mim agradeceu a ele por isso.

13

Crosby

— Tudo isso é para mim?

A incredulidade nos olhos de Zoe quase quebrou algo em mim. — Sim.

Ela piscou para a pilha de itens que estava na sua frente. Havia roupas novas, livros para colorir, marcadores, adesivos e quem sabe o que mais. Havia também uma mochila e uma bolsa de viagem bonita e resistente em roxo brilhante. Penny e seu clube de tricô se superaram, como sempre.

— Eu nunca tive uma novinha em folha... — A voz de Zoe era suave, como se ela estivesse apenas falando consigo mesma.

— Bem, agora você tem.

— Não preciso mais usar o saco de plástico?

Lutei para manter minha expressão gentil. Muitas crianças no sistema de acolhimento não tinham nada para carregar seus pertences e ficaram apenas com um saco plástico. Eu nem queria pensar sobre o que isso fazia com a autoestima de uma criança. — Não mais sacos de plástico para você.

— Eu amei. Obrigado, Crosby. — Zoe lutou para encontrar meu olhar, mas se forçou a fazer isso. Eu estava tão orgulhoso dela naquele momento. Sempre foi assim nas primeiras reuniões, um pouco de retrocesso no progresso que fizemos durante a sessão anterior, mas nós encontraríamos nosso caminho.

— De nada, mas na verdade foi minha amiga, Penny, e seu clube de tricô que fizeram tudo para você.

— Mas elas nem me conhecem.

Meu interior doeu com a sua confusão. — Eu contei a elas sobre você que é uma criança incrível. Elas queriam fazer algo de bom para você.

Os olhos de Zoe começaram a lacrimejar. Se ela chorasse, eu não seria capaz de suportar. — Você vai dizer agradecer por mim?

— Tudo bem. Então, o que você acha? Futebol hoje, ou você quer melhorar sua pintura?

Zoe sorriu. — Futebol. Você viu a bola que elas me deram?

— Elas trouxeram uma bola de futebol para você?

Ela vasculhou a bolsa e tirou uma bola nova. — Agora, posso praticar o tempo todo. — Zoe franziu a testa e olhou para a bola. — Se os Calhouns me deixarem.

Eu fiquei tenso com a expressão abatida da menina. — Eles estão sendo legais com você?

Ela lambeu os lábios e girou a bola em círculos em suas mãos. — Eles estão bem.

Com certeza não parecia bem. Eu não me importava com o que Callie dizia, se Zoe não parecia feliz com seu lar de adoção temporário, eu faria aquela visita sem aviso prévio. — Você sabe que pode me dizer se não gostar de lá.

Sua cabeça balançou. — E eu posso voltar com minha mãe?

— Desculpe, Zo. Você não pode voltar com sua mãe agora. Não até que ela consiga alguma ajuda.

Zoe abraçou a bola com mais força. — Acho que não quero jogar hoje.

— Está tudo bem. Podemos fazer o que você quiser.

Ela assentiu e olhou para a bola, traçando padrões com a ponta do dedo na superfície. Foi assim que passamos a próxima hora. Eu não pressionei, apenas sentei com Zoe. Ela estava brava, mas ainda não acreditava que eu era um lugar seguro para ela expressar essa raiva. Mas eu ficaria com ela o tempo que fosse necessário para ganhar sua confiança.

Enquanto eu ajudava a carregar seus novos pertences até a velha caminhonete da Sra. Calhoun, fiz questão de tirar uma foto da placa do carro. Eu sabia que os Serviços de Proteção à Criança colocavam famílias adotivas em verificações rigorosas, mas não faria mal eu fazer uma pequena pesquisa.

— Vejo você em breve, Zoe.

— Tchau, Crosby, — ela murmurou e entrou no carro.

Enquanto eu as observava partir, um aperto no meu peito tomou conta de mim. E eu aprendi a não ignorar esses sentimentos.

Meu telefone zumbiu no meu bolso. Puxando-o para fora, olhei para a tela. O mesmo código de área seis-um-sete que ligava havia dias me encarava de volta. Alicia tinha ligado e enviado mensagens de texto seis vezes na noite anterior. Quando saí da casa de hóspedes de Kenna à uma da manhã e verifiquei meu telefone, nem mesmo o ressurgimento da minha ex poderia ter arruinado a minha alegria. Mas agora, à luz do dia, horas depois de ter conseguido meu último toque na pele de Kenna, seu cheiro, a sensação dela ao meu redor, cortou um pouco mais fundo.

Eu clico em *Aceitar*. — Quando alguém não retorna suas mensagens de texto ou ligações, o educado é deixar quieto.

— Crosby. — A voz de Alicia fez aquela coisa ofegante que fazia quando ela queria algo. Sempre pensei que era ridículo, mas quatro anos atrás,

eu achava que era adoravelmente ridículo. Agora, era simplesmente irritante.

— O que você quer? — Eu acionei as travas da minha caminhonete e entrei.

— Nós precisamos conversar. Você pode vir a Boston neste fim de semana?

Eu ri, mas tinha algo feio nisso. — Só você pensaria que eu iria quando você ligasse depois de arruinar minha vida.

— Crosby... — Ela choramingava agora. — Eu cometi um erro. Eu sinto muito. Isso não é o suficiente? Brent não era o homem que eu pensei que fosse. Mas talvez seja uma bênção disfarçada. Você e eu éramos tão bons juntos.

Ela fez soar como se tivesse esquecido de deixar o cachorro sair, e ele fez xixi no tapete. Eu dei tudo de mim para esta mulher. Eu trabalhei horas intermináveis na empresa para me tornar sócio, porque ela queria que eu fosse o melhor. Agora, eu podia ver que era porque ela queria o status de estar ligada a alguém no topo. Paguei uma série de compras e férias sem fim. Comprei a casa que Alicia queria, embora eu a odiasse. Eu me tornei uma pessoa completamente diferente para ela, mas mesmo isso não era suficiente.

Eu nunca me esqueceria de entrar no Ritz em Boston para uma reunião com um cliente e encontrar Alicia enrolada em volta do meu melhor amigo, suas bocas unidas quando as portas de um elevador se fecharam. Era interessante como uma única respiração poderia fazer um castelo de cartas cair. Como você pode perceber de repente que o fundamento que estava colocando estava na verdade sobre a areia.

Porque assim que Alicia desapareceu da minha vida, muitas outras coisas também desapareceram. Amigos escolheram lados, colegas de

trabalho ficaram desconfortáveis e o relacionamento recém-descoberto com meus pais virou fumaça. A verdade é que nada do que eu construí enquanto estava com Alicia era *real.* Agora, eu não me contentaria com nada menos em qualquer aspecto da minha vida.

Eu balancei minha cabeça rapidamente, tentando limpar as memórias. — Não ligue de novo, Alicia. Acabou. Não precisamos conversar sobre nada. Não quero que você faça parte da minha vida. Se você ligar de novo, vou bloquear você. — Apertei *encerrar* na tela e deixei cair o telefone com um baque satisfatório no porta-copos.

Pressionei minhas mãos contra o volante, os músculos dos meus braços se contraindo e esticando enquanto o volante rangia. Eu não estava mais envolvido naquela vida. Nunca estaria novamente. Eu estava livre. A vida que eu tinha agora não tinha restrições, nem regras. Eu precisava de um lembrete disso. Eu olhei para o relógio no meu painel. Eram quase cinco e meia. Tarde demais para fazer qualquer escalada ou *mountain bike* decente, mas eu tinha outra coisa em mente de qualquer maneira.

* * *

Uma campainha eletrônica soou quando abri a porta do *Cornerstone CPAs*. Era um prédio pequeno, nada em *Anchor* era exatamente grande, mas parecia que abrigava vários escritórios. Uma jovem atrás da recepção piscou algumas vezes enquanto me observava. — Olá, posso ajudá-lo? Crosby, certo?

— Sim, estou procurando...

— Sr. McCoy, que bom ver você. Você veio falar sobre como trazer sua empresa para a *Cornerstone*? Você sabe que ficaria feliz em aceitá-lo como cliente pessoal.

Eu estremeci para o homem que entrou na área de recepção. Chris Woodward, gerente desta filial da *Cornerstone*, veio me ver pouco depois de eu me estabelecer em *Anchor* e abrir meu escritório de advocacia. Eu não tinha dúvidas de que ele tinha ouvido falar que eu comprei uma casa no penhasco e vim com dinheiro da costa leste. O homem era bajulador e ganancioso. Eu estava planejando encontrar um contador local, mas dois minutos com esse homem me fizeram ficar com meu contador em Boston.

— Desculpe, Chris. Estou aqui a negócios pessoais. — Eu evitei o homem e caminhei através do espaço aberto com cubículos espalhados, caminhei até que encontrei um dos escritórios mais agradáveis com um nome familiar na porta. Eu bati.

— Entre.

Claro, Kenna era uma das poucas pessoas que ainda estavam aqui depois das seis. Empurrei a porta e uma dose saudável de luxúria passou por mim ao vê-la. Kenna estava atrás de sua mesa, parecendo estar organizando papéis em pilhas. Eu já tinha visto Kenna em seu traje de trabalho antes, e sempre foi tentador, mas a roupa de hoje pode ser apenas a minha morte. Ela tinha tirado o blazer em algum momento durante o dia, e agora estava pendurado ordenadamente em um cabide na lateral de um armário de arquivo. Sem ele, ela estava com uma blusa branca ligeiramente caia na frente, fios de tecido transparente amarrados em um laço enorme sobre os seios.

Eu só conseguia pensar no que aconteceria se eu desse um belo puxão em uma das pontas daquele material. Em seguida, havia a saia. A barra desapareceu embaixo de sua mesa, então deveria ir até seus joelhos, e abraçava suas coxas de uma forma que tinha todos os tipos de imagens

voando pelo meu cérebro. Fantasias que a mulher na minha frente certamente me deixava enfeitiçado.

— Crosby. — O rosa atingiu as bochechas de Kenna. — O que você está fazendo aqui?

Eu engoli em seco, querendo me recompor. — Estamos indo em nossa primeira aventura.

Ela olhou para o relógio. — Já passa das seis, e ainda tenho algumas coisas para terminar aqui.

— Estava na hora de parar de trabalhar há mais de uma hora. Não pense que eu não sei que você chega aqui uma hora, às vezes duas antes de todo mundo. Você pode terminar o que quer que seja amanhã.

O brilho que eu tanto amava invadiu o rosto de Kenna, o que parecia fazer seus olhos âmbar brilharem. — Alguns de nós levam nosso trabalho a sério. Não podemos simplesmente ir e vir quando quisermos.

Eu sorri. — Vamos, Olhos Castanhos. Viva perigosamente.

Foi o desafio em minha voz que fez isso. O tom que perguntava: — *Você é covarde?*

— Bem. — Ela se abaixou para abrir a última gaveta do armário de arquivo, e eu quase gemi quando o tecido de sua saia apertou em sua bunda. Ela se endireitou, bolsa na mão, e agarrou seu blazer do cabide.

— Você não vai precisar disso para onde estamos indo.

Ela arqueou uma sobrancelha. — E onde é isso, pode me dizer por favor?

— Eu adoro quando você fica toda arrogante comigo. — Eu estendi a mão. Kenna ignorou e fez uma careta na minha direção. — Relaxe, vamos para o *The Catch*.

— Isso não é uma aventura, Crosby. Eu vou lá cinco dias por semana, pelo menos.

Passei um braço em volta dos ombros dela. Ela se encaixou tão perfeitamente ali, parecia derreter bem no meu lado. — Não é uma aventura do jeito que você pensa, mas espere até ver o que tenho guardado.

Kenna gemeu. — Não tenho vontade de beber uma cerveja escura nojenta sem fim e de falar sobre escalada com Ford.

— Não diga isso. Guinness é a bebida dos deuses.

— Talvez os deuses do inferno. Essa coisa é desagradável.

Kenna saiu debaixo do meu braço enquanto saía do escritório. Senti a perda dela instantaneamente, seu calor, a pressão de seu corpo contra o meu. A química fluindo entre nós estava me deixando confuso. Kenna acenou com a cabeça para Chris, que olhou em nossa direção, e acenou para a recepcionista, que estava arrumando suas coisas.

Segurei a mão de Kenna assim que saímos pela porta da frente, puxando-a para longe de seu sedan e em direção à minha caminhonete. — Vou deixá-la no seu carro quando terminarmos.

Kenna deu um puxão resistindo. — Essa é apenas uma parada extra que você precisa fazer. Isso não faz sentido.

Eu me inclinei mais perto. — Às vezes, uma vida sem sentido é apenas mais divertida. E talvez eu queira mais tempo com você. Ou eu poderia apenas querer sentir o que está sob essa saia.

Minha mão roçou a curva de sua bunda e Kenna a afastou. — Você vai manter as mãos para si mesmo enquanto estivermos dirigindo e na frente de qualquer pessoa que conhecemos.

Eu recuei. — Porque eu faria isso?

— Para não sofrer um acidente de carro.

— E o outro?

Kenna se endireitou. — Porque isso é temporário. Não quero que nossos amigos pensem que é algo que não é.

Apertei meu maxilar. — Nossos amigos são adultos. Eles podem lidar com o fato de termos algo casual. — Eu estava praticamente fazendo beicinho. Eu queria minhas mãos em Kenna tanto quanto possível, e essa regra realmente restringiria isso.

— Você conhece Caelyn, certo? Você sabe, a romântica incurável que ama os filmes da Disney tanto quanto suas irmãs em idade escolar? Não há nada que possamos dizer que a convença de que esta não é uma história de amor destinada às estrelas. E normalmente, Bell tem a cabeça no lugar, mas ela acabou de ficar noiva. Os hormônios sentimentais tomaram conta de seu cérebro.

Comecei a rir e puxei Kenna para um abraço forte. — Ok, vou tentar evitar enfiar minha língua em sua garganta no bar.

Eu podia sentir a careta de Kenna contra meu peito. — Eu não quero que você enfie sua língua na minha garganta nunca. Bruto.

— Vamos lá.... Você sabe que a ideia deixa você toda excitada e *te* incomoda.

— Se você quiser jogar hóquei com amígdalas, pode entrar em uma máquina do tempo e voltar ao ensino médio.

Eu a soltei, um sorriso no meu rosto. — Só se você estiver lá. Adoraria ver como era a Kenna do ensino médio. — Aposto que eu aos quinze anos de idade a teria seguido como um cachorrinho perdido.

A expressão de Kenna se fechou por um breve momento antes de suavizar. Eu me aproximei. — Você está bem?

Ela riu, mas foi forçada. — Só de pensar em você me veria de aparelho e no meu estilo estranho de escola. Venha, vamos para o The Catch.

Eu a observei se dirigir à minha caminhonete, me perguntando por que o pensamento do colégio criava sombras nos olhos de Kenna.

14

Kenna

Fiquei olhando para a fila de dez drinques no topo lustroso do balcão, depois lancei um olhar irritado para Crosby. Eu não tinha vontade de estar abraçando o vaso no final das festividades desta noite.

Crosby apertou meus ombros como um treinador se preparando para mandar seu boxeador para o ringue. — Basta tomar um gole de cada um. Eu não estou tentando deixar você bêbada, eu só quero que você experimente algo diferente daquela vodca com refrigerante.

— Não há nada de errado com um refrigerante e vodca. Só porque é simples, não significa que seja chato. — Crosby começou a massagear os músculos entre minhas omoplatas, que enrijeceram com suas palavras. Minha escolha de bebida foi como o resto da minha vida, pelo menos de acordo com Crosby: chata e previsível.

Bell abafou uma risada sem muito entusiasmo. — Você perdeu uma aposta ou algo assim?

— Praticamente, — resmunguei. Como poderia explicar a minha melhor amiga que fiz um trato com o diabo? Forçada a novas experiências de vida em troca da emoção do sexo com Crosby. O que me apavorou foi que não foi apenas o sexo que ajudou. A dormência e a dor latejante começaram a desaparecer com o passar do dia, mas quando Crosby apareceu no escritório naquela noite... de repente, tudo estava colorido novamente. Claro, muito daquela cor era o fogo da minha irritação com ele, mas era muito melhor do que a sensação de nada.

Ford passou os braços em volta de Bell, pressionando os lábios em seu pescoço. Eu ignorei a onda de ciúme pela ternura que eles compartilhavam. Ele a puxou para mais perto dele. — Bem, eu teria pago um bom dinheiro para ver isso, então obrigado por fazer acontecer de graça.

Ford estendeu o punho para Crosby, que o bateu. Eu rosnei para os dois. — Vou jogar o resto dessas bebidas na sua cabeça se você não tomar cuidado.

Ford ergueu as duas mãos enquanto recuava. — Já estive lá, passei pela experiência, e não tenho vontade de passar de novo.

Bell corou. — Me desculpe por isso. Novamente.

Eu bufei. O homem tinha merecido. Claro, ele compensou a dor que causou nos meses que se seguiram ao seu retorno a *Anchor*, mas no meu livro, Ford ainda merecia mais alguns banhos de bebidas. Talvez eu fosse a pessoa certa para isso.

Crosby apertou suas mãos sobre mim. — Eu vejo aquele brilho maligno em seus olhos. Nem pense nisso.

Eu me virei para encará-lo, dando um olhar exagerados de Bambi. — Quem eu?

Ele estremeceu. — Você me assusta, mulher.

— Bem.

Bell bateu palmas, trazendo minha atenção de volta para ela. — Ok, o que você vai tentar primeiro?

Eu examinei as bebidas na minha frente e estremeci. Havia todos os tamanhos, formas e cores, e nenhuma delas parecia tão apetitosa. Bem, talvez o de frutas parecesse bom. Eu apontei para aquele.

Bell o deslizou para a frente na barra. — uau, Sexy *in The City pra* você.

— Cosmo?

— Sim. Acho que você vai gostar.

Eu levantei a taça de *martini*, examinando seu conteúdo.

Crosby deixou escapar um suspiro exasperado. — Não vai te morder, basta tomar um gole e já.

— Estou procurando o veneno que você pode ter colocado.

Bell riu enquanto Ford engasgava. — Vocês dois são meu show secundário favorito.

Revirei os olhos e tomei um gole. Doce. Fresco. Eu tomei outro gole. — Isso é bom.

— Eu te falei, — disse Bell.

Crosby se aproximou. — Apenas controle seu próprio ritmo, você tem outros nove para tentar.

Tomei outro gole, um maior desta vez. — Não sou uma criança, Crosby, sei o que posso aguentar.

— É verdade, — Bell entrou na conversa. — Eu só a vi bêbada uma vez em toda a minha vida, e na verdade foi mais tipo embriagada.

Crosby zombou. — Vamos, você deve ter tido pelo menos uma bebedeira da faculdade.

— Não é realmente minha realidade. — Eu passei a maior parte dos meus anos de faculdade tentando não deixar a tristeza me engolir por completo. Eu tinha visto o que acontecia quando você usava álcool para anestesiar sua dor - tornava-se um apoio enquanto destruía sua vida de

dentro para fora. Então, eu fiquei ocupada. Tomando quantas aulas eu pudesse lidar, conseguindo um emprego de meio período. A única coisa que eu tinha traçado a linha era não entrar em clubes. Eu não era exatamente o tipo de pessoa com atividades em grupo. Eu fiquei perto do meu círculo reconfortante de Bell e Caelyn, e quando Caelyn teve que desistir no final do nosso primeiro ano para cuidar de seus irmãos, era apenas Bell e eu. Eu estava mais do que bem com isso. Eu não precisava de um monte de conhecidos casuais. Eu só precisava de minha equipe de três pessoas.

— Kenna?

Eu comecei ao som da voz de Bell. — Desculpe, o quê?

Ela parecia preocupada, e eu lutei contra a vontade de estremecer. A última coisa que eu precisava era Bell preocupada e rondando.

— Qual bebida você quer experimentar a seguir? — Ela perguntou.

Forcei um sorriso, só que pude ouvir a voz de Crosby na minha cabeça falando sobre meu sorriso verdadeiro, o que raramente deixo escapar. O maldito homem podia ver através de mim. Perceber isso me fez querer reforçar minhas paredes. — Sua vez.

Bell olhou para Ford. — O que você acha?

— Scotch.

— Você é mau, — ela repreendeu.

— O que isso significa? É horrível? — Meu olhar saltou de pessoa para pessoa.

— Nunca bebeu scotch? — Perguntou Crosby. — É um dos meus favoritos.

Eu franzi meu nariz. — Você gosta daquela Guinness horrível, então provavelmente vou odiar isso.

Bell empurrou um copo com um líquido âmbar para frente. — Você sempre pode segurar o nariz enquanto tenta.

— De jeito nenhum, — Crosby interrompeu. — Isso é trapacear. Ela tem que *provar* tudo.

Suspirei e peguei o copo. Eu funguei. Não é cheiroso. Mas eu não era covarde. Tomei um gole e imediatamente cuspi de volta no copo. Eu me virei para Crosby. — Isso foi nojento! Você está tentando me matar? Tinha gosto de borracha que foi incendiada.

Crosby deu uma risadinha. — É um gosto adquirido.

Eu levantei o Cosmo do balcão e tomei um gole, tentando livrar minha boca do gosto horrível. — Nada mais que tenha gosto de fogo do inferno, por favor.

Ford sorriu, balançando a cabeça. — Acho que foi o pior.

Meus olhos se estreitaram nele. — Não pense que esqueci que foi você quem escolheu aquela bebida para mim. Eu cuidaria de minhas costas se fosse você, Hardy.

Ford colocou Bell à sua frente como um escudo. — Faça ela parar, *Trouble*.

Ela piscou para mim. — Agora, por que eu faria isso?

A noite avançava enquanto eu tentava bebida após bebida, sempre usando meu Cosmo como minha bebida leve. Não era uma tonelada de bebida, mas era o suficiente para que eu estivesse mais solta do que o normal, um fogo baixo percorrendo meus membros. Uma pequena multidão divertida se reuniu para meu teste de sabor, sempre votando se eu gostaria da bebida ou não. Eu não tinha sido uma aluna fácil de

avaliar, mas finalmente tinha chegado aos últimos drinques. Em seguida, foi uma dose com chantilly por cima. — O que é isso?

Um enorme sorriso se espalhou pelo rosto de Bell. — Isso, minha amiga, é um *Blowjob*[3].

A multidão ao nosso redor deu uma risadinha e eu dei um passo para trás. — Oh infernos não. Não estou bebendo nada com esse nome. — Os olhos em mim fizeram minha pele formigar. Tudo que eu conseguia pensar era no que eles poderiam estar sussurrando um para o outro sobre mim.

As mãos de Bell foram para seus quadris. — Vamos, não seja uma desmancha-prazeres. Eu farei um com você.

Bell nunca bebia no trabalho. Ela me ofereceu e não havia como eu dizer não. Eu gemi. Bell aplaudiu a vitória. — Faça-me um, ok , *Cupcake*?

Meus lábios se contraíram com o apelido. — Sim, *Cupcake,* dê uma chance a ela. — Ford olhou para mim, o que só me fez sorrir mais.

Ele serviu a dose e acrescentou chantilly por cima. — Vocês sabem que vocês, senhoritas, precisam aceitar este na forma padrão.

Bell apertou os lábios como se estivesse segurando uma risada. — Claro.

Meu olhar disparou entre os dois. Eles estavam tramando algo, e eu não gostei nem um pouco. — O que isso significa?

Crosby se aproximou, seu calor aquecendo meu lado. — Mãos nas costas.

Meu rosto se contraiu. — Então, como devo pegar?

O calor inundou seus olhos. — Apenas com a boca.

[3] Tipo de drinque. A tradução seria “boquete”.

Meu olhar se voltou para Bell. — De jeito nenhum.

— Vamos, Kenna. — Ela ergueu as mãos em um movimento exagerado, prendendo-as nas costas. — Não se acovarde agora.

Eu olhei para ela, mas fiz o mesmo. Eu segui seu exemplo e envolvi meus lábios em torno do copo, inclinando-o para trás. A pequena multidão aplaudiu. E o líquido que desceu pela minha garganta foi o começo do fim.

15

Kenna

Eu gemi quando meu alarme disparou. O som pareceu reverberar pela sala e pelo meu crânio. Eu dei um tapinha na minha mesa de cabeceira, procurando pela maldita máquina do demônio para que eu pudesse fazê-la parar. Depois de alguns passos em falso e derrubar meu telefone no chão, finalmente apertei o botão de desligar.

Eu rolei de costas, o movimento fazendo meu estômago revirar. Eu senti como se eu estivesse morrendo. Eu estava pegando gripe?

— Você acordou?

Eu sentei rapidamente ao som daquela voz rouca, meu mundo ficando um pouco embaçado. — O que diabos você está fazendo aqui?

Crosby deu uma risadinha. — Você não se lembra da noite passada?

Eu congelei, procurando em minhas memórias. O teste de sabor do licor, a multidão, descobrindo meu amor por *shots* de gotas de limão... meu olhar foi para Crosby. — Eu-? — Eu limpei minha garganta. — Eu subi no palco e cantei aquela música do *Titanic* com Bell?

Crosby sorriu. — Vocês duas pareciam um par de gatos torturados.

Enterrei meu rosto em minhas mãos. Isso não estava acontecendo. Eu não fazia coisas assim. Eu era a responsável. Eu nunca fiz papel de boba. Eu tive muitas experiências de alguém fazendo isso comigo. Minha mãe. Grant.

A cama afundou e uma pitada da colônia de Crosby atingiu meus sentidos. — Olhe para mim.

Eu balancei minha cabeça.

Crosby segurou meu rosto, afastando minhas mãos de onde cobriam meus olhos. — Você se divertiu. Você se soltou. Você e Bell riram tanto, você chorou. Ford vai começar uma noite de karaokê por causa de vocês duas. Todo o bar estava interessado nisso.

Meu estômago embrulhou. — Quantas pessoas viram? — A multidão era um pouco confusa.

— Quem se importa? Você estava se divertindo.

Eu empurrei suas mãos. — Você não entende. Não quero que ninguém me veja assim.

— Qual parte?

— Não estando no controle. — Trabalhei incansavelmente para provar a todos que não era como minha mãe. Para projetar nada além de uma imagem responsável e respeitável. Mas em uma noite, eu poderia ter arruinado tudo. As pessoas conversariam, se perguntando se eu era mais parecido com minha mãe do que eles pensavam.

Crosby apertou minha coxa através dos cobertores da cama. — Foi lindo de ver. E você nunca será capaz de controlar tudo.

— Eu sei disso, — eu rebati. Eu sabia melhor do que ninguém quão pouco controle tínhamos sobre o quadro geral de nossas vidas. Mas isso só me fez agarrar com mais força às coisas que podia influenciar. Eu respirei fundo. — Obrigada por me trazer para casa, por ter certeza de que eu estava bem... — Minhas palavras foram sumindo enquanto eu percebia o que eu estava vestindo, uma velha camiseta de vôlei do colégio e nada mais. — Você me despiu?

Crosby ergueu o rosto para o céu. — Eu estive dentro de você, senti cada centímetro desse corpo doce, eu não acho que colocar essa roupa sexy de números em você deva deixá-la tímida.

O homem tinha razão. — Bem. Você pode ir agora. Eu preciso me preparar para o trabalho.

Crosby balançou a cabeça, mas se inclinou para roçar rapidamente os lábios nos meus. — Isso não é demais. Eu terei um novo desafio para você em breve.

Outro desafio de Crosby pode me matar.

* * *

— Você está atrasada.

A voz de Chris soou na entrada de seu escritório na frente do prédio. Ele pegou aquele, embora fosse menor do que alguns dos escritórios nos fundos, porque significava que ele poderia bisbilhotar. Ele estava em sua mesa em forma de L com um lado voltado para o estacionamento e a rua para que pudesse ver todos que pudessem entrar, e o outro lado voltado para o resto do escritório para que soubesse o que seus funcionários estavam fazendo o tempo todo.

Eu lutei contra o gemido que queria vir à tona. Não importa quanto café e *Tylenol* eu bebesse, minha dor de cabeça não passava. E a tagarelice incessante do motorista de táxi que eu tive que suportar no caminho para o trabalho esta manhã porque estava sem carro não ajudou. — São oito e meia, Chris. Não abrimos por mais trinta minutos. — Apenas uma outra pessoa além de nós dois está aqui.

Ele se endireitou, limpando a garganta. — Eu só quis dizer que você geralmente está aqui muito antes. Está tudo bem?

Chris Woodward não se importaria se eu acidentalmente me queimasse, ele estava simplesmente tentando exercer seu domínio no escritório. Ele não aceitou muito bem quando alguns de seus clientes pediram para se mudar comigo, e fez o possível para me fazer pagar por isso sempre que podia. O vago sonho de abrir minha empresa passou pela minha mente, mas eu o guardei. Como sempre.

— Estou bem. Só tinha algumas coisas que precisava fazer esta manhã. — Como tentar curar essa ressaca.

Chris deu um aceno de cabeça. — Tudo certo. Bem, vá em frente.

Não disse nada, simplesmente me dirigi ao meu escritório na parte de trás do edifício. Estava quieto ali, longe de olhos curiosos. Isso me permitiu me perder no meu trabalho. E era também por isso que geralmente chegava quando não havia mais ninguém aqui. Muitas vezes eu fiz mais nessas duas horas antes de abrirmos do que no resto do dia.

Guardei minha bolsa em meu armário de arquivo e pendurei meu blazer no cabide ao lado, enquanto enviava um apelo mental de que essa ressaca não me deu uma névoa cerebral que engoliu meu dia inteiro. Minha manhã passou aos trancos e barrancos, planilhas e papelada demorando mais do que deveriam. O almoço me deu um pouco de ânimo, provavelmente porque cedi e implorei a Bell que me trouxesse algo gorduroso do The Catch. Mas quando as cinco horas chegaram, eu tinha acabado. Queria um banho quente e minha cama. Nem me importava com o jantar, só queria dormir um ano.

Chris arqueou uma sobrancelha enquanto eu passava por seu escritório, o julgamento silencioso por sair na hora certa, em vez de uma hora após o fechamento. Eu esperava que ele pisasse em um ouriço-do-mar extremamente espinhoso.

Empurrei a porta do escritório, a brisa fresca do início da noite um bálsamo calmante. Talvez eu me sentasse na varanda depois de tomar banho. Eu estava procurando as chaves na minha bolsa enquanto caminhava, sem prestar atenção, então, quando olhei para cima a poucos metros do meu carro, me assustei.

Grant se encostou no capô, todo casual da Brooks Brothers e cabelos excessivamente penteados. — Kenna.

Um músculo em minha bochecha pulsou. Eu não tinha tempo ou energia para isso. — O que você quer?

Ele se levantou, erguendo as duas mãos em sinal de rendição. — Só conversar. Começamos com o pé errado.

— O pé errado? — Eu parecia um papagaio, mas não pude evitar. O pé errado foi o eufemismo do século.

— Sim. Admito que dei alguns passos errados quando era mais jovem. Eu te machuquei, e por isso, sinto muito. Podemos começar do zero? Deixe-me levá-la para jantar.

Eu assisti com fascinação enquanto o rosto de Grant fazia todas as expressões certas, mas nenhuma delas parecia verdadeira. Ele era simplesmente um ator tentando representar um papel.

— Não tenho interesse em jantar com você.

Seus olhos endureceram um pouco. — Nós precisamos conversar. Meus pais voltaram para Seattle hoje, e meu pai me deixou encarregado do assunto.

— Assunto?

— Reparando toda essa situação do testamento e herança. — Grant acenou com a mão como um príncipe cumprimentando seus súditos. Ele parecia absolutamente ridículo.

Eu respirei fundo, tentando o meu melhor para manter meu temperamento sob controle. — Não tenho interesse em ajudá-lo com isso.

O olhar de Grant se estreitou em meu rosto. — Eu nunca pensei que veria o dia em que você se tornaria tão sem coração. *The Gables* é importante para meu pai. E se eu conseguir por ele, ele me tornará sócio da firma. Você sabe que sempre foi meu sonho. Mesmo se as coisas não funcionassem entre nós, acho que você ainda se importaria comigo. Não é?

Meu queixo caiu. Eu não pude evitar. Mas, realmente, eu não deveria ter ficado surpresa. Eu deixaria Grant escapar impune de tudo quando estávamos juntos. Eu teria desistido de qualquer coisa se isso significasse sua felicidade. — Eu parei de me preocupar com você no momento em que você disse que perder meu filho, e quase morrer, *foi bem feito para mim.*

O rosto de Grant ficou vermelho. — Eu não sei do que você está falando. Você obviamente está excessivamente emocional sobre algo que não tem nada a ver comigo

— Saia do meu carro, ou vou ligar para o xerife e denunciá-lo por perseguição. — Eu tinha acabado com Grant e todas as suas mentiras e manipulações.

Seus ombros se endireitaram, o queixo sobressaindo. — Estou tentando ser um adulto maduro.

Eu bufei. — *Tentando,* sendo a palavra-chave. Suas chances de ser um adulto maduro são quase tão boas quanto as minhas de pilotar uma tripulação até Marte.

O maxilar de Grant moveu. — Posso ver que meus pais estavam certos. Não há razão para alguém que não pode agir como um adulto

respeitável. — Ele começou a ir em direção a um carro elegante alguns pontos abaixo.

— Correr para a mamãe e o papai sempre foi sua solução. Pena que eles não podem te salvar de ser um idiota.

Ele se virou para mim, dando dois passos gigantescos em minha direção. — Você vai prestar atenção no que diz se souber o que é bom para você. — Eu instintivamente dei um passo para trás com a raiva nos olhos de Grant, mas me forcei a não recuar mais. Eu não daria a ele essa satisfação. — Eu poderia destruir você. Um pedaço de sua vida insignificante inútil de cada vez, Kenna. Lembre-se disso.

Grant girou nos calcanhares e se dirigiu para o carro. Meu coração martelou contra minhas costelas. Não consegui me forçar a me mover até que Grant saiu do estacionamento e seu veículo desapareceu de vista.

Eu coloquei a mão sobre meu peito, respirando profundamente. Eu estava bem. Segura. Grant estava apenas exagerando para que eu o enfrentasse. Eu disse as palavras de conforto repetidamente em minha mente enquanto dirigia para casa, mas cada uma parecia uma mentira.

16

Crosby

— Entrega, — Penny cantarolou enquanto entrava no meu escritório sem bater. — E parece chique. — Ela colocou um pacote com uma embalagem transparente intrincada e uma caixa exagerada na minha mesa.

Eu examinei o logotipo sob o plástico e sorri. Meu scotch favorito. — Existe uma nota?

Penny estendeu um envelope, mas antes que eu o arrancasse de sua mão, ela o puxou de volta. — Você vai me dizer quem o enviou?

— Eu teria que abrir a nota para saber disso. — Tinha que ser de Kenna. Ela deve ter perguntado a Ford qual era meu uísque favorito.

— Eu te darei o bilhete se você prometer me contar assim que abrir.

— Você sabe que trabalha para mim, certo? Você não tem permissão para manter a correspondência como refém porque é intrometida.

Penny fungou. — Correspondência. Não use aquele vocabulário sofisticado de advogado comigo, jovem.

Eu sorri. — Entregue o cartão.

Ela bateu na minha mesa. — Bem. Veja se eu me importo com quem está enviando uísque para você, que provavelmente custa mais do que minha televisão.

Eu ri quando ela se virou e saiu, rasgando o cartão. Tive vontade de largá-lo assim que vi a escrita engenhosa no papel grosso.

Crosby,

Eu sinto muito. Você nunca saberá quanto. Apenas me diga o que eu preciso fazer para compensar você. Volte para Boston, onde você pertence. Sua família sente sua falta. Eu sinto sua falta. Por favor.

Todo meu amor,

Alicia

Eu gemi. Eu não tinha notícias de Alicia há alguns dias. Eu pensei que finalmente ela havia entendido. Aparentemente, não foi esse o caso. Joguei o cartão no lixo e me levantei. Andei para frente e para trás no pequeno espaço atrás da minha mesa. Voltar para Boston? Ela estava louca?

E ela só tinha que colocar meus pais no meio. Ela aprendeu a usá-los como uma ferramenta no início de nosso relacionamento, percebendo que sua aprovação e atenção significava mais para mim do que deveria. Quando pensei em deixar meu escritório de advocacia e aceitar um emprego em uma organização sem fins lucrativos, Alicia convenientemente passou essa informação para meu pai, que prontamente enlouqueceu com a ideia.

Eu soltei um suspiro forte. Por mais chateado que eu estivesse, eu realmente deveria agradecer a Alicia. A traição dela tinha sido a chamada de atenção que eu não sabia que precisava. Ela me mostrou o quanto eu estava vivendo minha vida nos termos de outras pessoas. Agora, eu tinha uma vida que era minha e só minha. Eu não desistiria disso por ninguém.

Só a sugestão de que eu voltasse àquela antiga forma de existência já me fazia desejar esticar minhas asas e aproveitar minha luta tão difícil pela liberdade. Eu olhei para o meu relógio, uma ideia se formando em minha mente. Quatro e meia.

Peguei a garrafa e as chaves da minha gaveta. Fui até a recepção e coloquei o presente na mesa de Penny. — Já quis experimentar o melhor uísque que existe?

Suas sobrancelhas levantaram quando ela percebeu minha expressão. — Não é fã do remetente, suponho?

— Nem um pouco.

Ela inclinou a caixa para examinar o rótulo. — As senhoras do tricô e eu estamos sempre prontas para experimentar coisas novas. E não podemos deixar algo assim ir para o lixo.

— Esse é o espírito. Estou saindo pelo dia. Não fique depois das cinco. Isso é uma ordem.

Penny balançou a cabeça. — E se alguém ligar para você?

— Coloque-os no correio de voz e diga que voltarei na segunda-feira. — Eram quatro e meia de uma sexta-feira, ninguém ficaria puto por eu ter saído no fim de semana.

— Claro, deixe—me os irritados.

— Vamos, Pen, você pode lidar com qualquer coisa. É por isso que eu contratei você.

— Essa conversa mansa.

— Você sabe. — Acenei para ela enquanto saía pela porta. Eu tinha duas paradas para fazer antes das cinco horas: minha casa e a loja de artigos esportivos local. Se eu me apressasse, poderia fazer os dois.

Posso ter infringido algumas leis de excesso de velocidade, mas estava entrando no *CPAs* da *Cornerstone* às cinco para as cinco. Os funcionários já estavam saindo do prédio em direção aos carros, mas o

quatro portas prateado de Kenna ainda estava no estacionamento, é claro.

Eu estacionei e entrei. Chris Woodward estava na porta de seu escritório quando entrei no prédio. — São algumas visitas pessoais ao escritório esta semana.

Eu lutei contra o desejo de dizer a ele para cuidar da sua vida. — Faltam dois minutos para as cinco. Tenho certeza que você não se importa. Certo, Chris?

Eu ignorei a expressão amarga que passou o rosto do homem e caminhei em direção ao escritório de Kenna. Eu bati duas vezes. — Entre.

Empurrei a porta e observei Kenna atrás de sua mesa. Sua beleza era um soco no estômago, cabelo escuro em um coque no topo de sua cabeça, bochechas rosadas, olhos brilhando. — Ei, Olhos Castanhos.

Algo brilhou naqueles olhos. — O que você está fazendo aqui, Crosby?

— Nós realmente vamos jogar este jogo? Eu disse que voltaria. — Passaram-se apenas alguns dias desde que vi Kenna, mas pareceram semanas.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Você sabe que isso faz você parecer um assassino em série, certo?

Eu ri. — É bom ter objetivos de vida. — Kenna balançou a cabeça. — Vamos, tenho algo que quero mostrar a você. Você está com seu maiô aqui?

Uma dose saudável de ceticismo dominou a expressão de Kenna. — No meu carro, por quê?

— Também tem equipamento de treino?

— Shorts e uma camiseta de corrida. De novo, por quê?

Eu olhei pela janela de seu escritório. Ainda tínhamos algumas horas de sol. — Vá pegá-los e se troque.

— Eu não vou pegar nada. Ainda tenho relatórios que preciso terminar. Exceto pela primeira coisa da manhã, esta é a hora do dia em que eu produzo mais. Todo mundo se foi, está quieto...

Eu cruzei atrás da mesa e enfiei meus dedos no cabelo de Kenna, jogando sua cabeça para trás. — Talvez eu deva ser o único a pegar então.

Seus olhos dilataram. — E talvez eu devesse ser a única a dar uma joelhada nas suas bolas.

Eu sorri. — Você quer que eu te beije?

Seu olhar viajou para meus lábios. — Eu acho que poderia suportar isso.

Meus lábios se contraíram quando abaixei minha boca na dela. Eu quase gemi com o seu gosto, menta e aquela sugestão de outra coisa. Minha língua acariciou a dela enquanto eu tomava, consumindo-a. Quando eu me afastei, seus olhos estavam um pouco turvos.

— Você aguentou bem? — Eu perguntei.

Ela encolheu os ombros. — Vou sobreviver.

Eu engasguei com uma risada. — Fico feliz em ouvir isso. Agora, vá se trocar. Quero mostrar a você uma visão alternativa de sua nova propriedade.

— Eu te disse. Eu não tenho tempo.

— Vamos, Kenna. Eu preciso disso.

Ela fez uma pausa, me observando, vendo aquela pitada de desespero no meu rosto que eu sabia que estava lá. — Essa visão que você está tão

determinado para eu ver não é perigosa, é? Você não está tentando me fazer saltar de pára-quedas, está?

— Não te jogarei para fora de um avião. Eu prometo.

Kenna suspirou, mas ficou de pé. — Bem. Dê-me dez minutos. — Ela caminhou em direção à porta e então parou, virando-se para nivelar seu olhar assustador em mim. — Não toque em nada.

Eu levantei as duas mãos. — Vou me comportar da melhor maneira.

Ela revirou os olhos para o céu. — É disso que tenho medo.

17

Kenna

Eu cambaleei ligeiramente enquanto carregava o *stand up paddle* em direção à água. Murmurando uma maldição, endireitei minha postura e apertei meus músculos abdominais para não cair.

— Eu disse que o carregaria para você, — Crosby disse enquanto manobrava sua prancha sem esforço.

— E eu disse que eu poderia carrega-lo.

— Eu sei que você *pode,* mas estou apenas tentando evitar que você fique chateada comigo quando tropeçar e esfolar um joelho ou torcer um tornozelo.

Eu estreitei meus olhos em sua direção e quase caí de bunda. Fiz uma pausa, respirei fundo e segurei melhor a engenhoca da morte debaixo do braço. — Onde você encontrou um desses de última hora, afinal?

— Comprei para você na *Island Sports*.

Fiquei estupefata e apenas olhei para Crosby. Estive na loja em mais de uma ocasião e sabia que essas pranchas podiam custar até três mil dólares. — Você está louco? A Guinness finalmente destruiu seu cérebro?

Crosby parou, virando-se para me encarar. — O que?

— As pranchas daquela loja são ridiculamente caras. Nós vamos devolver isso agora. Eu não usei ainda. Eles vão aceitar a devolução.

— Eu joguei fora o recibo.

— Tenho certeza que eles vão se lembrar de você, não é como se você tivesse comprado semanas atrás.

Crosby colocou sua prancha na areia e veio até mim. — Não vou devolver o *stand up paddle*. É um presente. Algo para comemorar sua nova vida de aventuras.

Meus lábios se pressionaram em uma linha firme. — É muito.

— Olhos Castanhos, não estou exatamente sofrendo por dinheiro. Não é grande coisa.

As palavras, ditas tão casualmente, eram como uma série de bombas detonando nas águas que eu tentava desesperadamente manter a calma. Parecia muito familiar a facilidade com que ele jogava seu dinheiro por aí. — Só porque você tem sorte, não significa que deva ser fútil.

— Kenna, o que está acontecendo? Isso é mais do que o seu tom usual irritadiço.

— Não está acontecendo nada. — Comecei a andar. — Vamos fazer isso ou o quê? — Levei minha prancha até a beira da água, colocando-a com cuidado na areia molhada. O remo era mais alto do que eu.

Felizmente, Crosby ignorou minha explosão e começou a me ensinar o básico. Eu estive em uma prancha um punhado de vezes, mas já fazia anos, e a atualização era mais do que necessária. Em pouco tempo, eu estava entrando na pequena enseada ao norte de The Gables.

Os golpes suaves de Crosby cortaram a água enquanto ele ficava de olho no meu progresso. — Você está indo bem.

— Você parece surpreso.

— Você já fez isso antes, não é?

— Algumas vezes, mas já faz uma década, pelo menos. — Eu tinha que admitir, Crosby estava certo com sua obsessão pela atividade. Estava tão quieto aqui fora. Apenas o vento, os pássaros e a água. Eu poderia me acostumar com isso.

— Você está pronta para me dizer o que te irritou?

— Como? — Eu deveria saber que Crosby não deixaria nada escapar tão facilmente. Ele era um bastardo intrometido.

— Pare de fingir que está tão ofendida com cada pequena coisa e me diga o que realmente está acontecendo.

Minha boca pressionou em uma linha fina. Ele sempre viu muito. Entendeu meus mecanismos de defesa, às vezes até antes de mim. A máscara de decoro e perfeição não era nada além de um escudo, mas era um de que eu precisava desesperadamente. Não poderia dar a Crosby minhas cicatrizes, meus segredos. Isso lhe daria todo o poder. Eu me endireitei e mergulhei meu remo na água. — Você tem notícias dos Abbots?

Os movimentos de Crosby pararam, seu *stand up paddle* flutuando enquanto seus olhos continuavam focados em mim. — Não, e você?

Eu engoli, minha garganta grudada no movimento, a raiva de Grant piscando na minha memória. — Grant parou na *Cornerstone*.

— Quando? — Houve um pouco de raiva na única palavra, ferocidade. Era fácil esquecer que sob a superfície tranquila de Crosby havia uma fera. Eu tinha visto quando ele derrubou o sequestrador de Bell.

Limpei minha garganta, focando na água à frente. — Terça. Quando terminei, ele estava esperando por mim no meu carro.

— Espere, Grant? Não era o Clark?

Eu balancei minha cabeça um pouco. — Nós temos... — Deus, qual era a palavra certa para abranger o que havia entre Grant e eu? — História.

Crosby estudou meu rosto com cuidado. — Que tipo de história?

Infernal. Um que mal me deixou sair viva. — Nós namoramos quando estávamos crescendo.

— Eles nunca disseram nada.

Eu ri, mas estava tingido de amargura. — Tenho certeza que não. Os Abbots não estavam exatamente felizes por eu estar namorando o filho deles.

Crosby enterrou seu remo na água, trazendo sua prancha para mais perto da minha. — E quanto a Harriet?

Apenas o som de seu nome foi um aperto doloroso no coração. — Ela achava que eu era boa demais para ele.

— Ela estava certa.

Eu olhei para o horizonte, o sol estava baixo no céu. Deus, eu sentia falta dela. Sua crença inabalável em mim, em meu valor. O conforto de sua presença. *The Gable*s tinha sido minha casa por muito tempo, mas foi a presença de Harriet que tornou a propriedade tão especial. — Eles não querem que eu tenha *The Gables*.

— Não importa o que eles querem.

— Eles vão lutar comigo por isso. E eles sempre lutam sujo. — Eu só podia imaginar o que eles teriam feito minha linda menina passar se ela tivesse nascido. Ele teria sido feio e cruel se suas ações durante a minha gravidez fosse qualquer coisa ir perto.

A prancha de Crosby bateu na minha, meu olhar saltando para o dele. — Eles não vão pegar The Gables. Eles podem tentar tornar isso feio, mas não vão vencer. Eu prometo.

Eu dei a ele um sorriso. Mas foi triste. Ele não conhecia a verdadeira feiura da família Abbot. Eu sim. — Então, — eu disse, procurando por uma mudança de assunto, qualquer coisa para nos desviar dos

fantasmas do meu passado. — O que está em sua agenda neste fim de semana? Se atirando de um penhasco? Correndo com os touros?

Crosby deu uma risadinha. — Na verdade, eu tenho um encontro.

Eu congelei. Não queria admitir que o calor que percorria minha barriga pudesse ser ciúme. — Sério?

— Sim, serio. Quer se juntar a nós?

Recuei, quase perdendo o equilíbrio no *stand up paddle*.

Crosby caiu na gargalhada, tentando ao máximo ficar de pé. — Oh Deus. A expressão em seu rosto não tem preço.

— Você é um idiota, sabia disso? — Comecei a remar para longe dele.

— Espere, não fique brava. Eu realmente quero que você venha ao aquário comigo.

Eu olhei por cima do ombro. — Você e quem mais?

— Zoe. Ela tem nove anos e adoraria conhecê-la.

Meu remo vacilou na água. — Você é amigo de uma criança de nove anos?

Crosby esfregou a nuca. — Eu sou voluntário na *Shelter Island Child Alliance*. Zoe é minha amiga agora.

Foi um daqueles momentos em que seu mundo girou em torno de seu eixo. Foi apenas um leve movimento, mas que me permitiu ver as coisas de um ponto de vista completamente diferente. — Por quanto tempo você faz isso? — A Alliance era uma organização incrível. Eles ajudaram Caelyn a conseguir a custódia de seus irmãos e deram a todos eles o apoio que eles tão desesperadamente precisavam naqueles primeiros dias.

Crosby começou a remar novamente e eu o segui. Era como se ele não quisesse que eu o estudasse com muito cuidado enquanto abordávamos esse tópico. — Comecei não muito depois de me mudar para *Anchor*, então... quase quatro anos.

— Você nunca fala sobre isso. — Eu nunca o ouvi mencionar a Alliance ou voluntariado. Bell e Ford não haviam tocado no assunto, então duvido que ele tivesse contado a eles também.

— Simplesmente nunca apareceu a oportunidade.

A sensação repentina de dor na minha barriga parecia muito com culpa. Ser voluntário em uma organização que trabalhava com crianças adotivas e famílias passando por disputas de custódia não se encaixava exatamente na imagem que criei de Crosby. Uma imagem que eu estava começando a perceber pode ter sido um pouco tingida por minhas experiências anteriores com Grant. Eu sabia que Crosby vinha de uma família de sangue azul do Leste com muito dinheiro. Todo mundo na ilha sabia. Eu odiava admitir que o simples conhecimento de sua riqueza poderia ter me cegado para a verdade de quem ele realmente era. — Isso é ótimo, Crosby.

Ele deu de ombros, continuando a remar em direção ao sol. — Então, você quer vir conosco ao aquário?

— Eu adoraria. — Eu precisava ver esse novo Crosby em ação, aquele que ele escondia de todos.

— Vire sua prancha.

— Hã?

Crosby navegou rapidamente em seu *stand up paddle* de modo que ficasse de frente para a costa. — Inversão de marcha. Vá devagar, eu não quero você me xingando se você cair na água.

Eu olhei para ele e cuidadosamente movi meu remo pela água, lentamente girando minha prancha em direção à costa. Quando me coloquei em posição e estabilizei, olhei para cima. Meu coração parou. *The Gables*. Crosby estava certo, eu nunca tinha visto a propriedade deste ângulo antes. A mansão, a casa de hóspedes, pude até ver a casa que os Abbots ocuparam por tantos anos, a que Harriet vendeu enquanto eu estava na faculdade - muitas lembranças ruins para nós duas.

Mas o resto da propriedade? Era tudo de bom. Eu não iria deixar a sombra de velhas memórias infectá-lo. Eu não deixaria os Abbots tirarem isso de mim, de Harriet. Eu iria fazer o que ela me pediu e torná-lo um verdadeiro lar, cheio de vida e das pessoas que eu amava. O sol e sua cor âmbar do fim do dia pareciam lançar um brilho sobre os prédios, os jardins, a praia. Foi mágico.

— Obrigada. — Minha voz estava rouca enquanto sussurrava as duas palavras para Crosby.

— A qualquer momento.

18

Crosby

Kenna se contorceu em seu assento enquanto saíamos da balsa para a *Ilha Shelter*.

— O que está acontecendo? — Eu perguntei. Ela tinha estado inquieta durante todo o trajeto, e mais calada do que o normal. Nem mesmo as minhas brincadeiras de sempre e cutucar seu temperamento a irritou.

— Nada. — Kenna esfregou as mãos na calça jeans, alisando rugas invisíveis.

— Pare de mentir para mim, Olhos Castanhos.

Ela soltou um pequeno rosnado. — Estou bem vestida?

Eu rapidamente olhei para Kenna antes de entrar no trânsito. A mulher parecia facilmente linda, vestindo jeans que abraçavam suas curvas perfeitamente, e um top tipo túnica em um marrom profundo que realçava o âmbar de seus olhos. Merda, eu precisava examinar minha cabeça se eu estava percebendo esse tipo de coisa. Eu limpei minha garganta. — Você está linda. Isso é um encontro informal.

Kenna apertou os lábios e balançou a cabeça, claramente não acreditando em uma palavra do que eu disse. — Há algo que eu preciso saber sobre Zoe?

Eu dirigi minha caminhonete para fora da cidade e me dirigi para as colinas. — Ela tem nove anos. Adora futebol. Não parece gostar de bonecas.

Kenna riu levemente. — Todas as coisas mais importantes para saber.

— A mãe dela está na prisão por drogas. É uma segunda infração, então provavelmente ela ficará lá por um tempo.

Kenna respirou fundo. — Não há nenhuma outra família que possa levá-la?

— Eles se recusaram a assumir a custódia.

Kenna murmurou uma maldição sob sua respiração. — Há quanto tempo ela está em um orfanato?

— Algumas semanas. — Olhei para Kenna por um breve momento antes de voltar meus olhos para a estrada. As linhas em sua testa e o conjunto de seus olhos comunicavam uma mistura de raiva e dor. — Você já esteve em um orfanato? — Eu nem tinha considerado que memórias isso poderia trazer para Kenna, dada sua história.

Ela olhou pela janela em direção ao oceano enquanto dirigíamos. — Uma semana. Foi mais do que eu gostaria de qualquer forma.

Minhas mãos apertaram o volante. — Pais adotivos ruins?

— Não é ruim. Apenas... exaustivo. Muitas crianças em uma casa. E eu estava apavorada com o que iria acontecer comigo.

— Mas Harriet pegou você.

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios. — Sim. Eu viveria aquela semana mais cem vezes se isso significasse que acabaria com ela.

— Vocês duas eram boas uma para a outra.

Seu sorriso se alargou, era aquele desprotegido que eu tão raramente tinha, que cada parte de mim ansiava. — Éramos, não é?

Eu parei na garagem de uma casa que parecia um pouco velha, mas não muito ruim. Zoe estava sentada no degrau da frente com sua mochila

nova, a sra. Calhoun em uma cadeira de balanço atrás dela com um bebê no colo.

A mão de Kenna se esticou e agarrou minha coxa enquanto eu estacionava minha caminhonete. — Essa é Zoe?

— Sim. Ela vai te amar.

Kenna soltou um suspiro. — Vamos tornar o dia de hoje realmente divertido para ela.

Um sorriso se espalhou pelo meu rosto. — Isso nós podemos fazer.

* * *

Kenna não tinha absolutamente nenhum motivo para se preocupar, ela e Zoe se tornaram amigas instantaneamente em cerca de dois minutos. Quando chegamos ao aquário, eu era simplesmente um acompanhante em sua aventura. Elas conversaram sem parar. Quando encerramos nossa excursão matinal e fomos almoçar, senti como se tivesse ganhado mais com as duas nessas poucas horas do que em todo o tempo em que as conheci.

— Você sabia que o Oceano Pacífico tem mais de dez mil metros de profundidade em seu ponto mais profundo? — Zoe tinha falado de fatos aleatórios durante toda a manhã.

Kenna ergueu os olhos do menu. — Isso é muito louco.

— Eu não gostaria de ir tão fundo na água. — Zoe estremeceu exageradamente.

— Eu também, — respondeu Kenna. — Vou ficar firme na superfície, muito obrigada.

Zoe sorriu. — Eu vou ficar na praia.

— Eu gosto muito de nadar.

Zoe olhou para baixo, ficando incrivelmente interessada em estudar suas mãos.

— O que é isso, Zo? — A voz de Kenna era gentil, mas não infantil. Ela tinha alcançado aquele equilíbrio perfeito com Zoe o dia todo, interessada e envolvente, mas não agressiva. Era como se ela tivesse esse sexto sentido para quando avançar e quando dar à menina seu espaço.

— Eu não sei nadar. — Zoe murmurou as palavras que quase não foram ouvidas.

Kenna agarrou meu joelho por baixo da mesa, e eu sabia que ela estava pensando a mesma coisa que eu. Vivíamos em uma cadeia de ilhas. Como sua mãe não a colocou nas aulas de natação? Eles davam de graça pelo sistema escolar porque era incrivelmente perigoso morar onde morávamos e não saber nadar. As crianças podem ter muitos problemas quando brincam dentro e perto da água com tanta frequência.

— Você gostaria de aprender?

A cabeça de Zoe levantou com a pergunta de Kenna. — Você poderia me ensinar?

Os lábios de Kenna se curvaram. — Eu adoraria te ensinar. Podemos começar no próximo fim de semana, se você quiser.

Uma sombra passou pela expressão de Zoe. — Eu tenho que perguntar à Sra. Calhoun, mas eu realmente quero.

Entrelacei meus dedos com os de Kenna por baixo da mesa. Ela deu um pequeno puxão de surpresa, mas depois relaxou o contato. Eu dei um aperto de mão em agradecimento. — Vamos descobrir uma maneira de fazer isso acontecer.

Os olhos de Zoe ficaram vermelhos. — Obrigada por serem tão legais comigo pessoal.

Kenna apertou minha mão com ainda mais força. — Obrigada por sair com dois velhos idiotas.

Eu me virei para Kenna fingindo indignação. — Ei! Fale por você mesma. Eu sou jovem e descolado. Certo, Zoe?

Ela deu uma risadinha. — Você é muito legal... para um cara velho.

Eu coloquei a mão sobre meu peito. — Vocês duas me machucam. Tiros direto no coração.

Nossa garçonete se aproximou da mesa. — De volta, Crosby? Mas você trouxe uma bela companhia desta vez.

— O que posso dizer? Hoje sou um homem de sorte, Susie.

Ela deu uma risadinha. — Vocês sabem o que querem?

— O Burger Barn tem os melhores hambúrgueres de todas as ilhas, então todos temos que comprar hambúrgueres, não saladas. — Eu olhei Kenna para provar meu ponto.

Ela revirou os olhos. — Nem sonharia em conseguir nada diferente. Posso pedir *cheeseburger* com cebola caramelizada?

— Claro, querida.

Kenna olhou para Zoe. — Quer dividir um *milk-shake*?

Zoe concordou. — Você gosta de morango?

— Acontece que é um dos meus favoritos.

Uma sensação estranha invadiu meu peito, um calor que se infiltrou em cada canto. Kenna raramente comia assim, mas estava tentando se

certificar de que Zoe pedisse muita comida e que ela tivesse o que queria do menu.

Zoe olhou para Susie. — Posso comer um hambúrguer sem tomate, por favor?

— Claro, doce. — Susie se virou para mim. — Já sei o que você quer, mas e para beber? Guinness ou Coca?

— *Coca-Cola* por favor. Obrigado, Susie.

— Já está saindo.

Zoe brincou com o canudo em sua água, olhando para trás e para frente entre Kenna e eu. — Vocês são namorado e namorada?

Kenna acabara de tomar um gole de água e imediatamente começou a engasgar. Eu dei um tapinha nas costas de Kenna. — Vou tentar não levar essa reação para o lado pessoal, Olhos Castanhos. — Eu me virei para sorrir para Zoe. — Não, somos apenas amigos.

— Você deveria convidá-la para sair, Crosby. Ela é bonita e legal. Você nem sempre consegue os dois em uma pessoa.

A pura verdade. Kenna era deslumbrante, mas foi a beleza que ela escondeu, o coração que se preocupou tão profundamente, que roubou meu fôlego. — Eu acho que você está certa, Zo. — Eu me virei para encarar Kenna. — O que você diz? Posso te levar para passear na cidade?

O olhar que Kenna me lançou falava de uma morte lenta e dolorosa. — Claro, — ela rangeu para fora.

Zoe soltou um pequeno grito. — Temos que escolher o lugar perfeito para você ir. Tem que ser romântico e lindo e - e - eu realmente não sei o que mais. Mas especial.

— Que tal *The Cove*? Isso é muito romântico.

Kenna endureceu ao meu lado. — Qualquer lugar, menos *The Cove*. Ou paraquedismo.

Eu sorri, mas foi forçado. Kenna estava com medo de encontrar Grant lá. Merda. Eu precisava que ele fosse embora de *Anchor*. Agora. — Você está certa, *The Cov*e é muito sufocante. Vou pensar no lugar perfeito para levar você.

Só esperava que ela não me matasse quando chegássemos lá.

19

Kenna

— Você vai me jogar ao mar se eu te abraçar nesse encontro?

Eu olhei para longe da vigília a balsa estava indo e vindo na direção de Crosby. — Venha um pouco mais perto e descubra.

Os olhos de Crosby pareceram piscar quando ele deu um passo à frente, envolvendo um braço em volta da minha cintura e me puxando para ele. Ele correu seus lábios levemente pelo meu pescoço até alcançar a minha orelha. — Seria realmente tão ruim passar uma noite comigo?

Não seria. E esse era o problema. Eu lutei para manter minha respiração sob controle enquanto minhas terminações nervosas ganhavam vida. Não era como se eu fosse celibatária desde que Grant e eu terminamos. Eu tive encontros, relacionamentos. Mas havia algo sobre o toque desse homem que sempre parecia me trazer à vida. — Depende do que faremos.

— Posso pensar em uma ou duas coisas para nos manter ocupados.

Ele deu uma mordida brincalhona no lóbulo da minha orelha e eu respondi com uma cotovelada no estômago. — Não me morda.

A inclinação travessa de seus lábios fez meu estômago saltar.

— Você gosta quando eu dou pequenas mordidinhas.

— Não em público. — Olhei em volta, mas ninguém parecia estar prestando atenção em nós.

Crosby me soltou e ergueu as duas mãos. Eu senti a perda dele instantaneamente. Seu calor, a força vital que parecia vibrar por ele,

espalhando-se no ar ao seu redor. Em mim. — Eu prometo… — O telefone de Crosby começou a tocar. Ele enfiou a mão no bolso de trás e puxou o celular. Tomando um momento para estudar a tela, ele fez uma careta e a silenciou.

— O que é isso?

— Nada. — Ele o enfiou de volta em sua calça jeans. — Agora, onde estávamos? Ah sim. Posso provar sua pele em particular, mas não em público.

A admissão não deveria ter queimado, mas aconteceu. Não tinha compartilhado tudo com Crosby, nem mesmo perto, mas tinha compartilhado pedaços. Mais do que me sentia segura. Seu telefone começou a tocar novamente. Ele murmurou uma maldição, repetindo os mesmos passos de antes. Desta vez, entretanto, ele girou o botão na lateral para colocá-lo no modo silencioso. O homem despreocupado de dois minutos atrás havia sumido.

— Quem era?

Crosby ergueu os olhos, sacudindo levemente a cabeça. — Ninguém importante.

Eu simplesmente encontrei seu olhar. — Se a quantidade de tensão que acabou de passar por seus ombros é alguma pista, *era* alguém importante. — Crosby interrompeu nosso olhar e olhou para o oceano, para *Shelter Island* ficando menor à distância. — Você não precisa ter as duas coisas, Crosby.

Ele lançou um olhar rápido em minha direção. — O que você quer dizer?

— Você não pode cutucar e cutucar e querer saber coisas sobre minha vida e depois não responder a uma pergunta simples como quem está ligando para o seu telefone.

Um músculo em sua bochecha pulsou. — Ponto justo.

Eu agarrei a grade, inclinando-me contra o vento. — Você pode escolher como isso vai se desenrolar. Ou falamos ou não. Podemos manter o físico e deixar o resto para trás. — Isso é o que eu deveria ter desejado. Para obter o barato do sexo com Crosby sem a complicação de ele saber coisas que eu não queria divulgar. Mas, de alguma forma, a ideia me deixou incrivelmente triste.

Os olhos de Crosby brilharam com um calor que parecia quase fazê-los brilhar. — Cutucar você é muito divertido para deixar *pra* lá. Você é a mulher mais fascinante que conheço. Talvez que nunca conheci. — Ele suspirou, esfregando a nuca ao longo de seu maxilar. — Era minha *ex-noiva*.

Meu corpo deu uma sacudida rápida. Crosby estava noivo. Não combinava com o homem que eu pensei que ele fosse. Ele era muito imprudente, nunca pensava no futuro, vivia apenas no momento. Mas eu percebi nos últimos dias que o que eu realmente sabia sobre Crosby caberia no meu dedo mindinho. — Você sabe por que ela está ligando?

Crosby voltou seu olhar para o oceano. — Meu amigo mais próximo, aquele com quem ela me traiu, a deixou. Ela espera que eu volte rastejando.

Soltei um assobio baixo. — Você a quer de volta?

— Prefiro decolar da parte de trás deste barco e apontar para as hélices.

Agora havia uma sugestão do Crosby que eu conhecia. — Ela não está aceitando muito bem um “não”?

— Acho que ela nunca ouviu essa palavra antes.

Minha boca se curvou. — Talvez devêssemos armar para ela e Grant, eles parecem ter isso em comum.

Crosby se virou para mim. — Ele te traiu?

— Sim. — Assim que se espalhou a notícia de que Grant e eu terminamos, a adorável Lacey Hotchkiss compartilhou que eles estavam dormindo juntos desde o nono ano. Eu sabia que havia outras, mas o fato de ele ter sido íntimo de alguém que tinha sido tão cruel comigo foi quase mais do que eu poderia suportar. Mas as coisas só pioraram a partir daí. — Eu realmente não consigo me preocupar com a traição. Mas ele foi meu primeiro amor - o que eu pensei que era amor, pelo menos. Esses relacionamentos sempre carregam sua própria marca especial de cicatrizes. — Os meus eram apenas mais profundos e mais feios do que a maioria.

— Acho que Alicia foi meu primeiro amor. Nós nos conhecemos quando eu estava na faculdade de direito em uma festa de gala de caridade. Essa deveria ter sido minha primeira pista para correr para as colinas. Mas ela era linda, charmosa, frágil. Eu gostava de ser aquele em quem ela se apoiava. Mas nunca fui o suficiente do que ela precisava.

— E o que era isso?

— Dinheiro, sucesso, poder. Essas foram suas drogas de escolha. Ela tem essa necessidade patológica de estar no topo da cadeia alimentar. Só não vi até que fosse tarde demais. Você já teve uma daqueles momentos em que muda completamente a maneira como você vê o mundo?

— Eu tive dois deles. — Quando Grant me deixou. E quando perdi minha garota. Achei que nunca teria sofrido mais do que quando Grant foi embora sem nenhuma preocupação no mundo. Mas o Universo tinha uma maneira engraçada de mostrar o que era importante. Eu nunca soube o que era a verdadeira dor até o dia em que perdi minha filha.

— Eu sinto muito. — Crosby chegou perto sem que eu percebesse, aquele calor vital penetrando ao seu redor. — Lamento que tantas pessoas tenham te decepcionado. Machucado você.

— Eu não estou. — Enfiei minhas mãos nos bolsos da lã de Crosby, trazendo-nos ainda mais perto. — Isso me mostrou o que era realmente importante na vida. Em quem eu realmente poderia confiar.

— É um preço alto a pagar por esses presentes.

Mas Crosby estava errado. Minha mãe sendo uma mãe péssima, desaparecendo e nunca se preocupando em mandar um cartão de aniversário, Grant partindo meu coração e cuspindo os pedaços... aquilo doeu, mas foi um tipo de dor que me ensinou. Eu estava grata por isso. Mas perder minha menina antes mesmo que ela tivesse a chance de respirar pela primeira vez? Nada custaria tanto quanto essa promessa não cumprida.

Essa vida roubada.

20

Crosby

O fim de semana continuou passando em minha mente. Nem mesmo um passeio na hora do almoço pela trilha mais difícil no Monte Orcas parecia limpar a imagem do rosto de Kenna da minha mente, seus olhos cheios de uma dor que eu só poderia descrever como profunda na alma.

Eu queria saber tudo. Cada pessoa e evento que colocaram aquela agonia ali. Mas Kenna só me daria até certo ponto. Tínhamos passado a noite de sábado enrolados em seus lençóis, mas então ela me chutou para a rua. Era como se ela tivesse esse relógio invisível de contagem regressiva quando chegasse a hora comigo, enquanto eu sempre queria mais. E não foi apenas mais tempo tocando sua pele, me perdendo em seu corpo. Eu queria Kenna em todo lugar e de qualquer maneira que pudesse tê-la.

O pensamento provocou uma coceira sob minha pele, aquela que queria dirigir de volta para a montanha e fazer o passeio novamente. A energia que parecia zumbir sob a superfície da minha pele, ficando nervoso com a ideia de querer mais com alguém. Minhas mãos apertaram o volante. A mulher era misteriosa, intrigante. Isso era tudo. Nós nos divertiríamos e depois deixávamos como amigos. Kenna não estava exatamente me dando sinais de que queria mais, bem o oposto, na verdade.

Sorri quando uma visão de Kenna surgiu em minha mente, o cabelo despenteado e com os olhos sonolentos, me dizendo que eu precisava sair para que ela pudesse ter as oito horas de que precisava. Ela se recusou até mesmo a sair da cama, me dizendo que havia uma chave reserva no armário perto da porta para que eu pudesse trancar. Eu fiz conforme as instruções, mas estava com a chave.

Meu telefone tocou nos alto-falantes da minha caminhonete. Eu me preparei para ver um número de Boston na tela, mas era Penny. — Ei, Pen.

— Que mensagem é essa que você me deixou? Você quer que eu remarque todos os seus compromissos da tarde?

Eu estremeci. — Desculpe, algo aconteceu. É importante.

Ouvi o som da cafeteira do escritório ao fundo. — Importante como você decidiu que precisava escalar o Monte Kilimanjaro, ou importante como alguém com problemas e você precisa ajudar?

Eu sorri para o para-brisa. — É mais parecido com o último, mas o Kilimanjaro não é uma má ideia. Talvez eu veja se consigo convencer a Ford a treinar para isso.

— Crosby McCoy, se você pensar em escalar uma montanha na qual as pessoas morreram, vou colocar sal no seu café por semanas.

— Tudo certo. Sem Kilimanjaro.

— Está tudo bem?

— Não tenho certeza. — Depois de passar a maior parte do sábado com Zoe, ainda estava preocupado com sua colocação em adoção. Algo não estava indo bem, e era hora de eu bisbilhotar um pouco. Eu tinha inventado uma desculpa para parar sem avisar, alguma papelada que eu precisava revisar com Zoe. Só esperava que minhas preocupações fossem infundadas. Ver e ouvir sobre o que há de pior nas pessoas às vezes me deixava muito desconfiado. Mas prefiro essa paranoia do que deixar uma criança ser magoada ou negligenciada.

— Certifique-se de que essa garota está bem.

— Estou fazendo o meu melhor.

— Você é um bom menino, Crosby.

Eu ri. Aparentemente, eu tinha oito anos aos olhos de Penny. — Tenho que ir saindo da balsa.

— Tudo certo. Ligue para verificar quando terminar.

— Vou fazer. — Desliguei e dirigi no fluxo de carros que desembarcava do navio. Lentamente, descemos a rampa e entramos na *Shelter Island*. Repassei mentalmente o que diria aos Calhouns quando chegasse. Lembrei-me de ser charmoso e não um idiota para que eles me concedessem acesso.

Eu dirigi por estradas de ilhas familiares antes de parar na frente da casa. Havia dois carros em casa desta vez. A perua e um caminhonete *pick-up*. Talvez eu também descubra como é o Sr. Calhoun.

Eu desci da minha caminhonete e caminhei até o pátio destruído e toquei a campainha. Eu podia ouvir uma TV estridente na porta. Eu esperei. Nada. Eu estava prestes a tocar a campainha uma segunda vez quando a porta se abriu e a Sra. Calhoun apareceu, com o bebê no colo e parecendo atormentada. — Sr. McCoy, o que você está fazendo aqui?

— Desculpe me intrometer, mas tenho alguns papéis para revisar com Zoe, e algumas coisas que preciso de sua opinião. Você tem alguns minutos?

A Sra. Calhoun olhou para trás em direção ao som da televisão. — Agora não é realmente um bom momento...

— Quem diabos está na porta, Meg? — Um homem cambaleou em direção ao pequeno saguão da casa. Suas roupas estavam amarrotadas e o cheiro de álcool me atingiu a um metro de distância.

— Este é o Sr. McCoy. Ele é o advogado de Zoe na *Alliance*. Ele precisa falar com ela.

O Sr. Calhoun zombou de mim. — O advogado elegante. Aquele que comprou para ela toda essa merda. Você sabe, agora nossos filhos de sangue querem saber por que eles não têm isso.

— Lamento ouvir isso, Sr. Calhoun. Mas eu realmente preciso falar com Zoe. — Minhas mãos se apertaram ao lado do corpo, os papéis em minha mão esquerda amassando.

— Ela não pode vir até a porta agora. É hora de estudar.

A menina tinha nove anos. Eu duvidava muito que ela tivesse horas de dever de casa. — Acho que vou ter que insistir.

O vermelho subiu pelo pescoço de Calhoun e atingiu seu rosto. — Esta é a minha casa. Você não pode exigir merda.

— Brian, — a Sra. Calhoun implorou.

— Cale-se Meg.

Peguei meu telefone. — Temo que vou ter que chamar o xerife. Você está embriagado e tenho motivos para me preocupar com o bem-estar de Zoe.

— Pelo amor de Deus, ela está no armário. Ela está bem. E acabei de tomar algumas cervejas depois do trabalho. É o direito do homem.

— Você disse que ela está no armário? — Meu sangue começou a esquentar e deixei os papéis que segurava caírem no chão. Eu precisava de ambas as mãos livres para o caso de isso piorar.

Brian avançou pelo corredor e abriu uma porta. Segui sem considerar se era ou não inteligente fazer isso. Tudo o que eu conseguia pensar era na doce Zoe, assustada e sozinha. A visão que eu encontrei fez com que

eu lutasse para manter a compostura. Zoe estava encolhida em um canto com uma lanterna e a mochila que eu dei a ela. Na parede oposta do pequeno armário havia um daqueles vasos sanitários para treinar as crianças a irem ao banheiro. Por quanto tempo eles a mantiveram aqui para que precisassem de um desses?

— Crosby? — A voz de Zoe tremeu e eu vi vermelho.

— Vamos, Zo. — Estendi a mão e a coloquei de pé. — Vamos.

Quando Brian se aproximou, praguejando e dizendo que queria seu dinheiro por cuidar de Zoe, eu a peguei, cobrindo uma orelha e pressionando a outra no meu ombro. Ela não precisava ouvir mais nada de seu ódio vomitado. Eu caminhei o mais rápido que pude sem correr. Colocando Zoe no lado do passageiro da minha caminhonete, eu coloquei o cinto de segurança e então corri para o lado do motorista para entrar.

Liguei o motor e imediatamente me dirigi para o escritório do xerife. — Você está bem, Zoe? Eles machucaram você?

— Não. Eles apenas me fazem ficar no armário depois da escola até a hora de dormir. Estou em apuros?

Meu coração se despedaçou com sua pergunta e o medo em sua voz. — Não, Zo. Você não fez nada errado. São os Calhouns que estão em apuros.

* * *

— Diga-me que aqueles idiotas estão indo embora.

O xerife Raines encontrou meu olhar, a firmeza de sua mandíbula. — Eu tenho dois policiais a caminho para buscá-los. Uma assistente social vai encontrá-los lá para tomar a custódia de seus filhos.

Os Calhouns não mereciam ter filhos sob seus cuidados, mesmo que não trancassem seus próprios filhos biológicos em um armário. Meu olhar foi para Zoe. Ela estava encolhida entre Callie e uma assistente social, comendo um lanche. — Eles tinham um daqueles banheiros para crianças naquele armário, Parker. Ela disse que a obrigaram a ficar lá depois da escola até a hora de dormir.

— Nós vamos conseguir justiça para Zoe.

— O que vamos conseguir é um lar adotivo que eu aprovo. Um que está de acordo com as verificações aleatórias sempre que diabos eu quiser e sempre que a assistente social quiser.

Assim que terminei meu discurso, a porta de vidro da sala do escritório do xerife se abriu e a assistente social saiu. Ela era jovem, muito jovem para saber o que deveria fazer. — Xerife, os Calhouns foram detidos?

Parker deu um passo à frente. — Estamos no processo agora, Harper.

— Algo que não teria sido necessário se você tivesse feito seu maldito trabalho, — acrescentei.

A mulher estremeceu. — Eu fiz duas verificações na casa desde que coloquei Zoe com os Calhouns. Nada nunca estava errado.

— Deixe-me adivinhar, visitas anunciadas.

— Não tinha motivos para acreditar que fosse necessário mais alguma coisa.

Eu zombei. — Nem todo mundo está vivendo em uma terra de conto de fadas, onde as pessoas são boas apenas porque afirmam ser.

Parker colocou a palma da mão no meu peito, me dando um pequeno empurrão. — Crosby, pare. Você está passando dos limites.

Eu reprimi uma maldição, passando minhas mãos pelo meu cabelo e puxando as pontas. — Sinto muito, mas você não a viu naquele armário.

— Não, mas acabei de ouvir tudo sobre isso. — As lágrimas brilharam nos olhos de Harper antes que ela rapidamente as enxugasse. — Farei o que puder para ter certeza de que ela está segura. Já arranjei uma colocação com um casal em quem confiaria minha vida.

— Vou pegar um telefone celular para ela. Você precisa ter certeza de que ela pode ter acesso a ele e que os pais adotivos não o levarão embora.

— Eu acho que é um ótimo lugar para começar a fazer Zoe se sentir segura. Ela gosta de você e de sua amiga Kenna. Ela falou um pouco sobre vocês dois. Ela confia em você.

Uma mistura de calor e dor encheu meu peito. Orgulho e terror. Eu faria o que fosse preciso para ter certeza de que essa menina estava segura. — Nós nos preocupamos com ela.

Harper assentiu. — Isso está muito claro. Ela tem sorte de ter vocês dois.

Meus ombros relaxaram um pouco. — Me desculpe, eu fui um idiota.

— Eufemismo, — Parker murmurou.

Harper me deu um pequeno sorriso. — Está tudo bem. Você é protetor. Zoe precisa de pessoas como você na vida dela.

Meu telefone zumbiu no meu bolso. Pegando-o, dei uma rápida olhada na tela. — Desculpe, eu preciso atender isso muito rápido.

— Vá em frente, — disse Harper. — Temos alguns minutos antes de eu precisar levar Zoe para os Wilsons.

Eu odiava a ideia de Zoe sendo arrastada para outro lar adotivo, mas não era como se eu pudesse levá-la. — Eu quero conhecê-los.

— Claro, você pode vir conosco se quiser, — Harper ofereceu.

Eu dei um aceno com o queixo e, em seguida, me afastei para atender meu telefone que ainda tocava. — Jones, o que foi?

Michael Jones era um escriturário no escritório. Tínhamos conhecido durante as escaladas e ele às vezes passava informações que ouvia nos corredores. — Tenho algo em que você pode estar interessado.

— O que é isso?

— Aquele advogado idiota, aquele de quem você roubou muitos clientes na Anchor?

Eu gemi. — Eu não os roubei. Eles me procuraram. Mas sim.

— Tanto faz, cara. De qualquer forma, ele estava conversando com um cara mauricinho, e eles estavam indo interpor algumas coisas. Contestando um testamento. — Meu corpo ficou rígido enquanto Jones continuava falando. — Eu ouvi um nome. Harriet Abbot. Essa é a doce velhinha que encontrava você para almoçar no tribunal às vezes, certo?

— É essa mesma. — Meus dentes cerraram-se. — Você sabe se eles entraram com o processo ou estavam apenas discutindo isso?

— Eu acho que eles vão contestar o testamento. Sinto muito, Crosby.

Murmurei uma ladainha de maldições que teriam feito Harriet me bater com certeza. — Não é sua culpa. Obrigado pelo aviso.

— A qualquer momento. Ei, você quer ir ao Black Rock neste fim de semana? Fazer alguma escalada?

— Depende do que está prestes a explodir na minha cara.

— Espero sua ligação. Deixe-me saber o que você decidir.

— Ok. — Apertei o botão *encerrar* na tela e voltei para Harper e Parker, que estavam conversando profundamente. — Você acha que podemos ir encontrar os Wilsons agora? Quero ter certeza de que Zoe está confortável lá. — Eu não a deixaria se ela não estivesse, mas eu precisava chegar até Kenna também. Isso não era exatamente algo que eu poderia dizer a ela em uma mensagem. Se Ben Hotchkiss estava trabalhando com os Abbots, eles não iriam se conter.

E os piores medos de Kenna podem se tornar realidade.

21

Kenna

Eu ajustei meu short de *spandex* enquanto colocava meus pés nos chinelos, sorrindo enquanto caminhava. Como é que sair do trabalho às cinco horas, o fim legítimo da jornada de trabalho, me fazia sentir uma rebelde? Chris me olhou feio enquanto eu saía com a maioria dos funcionários, mas, felizmente, ele manteve a boca fechada.

Eu precisava de um pouco daquela paz que consegui com Crosby na água. Eu não iria pedir a ele para ir comigo, isso seria completamente louco. Mas ele deixou meu *stand up paddle* no galpão do barco com os caiaques. Eu estava saindo para encontrar aquela maldita paz por mim. Porque Crosby não ficaria para sempre. O fascínio de tudo o que ele pensava ser tão intrigante sobre mim iria desaparecer, e eu teria que ficar bem sozinha. Como sempre.

Uma batida soou na minha porta e eu verifiquei meu relógio, me perguntando se Caelyn estava passando com as crianças. Talvez pudéssemos todos entrar na água. — Chegando. — Eu me dirigi para a porta, abrindo-a sem nem mesmo pensar em olhar pelo olho mágico primeiro.

Um homem com seus cinquenta e poucos anos estava diante de mim de calça e camisa polo. — Sra. Kenna Morgan?

— Sim, eu posso te ajudar? — Eu me senti repentinamente exposta. *The Gables* ficava longe de qualquer outra casa. Eu estava tão acostumada a ter Harriet e sua enfermeira por perto que não pensei muito sobre o como essa propriedade realmente era isolada. Se eu gritar, ninguém ouvirá um som.

O homem enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um pedaço de papel dobrado. — Você foi intimada. Você deve comparecer ao tribunal na data e hora indicadas nestes documentos. Se você não comparecer, pode haver um julgamento à revelia contra você. Tenha um bom dia.

Eu fiquei na minha porta aberta, incapaz de me mover. O papel, de um branco medíocre, parecia queimar meus dedos. Tive o desejo repentino de correr para o oceano com ele, de mergulhar minha mão na água e implorar para que a maré o levasse embora. Mas isso não importaria. Isso não mudaria nada sobre a realidade na minha frente.

Minhas mãos tremiam quando abri os papéis. As palavras ficaram confusas, mas pude ver o suficiente para entender a essência delas. Os Abbots contestavam a vontade de Harriet. Desafiando se ela estava de bom juízo quando fez as alterações. E se eles estivessem levando isso ao tribunal, eles fariam tudo ao seu alcance para vencer. Eles sempre fizeram.

Eu lentamente deslizei para o degrau da frente. Se não me sentasse, cairia. Encontrei a pedra com um solavanco que sacudiu minha espinha. Tudo que eu conseguia lembrar eram os papéis que recebi antes, os que exigiam um teste de paternidade, o que veio a seguir exigindo que eu calasse a boca. Uma parte sombria da minha mente se perguntou se o estresse de tudo isso, de tentar manter tudo sob controle em meio a meu coração partido e o ataque das demandas dos Abbots, tinham sido a razão de eu perder meu bebê.

Meu corpo tremia enquanto me lembrava da dor. Eu vi os lençóis ensanguentados em minha mente, senti o terror como se tudo estivesse acontecendo novamente. Eu não conseguia ver o caminho de cascalho, a grama que ficava além disso. Eu não conseguia sentir ou cheirar a brisa do mar. Eu estava de volta ao dormitório, na cama onde meu bebê acabava de ir.

— Olhos Castanhos.

A voz era familiar, mas tão distante, como se eu estivesse sob a água, e ele estava na superfície, chamando, tentando me encontrar.

— Kenna, você está me assustando *pra* caralho agora. Me responda.

Pisquei rapidamente, minha visão lentamente entrando em foco, o dormitório desaparecendo quando Crosby apareceu na minha frente.

— Aí está ela. — Sua testa pressionada contra a minha, e eu percebi que ele estava com seu terno de joelhos.

— Você vai estragar suas calças. — Havia um tom áspero na minha voz, como se eu não o tivesse usado há dias.

— Não dê a mínima para o meu terno. — Ele se afastou, segurando meu rosto, me estudando, me avaliando por danos. Haveria muito para ele catalogar se soubesse a verdade. — Você está bem?

— Na verdade não. — Entreguei-lhe os papéis. Demorou um segundo para meu braço obedecer ao comando do meu cérebro. Lento, quase como se estivesse drogado. Crosby soltou uma sequência de maldições. — Não acho que Harriet se importaria com essa linguagem. — Quase engasguei com o nome dela. Harriet. Eu não poderia decepcioná-la. Não podia deixar sua família gananciosa roubar *The Gables* e transformá-lo em algo que ela nunca desejaria, seja enchendo-o com seu ódio ou vendendo-o pelo lance mais alto.

Crosby deslizou a mão sob meu cabelo, apertando meu pescoço. — Eles não vão vencer.

Minha respiração engatou no meu peito enquanto eu empurrei o soluço. Até o lugar onde empurrei todas as outras emoções que tinham o potencial de me fazer quebrar. — Você não sabe disso. Eles não vão desistir. Não porque eles queiram especialmente *The Gables* ou porque precisem do dinheiro, mas porque não querem que eu o tenha. Eu

poderia perder minha casa, Crosby. O único lugar em que realmente me senti segura.

As palavras borbulharam antes que eu pudesse detê-las. Mas a verdade nelas era inegável. Eu dei tudo o que tinha para criar uma sensação de segurança para mim. Trabalhar mais duro do que pensei ser possível para voltar aos trilhos na faculdade, para me formar a tempo com o resto dos meus colegas. Eu consegui um bom emprego. Um que fosse estável e sempre me daria dinheiro suficiente para viver. Não corri riscos - ou não corria até essa coisa com Crosby. Eu fiz tudo que pude para me dar a vida que eu não tive enquanto crescia. Mas foi Harriet e este lugar que me deram mais. E agora, tudo isso poderia ser tirado.

Os polegares de Crosby acariciaram minhas bochechas enquanto ele segurava meu rosto. As pontas daqueles polegares estavam ásperas com calosidades, provavelmente devido a todos os seus muitos hobbies movidos a adrenalina. Mas a sensação deles era hipnótica, calmante de uma forma que não deveria ser possível, não por parte deste homem. — Você pode pensar que sou um preguiçoso, mas sou um advogado muito bom. Não vou deixar Clark e sua família levarem sua casa.

As palavras de Crosby arrancaram uma risada de mim. — Eu sei que você é um bom advogado. Provavelmente o melhor das ilhas. — Eu já tinha ouvido pessoas falando sobre Crosby antes, como ele os conquistou o que eles pensaram ser um caso perdido. Também ouvi que ele ajudava nos casos em que o cliente não conseguia pagar suas taxas normais. Deus, eu agarrei tão firmemente a minha visão deste homem, mesmo quando as evidências colocadas diante de mim apontavam claramente para uma imagem diferente, mais complexa. — Eu confio em você.

As palavras surpreenderam até a mim. Mas enquanto eu procurava dentro de mim, descobri que eram verdadeiras. Posso não ter baixado

completamente a guarda, mas confiei em Crosby para dar tudo de si para salvar minha casa, meu lugar seguro. — Eu confio.

Crosby se levantou, agarrando minhas mãos e me levantando com ele. — Vamos entrar. Vou fazer um chá para você.

— Você odeia chá.

— Eu não disse que iria beber. — Ele se moveu pela minha casa como se fosse sua, abrindo armários, tirando uma caneca e minha chaleira, indo em busca de saquinhos de chá.

Eu escorreguei para um dos três banquinhos no balcão e observei o homem se mover. Ele estava me cuidando. E algo sobre esse conhecimento fez com que o calor se espalhasse pelo meu peito. — Você sabe como lidar com uma chaleira.

Seus lábios se curvaram. — Uma das minhas babás, a que ficou lá por mais tempo, adorava chá. Eu sempre a observaria fazer isso.

— Seus pais não estavam muito por perto?

Crosby deu uma risadinha, mas havia um toque de amargura. — Raramente. Passei muito tempo com eles quando precisavam de um filho como acessório.

Saber disso queimou algo dentro de mim. Crosby e eu tínhamos mais em comum do que pensava. Não importava se uma criança tinha todos os brinquedos do mundo ou apenas três. Isso não mudou a dor de ser ignorado. — Sinto muito, Crosby.

Ele deu de ombros, tirando a chaleira do fogão no momento em que ela começou a assobiar. — Eu estava seguro, aquecido, cuidado. Há tantas crianças por aí que matariam por isso.

Ele estava certo, é claro, e era bom... saudável ter essa perspectiva. Mas isso não mudou o fato de que a ausência dos pais

machucava, não importando as circunstâncias. — É por isso que você ´´e voluntario na Alliance. Isso coloca as coisas em perspectiva para você.

Crosby despejou a água na xícara com facilidade, mergulhando o saquinho de chá três vezes antes de submergir totalmente na água. — É um bom lembrete, com certeza. Mas eu também queria usar minhas habilidades para o bem de uma vez.

Peguei a caneca de Crosby, colocando-a sobre o balcão. — O que você quer dizer?

Ele continuou a se mover pela minha cozinha com algum conhecimento misterioso de onde tudo era colocado, pegando um açucareiro, uma pequena colher e depois indo para a geladeira pegar o leite. — Por muito tempo depois da faculdade de direito, depois de conhecer Alicia, eu tive essa fome insaciável por mais. Mais dinheiro. Mais poder. Nada nunca era o suficiente. Eu culpei Alicia, e ter certeza de que a necessidade dela de estar no topo da lista - para eu estar no topo - não ajudou, mas desencadeou algo em mim. Nada nunca foi o suficiente. E os casos em que trabalhei... raramente fazia uma diferença positiva no mundo.

Crosby colocou o açúcar e o leite na minha frente. — Não me entenda mal, não é como se eu fosse um coração mole agora. Atendo todos os tipos de casos. Mas gosto que alguns deles mudem a vida das pessoas para melhor.

Coloquei um pouco de açúcar no meu chá. — Eu sei que você está tornando a vida de Zoe melhor. — Crosby se encolheu e eu me endireitei no banquinho, meus dedos apertando a alça da caneca. — O que há de acontecendo? Ela está bem?

O pomo de Adão de Crosby balançou enquanto ele engolia. — Ela vai ficar bem, mas foi retirada de seu lar adotivo.

— O que? Por quê?

Ele contornou o balcão e puxou o banquinho ao lado do meu, sentando nele. — Eu não tive o melhor sentimento sobre seus pais adotivos. O jeito que ela falava sobre eles simplesmente não parecia certo. Então, esta tarde, fiz uma visita surpresa. — Os nós dos dedos de Crosby ficaram brancos enquanto ele colocava as mãos na bancada. — Eles a tinham em um armário. Eles a fizeram ficar lá depois da escola até a hora de dormir, então ela não incomodava.

A raiva que acendeu em mim era brilhante e feroz. Levantei-me, quase derrubando meu banquinho antes que Crosby o pegasse. — Onde ela está? O que há de errado com os serviços sociais para que eles aprovassem pessoas com potencial para fazer algo assim?

Eu estava me movendo antes que Crosby pudesse responder, indo para o meu quarto. Abrindo uma gaveta na minha cômoda, peguei um par de jeans e um moletom. Eu nem pensei no fato de que a porta estava aberta, eu simplesmente tirei meu short de *spandex*, deixando-me com nada além de minha calcinha e camiseta de treino.

— Uau. Não que eu não ame o show, mas o que você está fazendo?

Virei-me para encarar Crosby, que se encostou na porta, seu olhar onde minha bunda estivera um segundo antes. — Você vai me levar para onde quer que Zoe esteja agora. Eu preciso ver ela. Quero ter certeza de que ela está bem.

Crosby veio até mim em três longas passadas, sua mão deslizando sob meu cabelo, puxando-o de forma que fui forçada a encontrar seu olhar. — Esse exterior feroz, está guardando o coração mais terno, não é?

O ar se contraiu em meus pulmões. — Eu me importo com ela.

— Eu sei que você faz. Amo que Zoe tem isso em você. Mas não podemos ir vê-la agora.

Eu saí de seu abraço. — Por que diabos não?

— A assistente social dela e eu acabamos acomoda-la antes de eu vir para cá. Este lugar... eu não tenho nada além de boas vibrações. Os pais são carinhosos, atenciosos, mas não pressionam. Eles estão fazendo tudo que podem para fazer Zoe se sentir segura. Você aparecendo, pronta para colocar fogo no mundo, só vai assustar a Zoe.

Respirei fundo para me acalmar. Crosby tinha razão. Mas o desespero agarrou minhas entranhas, uma necessidade de ver a Zoe, para ter certeza de que ela estava bem. — Você acha que eu poderia vê-la amanhã?

A expressão de Crosby se suavizou e ele puxou o telefone do bolso, digitando uma mensagem. Em alguns segundos, houve um *ding* que disse que houve uma resposta de retorno. — Os Wilson adorariam que nos juntássemos a eles amanhã no café da manhã. Podemos ver a Zoe antes que ela vá para a escola.

Meus ombros relaxaram um pouco. — OK.

Crosby se aproximou e eu deixei minha cabeça cair em seu peito. — Ela vai ficar bem. Vamos nos certificar disso. — Eu balancei a cabeça contra seu esterno. Crosby passou a mão pela minha espinha. — Você está bem?

— Sim. — O calor vital que irradiava de Crosby infiltrou-se em mim agora, aquecendo os lugares que eu nunca pensei que poderiam ser aquecidos novamente. Isso deveria ter me aterrorizado, mas eu só queria mais. Eu me pressionei mais perto dele, meus braços em volta de sua cintura.

As mãos de Crosby mergulharam mais abaixo, passando sobre a curva da minha bunda, enviando as mais deliciosas faíscas de sensação em minha pele. — Você precisa de mim?

— Sim. — Minha resposta saiu ofegante, mas não me importei nem um pouco. Estava além orgulho. Eu precisava me sentir viva novamente, esquecer as coisas ruins que estavam girando ao meu redor e me perder na sensação, no zumbido de energia que apenas Crosby poderia fornecer.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, Crosby caiu de joelhos. Minha cabeça foi para trás, a visão na minha frente tão atraente que meus músculos se contraíram. O topo da cabeça de Crosby, seu cabelo escuro brilhando, seus olhos focados apenas no meio das minhas coxas. Seu dedo deslizou sob a renda em meus quadris. — Eu gosto de você em renda. Talvez eu apenas tenha que manter isso como um lembrete desta foto. Tão linda. — Ele esfregou a ponta do nariz sobre a renda que cobria minha boceta. Eu não pude segurar meu suspiro.

— E você cheira tão bem. — Crosby puxou minha calcinha, movendo-se tão lentamente que queimei com cada passo de seus dedos pelas minhas coxas. Quando a renda caiu no chão, Crosby levantou uma das minhas pernas e depois a outra. Ele pegou a calcinha e a enfiou no bolso de trás. Eu abri minha boca para protestar, mas ele agarrou minhas coxas. — Eu preciso me lembrar desta hora.

Eu engoli, mas balancei a cabeça em assentimento. Crosby segurou meus quadris com firmeza, como se estivesse me segurando no lugar. Mas, por um momento, ele apenas olhou, absorvendo cada detalhe dessa parte mais íntima, aparentemente gravando-o em sua memória.

Uma mão se moveu, subindo dentro da minha coxa, enviando o mais agradável arrepio pela minha espinha. Seus dedos me separaram, um mergulhando dentro, apenas ligeiramente, pegando a umidade que se acumulava lá e espalhando-a. Ele explorou e provocou, não deixando nenhuma parte abandonada, exceto meu clitóris. — Amo a maneira como você se sente. A seda mais macia.

Soltei o que parecia quase um miado.

Crosby deu uma risadinha. — Você precisa de mais?

— Por favor. — Eu teria implorado naquele momento.

As mãos de Crosby se moveram, agarrando a parte de trás das minhas coxas e me puxando para ele. Minhas mãos saíram, agarrando seus ombros quando sua língua encontrou minha boceta. Esta não era uma exploração provocante. Este foi um ataque de fome. Sua língua foi direto ao meu clitóris, o único lugar tão desesperado por um toque, que me preocupei que um golpe me enviasse ao limite.

Uma mão deixou minha coxa. De repente, dois dedos me encheram assim que a ponta de sua língua sacudiu meu clitóris. Minhas pernas tremiam e eu tinha que me concentrar em me manter de pé. Meus dedos cravaram nos ombros de Crosby, um apelo silencioso por mais.

Crosby começou a acariciar em um movimento que o fez bater naquele ponto escondido dentro que me fez tremer mais violentamente. Minha respiração acelerou, meu coração martelando contra minhas costelas enquanto ele empurrava mais fundo.

Eu engasguei quando os lábios de Crosby cercaram meu clitóris, ficando duro enquanto seus dedos acariciavam mais rápido, enrolando apenas para a direita. Era tudo que eu podia suportar. O mundo parecia desmoronar. O sangue rugiu em meus ouvidos. Mas não pude fazer nada além de *sentir.* Tudo ficou em silêncio. Ainda. Era meu próprio universo de sensações.

E nunca quis que acabasse.

22

Crosby

Assistir Kenna endireitar o cabelo era hipnótico. As carícias suaves para baixo, o movimento de seu pulso delicado. Eu ainda odiava. Era como se ela estivesse escondendo alguma parte de si mesma. E o que ela escondeu foi a parte dela que me chamou em algum nível primitivo.

— Por que você faz isso com seu cabelo?

Os lábios de Kenna se estreitaram. Ela tinha uma pequena penteadeira delicada em seu quarto, e eu tinha uma visão perfeita de seu reflexo do meu lugar em sua cama. Ela me deixou passar a noite esta vez. Bem, não *deixou,* uma vez que quase entrou em colapso após festividades da noite passada, e ela desmaiou antes que pudesse pronunciar as palavras — *saia.* — Mas eu ainda estava vendo isso como uma vitória.

Ela moveu a prancha de cabelo sobre outra seção de suas mechas — Eu te disse, eu gosto assim. É mais fácil lidar com isso.

Mais como se fosse mais fácil de controlar. Para caber naquela caixinha bonita na qual ela estava determinada a se moldar. Mas Kenna não podia ser contida por regras ou limites rígidos. Ela só não tinha visto o presente que era. Que sua força, seu fogo, sua empatia, não eram coisas para esconder. Eles eram as coisas mais lindas dela. — Um dia, vou fazer você balançar os cachos.

— Não prenda a respiração. — Ela abaixou prancha para baixo, desligando-a e depois passando para a maquiagem.

— Quando foi a última vez que você usou solto?

Uma sombra passou por seus olhos, um sinal de que ela estava se fechando. — Eu não sei. Provavelmente quando eu estava doente ou algo assim.

Havia um tom na voz de Kenna quando ela mentia, um tom ligeiramente mais alto que a delatou. Por que ela mentiu sobre isso, eu não tinha ideia. Eu fiquei tenso. — Grant gostava cacheados ou algo assim?

A mão de Kenna, segurando um pincel de maquiagem, congelou a meio caminho de seu rosto. — Não. Ele gostava liso. Por que importa o que ele gostava ou não?

— Não importa. Eu só... estava tentando descobrir aquela sombra que está em seus olhos às vezes.

Seus movimentos eram rígidos enquanto ela continuava a aplicar sombra nos olhos. — Apenas recolhendo. Você sabe melhor do que ninguém que nem todas as minhas memórias são as melhores.

Mas eu queria saber ainda mais. Isso era mentira. Eu queria saber tudo. No entanto, parecia que eu estava caminhando em um campo minado. Um passo errado e eu explodiria nós dois em pedacinhos. Nunca nos recuperaríamos.

Eu me levantei da cama, balançando minhas pernas para o lado. — Eu gostaria de ouvir mais sobre isso.

Uma batalha travada sob a superfície de sua pele como se houvesse duas metades dela - uma que não queria nada mais do que desabafar, e a outra segurando com força cada segredo que ela já havia trancado. — OK.

Não era a coisa que ela guardava tão ferozmente, mas também não era uma negação. — Essa solicitação não tem data de validade.

— Obrigada.

Eu poderia ter dado uma desculpa para ela. Disse que não havia pressão. Mas isso seria mentira. Eu queria seus segredos porque parecia errado ter pedaços dela escondidos de mim, especialmente se isso lhe causasse dor. Eu conhecia cada centímetro de seu corpo, mas isso não era suficiente. Eu queria cada centímetro de sua alma também. O pensamento me fez recuar. O que diabos estava acontecendo comigo? Kenna queria a cerca branca e um homem estável e previsível em sua vida. Eu não era isso. Mas talvez por trás de tudo, Kenna não precisava disso. Eu apenas teria que encontrar uma maneira de fazê-la aceitar. Que pode ser tão difícil quanto fazê-la abrir aquele cofre que ela trancou com tanta força.

* * *

— Kenna!

Zoe voou em Kenna com uma velocidade que eu temia que fosse derrubá-la, mas eu não deveria subestimar a força da minha garota. Kenna ergueu a menina nos braços com uma facilidade que era linda de se ver. — Senti sua falta, doce menina.

Zoe abaixou a cabeça. — Senti sua falta também. Estou feliz que Crosby trouxe você.

Kenna riu, colocando a Zoe no chão. — Me trouxe? Eu o persegui para me trazer aqui ontem à noite, mas ele me fez esperar até esta manhã.

— Você fez?

— Pergunte a ele. Eu estava super irritada.

Zoe sorriu para mim. — Ela estava irritada?

— Pior.

Zoe deu uma risadinha e Kenna deu um puxão em uma de suas tranças. — Como você está indo?

Zoe enrolou os lábios antes de responder. — Eu gosto muito mais daqui. — Ela baixou a voz para um sussurro. — Sr. e a Sra. Wilson são muito mais legais, e eu tenho um quarto inteiro só para mim. Eu não tenho que compartilhar com ninguém. E Daniel não é mau, ele até me deixou jogar Xbox com ele.

— Daniel é filho do Sr. e da Sra. Wilson, — expliquei a Kenna.

— Estou tão feliz em ouvir isso. — Kenna envolveu Zoe em outro abraço rápido.

— Desculpe— Ingrid Wilson voltou apressada para a sala de estar. — Cinco ou quatorze anos, sempre há algo que o menino perdeu. Desta vez, foi seu dever de matemática. Acha que o professor vai acreditar que Loki comeu?

Um enorme sorriso se espalhou pelo rosto de Zoe. — Loki é o furão de Daniel. Brincamos com ele ontem à noite, e ele é muito legal. — Ela olhou para Ingrid. — Mas eu não acho que ele comeria um monte de papel.

Ingrid deu uma risadinha. — Achei que seria difícil tentar. — Ela voltou sua atenção para Kenna e eu. — Por favor, venha para a cozinha. Não sou a melhor cozinheira, meu marido é mais o chef por aqui, mas dominei a arte de fazer *waffles* de torradeira e cortar frutas.

Kenna estudou Ingrid cuidadosamente. Se a mulher de meia-idade poderia dizer que ela estava sob o microscópio, ela não parecia muito incomodada com isso. Mas, novamente, ela e seu marido haviam suportado no dia anterior.

Nós nos acomodamos na mesa da cozinha grande e gasta que tinha cadeiras suficientes para oito pessoas sentadas. Os arranhões na superfície falavam de muitas refeições feitas neste local, e ninguém muito preocupado com um amassado aqui ou ali. Ingrid colocou uma travessa grande de waffles, uma tigela de frutas vermelhas e um pouco de chantilly na mesa.

Comecei a servir um copo de suco de laranja para Zoe. — Isso parece incrível.

Zoe acenou com a cabeça, um olhar de admiração em seu rosto que me fez amaldiçoar a mãe da menina e seus pais adotivos anteriores.

Kenna pigarreou. — Obrigada por nos deixar vir antes da escola. Eu sei que foi de última hora.

Ingrid deu um sorriso gentil para Kenna. — Eu entendo completamente. Estou feliz que Zoe tem dois protetores tão carinhosos ao seu lado. Como eu disse a Crosby, você pode vir a qualquer hora. E eu vou te dar meu número de celular. Você pode me enviar uma mensagem se quiser fazer o check-in.

Os ombros de Kenna relaxaram um pouco, e eu sabia que Ingrid a estava conquistando da mesma forma que me conquistou. Eram pessoas boas e atenciosas, que trabalharam com o sistema de adoção por todos os motivos certos. — Obrigada. Isso seria maravilhoso. E se você e seu marido precisarem de um encontro noturno, eu ficaria feliz em ser babá.

Ingrid riu enquanto se sentava. — Cuidado com o que você oferece. Podemos estar ligando mais do que você gostaria.

— Nojento, mãe, — Daniel murmurou enquanto colocava *berries* em seu *waffle*.

Ela bagunçou seu cabelo. — Você está saindo com algumas garotas hoje em dia.

— Isso não significa que eu quero ouvir sobre você e papai saindo.

Ingrid revirou os olhos para o céu. — Você deveria ouvi-lo quando nos beijamos.

Daniel fez um barulho de engasgo e o resto da mesa caiu na risada.

O resto do café da manhã passou em um borrão de Ingrid e Daniel compartilhando histórias engraçadas sobre sua família. Zoe estava quieta como se ela não confiasse totalmente que este lugar fosse tão bom quanto parecia, mas eu sabia que ela iria se acalmar aqui com o tempo.

Ingrid se levantou da mesa. — Zoe, vamos pegar sua mochila e ter certeza de que você tem tudo que precisa para a escola. Daniel, você vai limpar a mesa?

— Nós vamos ajudar, — Kenna imediatamente ofereceu.

— Obrigada. — Ingrid conduziu Zoe de volta ao seu novo quarto.

Kenna e eu começamos a juntar xícaras e pratos enquanto Daniel levava a travessa para o balcão. Ele se virou e parou para nos observar. — Eles são bons pais. — Eu acalmei, Kenna ficando imóvel ao meu lado. — Eu os ouvi conversando ontem à noite. Eles disseram que Zoe estava em um lar adotivo ruim.

As bochechas de Daniel ficaram vermelhas. — Eu não deveria estar bisbilhotando, mas eu queria saber o que aconteceu com ela. Meus pais são boas pessoas. Eu estive em cinco casas diferentes antes de vir para cá. Muitos deles eram realmente uma merda. E eu era um idiota quando cheguei aqui, mas mamãe e papai... eles nunca desistiram de mim, não importa o que eu fizesse. E então, depois de um ano, eles perguntaram como eu me sentiria por me juntar à família deles para sempre.

A mão de Kenna deslizou na minha, e apertando-a com forca. Daniel engoliu em seco, seus olhos brilhando com a ameaça de lágrimas. — Foi a melhor coisa que já me aconteceu.

Eu limpei minha garganta. — Obrigado por nos contar. Vamos ficar tranquilos sabendo que Zoe está em boas mãos.

Daniel lentou o queixo como alguém muito mais velho do que seus quatorze anos. — E eu vou cuidar dela.

Kenna soltou minha mão e foi até a pia com sua pilha de pratos. — Ela terá sorte de ter você.

Terminamos a limpeza e nos despedimos de Zoe, planejando vê-la em alguns dias. Ingrid e Kenna trocaram números de telefone e, para minha surpresa, abraços. Então nós partimos.

Olhei para Kenna enquanto esperávamos em uma fila de carros para voltar para a balsa. — Você se sente melhor?

Kenna se assustou como se estivesse em outro mundo. — O quê?

— Você se sente melhor sobre onde Zoe está?

Ela acenou com a cabeça, pressionando os lábios. — Muito. Ingrid é incrível. Eu só... não consigo parar de pensar em todas as crianças que estão em lares adotivos de baixa qualidade. Os realmente ruins, e mesmo aqueles que estão sobrecarregados.

Minha garota com o coração terno. Deus, eu adorava quando ela deixava brilhar. Quando ela me dava aqueles vislumbres de quem ela realmente era. — É por isso que existem organizações como a Alliance. Para garantir que essas crianças tenham voz no que acontece com elas. Talvez você deva pensar em se voluntariar lá. Eu sei que Callie sempre precisa de mais mãos.

Kenna acenou com a cabeça pensativa, mas não perdi as sombras que cintilaram em seus olhos. Algo a estava segurando, e isso estava ligado a dor de seu passado. Talvez fosse muito doloroso para ela, um lembrete do que ela passou deixando a casa de sua mãe e indo morar com Harriet. — É difícil para você ficar perto de Zoe?

Kenna estremeceu como se eu a tivesse golpeado. — Não, por que você perguntaria isso?

— Essas sombras, Olhos Castanhos. Elas saíram novamente. E comecei a pensar em tudo que você passou com sua mãe

Kenna fez um som de frustração baixo em sua garganta. — Se Harriet estivesse aqui agora, eu estaria tendo uma conversa muito dura sobre ela ser uma tagarela.

Meus lábios se contraíram. — Ela compartilhou muito pouco, mesmo com todos os meus estímulos.

O olhar de Kenna fixou em mim. — Você é um bastardo intrometido. Você sabe disso, certo?

Eu dei de ombros, meu sorriso se abrindo. Eu sempre serei um bastardo intrometido quando se tratava dela. Meu telefone zumbiu no porta-copos e eu o peguei, verificando a tela.

Mãe: *Você precisa retornar à ligação de Alicia. Não criei meu filho para ser tão rude. Ela está extremamente perturbada.*

Alicia sacou as armas grandes e ligou para minha mãe. Pena que as chantagens da minha mãe não funcionavam tão bem como antes. Deixei cair o telefone de volta no porta-copos com um baque.

— A *ex* de novo?

Eu balancei minha cabeça. — Pior. — Kenna arqueou uma sobrancelha em questão. — Minha mãe.

Ela soltou uma gargalhada. — É bom saber que alguém ainda pode colocar o temor de Deus em você.

— Você não tem ideia.

Kenna olhou para seu colo, sua risada sumindo. — Não falamos sobre o processo.

Eu não queria falar sobre isso porque não queria ver a dor e a preocupação no rosto de Kenna - o jeito que estava ganhando vida agora. Eu queria simplesmente tirar e lidar com isso sozinho. Mas era impossível. — O primeiro julgamento é na próxima semana.

Os dedos de Kenna se torceram em seu colo. — Normalmente é tão rápido?

— Não. O sistema geralmente se move em um ritmo de caracol.

— Então, Grant deve ter jogado sua luta por aí.

Um músculo em minha bochecha pulsou. Não deveria ser surpreendente que Grant tivesse encontrado uma maneira de pular as regras, mas eu ainda estava chocado com a rapidez com que ele conseguiu entrar no processo do tribunal. — Acho que esses relacionamentos são profundos, embora já tenham se ido há mais de uma década.

— Ou os *bolsos* deles são fundo, — ela murmurou.

— Você acha que eles tentariam subornar funcionários do tribunal?

Kenna olhou para mim, seu olhar cheio de uma mistura de dor e determinação. — Eu acho que eles fariam o que fosse preciso para conseguir o que querem.

23

Kenna

O tremor em meus dedos foi a única coisa que me denunciou. Aquele pequeno tremor enquanto eu alisava minhas mãos sobre a saia lápis cinza que eu usava. Todo o resto era uma mentira cuidadosamente elaborada que dizia que eu tinha tudo sob controle.

— Você está linda e profissional. Eu prometo. — Caelyn deu um pequeno puxão no meu cotovelo. — Precisamos ir.

Soltei uma respiração. Uma semana passou. Todos os dias, depois do trabalho, divido meu tempo entre visitar Zoe e dar a Crosby cada pedaço de informação que possa ser útil em sua luta contra os Abbots. Todas as noites, Crosby e eu acabávamos enrolados em meus lençóis e perdi a vontade de pedir que ele fosse embora. Sua presença, quando tanta coisa estava no ar, era calmante. A sensação de seu corpo envolto em mim era a única coisa que parecia me embalar para dormir.

— Kenna? — Bell acenou com a mão na frente do meu rosto. — Terra para Kenna?

— Desculpe, o quê?

Ela sorriu para Caelyn. — Eu disse que tive que lutar muito com Crosby para ser a única a levá-la ao tribunal.

Eu enrijeci enquanto observava minhas duas melhores amigas, que usavam sorrisos de gato que pegou o canário em seus rostos. — Ele provavelmente só queria repassar o que aconteceria hoje. — Apesar do tempo que Crosby e eu passamos juntos, não tínhamos falado abertamente sobre isso. E isso foi intencional. Eu não queria que ninguém tivesse uma ideia errada sobre o que estava acontecendo entre

nós. Mas mesmo enquanto pensava, algo dentro de mim se rebelava contra. Essa coisa entre nós... já estava se transformando em mais.

— Vocês dois têm passado muito tempo juntos, — Caelyn evitou.

Dei de ombros que pretendia parecer casual, mas foi forçado demais para ser convincente. — Estamos apenas saindo.

— Saindo, hein? — Bell tamborilou com os dedos nos lábios. — É assim que as crianças estão chamando hoje em dia?

Eu gemi. Eu deveria saber que nunca seria capaz de esconder algo assim dessas duas. — Eu posso tê-lo julgado um pouco mal.

As sobrancelhas de Bell ergueram-se. — É um inferno chamá-lo de advogado preguiçoso.

Eu estremeci como fui dura Crosby. Como eu estava errada. Ele não era nada como Grant, crescendo em privilégios e acreditando que o mundo devia tudo a ele simplesmente porque ele existia. Acreditando que não haveria consequências para suas ações. Crosby podia viver sua vida com seus próprios termos únicos, mas ele aparecia para aqueles que eram importantes para ele. Sempre.

— Ele é um bom homem.

As mãos de Caelyn voaram para sua boca. — *Porraa*! Você está dormindo com ele.

Minhas bochechas esquentaram e eu não pude encontrar o olhar de Caelyn. E isso foi tudo de que Bell precisava para confirmação. — Eu sabia! Pague, Caelyn.

Minha boca se abriu. — Você apostou que eu faria sexo com Crosby?

Bell balançou a cabeça. — Não, nós duas pensamos que vocês eventualmente parariam de se odiar. Apostamos que seria quando? Eu tinha para o final do ano.

Caelyn fez beicinho. — Achei que demoraria um pouco mais. Sua restrição é lendária. Droga, agora estou sem vinte dólares.

— Vocês duas são idiotas. Acho que é hora de colocar um anúncio para alguns novos amigos.

Bell e Caelyn pularam, me envolvendo em um dos abraços do grupo que não tínhamos tido por muito tempo. Soltei um gemido exagerado, mas realmente, eu adorei.

— Aguenta essa, docinho. Você está presa a nós. — Bell agarrou meu lado em um ponto especialmente sensível.

Caelyn me apertou ainda mais forte. — Apenas tente se livrar de nós.

— Eu sempre poderia entrar com uma ordem de restrição.

Bell se afastou ligeiramente. — Nah. Estou com o xerife Raines na palma da minha mão . Ele nunca deixaria passar.

Ouvi o barulho de alguém limpando garganta na porta e eu olhei para cima para ver Ford com um sorriso divertido no rosto. — Por mais adorável que seja, temos que ir se não quisermos nos atrasar. Acho que chegar atrasado quando você foi chamado para testemunhar não seria uma coisa boa.

Todo o calor que me encheu fugiu em um instante. Já era hora. Não havia como evitar Grant por muito tempo. Um pequeno arrepio percorreu meu corpo com a memória de sua raiva no estacionamento. Suas ameaças.

— Você é mais forte do que eles jamais serão, — Bell sussurrou em meu ouvido.

Caelyn deslizou sua mão na minha. — E você não está sozinha.

Pressionei meus lábios e acenei com a cabeça. — Vamos fazer isso.

Os passeios de carro e balsa pareciam durar uma eternidade. Nem mesmo a brisa do mar e a presença das pessoas em quem mais confiava pareciam me aliviar. Eu puxei um fio solto da minha saia enquanto saía do SUV de Ford, torcendo a linha com tanta firmeza que ela finalmente se soltou. Eu parei meus movimentos. *Não.* Eu não poderia dar nenhum sinal de que Grant ou esses procedimentos tiveram algum efeito sobre mim. Se eu desse isso aos Abbots, eles apenas pressionariam com mais força. E eu não daria a eles essa satisfação.

Eu respirei lenta e profundamente, imaginando o gelo deslizando em minhas veias enquanto eu fazia. Legal, calma, controlada. Eles não obteriam nenhuma reação de mim.

Bell veio ao meu lado. — Pronta?

— Estou pronta.

— Ela está com uma cara assustadora. Ela está definitivamente pronta, — Caelyn saltou.

Ford sorriu para nós três. — Eu não gostaria de mexer com você.

Minhas bochechas coçaram para sorrir, mas eu rapidamente afastei o sentimento. Eu olhei para o prédio de tijolos. Era curioso, com um aceno de cabeça para tempos do passado. Sempre achei que era lindo, mas agora, me apavorava. Eu não deixaria isso aparecer. Subi os degraus de pedra, um de cada vez, meus amigos ao meu lado. Avistei Crosby assim que entrei no corredor principal.

Ele veio até mim rapidamente, contornando as pessoas que esperavam para entrar em várias salas. Crosby agarrou meus braços e pude ver a guerra nele. Ele queria me beijar, mas sabia que era uma má ideia, dadas

as circunstâncias. Seu olhar percorreu meu rosto, fazendo uma revista. Ele fez uma careta. — Eu odeio a máscara de gelo.

Eu pisquei surpresa. Mas a *surpresa* nem deveria estar mais no meu vocabulário quando se tratava de Crosby. — Eu preciso disso. Eu tenho que bloqueá-lo.

A mão de Crosby escorregou para a parte inferior das minhas costas. — Entendi. Mas isso não significa que eu tenha que gostar. — O rosnado em suas palavras me fez lutar contra um sorriso. — Oh, é engraçado, é?

— Talvez um pouco. — Eu respirei fundo. — O que devo esperar? — Crosby havia pensado no que estava para acontecer mais de uma vez nos últimos dias, mas eu precisava ter certeza de que não haveria surpresas.

— O juiz ouvirá os argumentos iniciais de ambas as partes. Não há júris em casos de inventário, então será apenas o juiz que tomará a decisão.

Eu dei um pequeno aceno de cabeça. — O juiz que temos, o que você acha?

Crosby parou do lado de fora de um tribunal. — Ele é duro, mas justo. O juiz Moore está do lado conservador, então ele pode se inclinar a favor dos Abbots, mas não tolera dramas. Se Grant ou seu advogado o pressionarem ou agirem, ele os esbofeteará.

Eu silenciosamente desejei que Grant perdesse o controle. Não seria a primeira vez que ele teria um ataque quando não conseguisse o que queria. — OK. Você acha que eles vão me chamar para o depoimento?

Crosby esfregou a mão para cima e para baixo nas minhas costas, o calor e o conforto do movimento infiltrando-se em meus ossos. — Acho que não, mas nunca se sabe. Fique calma e diga a verdade.

Eu balancei a cabeça assim que as grandes portas de madeira para a sala do tribunal se abriram. Meu estômago embrulhou. Não havia sinal de ninguém do lado dos Abbots na sala, mas isso só aumentou a adrenalina que corria pelo meu sistema. Crosby me conduziu para frente, mantendo a mão na parte inferior das minhas costas. Ele acenou para que o resto da equipe e eu nos sentássemos em um banco atrás da pequena cerca que separava os espectadores dos advogados, do juiz e da outra equipe.

Ford, Bell e Caelyn sentaram na primeira fila, mas eu me descobri não querendo deixar o calor da presença de Crosby. Eu dei um aperto rápido em sua mão. — Boa sorte.

Ele piscou. — Você sabe que eu não preciso de sorte, querida.

Eu fiz uma careta para ele. — Não me chame assim. Eu tenho um nome. — Mas por dentro, eu estava lutando contra uma risada. O homem estava tentando me irritar para que eu me esquecesse de estar preocupada e encontrasse minha raiva.

— Tudo certo. Olhos Castanhos, é isso.

Eu balancei minha cabeça um pouco e me sentei ao lado de Caelyn, que imediatamente agarrou minha mão. Fiquei grata pelo apoio. Por não ficar sentada sozinha no tribunal. O som de sapatos no chão de ladrilhos me fez endireitar na cadeira.

Grant deu uma risada de escárnio ao passar com seu advogado. — Ela estará fora de *The Gables* muito rápido.

Caelyn agarrou minha mão com mais força com suas palavras. Eu mantive meu olhar focado diretamente na superfície, fingindo que não podia ouvi-lo ou vê-lo. Mas isso não parou a ansiedade que se enraizou no meu estômago. Crosby havia me avisado que o juiz poderia exigir que

eu deixasse minha casa enquanto o julgamento estivesse em andamento. Para onde iria se isso acontecesse, não fazia ideia.

— Tudo bem. — A voz de um oficial de justiça cortou os murmúrios na sala e levantei-me por instinto. Desta vez, eu não pude evitar quando meu olhar se desviou para o outro lado da sala, para a pessoa tentando tirar meu lugar seguro. Grant olhou direto para mim. Não consegui decifrar o que vi em sua expressão. Em parte, pena, provavelmente em parte desdém. Mas seja o que for, causou um arrepio na minha espinha.

Quando me afastei do olhar frio de Grant, avistei o advogado dos Abbots. Eu queria rir da natureza incestuosa de tudo isso. Ben Hotchkiss não era outro senão o pai de Lacey. Eu me perguntei se a peça secundária do meu namorado do colégio iria aparecer no tribunal. Talvez ela enfiasse suas garras em Grant, afinal.

Mudei meu foco para o juiz, um homem que parecia estar na casa dos cinquenta anos com cabelo grisalho. Seu olhar sustentava astúcia enquanto estudava as pessoas à sua frente. Eu só esperava que isso significasse que ele podia ver a verdade.

Os comentários iniciais vieram e se foram, e assim que Crosby e Ben Hotchkiss entraram nos detalhes do caso, comecei a perder parte do meu entendimento sobre o que eles estavam dizendo. A terminologia parecia uma linguagem totalmente diferente. Grant sentou-se à mesa com seu advogado, mas não falou nada, simplesmente sussurrou no ouvido de Ben.

— Tudo bem, — disse o juiz Moore. — Acho que já ouvi o suficiente por hoje. Sr. Hotchkiss, está pronto para prosseguir com o julgamento?

— Sim, meritíssimo. Queremos passar por esse processo o mais rápido possível.

O juiz acenou com a cabeça. — E você, Sr. McCoy?

— Estamos prontos, meritíssimo.

— Bom. Estou colocando você no processo na próxima semana. Algum argumento? — O juiz Moore ergueu o olhar para encontrar o de Crosby e Ben. Nenhum dos dois disse nada.

— Precisamos fazer uma moção para que Kenna seja removida de The Gables durante o julgamento e que a herança seja congelada.

Grant sussurrou as palavras para Hotchkiss, mas o juiz não perdeu nada. — Não fale fora de hora no meu tribunal.

Caelyn abafou uma risadinha ao meu lado, e eu apertei sua mão com força. Eu não queria a atenção do homem focada aqui. Mas foi exatamente o que aconteceu. O juiz Moore voltou os olhos para mim. — Senhorita Morgan, você está morando na casa de hóspedes, correto?

— Sim, meritíssimo. — Minha voz estava firme, embora minhas mãos tremessem.

— Está decido que a Sra. Morgan pode ficar na propriedade. Não haverá remoção de nenhum dos pertences da casa principal ou de qualquer um dos anexos. Se você precisar acessar a herança para quaisquer reparos ou pagamentos de seguro, eles terão que ser aprovados pelo tribunal.

O ar correu em meus pulmões quando dei a primeira respiração desde que o olhar do juiz se fixou em mim. — Obrigado, senhor.

Grant murmurou uma reclamação para Hotchkiss, mas foi baixo o suficiente para que o resto de nós não pudesse ouvir, e o juiz decidiu ignorar.

— O tribunal está encerrado. — O juiz Moore levantou-se e dirigiu-se à sua entrada privada.

Caelyn passou os braços em volta de mim em um abraço apertado. — Isso foi bom, certo? Quero dizer, teria sido melhor se ele tivesse chutado aqueles insetos gananciosos para a rua, mas pelo menos você não precisa encontrar um novo lugar para morar.

— É bom. — Eu olhei para Crosby, que se virou para nós. — Certo?

Ele acenou com a cabeça, sua expressão de advogado ainda no lugar. — É um bom começo.

Meus músculos relaxaram um pouco. — Vamos sair daqui. Preciso tentar chegar ao escritório esta tarde.

Bell estendeu a mão e agarrou meu ombro. — Você não ganhou uma tarde de folga?

Eu queria. Mas Chris já estava chateado por eu ter tirado uma folga esta manhã com menos de uma semana de antecedência. — Eu não posso. Muito para fazer. — Eu me levantei, virando-me para entrar no corredor, e parei quando fiquei cara a cara com Grant.

— Você está cometendo um erro, Kenna. Acho que poderia convencer meus pais a ainda dar um acordo se você assinar para desistir de The Gables. Você nunca foi estúpida. Você tem que saber que, se lutar contra isso, vai acabar sem nada.

Bell zombou e minha espinha se endireitou. — Eu nunca iria contra os desejos de Harriet para sua casa.

Os olhos de Grant se estreitaram. — Você quer dizer *minha* avó? A que você manipulou? Tentei evitar que isso ficasse feio, mas você nunca escuta. Você não está nos dando escolha.

— Cuidado com o que você diz, Grant. Você está perigosamente perto de fazer uma ameaça na frente de várias testemunhas. — A voz de Crosby tinha um tom que eu nunca tinha ouvido dele antes. Baixo, ameaçador, que tinha calafrios subindo na minha pele.

Grant olhou para Crosby. — Não é uma ameaça. É a verdade. Ela ficará arruinada quando minha família terminar com ela.

E assim, lembrei exatamente com quem estava lutando. Eu não tinha certeza se havia algo que eu pudesse fazer que me permitisse vencer essas pessoas.

24

Kenna

Meus braços cortam a água, minhas pernas ajudando a me impulsionar para frente. O frio chocante era exatamente o que eu precisava esta manhã, junto com o ardor em meus músculos. Eu me empurrei com mais força, invocando cada gota de força que tinha.

Quanto mais forte eu empurrava, mais silenciosa minha mente ficava. E eu precisava desesperadamente desse silêncio. As vozes circulando em meu cérebro estavam muito altas nos últimos dias. Cheio de avisos ameaçadores de Grant e memórias do passado. Eu precisava de uma pausa de tudo.

Quase uma semana havia se passado desde nosso primeiro encontro no tribunal, e Crosby deveria estar de volta na frente do juiz Moore no dia seguinte. Esse conhecimento me deu uma dose extra de energia ansiosa - apenas mais uma coisa para queimar com a minha natação. Não tínhamos ouvido uma palavra de Grant ou de qualquer outro membro da equipe Abbot, mas também tenho evitado qualquer lugar que Grant possa estar. Eu não precisava das memórias que o ver trouxe. E eu não precisava ser lembrada do pouco que toda a família pensava de mim, como eles poderiam afetar novamente a visão da comunidade sobre mim.

Com mais alguns golpes fortes, comecei a diminuir minha velocidade, em movimentos suaves. Virei de costas, observando o céu da manhã com suas nuvens tingidas de rosa claro. O arfar em meu peito diminuiu. Não importa o que acontecesse, ninguém poderia tirar a serenidade deste lugar de mim. Os Abbots poderiam levar minha casa, e isso destruiria algo dentro de mim se o fizessem, mas eu sobreviveria. E eu ainda teria

Anchor. Eles não podiam levar a água e as praias e a paz. Isso era algo que eu guardaria dentro de mim para sempre.

Eu virei de volta, deslizando em um nado de peito fácil de volta à costa. Ficando de pé, quando o ar bateu contra minha pele molhada me fez murmurar uma ladainha de maldições. Corri para minha pilha de roupas. Puxei uma toalha em volta do meu corpo e a outra em volta do meu cabelo. O frio em meus ossos, mesmo depois de um treino tão duro, me disse que meus dias nadando na enseada estavam contados.

Eu fiz uma careta, pensando em ter que enfrentar o ginásio durante os meses de inverno. Sempre me senti tão claustrofóbica. Prendi uma ponta da toalha na base da cabeça e congelei. Uma figura se encostou no grande pinheiro na beira do estacionamento. Mas desta vez, não era Crosby com seu sorriso malicioso, esperando por uma sessão de remo.

Eu não me movi por pelo menos uma contagem de trinta, mas ela também não. Engoli em seco, obrigando-me a me abaixar e pegar a bolsa que escondi entre minhas toalhas. Harriet ligou para ela quando eu estava no hospital, quando eles não tinham certeza se eu conseguiria. Mas ela não tinha vindo. Minha própria mãe não se incomodava, mesmo quando sua única filha estava morrendo.

A queimação sobre esses fatos deslizou pelo meu corpo como lava. Fui para o estacionamento, ignorando a mulher que podia muito bem ser uma estranha. Ela não merecia meu reconhecimento.

Uma nuvem de fumaça me atingiu quando passei. — O que? Nada de olá para sua mãe?

Eu continuei andando. Ela queria uma cena. É o que ela sempre quis. A visão de Janet aparecendo bêbada na minha escola um dia, gritando sobre como Harriet tinha me roubado dela e que ela me queria de volta dançou na minha cabeça. As crianças foram terrivelmente cruéis sobre isso. Bem, eles foram cruéis até que Bell socou um deles no

nariz. Então, eles se acalmaram. Todos, menos Lacey. Ela falou durante todo o ensino médio.

Tirei minhas chaves da bolsa e destravei minhas fechaduras. Uma mão agarrou meu cotovelo. Eu girei, me libertando. — Não me toque.

Os olhos de Janet se arregalaram um pouco antes de ela controlar suas feições e dar outra tragada no cigarro. — Eu só quero conversar. Você não tem que ser uma vadia.

— O que você quer?

Ela bateu no cigarro e deixou cair as cinzas na minha linda praia. Apenas sua presença era suficiente para poluí-lo, mas então ela teve que adicionar seus desagradáveis bastões de câncer à mistura. — Eu te disse, eu quero conversar. Para ver como você está.

Eu a observei com atenção. Janet Morgan nunca apareceu a menos que houvesse algo para ela. Ela era uma oportunista sem remorso desde que eu conseguia me lembrar. Uma luz ascendeu. — Quem te contou?

Janet colocou sua melhor máscara de inocência. — Me disse o quê?

— Corta essa merda. Quem te disse que Harriet me deixou a casa? — Ela ainda deve ter ouvidos na ilha. Eu poderia jurar que ela queimou todas os contatos que tinha em *Anchor*. Afinal, foi por isso que ela foi embora. Mas, aparentemente, alguém ainda estava disposto a alimentar suas informações.

Janet sorriu, mas tinha um tom desagradável. — Aquele garoto bonito com quem você namorou me chamou. O que você fez para estragar isso?

O gelo deslizou em minhas veias com suas palavras. Os jogos dos Abbots haviam começado. Foi apenas o primeiro tiro, e já parecia um golpe mortal. — Você precisa sair. Você não é bem-vinda aqui.

Seus lábios se estreitaram em uma linha dura. — Você quer que eu vá embora, vai custar. Você vai ter que me dar um pouco daquele dinheiro que aquela vadia arrogante te deixou.

— Não faça isso. — A única palavra foi um aviso. Eu aguentaria muita coisa, mas nunca essa mulher chamando Harriet de nomes feios.

— Eu quero vinte mil.

Não pude evitar, comecei a rir. — Você acha que eu tenho vinte mil por aí? Você é louca.

O olhar de Janet se estreitou em mim. — Vender um pouco daquela porcaria naquela casa monstruosa. Tenho certeza de que há bugigangas mais do que suficientes para me render meu dinheiro.

Esta era a mulher que me trouxe ao mundo. Alguém que pensava que o mundo devia algo a ela. Não, que o mundo devia *tudo a* ela. Deus me livre que ela realmente trabalhasse pelas coisas que deseja. — A casa, e seu conteúdo estão arquivados em processos agora. — Eu não desviei o olhar. — Mas mesmo que não fossem, eu nunca daria a você um centavo.

Janet deixou o cigarro cair no chão e pisou nele. — Parece que estou aqui para ficar, então. Pense em toda a diversão que teremos, Kenna. A festa está apenas começando.

25

Crosby

— Como você está se sentindo sobre amanhã?

Tomei um gole da minha Guinness antes de responder a Ford. — Estamos tão prontos quanto podemos estar. Você nunca sabe o que pessoas como os Abbots vão atirar em você.

O irmão de Ford, Hunter, deixou escapar um som que era uma mistura de zombaria e grunhido. — Eles sempre foram idiotas.

Eu senti como se houvesse uma grande parte da foto dos Abbots que eu não conseguia ver. Mais do que apenas Clark e Annabelle estarem infelizes por seu filho ter namorado Kenna. Mais do que toda a família amargurada por Harriet ter deixado *The Gables* para Kenna. Eu estava perdendo a minha peça do quebra-cabeça.

Ford encheu um copo à nossa frente. — Eles trataram Kenna como uma qualquer desde o momento em que a garota foi morar com Harriet.

Hunter girou uma batata frita entre os dedos. — Você quer dizer que os pais fizeram. Grant queria entrar em suas calças desde o momento em que os seios de Kenna cresceram.

Estendi a mão e dei um tapa na nuca dele. — Cuidado.

— O que? É verdade. O cara estava obcecado em ter a garota mais gostosa da nossa escola. Muito ruim depois que ele a pegou, ele a tratou como uma merda.

Eu me endireitei no meu banquinho, olhos fixos em Hunter. — O que você quer dizer?

Hunter colocou a batata frita na boca. — Ele a traiu. Repetidamente. Kenna sempre obedeceu às regras. Ela não se divertia, mal andava com ninguém além de Bell e Caelyn. Então, Grant praticamente tinha rédea solta nas festas.

Ford deslizou uma cerveja para um cliente alguns banquinhos do lado. — Eu não sabia disso.

— Você já tinha ido quando a festa dele ficou realmente fora de controle. Não era realmente minha cena, mas ouvi muito sobre isso.

Obriguei-me a liberar o aperto mortal que tinha em meu copo. — Kenna não sabia? E os amigos dela?

Hunter encolheu os ombros. — Na época, era principalmente boato. Acho que ela pensou que eram garotas com ciúmes inventando coisas.

Meu desejo de encontrar Grant Abbot e soca-lo estava aumentando a cada segundo. Claro, todos nós fizemos coisas estúpidas no colégio, mas traindo uma garota cuja confiança era tão frágil? Era cruel. — Ele é um idiota.

— Ele conseguiu tudo o que sempre quis na vida. Seria impossível para ele sair de outra maneira, — Hunter disse.

Mas Hunter estava errado. Eu tive quase tudo que eu sempre precisei ou quis, também. Além dos pais que realmente se importavam, de qualquer maneira. Mas imaginei que Grant estava no mesmo barco ali. Eu não usei as pessoas da maneira que ele fez. Não os esmaguei para conseguir o que eu queria. A riqueza como motivo de mau comportamento era apenas uma desculpa.

Ford começou a limpar o bar. — Os pais dele sempre faziam desaparecer as repercussões de seu mau comportamento.

Bem, isso foi algo que meus pais não fizeram. Quando eu estraguei tudo, tive que dançar conforme a música. — Isso pode fazer de uma criança um adolescente idiota e um jovem adulto, mas ele está com quase 30 anos agora. Culpar a mamãe e o papai por seu comportamento é apenas uma desculpa.

— Você tem razão, — concordou Ford.

O banquinho ao meu lado raspou no chão de cimento. — Parece que é meu dia de sorte. Três homens bonitos para me fazer companhia.

Eu me virei ao som da voz rouca. A mulher parecia estar na casa dos cinquenta, mas era difícil dizer com certeza. Seu cabelo estava tingido de um vermelho que não era natural, e a maquiagem endurecida em seu rosto apenas fazia suas rugas se destacarem mais. — Senhora.

— Por favor, não me chame de *senhora.* Isso é reservado para minha mãe. — Ela se aproximou mais e pude sentir o cheiro de álcool e fumaça de cigarro em seu hálito. Aparentemente, ela tinha começado cedo.

— Muito justo, — eu concordei. — Senhorita, é isso.

A mulher estendeu a mão com unhas vermelhas que combinavam com seu cabelo. — Eu sou Janet. Prazer em conhecê-lo…

— Crosby. Sou Crosby, e estes são Hunter e Ford. — Eu não queria ser escolhido por Janet, mas, ao mesmo tempo, me peguei lutando contra uma risada. Eu tive que admirar seu jogo destemido.

— Bem, pessoal. O que você acha de algumas fotos?

Ford ergueu as duas mãos. — Estou trabalhando.

Janet fez beicinho. — Desmancha prazeres. E vocês dois?

Hunter balançou a cabeça. — Eu tenho que estar em um local de trabalho às seis da manhã de amanhã.

— Desculpe, Srta. Janet, eu tenho um dia cedo também. Parece que você só vai ter que festejar para nós quatro.

Bell apareceu atrás do bar. — Mas você terá que fazer isso em outro lugar. Você não é bem-vinda aqui. Vá embora e não volte mais.

Fiquei instantaneamente em alerta ao ver a expressão de raiva no rosto de Bell, e Ford deu um passo para mais perto de sua noiva.

Janet deixou escapar um suspiro dramático. — Bem eu nunca.... Quem diabos você acha que...? — Ela congelou por um momento. — Isabelle Kipton?

Foi um sinal do progresso de Bell que ela não estremeceu com seu nome completo ou derramou uma cerveja na cabeça da mulher. — É Bell, e este é o meu bar. A melhor parte disso é que posso dizer quem fica e quem vai. *Você* nunca será bem-vinda aqui.

Janet ficou de pé. — Você sempre achou que era a melhor. E fez minha Kenna pensar que ela era a mesma coisa.

Eu enrijeci quando o nome de Kenna saiu da boca da mulher. *Sua Kenna?* Não. De jeito nenhum esta era a mãe de Kenna.

Ford passou um braço em volta de Bell enquanto Janet saía furiosamente do The Catch. — Seu bar, hein?

Ela sorriu para ele, mas a ação não soou totalmente verdadeira. Raiva e preocupação ainda tingiam sua expressão. — Você vai se casar comigo, não é? O que é seu é meu.

Hunter riu. — Cuidado, irmão. Você sai da linha e ela vai pegar tudo que você tem.

Bell deu um beijo no queixo de Ford. — E não se esqueça disso.

— *Essa* era a mãe de Kenna? — Minha mente ainda estava girando em torno de tudo o que tinha acontecido nos últimos cinco minutos. A mulher não se parecia em nada com Kenna e certamente não agia como ela. Meu interior azedou. Foi com isso que Kenna foi forçada a conviver durante os primeiros onze anos de sua vida.

Bell se endireitou. — Aquela mulher é muitas coisas, mas mãe não é uma delas.

Não pude contestar a avaliação. — Você sabia que ela estava de volta?

Bell balançou a cabeça, seus lábios pressionando juntos. — Eu me pergunto se Kenna sabe. — A última coisa que Kenna precisava era ser surpreendida pela mãe. Levantei-me, puxando minha carteira e jogando algumas notas para cobrir meu jantar e cerveja. Bell olhou meus movimentos. — Você vai vê-la?

— O que você acha?

Uma guerra de emoções cintilou no rosto de Bell, uma batalha entre esperança e medo e algumas outras coisas que passaram rápido demais para eu identificar. — Tenha cuidado com ela, Crosby. Ela parece forte, mas está ferida. Muito. Ela é mais frágil do que ela jamais admitirá.

Eu agarrei a lateral do bar. — Você vai me contar sobre essa dor?

— Eu não posso. Não é meu lugar contar.

Meus molares traseiros se fundiram. — Se você não vai me dizer, pare com os avisos enigmáticos.

— Crosby, — advertiu Ford. — Cuidado com o tom.

Eu engoli as palavras que queria soltar e me dirigi para a porta. Eu sabia que Bell estava apenas preocupada com sua amiga, mas ela não estava ajudando em nada. Eu soltei um suspiro quando pisei no ar noturno. Não era culpa de Bell. Eu estava chateado porque havia tanta

evasão em Kenna e não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer para impedir.

26

Kenna

A batida na porta me tirou do meu olhar vazio. Eu tinha certeza de ter lido o mesmo parágrafo umas dez vezes. Eu coloquei o livro na mesa lateral e me levantei. Cruzando para a porta, parei a alguns passos de distância. E se fosse Janet, de volta para a segunda rodada?

— Abra a porta, Olhos Castanhos. Eu sei que você está aqui.

Algo em mim se acalmou com a voz de Crosby, o calor se espalhando. O fato de que em algum lugar ao longo da linha ele passou a significar segurança era preocupante. Afastei o pensamento da minha mente e abri a porta. — Ei.

Crosby passou por mim e entrou no meu espaço como se fosse o dele. Típico. — Eu preciso te avisar sobre algo.

Eu me virei, fechando a porta atrás de mim. — Relacionado ao caso?

— Família.

Eu lutei contra o estremecimento que queria vir à tona. A presença de Crosby aqui com um aviso familiar só poderia significar uma coisa. — Você conheceu Janet. — Minha voz estava monótona, imagens de minha mãe fazendo papel de boba na frente de Crosby piscando em minha mente.

Ele se encostou no balcão que delimitava a cozinha da sala de estar. — Ela apareceu no The Catch.

As imagens passando pela minha mente agora incluíam uma Janet bêbada. Este provavelmente seria o começo do fim para mim e Crosby. Agora que ele viu de onde eu vim, com o que ele teria que lidar

se estivesse envolvido comigo de alguma forma, ele lentamente começaria a se afastar. Eu não o culpo. Eu gostaria de recuar também. Mas eu queria mais uma noite. Mais uma vez para me perder no toque de Crosby. Para *sentir.*

Eu caminhei em direção a ele, agarrando-o pela camisa de botão e puxando-o para mim. O beijo foi mais um ataque do que sedução, um desespero nascido do conhecimento de que eu iria perdê-lo em breve, perder essa liberdade da qual eu vim a depender. Eu mordi o lábio inferior de Crosby. Sua boca se abriu e eu tirei vantagem, deslizando minha língua dentro.

Nós nos perdemos no beijo, mas quando eu abri o botão da calça jeans de Crosby, ele se afastou. — Uau. — Seu olhar examinou meu rosto, procurando por algo. — Não que eu não ame o entusiasmo, mas menciono sua mãe, e você me ataca? O que está acontecendo, Kenna?

Kenna. Ele usou meu nome verdadeiro. Se isso não era evidência de que as coisas já estavam mudando, eu não sabia o que era. Eu recuei, fora de seu círculo de calor. — Obrigada pelo aviso. Você pode ir.

— Eu posso ir? — As palavras eram mais um rosnado do que uma pergunta.

Eu concordei. — Você cumpriu sua devida diligência. Você não precisa mais se envolver nesta bagunça.

Crosby deu dois passos largos em minha direção, comendo o espaço entre nós, destruindo a parede invisível que eu ergui. Sua mão deslizou sob o meu cabelo, dando um puxão, então fui forçada a encontrar seu olhar. — E se eu não quiser ir?

Eu engoli contra a emoção acumulada no fundo da minha garganta. — Você irá.

Sua expressão se suavizou. — Não sei se você notou, mas eu meio que gosto de ter você por perto.

— Você não vai querer quando minha mãe maluca está bêbada ou drogada ou decide que três da tarde de uma quarta-feira é o momento perfeito para fazer um strip-tease em um bar. E não se esqueça de adicionar os problemas que Grant e os Abbots podem causar.

Crosby afastou meu cabelo do rosto e passou os lábios nos meus. — Vale a pena.

Um soluço estava morrendo de vontade de sair do meu peito, mas eu o guardei. — Isso é apenas sexo.

Um lampejo de algo que parecia muito com dor passou pelas feições de Crosby. — Não fui feito para me estabelecer, mas isso também não é apenas sexo. Nunca foi.

Eu estudei o homem na minha frente. O homem que estava oferecendo uma meia promessa de mais. Eu deveria ter dito a ele para se perder, mas uma vozinha na minha cabeça me disse que ele estava oferecendo tudo o que tinha para dar. E eu não poderia imaginar me afastando desse presente. — OK.

— OK?

Crosby arqueou uma sobrancelha e eu ri. — Isso vai acabar em desastre. — Eu não deveria estar rindo, porque a verdade é que Crosby tinha potencial para me machucar. Ele não pretendia fazer isso, mas quando ele acordasse, isso me mataria. Eu havia passado tanto da minha vida tentando evitar a mesma dor para a qual estava caminhando diretamente se continuasse neste caminho com Crosby. Mas eu estava tão cansada de fugir, de evitar tantas coisas. Pela primeira vez, percebi o quanto eu poderia estar perdendo por jogar pelo seguro.

Os lábios de Crosby se contraíram. — Pode ser, mas valerá a pena.

Meus dedos foram para o botão superior de sua camisa. — Você vai ter que cumprir essa promessa.

As mãos de Crosby se fecharam em torno de meus pulsos. — Droga, mulher, pare de tentar me deixar nu.

Eu comecei a rir. Crosby me soltou quando eu me contorci. — Nunca pensei que ouviria essas palavras da sua boca.

— Sim, bem, eu nunca pensei que diria isso, — Crosby resmungou.

Eu me endireitei, tentando me recompor. — O que você quer fazer se não ficarmos nus?

— Oh, eu vou te deixar nua mais tarde. Mas, primeiro, precisamos conversar. — Ele inclinou a cabeça para a porta. — Vamos sentar no balanço.

Minha garganta ficou presa com a ideia de sentar no balanço que Harriet havia colocado olhando para a praia. Ela e eu tínhamos nos sentado naquele mesmo lugar inúmeras vezes para assistir ao pôr do sol ou para conversarmos de coração para coração. Não o visitei desde que ela faleceu.

Crosby passou os braços em volta de mim e pressionou os lábios na minha têmpora. — Ela gostaria que você o usasse.

Eu balancei a cabeça contra seu peito. — Vamos.

Caminhamos em silêncio. O céu crepuscular prometia uma noite clara e estrelada. Quando chegamos ao balanço, parei por um momento. Crosby deu um puxão suave em minha mão, levando-me para o seu lado. Minha respiração vacilou quando me sentei, mas o conforto da madeira gasta e do ar fresco do mar era um bálsamo que eu não sabia que precisava.

Crosby passou um braço em volta dos meus ombros. — Frio?

— Não. Está perfeito. Obrigada.

— Às vezes, só precisamos de um empurrão suave.

Ele estava certo. Mas eu me perguntei para o que Crosby precisava de um empurrão suave. — Harriet e eu resolvemos muitos problemas da vida deste lugar.

Seus dedos brincaram com os fios do meu cabelo. — Eu não duvido. Quando sugeri que ela e eu nos sentássemos aqui uma tarde, ela não deixou. Ela disse que este era o seu lugar especial com sua 'doce menina'.

Eu ri, imaginando Harriet rejeitando Crosby. — Aposto que você fez beicinho.

— Eu não faço beicinho.

— Não se preocupe, é um beicinho muito masculino.

Crosby balançou a cabeça. — Acha que este local tem a magia de resolver mais um dos problemas da vida?

— Esperemos que sim. Janet ou os Abbots?

Crosby começou a enrolar uma mecha do meu cabelo novamente. — Estou me perguntando se os dois não estão relacionados.

Eu me virei para encará-lo. — Janet disse que Grant ligou para ela.

A expressão de Crosby se endureceu. — Parecia um momento conveniente.

Os pensamentos se agitaram em meu cérebro. — Eu não a vejo há anos. — Desde antes de eu ir para a faculdade. E se alguém sabia o tipo de dano que minha mãe poderia infligir, era Grant. Ele conhecia todas as feridas que ela infligiu em mim, então, é claro, ele usaria o conhecimento a seu favor. — Mas de que adianta ele trazê-la de volta?

Crosby encolheu os ombros. — Isso mexe com a sua cabeça. É outro aviso de que ele pode tornar sua vida miserável se quiser.

Minha coluna se endireitou. — Mas ele não pode. Claro, ele pode me causar problemas, mas me recuso a deixá-lo roubar minha alegria ou paz. Ele não vai me impedir de lutar com unhas e dentes por *The Gables*.

Crosby deu um puxão suave no meu cabelo e deu um beijo na minha cabeça. — Essa é minha garota.

Fiquei apavorada com o quanto eu queria ser apenas isso.

27

Kenna

Meus pés batiam contra o pavimento, o sol da manhã lutando contra o frio que as gotas de suor tinham criado na minha pele. Eu estava quase de volta ao início do meu loop de dezesseis quilômetros, mas senti que poderia fazer mais dez. A ansiedade palpitante que sentia era o combustível perfeito para meus músculos. Infelizmente, não tinha tempo antes de precisar trabalhar.

— Nossa, Kenna. É cedo, até para você.

Eu me assustei com o som da voz de Caelyn cortando o ar da manhã. Diminuindo minha corrida para uma caminhada, eu fui em sua direção. — Eu poderia dizer o mesmo para você.

Ela estendeu um molho de chaves, sacudindo-as. — Eu disse ao Sr. Walters que abriria hoje. Por que você não entra? Vou fazer o seu café da manhã.

Eu olhei para o meu relógio. — Tenho tempo para algo rápido.

Os lábios de Caelyn franziram. — Eu posso fazer um algo muito rápido, mas você precisa comer refeições mais balanceadas. Chega de viver com aquele café sem açúcar e barras energéticas.

Eu ri. Caelyn tinha mamãe urso arraigada em seu sistema. — Essas barras energéticas facilitam a vida. Mas você sabe que eu nunca recuso suas deliciosas poções. A menos que envolva aqueles chips de alfarroba de que você tanto gosta. Eu não me importo com o que você diz, eles não têm gosto de chocolate.

— Pare de tentar falar doce comigo e entre. — Caelyn destrancou a porta da *The General Store* e acendeu algumas luzes. — Espere. Tenho que pegar algumas coisas no depósito.

Eu caminhei pelos corredores que eu conhecia como a palma da minha mão. Caelyn, Bell e eu tínhamos andado de bicicleta até aqui para comer picolés ou barras de chocolate inúmeras vezes enquanto crescíamos. E ainda era a minha mercearia preferida, mesmo depois de comprarmos em lugares maiores.

Eu descansei minhas mãos em um dos banquinhos e comecei a me esticar. A última coisa que eu precisava era puxar ou rasgar algo.

— Você emagreceu.

A preocupação no tom de Caelyn me fez estremecer. — Estou mais ocupada do que o normal. — E estressada ao máximo, preocupando com Grant, *The Gables* e agora com Janet.

— Você precisa se cuidar melhor.

— Você soa como Crosby. — Depois que tivemos nossa conversa sobre o balanço na noite passada, ele me levou de volta para casa e colocou uma das minhas refeições congeladas no forno, dizendo que estava guardando todos os orgasmos até que eu comesse um jantar adequado. Eu não tinha certeza se uma massa congelada de primavera contava como *adequada,* mas eu a comi de qualquer maneira.

Caelyn arqueou uma sobrancelha quando começou a cortar vegetais. — Crosby, hein?

Eu fechei minha boca. Eu deveria ter pensado melhor antes de mencionar seu nome para a romântica desesperada do nosso grupo. — Ele é só... — Eu não tinha certeza de como terminar aquela frase.

— Ele está cuidando de você. Se preocupa com você.

Eu não consegui disfarçar a hesitação com suas palavras. Porque elas pareciam verdadeiras, e se eu fosse realmente honesta comigo mesma, eu queria mais. Do homem que tinha deixado claro que não podia dar.

O corte de Caelyn parou. — Você está se apaixonando por ele.

Minha cabeça se ergueu. — Não estou.

O sorriso de Caelyn se espalhou. — Você está mesmo. Vamos lá, isso seria tão ruim? Você não abaixou suas defensas por nenhum homem desde Grant. — Sua voz suavizou. — Você não acha que está na hora?

— Não pode ser ele.

— Por que não?

Eu deslizei para o banquinho, peguei um guardanapo e comecei a rasgá-lo. — Ele deixou claro que não foi feito para ir mais longe. Com qualquer uma. — Sua *ex* o machucou. Mais profundo do que talvez ele quisesse admitir. Eu sabia o que era ser marcado pelo passado, mudando o que era possível para o seu futuro. Mas eu também sabia que não importava quanta dor eu suportasse, eu ainda queria ter alguém para sempre. Para criar uma família.

Eu apenas tomava cuidado com quem considerava assumir esse papel um dia. Todos os meus parceiros românticos desde Grant eram como Henry: estáveis, previsíveis... chatos. Crosby tinha me mostrado como é estar com alguém que me fazia sentir viva. Mas eu não poderia tê-lo. Não da maneira que eu realmente queria.

Caelyn abriu uma caixa de ovos e começou a quebrar alguns em uma tigela. — Ele só precisa da mulher certa para mostrar a ele o que uma verdadeira parceria pode ser.

Era uma coisa muito Caelyn de se dizer, mas sua crença de que poderia mudar alguém a colocara em apuros em mais de uma ocasião. Os

quebrados pareciam ser atraídos por sua empatia e natureza carinhosa, mas com frequência, ela deu e deu, recebendo pouco em troca.

Juntei os pedaços de guardanapo em uma pilha. — Não posso forçá-lo a dar um passo que ele não quer dar.

— Mas você quer.

Mordi meu lábio inferior. Eu não conseguia dizer as palavras em voz alta. Se eu desse voz a eles, de alguma forma isso tornaria o desejo real. — Ele é mais do que eu pensava que era.

Caelyn bateu a mistura do ovo junto com os vegetais, um pouco de creme e queijo. — Como assim?

— Você sabia que ele é voluntário da *Alliance*?

Caelyn parou seu trabalho, olhando para cima. — Não, Callie nunca mencionou isso. Mas, novamente, ela não sabe que somos amigos.

A Alliance ajudou Caelyn quando ela estava tentando obter a custódia de seus irmãos e ainda fornecia apoio a eles de vez em quando. E Caelyn e Callie se tornaram boas amigas. — Ele é um dos defensores. Deus, Cae. Você deveria vê-lo com aquelas crianças. Há uma garotinha com quem ele está trabalhando. Zoe. Ele faria qualquer coisa por ela.

Havia um brilho nos olhos de Caelyn quando ela despejou a mistura em uma frigideira. — Ele é um bom homem.

— Estou começando a perceber que ele é o melhor tipo de homem. — Eu deixei que muitas das minhas feridas anteriores me cegassem para quem Crosby realmente era. Agora, porém, meus olhos estavam totalmente abertos. Ele não era perfeito de forma alguma. Mas a essência de quem ele era consistia inteiramente em bondade e proteção.

— Então você deve lutar por ele, Kenna. — A voz de Caelyn saiu forte, mais forte do que eu tinha ouvido em muito tempo. — Mostre a ele como pode ser uma vida com você.

— Eu não sei…

— Não achei que minha melhor amiga fosse um covarde.

Eu bufei. — Eu não sou, eu só… — Eu estava com medo de me deixar levar completamente, de ir atrás do que eu queria, sabendo que eu poderia me machucar no final. — Deixe-me viver um dia de cada vez.

Caelyn apontou sua espátula para mim. — Contanto que você não esteja fugindo.

— Eu não estou. Eu prometo.

A porta de tela bateu contra a moldura de madeira quando alguém entrou. Passos pesados soaram contra o piso gasto. Os olhos de Caelyn brilharam quando uma voz profunda soou. — Sanduíche do café para levar.

Eu me virei, observando a forma enorme atrás de mim. Ele era bonito, não havia dúvida disso. Até mesmo a cicatriz que dividia sua sobrancelha e cortava sua bochecha parecia aumentar sua beleza de alguma forma. — Ei, Griffin.

Ele ergueu o queixo e grunhiu. Isso foi muitas palavras para o homem. Griffin foi por um dos corredores para fazer o que eu assumi ser algumas compras. Inclinei-me sobre o balcão. — Muito falador.

Caelyn olhou para mim. — Não seja má. O resto desta ilha é mesquinho o suficiente quando se trata de Griffin.

Eu levantei as duas mãos. — Eu não sou. Ele é um pouco estranho. E ele tem aquele olhar de eu-poderia-te-esmagar-com-minhas-próprias-mãos.

— Eu acho ele bonito.

Eu ri. — Você deixou muito claro. Você e o resto da população feminina desta ilha, que não tem medo dele.

Caelyn colocou a omelete na minha frente e colocou as mãos nos quadris. — Considerando tudo o que ele passou, acho natural que Griffin tenha algumas barreiras erguidas. Mas ele sempre foi perfeitamente educado comigo.

Minha sobrancelha se ergueu. — Diga-me, como alguém grunhe educadamente?

Caelyn tentou lutar contra sua risada, mas logo escapou e me fez juntar-me a ela. Era exatamente o que eu precisava para começar o meu dia. Mas quando terminei de comer, não pude deixar de me preocupar que minha amiga com o mais terno dos corações pudesse estar desenvolvendo uma queda pelo último homem em quem ela precisava se fixar. Quem eu estava enganando? Eu estava fazendo a mesma coisa. Exceto que eu já havia ultrapassado a fase da paixão e estava precariamente perto de muito mais.

28

Crosby

Tirei minha gravata ao passar pela porta do meu escritório.

Penny ergueu os olhos da mesa. — Tão ruim assim?

Eu puxei o tecido sufocante. — Os Abbots não são boas pessoas. — Foi o eufemismo do século. Era apenas o primeiro dia de julgamento e Grant já estava jogando sujo. Ele e Hotchkiss estavam fazendo o possível para convencer o juiz de que Kenna, o Dr. Kipton e eu estávamos em conluio na esperança de roubar *The Gables* de Clark e Annabelle. Não importava que não houvesse prova; eles estavam contando uma história convincente apenas com conjecturas.

Penny ficou séria. — Você acha que eles vão vencer?

— Não se eu puder evitar. — Eu faria o que fosse necessário para ajudar Kenna a mantê-la em casa, o refúgio que Harriet queria que ela tivesse. Significava apenas que eu procuraria algumas testemunhas adicionais para apresentar nosso caso.

— Fico feliz em ouvir isso. Algumas coisas vieram para você pelo correio. Eu coloquei uma pilha na sua mesa.

— Obrigado, Pen. — Eu fui para o meu escritório, levando um momento para remover o paletó desconfortável e pendurá-lo atrás da minha porta. Eu relaxei em minha cadeira e comecei a folhear a correspondência. Principalmente contas e publicidade, com um único envelope acolchoado.

Tirei uma tesoura da minha gaveta e cortei o selo. Jogando o conteúdo na minha mesa, eu congelei. A foto que olhou para mim parecia uma vida

atrás. Foi em uma praia em frente à casa da minha família em *Vineyard*. Alicia usava um biquíni vermelho e um chapéu grande e flexível. Eu sorria para ela, meus óculos escuros no topo da minha cabeça.

Foi o fim de semana que eu propus casamento. Meus pais ficaram maravilhados. Pela primeira vez, eu realmente senti seu amor e aprovação. Mas tudo tinha sido condicional, dependente de eu desempenhar um papel no qual não tinha nenhum interesse. Sócio da empresa. Uma casa de férias na praia dos meus pais. Alicia e dois filhos. Mas nada disso era real. Inferno, Alicia já estava me traindo. Ela me prometeu *o para sempre* enquanto transava com meu melhor amigo.

Um músculo no meu maxilar pulsou quando peguei o cartão. Foi como passar por um acidente de carro na beira da estrada. Eu sabia que veria apenas uma terrível devastação, mas não pude deixar de olhar.

Crosby,

Eu sei que errei. Farei o que for preciso para consertar as coisas entre nós. Por favor fale comigo.

Sempre sua,

Alicia

Eu soltei uma bufada na assinatura. Ela nunca foi minha e nunca seria. A diferença era que, sete anos atrás, eu teria dado qualquer coisa para ela ser minha. Agora, eu daria qualquer coisa para ela ir embora. Bloquear o número dela interrompeu as chamadas e mensagens de texto, mas eu não poderia bloquear o serviço postal dos Estados Unidos. Peguei meu telefone e digitei uma mensagem.

Eu: *Diga a Alicia para parar de mandar essa merda para o meu local de trabalho.*

Acho que deveria estar feliz por minha mãe não ter o endereço de minha casa. Alicia provavelmente já teria aparecido pessoalmente agora.

Mãe: *Não use essa linguagem comigo, garoto. Você precisa ouvir Alicia. É o mínimo que ela merece.*

Alicia não merecia absolutamente nada de mim, exceto talvez um gostinho de seu próprio remédio. Mas Brent já tinha dado isso a ela. Um antigo colega da firma me enviou um e-mail informando que Brent havia traído Alicia, e ela descobriu de maneira muito pública. O que eu poderia dizer? Karma era uma verdadeira vadia.

Parei por um momento antes de digitar minha próxima mensagem, tentando pensar em algo - qualquer coisa - que faria minha mãe parar a campanha de perdão de Alicia. Saber que a mulher havia destruído minha vida certamente não era razão suficiente para mamãe.

Eu: *Estou saindo com alguém. Essas mensagens e presentes são inadequados.*

Não era mentira. Kenna e eu estávamos em algum tipo de pseudo-relacionamento. Só de saber disso, me atrapalhei com os dois primeiros botões da minha camisa. Respirei fundo para me acalmar. Não era o tipo de relacionamento que tive com Alicia. Era incrível e real, e não exigia promessas de anéis de diamante e casas que eu odiava. Na verdade, Kenna não me pediu nada.

Mãe: *Qualquer pessoa que você conheceu naquela ilha esquecida por Deus não é digna de você ou de nossa família.*

Eu não deveria ter ficado surpreso com sua reação, mas de alguma forma, eu ainda estava. O esnobismo absoluto de tudo isso.

Eu: *Avise ela.*

Mãe: *Você vai ter que resolver isso sozinho. Mas pense em como foi bom quando vocês dois estavam juntos. Seu pai e eu sentimos falta de vocês dois em nossas vidas.*

Era assim que funcionava para meus pais. Se eu não obedecesse às regras, seguindo o que eles queriam da minha vida, eu poderia muito bem não existir. Minha maior esperança era que Alicia ficasse entediada com esses jogos e encontrasse alguém em Boston para cravar os dentes.

A campainha sobre a porta principal tilintou quando alguém entrou. — Olá, senhorita Penny. Crosby está? Tenho alguns papéis do meu pai para ele.

A voz estridente me fez esfregar minhas têmporas. Aparentemente, hoje era o dia em que mulheres indesejadas invadiram meu escritório. Eu me levantei da minha mesa e cruzei para a área de recepção. Se Lacey Hotchkiss conseguisse entrar em meu escritório pessoal, eu nunca a faria sair. — Senhorita Hotchkiss, o que posso fazer por você?

Lacey jogou o cabelo sobre o ombro e bateu os cílios. — Eu já disse a você uma e outra vez, me chame de Lacey.

Usar *senhorita* como seu título foi minha maneira de colocar uma distância profissional entre nós. Uma separação com a qual Lacey não queria ter nada a ver. — Tudo certo. O que posso fazer para você?

— Meu pai queria que eu deixasse isso para você. — Ela se aproximou muito mais do que o necessário, entregando-me os papéis.

Eu rapidamente os folheei e murmurei uma maldição. Era uma oferta dos Abbots de um acordo extrajudicial por uma soma insultantemente baixa em troca de *The Gables*. Aparentemente, a família não estava tão confiante quanto parecia. Mas isso só poderia significar duas coisas: eles desistiriam ou ficariam desesperados. E pessoas desesperadas eram perigosas.

29

Kenna

A campainha tocou quando empurrei a porta do escritório de Crosby. Eu esperei o máximo que pude por notícias sobre como foi a primeira sessão do tribunal. Então, eu decidi fazer uma viagem ao *The General Store* para almoçar, sabendo que seria capaz de ver se sua caminhonete estava no pequeno prédio atrás da loja. Era isso.

Tentei reprimir meu aborrecimento por ele não ter ligado ou enviado uma mensagem de texto com uma atualização. — Oi, Penny. Como...? — Eu congelei no meio da frase. Crosby estava lá, certo, com Lacey praticamente pressionada contra ele.

Seu olhar desviou dos papéis em sua mão. — Ei, Olhos Castanhos.

— Crosby.

A frieza do meu tom o fez piscar e avaliar os arredores. Ele sabiamente saiu do alcance das garras de Lacey. — Você chegou bem na hora do nosso almoço.

Eu abri minha boca para perguntar a ele em que encontro o almoço quando percebi seu plano. Em vez disso, murmurei algo sobre ele precisar rezar para que eu não o envenenasse. Penny se engasgou com uma risada. Imaginei que meus murmúrios fossem altos o suficiente para seus ouvidos.

— Você - você está levando *ela* para almoçar? — Lacey balbuciou. — É por causa do caso, certo?

— Não. Acontece que eu gosto do corpo dela e a tendência em ser espertinha.

Eu estreitei meus olhos para Crosby e ele riu. Lacey não achou a troca divertida. — Mas você é um McCoy, e ela é - ela é um lixo.

A expressão de Crosby ficou glacial. — Você pode sair agora, Srta. Hotchkiss. E se seu pai tiver mais papelada para mim, diga a ele para enviar outro associado. Você não será mais bem-vinda.

— Crosby... — Lacey tentou alcançar seu braço, mas ele a evitou. — Você não a conhece como eu. Ela é uma caça-fortunas e mentirosa. Ela usa as pessoas.

Eu bufei. — Eu acho que você está falando sobre você, querida. — Eu mantive meu tom leve, mas por dentro, eu virei pedra. As provocações que eu ouvi por semanas antes de sair para a faculdade. As fotos dela e Grant que ela tinha enviado para o meu e-mail. Ela torceu a faca em todas as oportunidades. Mas eu não a deixaria saber que seus golpes atingiram o alvo.

Lacey se virou para mim, suas belas feições retorcidas em um sorriso de escárnio. — Ele vai descobrir a verdade sobre você. E quando ele fizer isso, ele vai te deixar no chão, assim como Grant fez. — Ela saiu do escritório, mas não antes de me checar no caminho.

Penny soltou um assobio baixo. — Não prevejo coisas felizes para o futuro dela.

Eu sorri para Penny, mas sabia que não era um sorriso verdadeiro. — Só podemos esperar.

— Kenna.

Crosby tentou envolver um braço em volta de mim, mas eu desviei. — Eu tenho que voltar ao trabalho. Eu estava passando para ouvir como foi esta manhã.

— Você é bem-vinda aqui a qualquer hora. Você não precisa de uma desculpa.

— Não foi uma desculpa, foi o motivo da minha visita. Mas esta linda cena consumiu muito do meu tempo, e agora eu tenho que voltar.

Eu me virei e me dirigi para a porta, mas Crosby me segurou pelo cotovelo. — Não antes de conversarmos. Vamos.

Instantaneamente, fui levada e guiada para fora da porta e em direção às docas. Quando recuperei o juízo, estávamos a meio caminho de uma das mesas de piquenique com vista para a água. Eu arranquei meu braço das suas mãos. — Eu não sou uma idiota que você pode simplesmente mover-se como quiser. Já te disse, não tenho mais tempo.

Ele sorriu. — Você está com ciúmes.

Meu temperamento disparou, aumentando minha temperatura interna. — Sobre o que? Uma mulher com o QI de uma uva passa?

O sorriso de Crosby se alargou e ele deu um passo à frente. — O que você tem contra passas? Eles fazem um ótimo lanche.

— Então por que você não correu atrás do seu lanche. Tenho certeza de que ela estaria mais do que disposta a dar uma volta com você.

Crosby se endireitou, todo o humor fugindo de sua expressão. — Você está falando sério, não está? Você realmente acha que eu perderia meu tempo enquanto exploramos essa coisa entre nós?

Meu coração bateu forte no meu peito com a ideia. E foi naquele momento que eu realmente entendi o quanto doeria quando ele fosse embora. — Você não me fez nenhuma promessa. Talvez você tenha dormido com outras pessoas o tempo todo. Você deixou claro que não tenho exatamente o direito de perguntar.

— Que diabos você está falando? Eu disse que não era um homem para casamento e família, não que te desrespeitaria dormindo com outra pessoa pelas suas costas.

A raiva que iluminava os olhos de Crosby parecia tornar o brilho marrom quase dourado. Eu queria praguejar. Até mesmo sua ira se manifestou de maneiras que o deixaram lindo. — Bem, como é que eu vou saber disso? Não sou uma leitora de mentes.

Ele passou a mão pelo cabelo. — Talvez não, mas pensei que você me conhecesse melhor do que isso.

Toda a raiva e frustação saíram de mim em um instante com as palavras de Crosby. Ele estava certo. Ele me mostrou uma e outra vez o tipo de homem que ele era, e certamente não era um mentiroso. — Eu sinto muito. Lacey... ela apenas traz coisas para mim. Nem sempre penso com clareza após os encontros com ela.

Crosby me estudou cuidadosamente. — Grant *te* traiu com ela, não foi?

Voltei meu olhar para as docas, para os pescadores e turistas que carregavam e descarregavam. — Sim. E ela me mandou fotos dos dois em posições comprometedoras por muito tempo depois que nos separamos. Eu bloquearia um número, e então eles começariam a vir de outro. — A garota não tinha ideia de que estava me mandando aquelas joias durante o pior momento da minha vida. Eu escondi minha gravidez de todos, exceto daqueles mais próximos a mim, mas eu não tinha certeza se ela se importaria de qualquer maneira.

Calor e energia giraram quando Crosby se aproximou. Ele deslizou a mão pelo meu queixo, virando meu rosto para ele. — Eu sinto muito. Sinto muito por ela ter feito você passar por isso.

Dei de ombros. — Eu já estava passando por uma fase difícil, então isso me impactou mais do que em outro momento.

— Ninguém merece essa merda. Principalmente você. — Crosby pressionou os lábios na minha testa. — Eu poderia inventar algo pelo qual poderíamos processá-la.

Eu ri. — Bell a denunciou por beber excessivamente e a fez passar a noite na prisão.

Crosby se afastou para que pudesse me olhar nos olhos. — Ela não fez isso.

— Acho que o departamento do xerife estava tão farto dela e das travessuras de seu pai que a mantiveram durante a noite por maldade.

Crosby soltou uma risada. — Não estou surpreso. — Ele me puxou com mais força contra seu corpo. — Eu estou nisso enquanto durar. Posso não ser capaz de te dar *o para sempre*, mas vou te dar tudo de mim enquanto estivermos aqui.

Ter tudo dele significava que doeria muito mais quando tudo acabasse. Mas eu não conseguia me forçar a ir embora.

30

Crosby

— Oh infernos não. Você está louco, Crosby? Você escalou isso?

Eu ri enquanto Kenna olhava por cima da lateral da rocha. Tínhamos escalado o lado oposto da montanha, mas este lado era uma das minhas paredes naturais de escalada favoritas. — Acho que você não vai escalar comigo tão cedo?

— Não com esse tipo de queda.

— Você usa um arnês. É totalmente seguro.

O olhar de Kenna se afastou da beira do penhasco e voltou para mim. — As cordas podem romper.

— Não se você cuidar delas adequadamente. Verificar se há desgaste ou problemas, e elas estão cem por cento seguras.

Kenna estremeceu exageradamente. — Vá em frente e coloque sua vida em risco. Vou continuar com a caminhada, muito obrigada.

Eu sorri e a puxei para mim, dando-lhe um beijo rápido. O calor de seu corpo pressionado contra o meu parecia tão confortável que deveria ter me assustado. Em vez disso, eu só queria mais. Eu a virei para que ambos ficássemos de frente para a vista. — O que você acha?

Kenna aceitou meu abraço. Ela não lutou mais contra o meu afeto casual, ela o acolheu. E saber disso iluminou algo no fundo do meu peito. — É de tirar o fôlego. Não acredito que nunca estive aqui antes.

— É o meu local preferido da ilha. Parece que estamos no topo do mundo. — O mar se abria à nossa frente, outras ilhas em nosso pequeno

arquipélago pontilhando as águas. Era impossível estar nesse ponto e não se sentir livre, sentir que tudo era possível e a vida poderia ser o que você quisesse.

— Está tão quieto. Quase como se o mundo estivesse parado ao seu redor. — Kenna ficou em silêncio por um momento, apenas olhando para a vista. — Eu perdi muito.

Eu a puxei com mais força para mim ao ouvir o som de arrependimento em sua voz. — O que você quer dizer?

Kenna estendeu a mão e segurou meus braços que estavam em volta dela. — Tenho estado tão preocupada em construir esta vida perfeita e segura que me esqueci de aproveitar o mundo ao meu redor. Eu estava muito ocupada tentando controlá-lo.

Pressionei meus lábios em seu cabelo. O cheiro de algo da flora e exclusivamente de Kenna encheu meus sentidos. — É compreensível. Grande parte da sua vida não foi exatamente estável.

Kenna deixou escapar um som de concordância. — Eu não quero mais fazer isso. Quero aproveitar a vida que ganhei, tudo sobre ela, mesmo quando for complicado, difícil e doloroso.

— Algumas das coisas mais bonitas não se encaixam em um molde de perfeição. Inferno, eu diria que a perfeição é muito chata. Olhe ao nosso redor. Nenhuma dessas ilhas é perfeitamente simétrica, o oceano não tem uma cor, aquela árvore está crescendo de lado. São as imperfeições que os tornam bonitos.

Kenna apertou meus antebraços. — Quem diria que você era um poeta?

Ela estava tentando amenizar sua compreensão, nossa discussão, mas eu não iria deixá-la escapar tão facilmente. — Se você realmente

quer viver sua vida ao máximo, precisa abrir mão de quem você acha que deveria ser e se permitir ser quem você realmente é.

— E se eu não gostar dessa pessoa?

A incerteza na voz de Kenna quase me fez cair de joelhos. — Impossível.

Ela girou em meus braços, o fogo que eu amava de volta em sua voz. — Como você sabe?

— Porque você é incrível. Você mostra sua verdadeira essência quando aquelas paredes caem um pouco. Você é forte, gentil e feroz ao cuidar dos outros. Ninguém machuca as pessoas que você ama e sai impune.

Um leve tom de rosa atingiu as bochechas de Kenna. — Há um monte de outras coisas misturadas lá também. Eu sou teimosa. Eu não deixo as pessoas entrarem. Eu sou muito crítica. Olha como te tratei. Fiz suposições sobre o homem que você era e não poderia estar mais errada.

Eu ri. — Mas foi tão divertido lutar com você quando você pensou que eu era um idiota preguiçoso.

Kenna empurrou meu peito. — Não é engraçado. Se os papéis tivessem sido invertidos, eu teria discutido com você na primeira semana em que nos conhecemos. Eu teria apresentado um argumento de doze pontos sobre como você estava quão errado.

Dei de ombros e puxei Kenna de volta em meus braços. — Eu cansei de me provar para as pessoas. Eu fiz isso durante a maior parte da minha vida. Tentei ser o filho que meus pais queriam, o noivo que Alicia precisava, o funcionário mais dedicado. Mas, ao longo do caminho, perdi contato com o *que* queria. Tentar ser tantas coisas para tantas pessoas diferentes significava que não fui fiel a mim mesmo.

— Lamento que você tenha passado por isso.

— Eu não. Foi um presente. Isso me mostrou como eu nunca mais queria viver novamente. — A vida agora seria apenas em meus termos. Eu não seria alguém que não fosse para ganhar a aprovação ou o amor de outra pessoa. — Eu tenho que me contentar com quem eu sou. Nunca mais vou me moldar no que outra pessoa precisa que eu seja.

Kenna inclinou a cabeça para trás para olhar nos meus olhos. — Eu gostaria de ter sua coragem.

— Você tem. Eu vejo isso em você todos os dias.

Kenna não tinha ideia de quanta força ela tinha na ponta dos dedos. Quanto aquele fogo interno poderia alimentar o destemor pelo qual ela ansiava. Ela apenas tinha que deixar todas as regras e barreiras que ela estabeleceu para sua vida caírem.

A dúvida cintilou em suas feições. — Acho que só preciso segurá-lo com um pouco mais de firmeza.

— Você irá. Agora, o que você acha de descermos e visitar Zoe?

Kenna fez uma careta. — Eu quero ver Zoe, mas descer esta montanha pode me matar. Minha bunda vai doer tanto amanhã.

— Eu posso dar uma massagem se você pedir com jeitinho.

Ela bufou e balançou a cabeça. — Apenas me faça um favor e não comece a massagear publicamente, ok?

Minhas mãos deslizaram para sua bunda, massageando os músculos. — Não há ninguém por perto agora...

Kenna empurrou meu peito. — Se você acha que eu vou fazer sexo com você na encosta de uma montanha quando alguém pode aparecer ou podemos nos deixar levar e rolar, você é mais louco do que eu pensava.

— O que aconteceu com querer não ter medo?

— Isso não significa que eu desejo ser morta ou presa.

Soltei Kenna, mas agarrei a sua mão, nos guiando para longe da beira do penhasco e de volta para a trilha. — Aw, Olhos Castanhos, você nunca quer se divertir...

31

Kenna

Tomei um longo gole do copo d'água que Ingrid me deu. — Não consigo acompanhar aqueles dois, eles estão me envergonhando.

Ingrid riu, voltando os olhos para a partida de futebol em que Crosby e Zoe estavam envolvidos. — Ela é realmente muito boa. Eu finalmente a conectei com uma das equipes de recreação.

Eu relaxei em uma das cadeiras do pátio, lutando contra um estremecimento. Eu estaria com dor amanhã. — Isso é ótimo. Ela está gostando?

— Zoe adora brincar. Ela ainda está um pouco insegura sobre as outras crianças, mas acho que isso vai diminuir com o tempo.

Seria impossível para Zoe se sentir segura. Sua vida foi virada de cabeça para baixo repetidamente em seus nove anos nesta Terra. — Ela está deixando você entrar?

Ingrid veio em minha direção, erguendo os óculos de sol para que ficasse equilibrada no topo de sua cabeça. — Leva tempo. Eu dei uma olhada na garotinha sob a armadura, mas ela ainda não me deixou entrar. Tudo bem, temos todo o tempo do mundo e sou paciente.

— Ela tem muita sorte de ter você. — Soltei um grito e aplausos quando Zoe se esquivou de Crosby e atirou a bola em uma das minis redes que Ingrid havia montado. — Vai, Zo! Mostre a ele!

Crosby me lançou uma carranca simulada. — Eu não posso acreditar que ela está torcendo por você em vez de mim.

— As meninas precisam ficar juntas, Crosby, — gritei. Zoe riu, e quando eu estendi a mão, ela correu para me dar um *high five*. — Você mostre a ele quem manda.

— Ele está bem velho, não será difícil.

Crosby deu um gemido exagerado e caiu na grama com um floreio dramático de tique. — Elas estão me matando.

Ingrid riu quando Zoe correu para Crosby e o ajudou a se levantar. — Vocês dois são realmente bons com ela. Você quer um?

Fazia muito tempo desde que eu recebi a pergunta, foi como um soco no plexo solar. Ninguém me perguntou porque eu havia erguido paredes e placas de *Não Entre* ao meu redor. Mas quando essas paredes começaram a desmoronar, quando eu deixei novas pessoas entrarem em minha vida, elas certamente perguntariam coisas. As perguntas não eram descuidadas; as pessoas não tinham ideia de que tinham acabado de detonar uma bomba no centro de memória do meu cérebro.

Eu limpei minha garganta. — Sem planos agora. Mas talvez algum dia. Minha melhor amiga tem a custódia de seus irmãos, no entanto, e eu a ajudo um pouco.

Ingrid sorriu, sem mostrar sinais de que ela não me congelou, mal se segurando. — Bem, você tem o toque. Algumas pessoas nascem com o dom de alcançar crianças que foram feridas. Há uma empatia inata neles que permite que as crianças saibam que estão seguras. Callie da *Alliance*, ela tem. E você também.

Meu peito aqueceu com as palavras de Ingrid. Eu sabia que se o que ela disse era verdade, que a empatia nasceu do meu próprio começo difícil e do presente que foi a paciência gentil de Harriet enquanto eu crescia. Adorei a ideia de que minha própria dor pudesse ser transformada em uma bênção, algo pelo qual era grata. Certamente me

ajudou a entender o que Zoe pode estar passando agora. — Espero que ela se sinta segura comigo.

Ingrid se aproximou e apertou minha mão. — Ela faz. E ter vocês saindo com ela realmente a ajudou a se estabelecer aqui.

— Você sabe que faremos isso sempre que pudermos. — Adorei ficar com a garotinha. E ver como Crosby se iluminava ao seu redor era algo para se ver. Se eu tivesse uma empatia que Zoe pudesse reconhecer, então Crosby tinha uma energia infantil que era impossível ignorar. Ele tirou Zoe de sua concha com uma brincadeira que me fez sorrir como uma idiota.

— Você e Crosby deveriam pensar em adoção.

Minha cabeça virou na direção de Ingrid. — O que?

Ela riu. — Acho que você nunca considerou isso. Você deve. Não vou mentir, é a coisa mais difícil que você fará, mas também a mais gratificante. Para criar um lugar seguro para uma criança enquanto ela estiver com você.

Eu engoli contra a sensação de formigamento no fundo da minha garganta. Um lugar seguro. Não foi exatamente isso que Harriet me deu? E foi o maior presente que já recebi. Um que eu nunca seria capaz de retribuir. Pelo menos não para ela. Mas talvez eu pudesse pagar de agora em adiante.... Eu balancei minha cabeça. — Crosby e eu não estamos juntos assim.

Cada palavra parecia ralar minha pele como arame farpado. Porque eu *queria que* nós ficássemos juntos assim. Mas se eu tentasse forçar, não seria melhor do que Alicia, tentando forçá-lo a ser alguém que não era.

As sobrancelhas de Ingrid se ergueram. — Sério? Eu apenas presumi.

— É complicado.

Ela me deu um sorriso gentil. — Sempre é. Especialmente quando são assim.

Uma risada assustada me escapou. — Você não está errada.

Ingrid me olhou pensativa. — Há cada vez mais pais adotivos solteiros. Costumava ser difícil ser aprovado, mas não é mais o caso.

Ir para a paternidade sozinha, mesmo temporariamente, não era algo que eu considerava desde que perdi minha filha. Quando eu estava grávida e Grant me rejeitou como um par de sapatos surrados, fiquei com medo. Absolutamente aterrorizada criar meu bebê sozinha. Depois da faculdade e me estabelecendo em *Anchor*, eu sempre planejei encontrar um homem responsável para compartilhar minha vida. Aquele que era firme e estável. Uma pessoa que não correria, não importando o que acontecesse em nosso caminho.

Talvez esse plano tenha sido um erro. Já havia percebido o quanto estava perdendo por seguir meu caminho estreito, essa noção preconcebida de como seria uma vida segura. Que ninguém se afastaria de mim se eu apenas pudesse ser *perfeita.* Mas talvez eu tenha perdido a coisa mais importante de todas. Que eu tinha o que precisava dentro de mim, e estava lá o tempo todo.

— Como é o processo de aprovação? — A pergunta saiu antes que eu pudesse evitar minha declaração.

— Bem, há aulas. Verificações de antecedentes, é claro.

Ingrid continuou falando, mas comecei a me desviar, as palavras ficando um pouco confusas nas bordas. Meu aborto iria aparecer na minha verificação de antecedentes? Minha ausência da faculdade certamente o faria. O CPS teria perguntas. Eles se perguntariam se eu

estava tentando substituir meu bebê? Eu *estava* tentando substituir meu pequeno bebe?

Meu estômago apertou com o pensamento, minha mão indo para lá imediatamente. Sempre houve a sensação de um vazio em meu útero. Ele diminuiu e fluiu. Muitas vezes, eu nem percebi, mas outras vezes, era um vazio doloroso e cruel. Mas eu nunca quis que a sensação desaparecesse completamente. Porque eu nunca quis esquecer minha garotinha.

— Kenna? Você está bem?

Pisquei rapidamente, saindo da minha espiral. — Desculpe, eu simplesmente me perdi em meus pensamentos.

Ingrid sorriu, mas foi hesitante. — Eu sei como é. Vou te dizer uma coisa, vou te enviar um e-mail com alguns recursos para verificar.

— Obrigada. Isso é muito gentil.

Voltamos à conversa casual, mas o tempo todo, eu estava morrendo por dentro.

32

Kenna

— Você está em outro mundo esta noite.

Eu estremeci um pouco com as palavras de Crosby. — O que?

Ele riu, mas havia preocupação em seus olhos. — Eu disse que você estava em outro mundo esta noite.

— Só estou pensando em algumas coisas que Ingrid me contou. — Eu não tinha pensado em nada além das palavras e nas memórias que eles desencadearam desde que deixamos a casa dos Wilson. Eu mal havia pronunciado duas palavras durante o jantar, e agora perdi metade do filme que deveríamos estar assistindo.

Crosby pressionou o botão de pausa no meu controle remoto. — O que ela disse?

Peguei meu chá da mesa lateral e tomei um gole. — Ela disse que eu deveria pensar em me candidatar para ser uma mãe adotiva.

As sobrancelhas de Crosby se ergueram. — Isso é um grande elogio vindo dela. Você consideraria isso?

— Não sei se seria aprovado.

— Por que você não seria?

Não consegui ler o tom de Crosby. Ele parecia estar escondendo algo. — Não é tão fácil para um único cuidador ser aprovado. Ingrid disse isso.

Crosby mexeu no rótulo de sua cerveja. — Vejo muitos pais adotivos solteiros vindos da Alliance.

— Talvez. Eu teria que pensar muito sobre isso antes de prosseguir. — Eufemismo do século. Eu provavelmente estaria tendo um colapso nervoso ou dois antes disso, também.

— Há algo mais.

Meu coração acelerou, batendo contra minhas costelas. — O que você quer dizer?

Crosby me olhou com atenção. — Alguma outra razão pela qual você está se segurando.

Eu queria praguejar. Era como se ele tivesse radar para todos os meus hematomas e cicatrizes. Ele não parava até que cuidasse a cada um. Mas Crosby não entendia que quanto mais revelava meus segredos, quanto mais ele era um ombro para se apoiar, mais difícil seria no final. — Existem muitos motivos pelos quais pode não ser uma boa ideia. Ou posso não estar pronta. Talvez seja algo que farei quando for mais velha.

Crosby pousou a cerveja na mesa de café. — Achei que já tínhamos passado por isso.

— Passado o quê?

— Suas defesas e meias-respostas. Você sabe de tudo, Kenna. Todas as minhas feridas e verdades horríveis. Mas você ainda está se escondendo de mim. Se não podemos ser honestos um com o outro, o que estamos fazendo?

Minha xícara de chá chacoalhou no pires quando a coloquei sobre a mesa. — Não é tão fácil para mim quanto para você.

Um músculo na bochecha de Crosby se contraiu. — Eu sei. É por isso que não forcei até agora. Mas era você quem queria ser aberta e honesta. Você é aquela que pressionou pelo meu passado na balsa. Você não acha que eu mereço o mesmo em troca?

— Não se você for embora. — As palavras saíram antes que eu pudesse detê-las.

Crosby congelou por um momento. — Do que você está falando?

Eu brinquei com a ponta de um travesseiro, meu olhar focado na forma como os fios individuais se entrelaçavam. — Em algum momento, isso vai acabar. O que queremos é muito diferente. Mas quanto mais eu digo a você, mais difícil será quando você se afastar.

Crosby segurou meu rosto, virando-o em sua direção. — Podemos nem sempre ser *assim,* mas nunca vou sair da sua vida.

Eu fiquei quieta, sem saber se eu poderia dar isso a ele. Rasgar minha dor para ele ver. Crosby balançou a cabeça, levantando-se e agarrando o celular e a carteira da mesinha de centro. Ele estava quase na porta quando eu disse: — Eu estava grávida.

Crosby se acalmou, virando-se lentamente. — O que?

Enrosquei meus dedos juntos, correndo meu polegar pela carne da palma da minha mão oposta, enfiando mais fundo a cada golpe. Concentrei-me na ação rítmica para não ter que olhar para o rosto de Crosby ou ver sua reação às minhas palavras. — No verão antes de ir para a faculdade, descobri que estava grávida.

Os passos de Crosby soaram quando ele se aproximou, mas continuei olhando para minhas mãos. — Eu estava tão assustada. Achei que tivéssemos sido cuidadosos. Eu estava tomando pílula, tinha tomado religiosamente. Mas lá estava eu, com dezoito anos e grávida.

As almofadas do sofá mudaram de posição quando Crosby se sentou. — O que aconteceu?

Eu apertei meu polegar mais fundo na palma da minha mão. — O medo passou. Comecei a ficar animada. Grant sempre me prometeu *o*

para sempre - o bebê veio um pouco mais cedo do que esperávamos. Eu planejei tudo. Um piquenique romântico na praia. Eu sabia que ele ficaria assustado no começo, mas eu realmente pensei que ele mudaria. Nunca pensei que ele fosse cruel. Ele me acusou de tentar prendê-lo, de usá-lo. Ele me disse que se eu ficasse com o bebê, ficaria sozinha. E então ele saiu. Foi para Harvard e nunca mais olhou para trás.

Eu olhei para cima, encontrando o olhar de Crosby e me recusando a desviar o olhar. — Você quer saber por que eu estava com tanto medo dos Abbots lutando comigo? É porque eu já passei por isso antes. Eles me afogaram em intermináveis processos judiciais e tentativas de mandado de segurança. Qualquer coisa para que seu filho não tivesse um filho e uma mãe adolescente rondando sobre sua cabeça.

O rosto de Crosby era de granito. Eu nunca tinha visto tanta intensidade naqueles olhos castanhos claros antes. — Eles ganharam?

— Eles não precisaram. — Lágrimas se acumularam atrás dos meus olhos, queimando para me libertar. — Eu perdi minha filha com dezesseis semanas.

— Kenna…

Crosby estendeu a mão, tentando pegar minha, mas eu não pude lidar com seu toque naquele momento. Eu me empurrei mais para trás contra a lateral do sofá, puxando meus joelhos até meu peito, uma parede de carne e osso. — Eu fiz faculdade com Caelyn e Bell. Pensei que poderia começar um semestre antes de ter que sair. Ninguém, exceto as duas sabiam que eu estava grávida na escola. Mas uma noite, acordei com cólicas abdominais tão fortes que sabia que algo estava errado. Eu podia sentir algo úmido e pegajoso entre minhas coxas, mas não queria acreditar que pudesse ser sangue. Que eu poderia estar perdendo minha garotinha.

Meus dedos cravaram em minhas panturrilhas enquanto eu puxava minhas pernas ainda mais apertadas contra meu peito. — É uma espécie de borrão depois disso. As meninas me levaram ao hospital, mas era tarde demais. Ela se foi e eu estava com hemorragia. Eu quase morri. Nos meses seguintes, houve dias que eu desejei ter morrido.

— Não diga isso. — Os olhos de Crosby brilharam com uma mistura de dor e raiva.

— É a minha verdade. Você não pode mudar isso. Estou tão feliz por ter feito isso, mas isso não muda alguns dias, eu deito na cama desejando simplesmente deixar de existir. Isso destruiu algo em mim, Crosby. Eu nunca serei a mesma. Eu não quero ser. Meu bebê levou um pedaço de mim com ela, e eu não iria querer de outra maneira.

— Deus, Kenna. Eu sinto muito.

Ele se moveu rapidamente, rápido demais para eu desviar de seu conforto. Em questão de segundos, ele me colocou em seu colo enquanto me embalava. Meu primeiro instinto foi lutar contra isso, me levantar e me afastar. Essa dor sempre foi minha. Eu nunca tinha falado sobre isso depois das sessões com uma terapeuta que Harriet me forçou a visitar. Mas o calor do corpo de Crosby, o conforto de seus braços, eles chamavam algo dentro de mim, e descobri que não queria lutar contra o consolo de seus braços. Eu queria afundar nele e nunca voltar para respirar.

Ele me segurou com mais força. — Não consigo nem imaginar. Eu gostaria de ter as palavras certas, mas tudo que posso pensar é tão pequeno.

Eu engoli contra a queimadura em minha garganta. — Isto é suficiente.

Crosby simplesmente me segurou, ocasionalmente pressionando seus lábios no meu cabelo ou me balançando para frente e para trás. Logo, as lágrimas começaram a crescer novamente. Este homem enorme era tão incrivelmente terno sob a fachada de um aventureiro despreocupado. Foi essa ternura gentil que rompeu a barragem.

A primeira lágrima transbordou e depois a seguinte. Elas vieram mais rápido e mais rápido até que meu corpo foi tomado por soluços tão violentos que pensei que Crosby poderia me soltar. Mas ele continuou me segurando. Em meio a tremores, lágrimas e gritos feios e quebrados, ele me abraçou.

— Deixe sair. Você esteve segurando muito por muito tempo. Deixe sair tudo. Estou aqui. Eu não vou a lugar nenhum.

Suas palavras só me fizeram chorar mais. Na minha bagunça feia, imperfeita e quebrada, ele estava ficando. As pessoas subestimaram o dom de ficar firme, de apenas estar presente. Mas eu sabia a verdade. Ficar foi o maior presente de todos.

33

Crosby

— Pare de andar na ponta dos pés como se eu fosse quebrar em um milhão de pedaços.

— Eu não estou. — Mas era exatamente isso que eu estava fazendo. Eu estive me movendo pela cozinha de Kenna esta manhã como se qualquer passo errado pudesse enviá-la a um ponto sem volta. Ela quebrou ontem à noite. E por mais que eu soubesse que ela precisava deixar toda aquela dor sair, eu nunca mais queria ver aquilo novamente. Nunca quis segurar Kenna enquanto seu corpo convulsionava contra o meu.

— Estou bem, sério. — Kenna tomou um gole de seu café como se isso fosse provar o ponto.

Eu sentei no banquinho ao lado dela e a puxei para mais perto de mim. — Você não precisa estar bem, sabe.

Os lábios de Kenna formaram uma linha firme. — Muita coisa aconteceu no mês passado. Estava destinado a trazer algumas memórias difíceis. — Ela olhou para cima e encontrou meu olhar, incerteza em seus olhos. — Obrigada por ficar comigo ontem à noite.

Eu não pude evitar a carranca que assumiu minhas feições. Claro, eu fiquei. Eu não teria deixado Kenna sozinha em sua dor. Minha carranca diminuiu um pouco quando percebi de onde vinha sua declaração. Eu nunca tinha ficado uma noite em que não tivéssemos feito sexo. Porque isso é o que sempre foi essa coisa entre nós: sexo com uma boa dose de amizade e um lado de brincadeiras e brigas. Mas em algum lugar ao longo do caminho, as coisas mudaram. As linhas haviam se borrado e agora eu

não tinha ideia de onde estávamos. Mas eu sabia que queria Kenna comigo, que nunca mais queria ver aquela dor aguda em seus olhos novamente. Eu amei a sensação de estar ao redor dela durante o sono.

— Você não tem que me agradecer por isso. Eu queria estar aqui. — E o fato de que eu nunca queria ir embora fazia a ansiedade pinicar meu estômago. Peguei meu café e tomei um gole, me forçando a respirar profundamente.

Kenna estendeu a mão e apertou minha coxa. — Eu quero te agradecer. Significou muito.

— Ok, obrigado recebido e apreciado.

Ela riu. — Cara, você realmente não é bom com gratidão.

Eu coloquei minha xícara de café na mesa. — Eu acho que não. Mas fique à vontade para elogiar minhas proezas sexuais, não tenho problemas para aceitar esse elogio.

Kenna balançou a cabeça e deu uma mordida em um *bagel*. — O que está em sua agenda hoje?

— Eu ia ver se você gostaria de praticar remo comigo novamente.

— Você não tem que se preparar para amanhã?

Eu estava de volta ao tribunal às oito da manhã amanhã e foi a primeira vez que Kenna foi chamada ao tribunal. — Tenho algumas coisas que preciso revisar esta tarde, mas estou pronto. — Sinceramente, não queria Kenna fora da minha vista hoje. Ela disse que estava bem, mas eu não queria que a dor atacasse no momento em que ela estivesse sozinha.

Seus olhos brilharam. — Eu adoraria.

— Parece que alguém está com o vírus. Engraçado depois de toda a merda que você falou sobre o meu amor pela atividade.

Aquele rosa adorável atingiu suas bochechas. — Me desculpe por isso…

— Uh-huh… — Eu olhei Kenna por um momento e depois cheguei mais perto, fazendo cócegas na pele macia. Ela gritou e girou, praticamente se jogando do banquinho.

Kenna estendeu sua faca de manteiga. — Não se atreva…

Meus lábios se contraíram. — Quem teria pensado que Kenna ordenada e correta era tão sensível.

Seus olhos se estreitaram. — É melhor você guardar essa informação para si mesmo.

— Claro. Eu não gostaria que ninguém roubasse minha diversão. — Eu me acerquei até ela novamente, e o som de sua risada cheia de lágrimas foi música para meus ouvidos.

* * *

— Crosby, olhe. — Kenna falou em um sussurro abafado como se sua voz pudesse assustar a criatura majestosa que estava saindo da água.

— Ela não pode ouvir você daqui.

Kenna fez uma careta na minha direção. — A audição de uma Orca é realmente muito aguda sob a superfície.

Mergulhei meu remo na água, indo para mais perto de Kenna. — Bem, Srta. Sabe-tudo, estamos acima da água.

— Sim. Sim. Pare de interromper minha observação de baleias.

Alcancei meu remo e dei a prancha de Kenna a mais leve sacudida. Ela congelou, estendendo os braços para se equilibrar. — Se você me enviar para esta água gelada, vou dar-lhe o pior caso de bolas azuis da sua vida.

Eu soltei uma risada. — Você é brutal, mulher.

Ela apontou o remo para mim. — E não se esqueça disso.

Nós viajamos ao redor da enseada por mais uma hora, observando as baleias saindo do mar, brincando e rindo. Ver a faísca voltar aos olhos de Kenna fez com que a tensão em meu peito diminuísse um pouco. Ela ficaria bem. Eu, por outro lado, teria que lutar para não acabar com Grant Abbot quando o visse no tribunal amanhã. Essa família colocou Kenna no inferno e agora eles estavam fazendo tudo de novo.

— Terra para Crosby...

Olhei para Kenna. — Desculpe, o que você disse?

— Eu perguntei se você gostaria de almoçar no *The Catch* antes de irmos para casa.

Casa. A palavra fez travar uma batalha dentro de mim, uma guerra entre ansiedade e alegria. Adorei que, em alguma parte de seu subconsciente, Kenna também visse sua casa como minha. Mas eu não queria ficar preso lá. Eu tinha minha própria casa. Uma que ficava nas falésias de *Anchor*, com uma vista incrível e tudo do jeito que eu gostava. E isso não me tornava um idiota por pensar dessa maneira? Eu queria a vida dos dois lados: livre, sem nenhum compromisso me prendendo à Terra, mas também queria voltar para Kenna quando quisesse.

Eu limpei minha garganta. — Eu nunca diria não para uma Guinness e comida frita.

Kenna revirou os olhos para o céu. — É um milagre que o seu colesterol não está alto.

Eu dei um tapinha na minha barriga lisa. — Saudável como um cavalo. Venha, vamos voltar, agora estou com fome.

Kenna riu e começou a voltar para a costa. Quando estávamos a cerca de vinte e cinco metros de distância quando ela murmurou uma maldição. Eu olhei em sua direção. — O que há de errado?

Ela parou de remar e olhou para a costa. — Janet.

Kenna raramente, ou nunca, usava as palavras *mãe* ou *mamãe* ao falar com a mulher. Mas por que ela iria? Pelo pouco que eu sabia, Janet não tinha feito nada para ganhar os termos. A melhor coisa que ela já fez por sua filha foi assinar seus direitos com Harriet. — Você quer que eu peça a ela para sair?

— Não. — A palavra veio rápida e dura. — Eu lidarei com ela. Você não deveria ter que ver essa bagunça.

— A vida é uma bagunça. Eu tive minha parte. Ela não vai me assustar.

O queixo de Kenna se contraiu enquanto olhava para a figura sentada no banco de piquenique. — Você ainda não experimentou uma das cenas de Janet Morgan.

Não havia nada que eu pudesse dizer sobre isso. Eu apenas teria que deixar minhas ações falarem por mim. Mas, conforme nos aproximávamos da costa, não pude deixar de imaginar uma garotinha cujos episódios da mãe constantemente a embaraçavam ou assustavam. No momento em que chegamos à praia, eu estava louco de raiva. — Deixe os remos aqui. Podemos pegá-los depois de lidar com ela.

Kenna acenou com a cabeça rigidamente, colocando seu *stand up paddle* fora do alcance da maré. Quando ela se endireitou, deu um giro quase imperceptível de ombros. Preparando-se para a batalha. Tive o desejo repentino de ficar entre ela e a mulher na mesa de piquenique, mas sabia que não seria apreciado.

Kenna caminhou na direção de Janet, mas parou a alguns metros de distância. — Você está bêbada.

— O que é isso para você? — Janet gaguejou enquanto se levantava. Ela cambaleou e deu um passo para o lado, revelando uma garrafa de vodca *Taaka* tombada. Eu estremeci. Ela poderia muito bem estar bebendo combustível para aviões.

— Por favor, me diga que você não dirigiu.

Janet deu um passo trêmulo para a frente. — Eu andei, mas não é da sua conta. Você é muito sofisticada para sua mãe agora. Harriet criou você e agora você se acha a melhor. Mas você não é nada.

Eu enrijeci. — Sra. Morgan.

Kenna estendeu a mão para me impedir. — Faça-me um favor e pegue nossas coisas, sim? — Eu não queria dar um passo para longe de Kenna. Eu não confiava em Janet para não a atacar. — Por favor, Crosby?

Eu balancei a cabeça e corri para nossas toalhas, pegando-as e minhas chaves rapidamente.

— Arranjou um novo namorado elegante, hein? Aposto que este também vai te deixar. Apenas tente não engravidar desta vez.

Kenna escondeu todas as reações de seu rosto. Foram apenas suas mãos cerradas, os nós dos dedos branco, que delataram como aquele golpe havia acertado.

— Vá esperar no carro. — Meu polegar já havia atingido um contato no meu telefone e a outra linha estava tocando.

— Eu não vou a lugar nenhum. Para quem você está ligando?

— Parker. — O xerife poderia lidar com essa desculpa horrível de ser humano.

— Oooohhhh, — Janet tropeçou contra o banco. — Ele é tão gostoso quanto você? Vamos fazer um trio?

Parker atendeu no terceiro toque. — Ei, Crosby.

— Alguma chance de você ter alguém em *Anchor*? — A cadeia de ilhas compartilhava os oficiais do departamento do xerife na maior parte do ano, as ilhas menores como *Anchor* só tinham oficiais dedicados durante os meses de alto tráfego do verão.

— Estou na ilha, na verdade. Acabei de almoçar no *The Catch*. O que está acontecendo?

— Você pode vir para *Brookings Inlet*? Temos um problema.

— Isso é tudo que você vai me dar?

— Isso é tudo que posso dizer agora. — Eu me preocupei se Janet descobrisse em seu cérebro bêbado que estávamos chamando a polícia por ela, ela se tornaria ainda mais beligerante.

Parker suspirou. — Estou a caminho. Estou aí em cinco minutos.

— Obrigado, cara. — Eu apertei o botão *encerrar* e voltei para Janet, que estava vomitando ainda mais ódio contra a filha. — Sente-se e cale-se.

Janet deu um passo para trás com o meu tom, o banco da mesa de piquenique batendo na parte de trás de seus joelhos e forçando-a a se sentar. — Bem, isso não é muito bom.

— Você trata as outras pessoas como lixo, é isso que você deve esperar receber em troca.

— Crosby... — A mão de Kenna apertou meu braço suavemente.

— Não. Ela não merece sua defesa. — Janet não merecia nada a não ser ficar sentada na cela por algumas horas e, em seguida, ser expulsa desta ilha para voltar para qualquer buraco de onde ela saiu.

— *Eu* estava tentando dar a ela uma última chance. — Os olhos de Janet se estreitaram enquanto ela falava.

A inquietação picou minha pele e Kenna ficou tensa. — Uma última chance para quê? Vínculo familiar? Acho que vou passar.

Janet bufou. — Para me dar meu dinheiro.

— Já te disse, não tenho dinheiro para te dar. E mesmo se eu tivesse dinheiro extra circulando, isso não alimentaria seus vícios. — A voz de Kenna permaneceu calma, mas a cor em suas bochechas indicava uma mistura de raiva e constrangimento.

Janet ficou de pé, trêmula, mais uma vez. — Você vai se arrepender disso, garota. Tenho outras maneiras de conseguir o que quero.

Quando eu estava prestes a perguntar o que diabos ela quis dizer com isso, o SUV do xerife parou. Com a batida da porta de Parker, Janet olhou por cima do ombro. Ela soltou uma série de maldições que teriam feito um marinheiro corar. — Você chamou a polícia, seus filhos da puta?

— Isso é o que acontece quando você infringe a lei, — disse Kenna uniformemente.

— Eu vou te mostrar o que é violar a lei. — Janet se lançou sobre a filha, o punho erguido e gritando. Eu a peguei pela cintura no último segundo, puxando-a para trás enquanto ela se debatia. — Me solta,

idiota. Ela é minha garota. Eu tenho que ensinar a ela um pouco de respeito. — Meu intestino azedou com as palavras da mulher.

Parker correu. — O que diabos está acontecendo?

— Uma ajudinha aqui? — Eu perguntei. Janet era notavelmente forte para uma mulher que provavelmente vivia principalmente de bebida e cigarros.

Entre nós dois, Parker a algemaram. — Sente-se, ou terei que dar um choque em você. — Isso calou a boca da mulher. Parker olhou entre Kenna e eu. — Quem é ela?

Kenna pigarreou. — Ela costumava ser minha mãe.

Parker praguejou. — Ela está bêbada e atacou você. Quer apresentar queixa?

Kenna balançou a cabeça. — Sem queixas. Mas você pode levá-la até que ela fique sóbria?

O rosto de Parker se suavizou. — Claro. Se mudar de ideia sobre as queixas, é só me avisar.

— Obrigada. Agradeço por você lidar com isso.

Parker deu um aperto rápido no ombro de Kenna. — É para isso que estamos aqui. Cuide-se. — Ele se virou para mim. — E você cuida dessa aqui.

Eu forcei um sorriso. — Vou tentar, mas ela é muito encrenqueira.

Kenna deu uma risadinha como eu esperava e Parker deu uma risadinha. — Vejo vocês mais tarde. — Com isso, ele escoltou uma Janet visivelmente desanimada para seu SUV.

— Venha aqui. — Abri meus braços e Kenna caminhou at´´e mim. Nenhuma hesitação como poderia ter ocorrido apenas algumas

semanas atrás, simplesmente aceitação aberta. — Eu sinto muito. — Eu a envolvi com força em meus braços, desejando com tudo em mim que eu pudesse apagar a dor que os últimos vinte minutos tinham causado, borrar a agonia de uma vida inteira de ter Janet como mãe.

Kenna enterrou o rosto no meu peito. — Não é a primeira vez. Não será a última.

Pressionei meus lábios em seus cabelos, inalando a mistura de ar do mar e toques de algo feminino e atraente. — Você não merece o ódio e a feiura que ela estava vomitando.

Ela inclinou a cabeça para trás para que seu queixo descansasse no meu esterno. — Você está certo, eu não mereço. Mas as pessoas vivem com piores condições. Vou sobreviver. — Seus olhos se fecharam um pouco. — Eu simplesmente odeio que você e Parker tenham que ver isso.

Puxei Kenna com mais força contra mim. — Não se desculpe por isso. Por ela. Esse não é o seu fardo.

A dor percorreu o rosto de Kenna. — Ela nunca me amou. Sempre foi sobre o que eu poderia dar a ela. Dinheiro do estado. Qualquer outra coisa, ter um filho e que pagaram por ele.

— É ela quem perde. Ela perdeu a maior bênção de sua vida. Um dia, ela vai perceber isso. Mas você já terá ido.

— Não vou acreditar naquele dia. — Kenna voltou o rosto para o oceano, apoiando a bochecha no meu peito. — Ela costumava aparecer no *The Gables* ocasionalmente. Exigindo que Harriet lhe desse dinheiro porque roubou a filha.

A tensão percorreu meus músculos. — Você é mais do que um cheque. O presente que sua vida é para as pessoas que a amam não tem preço. Nenhuma quantia de dinheiro poderia cobrir isso.

— Mas sempre fui assim. Um cheque do governo para me manter viva. Um cheque dos Abbots para se livrar do meu bebê. Um cheque para desistir de minha casa. Alguém sempre quer me mandar embora com um movimento do pulso. Fiquei pensando que talvez se eu fosse suficiente perfeita, eles não me jogariam fora.

Eu me afastei, pegando o rosto de Kenna em minhas mãos. — Não deixe que a ignorância de outras pessoas influencie o seu valor. Você é muito mais do que eles poderiam ver. E você nunca poderia ser mais bonita do que quando me deixa *te* ver quem você realmente é, com imperfeições e tudo.

Havia uma guerra em seus olhos, eu podia ver. — Ok.

— Bom. — Eu tomei a boca de Kenna em um beijo lento, seu gosto impresso na minha língua. Um dia, essa mulher se veria como eu. Forte porque ela estava quebrada. Amando porque ela se machucou. Perfeita em todas as suas imperfeições.

34

Kenna

— Você tem certeza de que não quer algo? Um suco, pelo menos?

Eu balancei minha cabeça enquanto Bell esfregava a mão para cima e para baixo nas minhas costas. Se eu comesse alguma coisa, acabaria vomitando quando chegasse ao tribunal.

— Você está muito pálida...

— Caramba, valeu. — Eu gastei um tempo extra com minha aparência naquela manhã, alisando muito o meu cabelo, aplicando uma camada de maquiagem discreta, eu até fiz uma busca na internet por roupas adequadas para o tribunal. Mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre o fato de todo o sangue ter saído da minha cabeça.

Bell parou de esfregar minhas costas e segurou a mão dela enquanto nos sentávamos em um dos bancos do tribunal. — Desculpe, só estou preocupada com você.

Eu apertei sua mão. — Eu sei. Desculpe, estou sendo uma vadia.

— Vadia não, apenas sarcástica. E eu sei que seu sarcasmo sai quando você está com medo.

Algo em mim esquentou com suas palavras, e eu tive o desejo repentino de chorar. O que estava acontecendo comigo? Desde que tive meu colapso com Crosby e contei a ele sobre a perda da minha garota, minhas emoções estavam em todo lugar. Não ajudou que minha mãe estivesse por perto, junto com Grant. Eu respirei lenta e profundamente. Em algumas semanas, tudo voltaria ao normal, e meu corpo e coração não pareceriam mais como se estivessem enlouquecendo.

Crosby olhou por cima do ombro de onde estava sentado na frente da sala e me deu uma piscadela. Eu não pude deixar de me perguntar se ele ainda estaria por perto da mesma forma que estava agora. Meu coração deu um aperto doloroso com a ideia de as coisas voltando a ser como era antes. Em um status em que brigávamos, mas não sabíamos nada sobre um ao outro.

Bell bateu no meu ombro com o dela. — Como estão as coisas aí?

Eu senti um pequeno tremor com suas palavras, totalmente perdida em meu próprio mundo. Um em que eu estava olhando muito intensamente para Crosby McCoy. — As coisas são... complicadas.

— Descobri que as coisas quase sempre ficam assim antes de ficarem boas.

— Ou antes que fiquem ruins.

Bell se virou para mim. — Tenha um pouco de fé.

Ter fé não era meu forte. Eu era mais um tipo de pessoa que se preparava para o pior. Eu passei por muita coisa para ter uma visão da vida de Pollyanna. E pensar em todas as coisas possíveis que poderiam dar errado significava que eu poderia estar preparada para todas elas. Mas também significava que eu estava constantemente esperando que algo saia mal.

Bell soltou um pequeno rosnado. — Pare com isso.

— Parar o que?

— Eu sei o que você está pensando. Que nada funciona para você. Mas isso não é verdade.

As coisas que funcionaram para mim foram principalmente coisas que desejei que existissem por meio do meu trabalho árduo e da recusa em desistir. Ser a primeira pessoa da minha família a ir para a

faculdade. Terminar a tempo mesmo depois de tirar uma licença. Obtendo meu diploma de contabilidade. Subindo na hierarquia no meu trabalho. — Você está certa, há muitas coisas boas na minha vida.

— Como Caelyn e eu. Ford e os pequenos terrores. Crosby.

Meu coração deu um pequeno vibrou ao ouvir seu nome. Ele trouxe muitas coisas boas para minha vida, mas isso também significava que ele poderia aguentar quando partisse. E eu estava me acostumando com a energia, a vitalidade que ele parecia infundir na minha vida. Era piegas como o inferno, mas ele me lembrava de toda a beleza que havia no dia a dia.

Eu limpei minha garganta. — Há muito pelo que ser grata.

— E haverá ainda mais quando este caso for resolvido, e você pode oficialmente tornar *The Gables* seu de todas as maneiras que Harriet queria que você fizesse.

Uma onda de apreensão percorreu minha pele. Eu não tinha sido corajosa o suficiente para entrar na casa principal ainda. Eu sabia que todas as memórias que compartilhei com Harriet me atacariam assim que eu entrasse pela porta. E eu iria quebrar. Eu não era forte o suficiente para enfrentar isso ainda. Mas eu faria. Uma vez que a casa fosse realmente minha, eu encontraria uma maneira de fazer dela a casa que Harriet sempre quis que fosse, aquela que sua família nunca foi capaz de dar a ela.

Vozes e passos soaram e me virei para observar os recém-chegados. Grant e vinham caminhando. Ela estava pressionada com força contra o seu lado, e a visão fez a bile rodopiar no meu estômago. As fotos que ela me enviou dos dois passavam por minha mente em um loop infinito. A náusea não tinha nada a ver com meus sentimentos por Grant. Esses morreram de uma morte ardente há muito tempo. Era

simplesmente um lembrete doentio de que ele era outra pessoa que eu amava, que me traiu das piores maneiras imagináveis. Lacey enviou um sorriso de escárnio em minha direção e passou um braço pelo de Grant. Seu pai estava atrás do grupo.

Bell se aproximou e sussurrou em meu ouvido. — Um dia, aquela garota vai receber o que está preparado *pra* ela.

Eu não iria prender a respiração. Lacey já deveria ter sido atingida pelo trem do Karma uma centena de vezes. Mas ela sempre parecia se esquivar habilmente.

Houve um movimento na lateral da sala do tribunal e então apareceu um oficial de justiça. — Todos se levantem.

O juiz Moore entrou, seus passos consumindo a distância rapidamente. Seu andar era tão prático quanto o resto de sua personalidade. E eu esperava que isso me tivesse servido bem. Ele chamou o tribunal em sessão. Logo, os advogados estavam indo e voltando naquela língua onde eu só reconhecia a cada quarta ou quinta palavra.

O Sr. Hotchkiss levantou-se. — Temos uma testemunha de última hora.

Crosby se pôs de pé. — Objeção, Meritíssimo. Não fui notificado de quaisquer testemunhas adicionais e não tive tempo de me preparar para um possível interrogatório.

Grant se virou e me deu uma piscadela. A ação fez meu estômago embrulhar. Havia maldade em seus olhos. Como eu perdi isso tantos anos atrás?

O Sr. Hotchkiss manteve seu rosto uma máscara de desculpas. — A testemunha acabou de se apresentar esta manhã. Eu mal tive tempo para

me preparar também. Mas sinto que o testemunho dela é vital para o caso.

O olhar do juiz Moore se estreitou em Hotchkiss. — Não sou idiota, Sr. Hotchkiss. E eu não aprecio esse tipo de palhaçada no meu tribunal.

— Meritíssimo...

O juiz Moore ergueu a mão. — Fique quieto até que você seja chamado. — Seu olhar se concentrou em um papel em sua mesa. — Quem é a testemunha?

— Janet Morgan, mãe de Kenna Morgan.

Bell respirou fundo, mas eu estava como uma pedra. Ela me avisou para dar a ela o que ela queria. Agora, ela estava cumprindo suas ameaças. E Grant foi o único a desferir o golpe que ele sabia que seria o mais doloroso - ter minha mãe voltada contra mim, mais uma vez.

— Meritíssimo, — começou Crosby. — Janet Morgan não mora na ilha há muitos anos. Ela não teve contato com a filha, a menos que você conte uma cena ontem em que o xerife foi forçado a removê-la por embriaguez em público.

— Irrelevante, — argumentou Hotchkiss. — Sra. Morgan ficou perturbada com a crueldade de sua filha para com ela e algumas informações que ela descobriu recentemente.

O juiz Moore ergueu a mão e olhou para Crosby. — Quanto tempo você precisa para se preparar para este testemunho?

— É difícil dizer, Meritíssimo. Pelo menos um ou dois dias.

Moore assentiu e se virou para Hotchkiss. — Você pode chamar sua testemunha agora. Mas o Sr. McCoy terá o tempo que precisar para se preparar para o interrogatório.

— Meritíssimo... — Hotchkiss começou.

— Isso é o que você ganha por tentar manipular meu tribunal. Que isso seja um aviso para você.

— O que isso significa? — Bell sussurrou em meu ouvido.

— Eu não faço ideia.

A porta na parte de trás da sala do tribunal se abriu e saltos soaram no azulejo. Eu me preparei e olhei por cima do ombro. Lá estava Janet. Ela usava saltos que eram mais adequados para uma noite em um clube e uma saia que era cerca de dez centímetros mais curta para qualquer tipo de compromisso profissional. Seu olhar encontrou o meu e ela sorriu. Era feio, malicioso, e eu soube naquele momento que ela faria qualquer coisa para tornar minha vida um inferno.

O Sr. Hotchkiss manteve aberto o pequeno portão de madeira para que ela pudesse entrar e subir até o banco das testemunhas. Ela prestou juramento e depois se sentou.

— Sra. Morgan. Como você conheceu Harriet Abbot?

Janet fez o possível para resistir à careta, mas teve sucesso apenas em parte. — Ela ficou com a custódia da minha filha quando eu não estava em condições de cuida-la.

— E por que você não poderia cuida-la?

— Kenna sempre foi uma criança problemática. Ela criou problemas em casa. Teve problemas na escola.

Crosby se inclinou para frente em sua mesa. — Objeção. Relevância? Isso não tem nada a ver com o nosso caso, e a testemunha está dando sua opinião, que não tem base de fato. A testemunha tem um relacionamento tenso com sua filha, e ontem mesmo ameaçou causar problemas para ela.

— Sustentado. Vou observar isso e você terá a chance de questionar a Sra. Morgan como uma testemunha hostil.

— Obrigado, Meritíssimo.

O juiz Moore acenou para Hotchkiss. — Prossiga com uma nova pergunta.

Um músculo na bochecha do Sr. Hotchkiss esticou. — Sim, meritíssimo. Sra. Morgan, quando você voltou para a *Ilha Anchor*?

Janet apertou os lábios. — Eu não tenho certeza. Talvez uma ou duas semanas atrás.

— E quando você fez isso, o que sua filha compartilhou com você?

Meu estômago embrulhou. Eu não tinha compartilhado nada com Janet além de meu desejo de que ela fosse embora e minha recusa em lhe dar dinheiro. Mas minha mãe poderia mentir com o melhor deles.

Janet arrumou suas feições com preocupação. — Ela disse que Harriet havia deixado *The Gables* para ela e, assim que a papelada fosse processada, ela venderia a propriedade para uma construtora. Perguntei como ela poderia fazer isso, já que eu sabia o quanto isso significava para a velha senhora, mas Kenna disse que não se importava. Ela só queria o dinheiro.

Minhas unhas cravaram nas palmas das mãos com tanta força que pude sentir a pele se romper. Mas eu precisava da dor para ficar em silêncio. Para me impedir de pular da cadeira e gritar — *mentirosa* — para a mulher que deveria cuidar de mim, mas parecia me odiar desde o dia em que nasci. Porquê? Eu não tinha idea. A única coisa que eu sempre quis foi seu amor e cuidado. Mas mesmo esse desejo parecia gerar seu ódio.

Minha visão ficou embaçada e as vozes na sala ficaram confusas. Não pude ouvir as objeções de Crosby ou o resto do testemunho de minha mãe. Eu só conseguia olhar para os meus joelhos. As meias que coloquei meticulosamente hoje, tão incrivelmente cuidadosa para não rasgar ou desfiar. Eu pensei que se eu tivesse minha armadura no lugar, nada poderia me machucar. Quão errado eu estava.

Cumpri as formalidades quando fui chamada para depor e repeti após a declaração juramentada. Respondi às perguntas de Crosby e depois às de Hotchkiss. Eu não tinha certeza de como. Eu esqueci o que eles perguntaram um momento depois que eu respondi. As únicas perguntas que ficaram na minha cabeça foram as que Crosby fez sobre minha infância. Ele perguntou a eles com um pedido de desculpas silencioso em seus olhos, sabendo que eu não queria que o mundo visse o que eu trabalhei tão duro para esconder. Mas isso não importa. Tudo estaria exposto agora. E não havia nada que eu pudesse fazer para impedir.

Quando o tribunal foi encerrado, Crosby e Bell me levaram apressadamente para fora da sala e do prédio, guiando-me escada abaixo até a caminhonete de Crosby. Quando estávamos todos bem situados lá dentro, Bell soltou um suspiro. — Bem, isso foi seriamente confuso.

Crosby agarrou o volante, embora o veículo não estivesse em movimento. — Eles estão melhorando o jogo. Jogando mais sujo. Eu só queria saber qual seria o próximo movimento deles.

— Eu disse que isso ia acontecer. — Minha voz parecia morta, até mesmo para meus próprios ouvidos.

Bell se inclinou para frente entre os assentos. — Você não vai parar de lutar, não é?

Uma parte de mim queria. Eu queria correr rápido e longe. Ganhei o suficiente com meu trabalho para alugar um lugar decente na cidade,

talvez até comprar alguma coisa. Seria meu e só meu. Não haveria ameaças ou memórias pairando sobre minha cabeça. Mas eu não poderia fazer isso com Harriet. Ela queria que *The Gables* fosse uma casa cheia de vida, com seus altos e baixos, mas com alegria em meio a tudo isso. Eu encontraria uma maneira de fazer isso acontecer para ela. Mas não apenas para Harriet. Para mim também. Seja porque eu merecia uma vida cheia de alegria e bagunça. Eu não tinha certeza de como seria ainda, mas descobriria ao longo do caminho.

— Ela está sorrindo, — sussurrou Bell.

Crosby deu uma risadinha. — Acho que isso significa que ela está planejando. — Ele colocou uma mecha de cabelo que tinha caído do meu coque atrás da minha orelha. — Você está bem, Olhos Castanhos?

— Não. Eu não estou bem. Mas eu ficarei.

35

Crosby

Soltei um grunhido de frustração quando me afastei da minha mesa. Eu estava vasculhando o registro de prisão de Janet Morgan, entrando em contato com os antigos professores de Kenna que ainda estavam na ilha, vizinhos da casa em que Kenna havia passado os primeiros anos de sua vida, qualquer pessoa que pudesse ajudar a convencer um juiz de que Janet era uma mentirosa manipuladora. O juiz Moore não era bobo, mas não tinha certeza se tínhamos o suficiente para ele desconsiderar completamente o testemunho de Janet. Eu queria uma *enterrada* forte, e isso parecia quase impossível quando tudo o que eu tinha eram declarações que basicamente eram opiniões.

— Você precisa fazer uma pausa.

Eu olhei para cima para encontrar Penny encostada no batente da porta do meu escritório. — Eu não tenho tempo para uma pausa.

Ela fez um som e me deu seu olhar de mãe patenteado. — Você fará muito mais progresso se der um descanso ao seu cérebro. Levante-se e respire. Respire um pouco de ar fresco, sinta o sol no rosto. Dê um passeio e almoce. Você não é bom para ninguém se está enlouquecendo. Ela tinha razão. Eu li a mesma página de um relatório político três vezes nos últimos dez minutos. — Como você ficou tão sábia?

— Criei três meninos que me deram cabelos grisalhos antes de eu completar quarenta anos.

Eu ri. Aqueles meninos adoravam sua mãe, mas ela gostava de lamentar todas as torturas que a fizeram passar na infância e na adolescência. — Eu acho que eles mantêm você jovem.

Penny revirou os olhos para o céu. — Mais como me dar ataques cardíacos semanais. Agora vamos. Levante-se e comece a andar.

— Sim, senhora. — Fiz uma pequena saudação enquanto me levantava. Os músculos das minhas costas protestaram contra a ação - muitas horas em uma posição. Uma caminhada para soltar tudo era exatamente o que eu precisava. Tive o desejo de ir em direção a *Cornerstone*, para verificar Kenna e ver como ela estava se saindo. Eu poderia fazer um convite para levá-la para almoçar, mas eu sabia que ela entenderia. E Kenna veria como eu pensando que ela estava fraca. Frágil. Mas não era o caso, eu estava simplesmente preocupado.

Peguei meus óculos de sol, carteira e telefone da gaveta da minha mesa e os coloquei no bolso. — Você quer alguma coisa do *The Catch*?

Os lábios de Penny franziram. — Trouxe uma salada para o almoço, mas não me importaria de alguns anéis de cebola para acompanhar.

— Vou trazer. — Saí para o sol, colocando meus óculos de sol e começando a caminhada para o *The Catch*. Assim que meus pés começaram a se mover, minha mente se encheu de pensamentos sobre Kenna novamente. A expressão em seu rosto quando sua mãe foi chamada a depor. Como ela desligou todas as emoções enquanto eu fazia perguntas sobre sua infância em tribunal aberto. E ela estava um pouco diferente desde então.

Eu tinha certeza de que alguma parte subconsciente dela estava com raiva de mim por causa das minhas perguntas. Kenna era uma pessoa privada. Compreensível. E eu tinha feito a infância que ela tanto se envergonhava, em um assunto de registro público.

Eu esfreguei a mão no meu queixo e lutei contra a vontade de chutar algo. Eu odiava qualquer indício de distância entre Kenna e eu. E entender isso fez meus passos vacilarem. Quanto tempo se passou desde que passei a noite longe dela? Eu perdi a noção. Meus dias pareciam

perdidos quando eu não ia verifica-la pelo menos uma ou duas vezes para ver como ela estava ou vice-versa. Se minhas noites eram passadas praticando *stand up paddle* ou assistindo tv, elas simplesmente não eram tão divertidas se eu não estivesse com ela. Sem eu saber, eu de alguma forma entrei em um relacionamento real.

Eu esperei o pânico chegar. Aquela sensação sufocante de estar cercado de responsabilidade e expectativa. Nunca criou raízes. Kenna não me fez sentir reprimido. Ela tornou minha liberdade ainda mais doce. Inferno, eu estava me apaixonando pela mulher. O conhecimento dessa verdade, o poder dela, teve um pequeno lampejo de ansiedade iluminando meu interior. Eu o retirei, recusando-me a fazer alguma futura viagem de *e se.*

Comecei a caminhar em direção ao The Catch novamente, uma profusão de emoções passando pelo meu corpo. Meus olhos se estreitaram quando cheguei mais perto. Uma mulher estava saindo de um *Mustang* tão novo que não tinha placa. Uma mulher que reconheci. — Boa tarde, Janet.

Sua cabeça girou em minha direção e levantou o queixo. — Sr. McCoy.

— Carro novo?

Sua expressão vacilou por breves instantes antes de sorrir. — Acho que ela foi feita para mim, não é?

O vermelho cereja do carro combinava com as unhas em garras de Janet. — Eu certamente vejo algumas semelhanças. Quando você o conseguiu?

Seus lábios se estreitaram. — Hoje. Um presentinho para mim mesmo depois de tudo que passei ontem.

Tudo o que ela passou? Tive o desejo repentino de puxar minhas chaves e arranhar o lado daquela pintura imaculada. Parecia que Janet

nunca teve que sentir as consequências de suas ações; era sempre sua filha quem pagava o preço. Janet sabia mentir e manipular, mas ainda assim saiu com um novo carro. Enquanto isso, Kenna cambaleava e era forçada a reviver alguns dos momentos mais dolorosos de seu passado.

Eu dei a Janet um sorriso, mas eu podia sentir o lado selvagem dele. — Tenho certeza que você receberá exatamente o que está vindo para você um dia desses. — Eu só podia esperar que fosse verdade.

Janet engasgou, mas eu a ignorei, avançando em direção ao meu destino. Abri a porta da frente, os sons abafados e o cheiro de comida frita me cumprimentando. Normalmente era um bálsamo, a familiaridade me dando uma sensação de paz. Mas hoje, mal foi registrado. Não com a conversa com Janet circulando em meu cérebro.

— Ei, cara, — Ford cumprimentou de trás do bar.

— Ei. — Puxei o banquinho ao lado de Bell, que estava comendo o que parecia ser um BLT com queijo.

Ela fez uma pausa com o sanduíche a meio caminho da boca. — Você está bem?

Pisquei, tentando limpar meus pensamentos. — Acabei de encontrar Janet. Ela estava dirigindo um *Mustang* novo. Quais são as chances de ela ter economizado para comprar aquele carro?

Bell largou o sanduíche no prato. — Eu diria que de maneira nenhuma. Aquela *vadia.*

Ford deslizou uma cerveja pelo bar para outro cliente. — Você acha que Grant pagou a ela?

— Duvido que haja algum rastro de papel, mas acho que é provável.

As mãos de Bell agarraram a borda do balcão, os nós dos dedos ficando brancos. — Quero mandar aquela família inteira para a Antártica. Mas, primeiro, eu gostaria de dar um nó nas bolas de Grant tão forte que elas estourariam.

Ford engasgou. — Calma, *Trouble*. Lembre-me de não irritar você.

Seu olhar saltou para ele. — Você só conhece a ponta do iceberg do que ele a fez passar. Essa família tem sangue gelado correndo em suas veias. Nunca saberei como vieram de Harriet.

Eu dei um aperto no ombro de Bell, simpatizando com seu desejo de ver a família Abbot pagar. Mas quando o tribunal terminou ontem, meu queixo doía de tensão. — Eles merecem coisa pior do que a Antártica.

Bell examinou minha expressão, procurando por algo. — Ela te disse.

Eu concordei. — Sim. — Eu não ofereci mais nada. Estava claro que Ford não sabia de toda a história, e não era minha função esclarecê-lo. O que Kenna compartilhou comigo sobre a perda de seu bebê e toda a turbulência que cercou a perda foi um presente muito pessoal e íntimo. Eu não compartilharia isso com outra pessoa.

— Eu - eu não posso acreditar que ela te contou. Ela não fala sobre isso. Nunca. Não comigo. Ou Caelyn. Ou mesmo Harriet. Ela está trancada lá dentro por tanto tempo. — As lágrimas encheram os olhos de Bell, e Ford imediatamente contornou o balcão para envolvê-la em seus braços. — Eu estive tão preocupada com ela por tanto tempo. Ela engole tudo. Acha que pode controlar as emoções dessa forma. Mas eu sei que isso a está corroendo lentamente. Você - você tem sido tão bom para ela.

Mudei de posição no banco, o elogio de repente fazendo minha pele parecer muito apertada para o meu corpo. — Eu estava lá na hora certa. — E eu não iria deixá-la me excluir. Eu me senti um pouco culpado por ter pressionado e ameaçado ir embora. Mas eu não me arrependi. Saber

a imagem completa de quem era Kenna, ouvir o como ela era forte nos piores momentos, ver aquele coração terno... isso me fez cair pela mulher incrível.

Bell balançou a cabeça com fervor. — Não. Vocês dois têm algo especial. Mas vejo esse medo em seus olhos, Crosby. Não a machuque porque você não está pronto para dar o salto.

Eu já tinha dado o salto, quisesse ou não. Eu tinha ido atrás da mulher com seus olhos âmbar e escudos de pedra. Eu só esperava sobreviver à queda.

36

Kenna

O telefone da minha mesa tocou e eu soltei uma maldição. Foi um daqueles dias em que nada parecia dar certo. Eu quase coloquei meu olho para fora com o delineador naquela manhã. Eu derramei café na minha saia. E eu estava trabalhando nas mesmas contas da folha de pagamento por muito tempo. Logicamente, eu sabia que demoraria algum tempo para me livrar dos acontecimentos de ontem. Mas não me saí bem por não trabalhar em um nível ideal.

Eu atendi o telefone. — Olá, aqui é Kenna Morgan.

— Kenna, é o Chris. Você poderia ir ao meu escritório?

Meu estômago afundou. O que ele queria me dar uma bronca agora? Eu segui meus pedidos de folga ao pé da letra. Claro, eu estava saindo às cinco da tarde, como o resto do escritório com mais frequência recentemente, em vez de ficar até sete ou oito. Mas e daí? — Claro. Estarei aí em apenas um minuto.

Desliguei e me levantei, tentando aplainar as rugas da minha saia. Felizmente, o material era preto, então a mancha de café não apareceu, mas eu sabia que estava lá, e apenas o conhecimento parecia me jogar fora do meu jogo. — Controle-se, Kenna. Não mostre medo.

Eu mantive minha cabeça erguida enquanto passava pelos cubículos até o escritório de Chris na frente do prédio. Eu dei uma batida leve na porta aberta. Chris acenou para que eu avançasse. — Entre. E feche a porta, sim?

Minhas palmas umedeceram quando fechei a porta. Era raro exigirmos privacidade para as reuniões. Normalmente, as portas estavam totalmente abertas e as vozes nunca silenciavam. Eu me sentei em uma das duas cadeiras em frente a Chris. — Sobre o que você quer falar?

Uma expressão de preocupação encheu seu rosto, mas era tão falsa quanto as dores de estômago que uma criança gemia na manhã de um grande teste para o qual não havia estudado. — Parece que você tem lutado ultimamente.

Minhas omoplatas se juntaram enquanto minha espinha endurecia. — Tenho algumas coisas pessoais acontecendo, mas não acredito que isso tenha afetado meu trabalho. — Na verdade, eu recuperei cada hora que perdi.

A expressão de preocupação se transformou em um pouco mais severo. — Infelizmente, não posso concordar com essa avaliação. Você perdeu mais dias de trabalho do que nunca em sua história na empresa.

— Você quer dizer que tomei os dias pessoais atribuídos a mim, em vez de perde-los? — Eu não ia deixar Chris se safar torcendo e transformando minhas ações em algo que eles não eram. Eu permiti que minha mãe manipulasse a verdade ontem, não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Mas não estávamos em um tribunal hoje.

A vermelhidão se infiltrou nas bochechas de Chris. — É muito incomum que todos os seus dias pessoais sejam usados em uma ou duas semanas.

— Mas é permitido, correto? Eu li a política da nossa empresa e não disse nada sobre os dias que precisam ser separados.

— Pode não estar no manual da empresa, mas é desaprovado.

Significa que *Chris* desaprovou isso. Porque ele estava sempre procurando uma maneira de me derrubar ou provar que eu não era uma

funcionária tão boa quanto os superiores pensavam que eu era. — Fiz questão de registrar algumas horas de trabalho em casa. Tudo o que precisava ser feito foi concluído.

Chris endireitou-se na cadeira, com um brilho nos olhos. — Então, por que vários de seus clientes pediram para serem transferidos para um novo contador?

O sangue foi drenado da minha cabeça. Eu podia sentir isso escorregando do meu rosto até os dedos dos pés. — Quem? — Foi a única palavra que consegui pensar em proferir. Em todos os meus anos na *Cornerstone*, nenhum cliente pediu para ser transferido. Na verdade, sempre tive uma lista de espera de pessoas querendo entrar na minha agenda.

— *The Cove*, a *Marina* e *Island Sports* pediram uma troca.

Minha mente girou. Ele girou em círculos até que a verdade me atingiu como um caminhão Mack. Claro. A família Abbot tinha fortes laços com os proprietários dos três estabelecimentos. Minha mãe tomar posição contra mim foi um golpe brutal, mas perder meu emprego, meu senso de segurança.... Eu não tinha certeza se conseguiria suportar. E Grant sabia disso. Sempre me apeguei a todos os empregos que já tive, renunciando a encontros noturnos com ele para trabalhar horas extras, sendo uma funcionária exemplar para nunca ser despedida. Porque ter um emprego, uma forma de me sustentar, sempre me fez sentir mais segura. Se todos ao meu redor saíssem, eu ainda estaria bem. Eu seria capaz de cuidar de mim mesma.

Eu limpei minha garganta. — Acredito que isso se deva ao atual caso legal com a família Abbot.

Chris fez um barulho como se eu fosse uma criança travessa. — Realmente não mostra muita sabedoria de sua parte antagonizar uma

família tão importante. Você provavelmente deveria reconsiderar essa batalha legal.

Minhas mãos se fecharam em meu colo, minhas unhas cavando em minhas palmas, onde a pele ainda estava sensível de ontem. — Não acredito que isso seja da sua conta.

Os olhos de Chris se estreitaram em mim. — É quando afeta essa empresa. Como gerente desta filial, conversei com a diretoria esta manhã. Eles concordam com minha avaliação. Nós vamos te demitir. Você terá duas semanas para fazer a transição de sua substituição.

Meu queixo caiu. Isso não estava acontecendo. Trabalhei tão duro para me tornar a melhor contadora possível. Eu dediquei meu tempo e energia, tudo o que tinha para este trabalho. Meu peito apertou com o conhecimento de como eu era descartável para a *Cornerstone*. Como facilmente eu poderia ser colocada de lado.

Eu não daria a Chris a satisfação de ver o quanto isso me machucou. Que as palavras que ele disse tão casualmente poderia muito bem ter sido um golpe mortal. — Lamento ouvir você se sentir assim. Tenho duas semanas de férias armazenadas, então acho que vou usá-las a partir de agora. — Se ele pensava que eu ficaria sentada e o ajudaria a me ferrar com mais facilidade, ele tinha outra coisa vindo.

O rosto vermelho de Chris estava de volta, um tom mais profundo agora. — Se você partir sem treinar seu substituto, não receberá qualquer tipo de recomendação minha.

Eu soltei um bufo. Como se eu fosse pedir uma referência a esse homem. Provavelmente seria uma carta catalogando todas as minhas falhas percebidas e nenhum dos meus tributos. — Acho que posso viver com isso.

Eu me levantei, sem esperar por outra palavra dele. Eu não queria ouvir. O mundo parecia um túnel, tudo ficando um pouco embaçado nas bordas enquanto eu caminhava de volta através do labirinto de cubículos para o meu escritório. Eu examinei o espaço. Havia tão pouco que eu queria levar comigo. Duas fotos emolduradas estavam na minha mesa. Uma com Bell, Caelyn e eu juntas. A outra de Harriet e eu. Havia um vaso de planta que Bell me deu que consegui manter vivo por anos. Era isso. Nada aqui falava da pessoa que eu era. Se você olhasse para este escritório, poderia muito bem ser um *drone* estúpido.

Um ardor apareceu no fundo da minha garganta. Não era isso que eu queria ser. Eu queria ser uma mulher que visse beleza no mundo ao seu redor e tivesse tempo para saboreá-la. Alguém que amou livremente e sem reservas. Uma pessoa que não estava constantemente com medo de que o mundo desmoronasse sob ela. Mas eu não tinha ideia de como entrar nesse tipo de existência.

Eu me movi o mais rápido que pude, juntando meus poucos pertences. As fotos foram para minha bolsa, junto com meu laptop pessoal que tinha todos os meus registros. Coloquei a planta debaixo do braço. Enquanto eu andava pelo prédio, as pessoas sussurravam. Alguns tentaram me parar para falar, mas continuei andando. Eu não era realmente amiga de ninguém aqui. Eles simplesmente queriam saber o que tinha acontecido, ou talvez reclamar sobre o idiota do Chris. Não era como se o homem fosse querido.

Joguei todos os meus pertences no banco de trás do meu Civic. Pelo menos meu carro foi pago. Ninguém poderia tirar isso de mim. Voltei para *The Gables* no piloto automático e, quando estacionei em frente à casa de hóspedes, percebi que era um milagre ter voltado sem ter sofrido um acidente.

Saí do carro, mas deixei todas as minhas coisas no banco de trás. Eu lidaria com isso mais tarde. Agora, eu precisava do meu moletom mais

confortável e me enrolar no meu cobertor mais confortável. Então, foi exatamente isso que eu fiz. Eu me enrolei no sofá que tinha a melhor vista do oceano e simplesmente fiquei olhando para a água. Observei as ondas se revoltarem do jeito que eu queria, gritando como a vida poderia ser injusta. Eu me perdi no ritmo de tudo isso, tentando deixar isso acalmar todas as minhas pontas desgastadas.

Eu não tinha certeza de quanto tempo havia se passado quando alguém bateu na minha porta. Eu não me movi ou fiz nenhum som. Com sorte, quem quer que fosse entenderia a dica e iria embora, supondo que eu tivesse saído para correr ou algo assim. Outra batida soou, essa um pouco mais forte.

O som de uma chave na fechadura me atingiu segundos antes de a porta se abrir. Murmurei algo sobre amigos intrometidos e me levantei. — Ei, — eu cumprimentei, minha voz um pouco rouca.

Caelyn lançou um olhar preocupado para Bell. — Ligamos para você nas últimas duas horas.

Eu estremeci. — Acho que deixei meu telefone no carro.

Bell fechou a porta com cuidado. — Nós estávamos preocupadas.

— Desculpe, eu não estava pensando. — Depois de tudo o que aconteceu com ela alguns meses atrás, tínhamos sido um pouco mais cautelosas com nossa segurança pessoal. Deixar meu telefone no carro quando não tinha telefone fixo não era algo que eu normalmente faria.

— Quando você não nos ligou de volta, passamos por *Cornerstone*, — começou Bell. *Oh droga.* — Eles disseram que você foi despedida. Por que você não nos ligou?

Sua voz era gentil, mas a dor no rosto de Bell tinha culpa deixando um gosto amargo na minha boca. — Eu só - eu precisava de um minuto

para envolver minha cabeça em torno de tudo. — Principalmente o fato de que minha vida estava desmoronando ao meu redor.

Caelyn se aproximou. — Entendi. Mas nós queremos estar aqui para você.

Houve um puxão dentro de mim com suas palavras, um cabo de guerra entre querer apoiar-me nelas e querer ficar sozinha. — Obrigada. Eu agradeço. Eu realmente quero. Minha cabeça está uma bagunça e eu estava tentando resolver isso antes de ligar para alguém.

— Você está tentando nos impedir de entrar, — disse Bell. — Quando você está sofrendo, você quer manter todos à distância.

Eu abri minha boca para discutir, a raiva queimando na minha barriga. Mas antes que eu pudesse pronunciar as palavras, uma compreensão me atingiu. Quando algo me deixou de lado, fui como uma tartaruga no mundo, rastejando para dentro da minha concha e não deixando ninguém se aproximar. Se eu não deixasse ninguém se aproximar, eles não poderiam me machucar mais do que a dor que eu já estava sentindo. Mas eu não queria mais ser assim. — Você está certa. Eu não quero fazer isso. É apenas uma segunda natureza.

Bell olhou de mim para Caelyn. — Ela acabou de admitir que eu estava certa sobre algo?

Caelyn sorriu. — Eu acho que ela fez.

Eu revirei meus olhos. — Não fique muito animada. Você ainda está errada sobre maioria. — Outra batida soou na porta. — Quem agora?

Bell parecia envergonhada. — Eu posso ter ligado para Ford, e ele provavelmente ligou para Crosby.

Meus olhos se fecharam. Eu não queria Crosby aqui agora. Ele já tinha me visto no meu ponto mais baixo muitas vezes. Sim, eu comecei a baixar

minha guarda perto dele, mas isso não significava que eu não tinha mais orgulho. Eu estava tão cansada de desmoronar.

A porta se abriu antes que alguém pudesse dizer outra palavra. Crosby entrou, os olhos brilhando enquanto passeava a sala, mirando em mim. A intensidade do seu olhar queimou-me no local. Suas longas pernas ocuparam o espaço até que ele estava me puxando com força para seus braços. — Eu sinto muito.

O abraço de Crosby foi como o resto dele: desinibido e livre. Ele me segurou com tanta força que provavelmente eu estava perdendo sangue nas extremidades. Mas não me importei. Eu precisava daquele toque de ferocidade agora. Era como se seus braços fossem capazes de me segurar. Impedindo-me de quebrar quando o mundo estava caindo ao meu redor.

Eu enterrei meu rosto em seu peito, inalando profundamente. O leve cheiro do ar do oceano agarrou-se a sua camiseta. Mas, no fundo, era tudo Crosby. Enquanto eu deixava sua essência me encher, a dor do dia, os últimos pedaços das paredes nas quais eu estava me agarrando caíram no chão.

37

Crosby

O corpo de Kenna estremeceu ligeiramente e eu a puxei com mais força contra mim, apoiando meu queixo em sua cabeça. Seu corpo se derreteu no meu de forma perfeita. Eu queria que meu abraço fosse o suficiente para protegê-la de todas as besteiras que foram lançadas sobre ela recentemente. Ela suportou mais do que qualquer pessoa deveria ter nos últimos meses. Como ela estava de pé e não balançando em um canto em algum lugar estava além de mim. Mas uma coisa era certa: minha garota era forte. Como uma rocha. Ela iria superar isso também.

— Para não interromper este momento de ternura, — Bell começou quando Ford a envolveu com um braço. — Mas o que diabos aconteceu?

Pressionei meus lábios no cabelo de Kenna e fiz uma careta para Bell. — Dê a ela um minuto, certo?

Kenna se mexeu em meus braços, tentando se livrar dos meus braços. Eu relutantemente a soltei, sentindo a perda instantaneamente. Kenna apontou para a sala de estar. — Vamos. Podemos muito bem sentar.

Puxei Kenna para ao meu lado no sofá, precisando de qualquer pequeno toque que eu pudesse conseguir no momento. O resto do grupo acomodou-se nas cadeiras e Caelyn optou pelo chão. Apertei a mão de Kenna e ela retribuiu o gesto. — Meu chefe é um idiota.

Caelyn engasgou com uma risadinha e Bell revirou os olhos. — Não é uma novidade. Ele está zangado com você desde o primeiro dia.

Eu não tinha conseguido uma boa vibração do cara, mas as declarações das garotas apenas solidificaram meus sentimentos. Posso

fazer uma visita a Chris Woodward. Ou tornando sua vida de negócios na *Anchor* muito desconfortável.

Kenna brincou com o cordão de sua calça de moletom. Eu nunca a tinha visto com roupas como essas. Mesmo sua roupa de lazer normal estava de alguma forma arrumada. Esses moletons pareciam estar a três lavagens de se desintegrar completamente. — Há anos ele está procurando uma maneira de me tirar de lá. Mas ele nunca teve qualquer influência. Os Abbots deram a ele o que ele precisava.

Meus dedos afundaram no braço do sofá. — O que você quer dizer?

Ford se inclinou para a frente em sua cadeira. — Os Abbots não fazem negócios por aqui. Eu não acho que eles sejam clientes da *Cornerstone*.

Kenna continuou dando nós e desatando o cordão da calça de moletom. — Mas eles têm relação com alguns dos meus clientes. *The Cove*, a *Marina* e a *Island Sports* pediram para ser trocadas.

— Que diabos? — Bell se levantou e começou a andar. — O que há de errado com as pessoas? Você é a melhor contadora de toda esta ilha. Você é uma verdadeira local. E uma boa pessoa. E esses idiotas estão dispostos a jogar tudo isso fora porque os Abbots não estão conseguindo o que querem?

Kenna deu de ombros levemente. — Você conhece a influência deles.

— E quem sabe o que Grant prometeu a eles. — Eu queria quebrar alguma coisa. De preferência, algo pesado... sobre a cabeça de Grant. Eu tinha visto táticas feias durante batalhas judiciais em Boston, mas nada como isso aconteceu durante um dos meus casos em *Anchor*. Deixe para a família Abbot destruir esta ilha.

Bell parou de andar e se voltou para o grupo. — Aquele seu chefe se incomodou em perguntar ao resto de seus clientes o que eles achavam de seu serviço antes de pular em cima de você? — Kenna começou a

responder, mas Bell continuou em frente. — Claro, ele não fez. Porque ele é um idiota pomposo, ciumento e um pedaço de merda!

A sala ficou em silêncio. Então, um por um, todos começamos a gargalhar. Kenna se aconchegou ao meu lado e eu a envolvi com um braço, simplesmente apreciando a sensação de seu corpo tremendo de diversão em vez de tristeza.

Ford enxugou uma lágrima do olho. — Diga-nos como você realmente se sente, *Trouble*.

Suas bochechas aqueceram. — Eu não gosto daquele homem.

— Eu posso dizer. — Ford arqueou uma sobrancelha. — Pedaço de merda?

— Eu estava confuso. Simplesmente apareceu.

Caelyn tossiu. — É uma boa palavra.

Kenna acenou com a cabeça. — Na verdade, de agora em diante, Chris será apenas referido como Pedaço de merda.

Bell pressionou um dedo nos lábios em uma pose de pensamento exagerado. — Não tem um certo significado para isso.

Eu balancei minha cabeça e puxei Kenna para mais perto de mim. Essas mulheres eram muito bobas, mas fez bem a minha alma ver um pouco do peso deixar os ombros de Kenna. Infelizmente, eu tive que colocá-lo de volta. — Precisamos pensar onde eles podem atingir a seguir.

Kenna enrijeceu. — O que mais está lá? Eles estão tentando levar minha casa. Eles já pegaram meu trabalho. Vocês sabem o que estão fazendo, então não é como se eles fossem capazes de colocá-los contra mim. O que tem mais?

Eu ouvi um tom de desespero na voz de Kenna. Um que disse que ela estava perdendo o juízo. Eu não a culpo. — Não tenho certeza de onde eles podem atacar em seguida, mas quero que estejamos preparados. Para poder derrotá-los.

Ford puxou a mão de Bell, colocando-a em seu colo. — Crosby tem razão. Você tem algum empréstimo? Tenho certeza de que Clark é próximo ao gerente da filial local.

Kenna deixou escapar o que quase soou como um rosnado. — Não. Meu carro está pago e não tenho mais nada que exija um empréstimo. Mas e se eu for expulsa de *The Gables* e quiser comprar uma casa? Quanto você quer apostar que o empréstimo será negado? — Seus ombros caíram. — Estou tão cansada. É como antes. Os Abbots me espancaram até a exaustão com um milhão de ataques menores.

Ela tinha razão. Pelo que Kenna me contou sobre quando ela estava grávida, os Abbots tentaram esmagá-la. Eu tinha certeza de que eles pensavam que se jogassem o suficiente nela, ela concordaria em não colocar o nome de Grant na certidão de nascimento. Eu nem queria pensar sobre eles possivelmente pressionando-a para fazer um aborto.

— Isso não vai durar para sempre. O caso será resolvido em questão de semanas e temos a verdade do nosso lado. — Na verdade, eu considerava esses novos ataques contra Kenna um bom sinal.

Caelyn falou de seu lugar no chão. — Eles sabem que vão perder, não é? É por isso que estão puxando toda essa porcaria.

— Como isso é legal? — Perguntou Bell.

Esfreguei minha nuca, onde uma dor de cabeça estava começando a se formar. — Até agora, ele não fez nada explicitamente ilegal. Poderíamos registrar uma reclamação nos tribunais, mas isso pode nos fazer mais mal do que bem.

O olhar de Bell encontrou o meu. — Por quê?

Kenna respondeu primeiro. — Porque Grant e Hotchkiss vão torcer minha reclamação a favor deles. E eu vou parecer uma pirralha. — Ela se virou para mim. — O juiz Moore não gostaria disso, não é?

Eu balancei minha cabeça. — Ele não é fã de barulho ou qualquer coisa que pareça ser um drama pessoal. Acho que Grant estava contando com a nossa ação.

Kenna se endireitou. — Então é exatamente isso que não faremos. Eu me recuso a dar a ele a satisfação de saber que ele me abalou.

Pressionei meus lábios em sua têmpora. — Essa é minha garota. — Dura como uma rocha. Mas esse conhecimento não parou o desejo que eu tinha de trancá-la e ficar entre ela e qualquer coisa que pudesse causar sua dor.

Kenna ficou de pé. — Preciso do meu laptop e do meu telefone.

— Porque? — Perguntou Bell.

— Vou ligar para cada um dos meus clientes e dizer a eles que estou trabalhando por conta própria. — A cor havia voltado ao rosto de Kenna, e com esse novo senso de propósito, uma energia que eu não via há dias.

Ford sorriu. — Sabe, estive pensando em contratar um contador para o bar agora que Bell está focada em sua loja. Eu odeio fazer a folha de pagamento. Acha que tem uma vaga para The Catch em sua lista?

Kenna ficou em silêncio por um momento, a gentileza do gesto parecendo pegá-la de surpresa. — Você é meu primeiro cliente oficial.... Obrigada. — Ela olhou ao redor da sala. — Todos vocês.

38

Kenna

— Muito obrigada, Sr. Carpenter. Eu realmente aprecio sua confiança em mim.

A risada corajosa do Sr. Carpenter soou além da linha. — Eu já disse a você antes. Me chame de John. E estou sempre disposto a qualquer coisa que atrapalhe o Homem. Além disso, você é uma contadora muito boa.

Eu sorri para meus papéis que estavam espalhados sobre a mesa de café. — Bem, não importa o motivo, eu agradeço.

— Vejo você na próxima semana, Kenna.

— Semana que vem, John. — Desliguei com um suspiro. Mas feliz.

— Esse foi o último?

Eu olhei para cima para ver Crosby tirando o que parecia ser uma comida pronta do Rocco de dentro de uma sacola. Ele fez Bell e Ford ficarem comigo enquanto ele corria para pegar algumas coisas, mas agora éramos apenas nós dois.

— Tudo feito.

Ele preparou duas fatias de lasanha junto com um pouco de salada *Caesar*. — Veredito?

— Todos, exceto uma pessoa, estão trabalhando comigo.

Crosby sorriu, o sorriso me atingiu bem na barriga ou talvez no coração. Foi devastador. — Isso exige uma celebração.

Eu me levantei e me estiquei, minhas costas rígidas de tanto curvar sobre a mesa de café. — Eu diria que você está certo.

Assim que eu estava próxima a ele, Crosby me puxou e me deu um beijo faminto, sua língua se enredando na minha e me deixando um pouco sem fôlego. — Estou orgulhoso de você.

Afastei o cabelo de seu rosto para poder ver seus olhos um pouco melhor. Olhos que de alguma forma se tornaram meu lugar seguro - talvez até mais do que *The Gables*. — Eu também estou orgulhosa de mim. Eu nunca teria sido corajosa o suficiente para atacar sozinha quando tinha a segurança da empresa para recorrer. Teria parecido muito arriscado. Mas vou ganhar muito mais dinheiro trabalhando por conta própria.

— Bem, você vai me levar para passear na cidade amanhã, então.

Dei um beijo rápido em Crosby. — Vou mantê-lo alimentado.

Ele riu, o som enviando vibrações agradáveis através de mim. — Você vai trabalhar fora da casa de hóspedes ou tentar encontrar um lugar para alugar na cidade?

— Acho que gostaria de encontrar um lugar na cidade. É mais conveniente para os clientes. E vou ter que conseguir uma assistente em algum momento. — Meus lábios se contraíram. — Talvez eu possa subornar Penny.

Crosby me soltou, seus olhos se estreitando. — Nem pense nisso. Sem ela, as rodas da minha vida ficam sem rumo.

— Tudo bem, tudo bem. Vou deixar Penny em paz.

Crosby abriu uma garrafa de vinho tinto com um cheiro celestial. Logo, estávamos discutindo todos os planos que eu tinha para meu novo negócio enquanto devorávamos nossa deliciosa

comida. Não pensei sobre o fato de que a refeição era muito excessiva para uma noite da semana ou o que Grant poderia estar planejando para me causar mais problemas. Eu simplesmente gostava de estar com um homem que estava tão animado com meus sonhos e planos quanto eu.

Crosby puxou meu banquinho para mais perto dele, suas mãos subindo pelas minhas coxas. — Posso ficar esta noite?

Eu franzi meus lábios e olhei para o lado. — Vou considerar...

Crosby se inclinou, seus lábios levemente subindo pela minha garganta. — O que eu tenho que fazer para te convencer?

— Eu diria que você começou bem... — Apenas o toque de seus lábios contra minha pele fez meu corpo ganhar vida. Eu nunca tinha feito tanto sexo com um parceiro como Crosby e eu parecíamos encontrar tempo. E os níveis de atividade pareciam treinar a resposta do meu corpo. O toque de seus dedos, o toque de sua boca e meu corpo sabia exatamente o que estava por vir. Mas foi mais do que isso. Meu corpo havia deixado Crosby entrar. Confiava nele. E meu coração estava seguindo o exemplo.

Eu não podia negar a pontada de medo que esse pensamento trouxe, mas, ao mesmo tempo, o incrível conforto que ele proporcionou. Eu não iria jogar meus jogos habituais, tentando gerenciar ou prever o futuro. Eu ia me deixar cair.

— Eu preciso de você.

As palavras eram quase inaudíveis, mas pareciam enviar uma corrente elétrica por Crosby. Ele ficou de pé em um flash. Envolvi minhas pernas em torno dele enquanto ele me levantava, indo de bom grado. Ele passou pela porta do meu quarto com um punhado de passos. Mas, em vez de seu típico lance brincalhão, ele me abaixou na cama lentamente, como se estivesse absorvendo a experiência.

Crosby olhou para mim, meu cabelo bagunçado em volta da cabeça, e pude sentir seu olhar como uma carícia física. Cada ponto que ele tocou com sua visão parecia transbordar de energia e aumentar a atração em direção a ele. Meus olhos. Meu cabelo. As maçãs do meu rosto. A inclinação do meu pescoço.

Crosby segurou meu rosto. — Você é tão linda.

Eu lutei contra o rubor que queria vir à tona. Em vez disso, estendi a mão para tocar sua bochecha. A barba por fazer em seu rosto picou na minha palma, enviando uma nova onda de sensações pelo meu braço. — Você também é lindo.

Sua sobrancelha se arqueou. — Não é meu elogio usual. Mas eu aceito.

— É verdade. E não só isso. — Coloquei ambas as palmas contra suas bochechas. — Mas aqui. — Eu deslizei a mão para baixo para pairar sobre o lado esquerdo de seu peito. Crosby tinha um dos melhores corações que já conheci. Tudo o que ele fez por Zoe e pelas crianças da *Alliance*. Tudo o que ele fez por Harriet. E os infinitos presentes que ele me deu.

— *Eu te amo*— estava na ponta da minha língua. Eu sabia que não seria recebido como o presente que eu queria que fosse. Crosby veria isso como correntes tentando amarrá-lo, quando tudo que eu queria era que as palavras o fizessem voar alto.

— Você é um homem incrível. — Não era o que eu queria dizer a ele, mas teria que servir.

— Kenna. — A única palavra era quase gutural, como se tivesse sido arrancada dele. Mas nenhuma palavra se seguiu. Apenas ações. Cada movimento era cuidadosamente lento, quase reverente. De puxar

suavemente meu moletom do meu corpo para ternamente deslizar dentro de mim.

O ritmo que Crosby estabeleceu foi uma carta de amor sem palavras. Sentimentos que ele nunca poderia dizer em voz alta, mas transmitia com seu corpo. Cada toque queimava essas emoções silenciosas em minha carne. Meus quadris subiram para encontrá-lo, procurando mais, porque com Crosby, eu nunca teria o suficiente.

Suas estocadas ganharam velocidade, músculos dourados curvando-se e flexionando enquanto ele se movia. Foi lindo de assistir. Crosby agarrou um dos meus seios, seus dedos traçando meu mamilo, então brincando e estimulando. A ação enviou faíscas pelas minhas terminações nervosas. Mesmo assim, eu precisava de mais.

Minhas pernas engancharam sobre seus quadris, os calcanhares apertando em sua bunda. Eu precisava dele mais profundamente. Tão profundo, a marca que ele deixou nunca iria desaparecer. Crosby pareceu entender silenciosamente, mudando seu ângulo e sua velocidade novamente. De repente, ele estava em toda parte, cada impulso reverberando em cada músculo.

Minhas costas arquearam enquanto eu o recebia, tentando agarrar o que era senti-lo assim. Eu nunca queria esquecer o que era ser totalmente dele. E quando me desfiz, eu sabia que nunca esqueceria.

* * *

Acordei lentamente, como se estivesse saindo de um coma de um ano. Pisquei para o espaço bem iluminado. Que horas eram? Eu olhei para o relógio e meu queixo caiu. Dez da manhã? Eu não tinha dormido tão tarde desde que estava na faculdade. Mas eu tive que admitir, me senti bem. Descansar nas últimas semanas foi difícil, para dizer o mínimo.

Eu rolei de costas e me estiquei. Aparentemente, eu precisava de onze horas. E eu não me sentiria culpada por isso, mesmo que houvesse um milhão de coisas que precisassem ser feitas. Eu me sentei, o fluxo de sangue me deixando tonta por um momento. Nossa, eu me senti como se tivesse sido drogada.

Eu me dei um momento antes de me levantar e pegar meus chinelos e meu robe. Fiz uma rápida parada no banheiro para escovar os dentes e depois fui para a cozinha. Os aromas celestiais que me saudaram me pararam no caminho. Crosby se movia pelo espaço com total facilidade, como se fosse o dono de cada centímetro dele. Calça de moletom cinza pendurada debaixo dos seus quadris. Uma camiseta branca lisa colada em seu peito musculoso. Eu lutei contra a vontade de lamber meus lábios.

O olhar de Crosby travou com o meu quando ele se virou. — Bom dia, Bela Adormecida. Eu estava preocupado em quebrar o feitiço com um beijo mágico.

Eu ri, contornando a ilha e envolvendo meus braços em volta dele. Essa energia fantasma que sempre seguiu Crosby girou em torno de nós. — Eu não durmo muito há anos.

Ele pressionou seus lábios na minha têmpora. — Você precisava disso. Você teve longas semanas.

— O que você ainda está fazendo aqui? Você não precisa estar no trabalho?

Crosby colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Não devo voltar ao tribunal até amanhã, e estou preparado. Posso tirar algumas horas de folga esta manhã.

Eu me enterrei mais em seu peito. — Não vou discutir sobre isso. — Deveria ter me apavorado que eu apreciasse tanto sua companhia. Mas

eu estava cansada de ficar com medo o tempo todo. Eu só queria viver aqui e agora. Meu estômago roncou alto.

Crosby deu uma risadinha. — Todo aquele sono te deixou com fome?

— Eu acho. O que você fez?

Ele fez um gesto *Vanna White*[4] para o fogão. — Bacon, ovos e biscoitos.

Parecia incrível. Eu geralmente não era uma grande fã de bacon, mas mesmo isso tinha um cheiro delicioso. Acho que era isso que acontecia quando você dormia metade do dia. — Me alimente.

— Feliz por isso.

Crosby me soltou e serviu para nós dois fartos pratos de café da manhã. Nós conversamos sobre nada importante enquanto comíamos e, em pouco tempo, eu havia consumido até o ultimo pedaço de comida. Eu dei um tapinha no meu estômago. — Obrigada. Isso foi perfeito.

Crosby se inclinou e deu um beijo no canto da minha boca. — A qualquer momento.

— Você conversou com a Zoe recentemente? — Com toda a loucura, não tínhamos saído para visitá-la recentemente e não queria que ela se sentisse como se a tivéssemos abandonado.

Crosby acenou com a cabeça enquanto pousava a caneca de café. — Nós conversamos por vídeo ontem. Eu disse a ela uma versão resumida do que está acontecendo. Ela entende que as coisas vão ficar agitadas por um tempo. Ela parece realmente estar se adaptando na casa dos Wilsons. Ingrid disse que até convidou uma amiga do time de futebol para dormir.

[4] Apresentadora de TV americana.

O calor se espalhou pelo meu peito. — É um ótimo sinal. Ainda quero ir para lá o mais rápido possível.

Crosby apertou minha coxa. — Nós vamos. Eu não acho que este julgamento vai durar mais do que uma ou duas semanas.

Meu estômago revirou com suas palavras. O julgamento acabaria, mas isso significava que eu estaria fora de casa? Eu deixei meus olhos fecharem e respirei fundo. Eu tinha que ser otimista, enviar todas as esperanças de que o juiz veria através do ato familiar preocupado dos Abbots em seu apego a avareza.

As mãos de Crosby seguraram meu rosto. — Eu estou otimista. Eu realmente estou.

Eu pressionei meus lábios nos dele. — Você fez um trabalho incrível com este caso. — Ele procurou professores e vizinhos que eu nunca pensei que ele encontraria para colocar em dúvida o testemunho de Janet. Ele encontrou especialistas médicos para apoiar a declaração do Dr. Kipton sobre o estado de mental de Harriet. Ele deu tudo o que tinha para tentar me ajudar a manter minha casa. — *Eu te amo*— estava na ponta da minha língua novamente, mas eu o segurei.

— Obrigada.

Uma de suas mãos deslizou pelo meu rosto para apertar minha nuca. — Qualquer coisa para você.

Não exatamente. Eu odiei que o pensamento ainda tivesse entrado em minha mente, mas não o tornou menos verdadeiro. Crosby me daria tudo menos uma promessa de futuro. Uma família. E havia uma vozinha dentro de mim que se perguntou se eu poderia viver com isso. Eu o empurrei de lado, optando por beijá-lo.

— Vou considerar isso como pagamento por serviços jurídicos a qualquer momento.

Eu ri e comecei a recolher nossos pratos. — Isso não é contra as regras em algum lugar?

— Eu poderia ser expulso, mas valeria a pena.

Eu sorri para os pratos enquanto ia até a pia. — Você é incorrigível.

Crosby seguiu atrás de mim, pressionando um beijo no meu pescoço. — E é assim que você gosta.

Era verdade. A energia juvenil que costumava me incomodar agora era uma das coisas que eu mais amava em Crosby. Era como se ele visse o mundo como seu melhor playground, queria ver e experimentar tudo. E poderia transformar a mais simples das atividades na mais grandiosa das aventuras.

— Então, quais são seus planos para o dia? — ele perguntou.

Enxaguei nossos pratos, colocando-os na máquina de lavar. — Vou ao corretor de imóveis e ver se há algum espaço de escritório para alugar na cidade. Com sorte, posso verificar alguns.

Crosby me entregou nossas canecas vazias. — Parece bom.... Tenha cuidado, ok?

Minhas mãos pararam na pia. — Você está preocupado com Grant?

Crosby esfregou a mão na barba por fazer que crescera a ponto de quase ser uma barba curta. — Provavelmente estou sendo cauteloso demais, mas prefiro ser cuidadoso demais do que imprudente. Ele ficará mais desesperado quando o caso piorar para ele.

Desliguei a água e passei meus braços em volta da cintura de Crosby. — Eu vou tomar cuidado, tenho meu telefone. Ligarei se ele aparecer em algum lugar. — E se Grant me der mais problemas, eu tinha uma boa lata de spray de pimenta na minha bolsa só para ele.

39

Crosby

— Vou comprar um sanduíche no *The General Store*. Você quer alguma coisa? — Eu nem estava com tanta fome depois do café da manhã de Kenna, mas precisava de uma pausa. Eu havia repassado várias vezes meu interrogatório para Janet, as perguntas que tinha para as outras testemunhas que estariam no banco no dia seguinte. Eu precisava de um pouco de ar fresco para clarear minha cabeça.

Penny ergueu os olhos do computador. — Eu estou bem, hum. Tenho muitas sobras de tudo que fiz para o círculo de tricô à noite.

Meus lábios tremeram quando olhei para Penny. — Você está sofrendo hoje? Eu sei como essas mulheres podem ser selvagens e loucas...

— Oh, fica quieto. — Ela riu do meu olhar. — Ok, eu posso ter bebido um pouco demais do seu uísque chique na noite passada, mas a reunião foi na minha casa, então eu não tive que dirigir.

Eu sorri para minha assistente. — Quer que eu traga mais um pouco de uísque para você?

Penny fez um movimento de enxotar. — Saia daqui antes que eu bata você.

Eu arqueei uma sobrancelha em sua direção. Pervertido. Eu gosto disso.

— Crosby McCoy, vou arrancar o seu couro e não haverá nada de prazeroso na experiência se você não parar com essa conversa agora.

Eu levantei as duas mãos em sinal de rendição enquanto saía do escritório. — Estou me comportando da melhor maneira, prometo.

Penny balançou a cabeça. — Você não saberia o melhor comportamento nem se ele te mordesse na bunda.

— Esperemos que não.

Saí para o sol da tarde, o ar fresco e a sessão de luta verbal com Penny já fazendo maravilhas para limpar minha cabeça. O cascalho rangia sob meus pés enquanto eu caminhava pelo estacionamento até a loja. Meus passos vacilaram quando percebi quem estava saindo de um veículo ridiculamente caro. Um músculo na minha mandíbula se contraiu quando forcei meu olhar para longe de Grant Abbot e em direção à loja. A última coisa que eu precisava era altercado com o lado oposto do caso. Aumentei meu ritmo e me dirigi para a entrada da loja.

— Crosby.

Só a voz fez meu sangue esquentar. Tudo que eu podia ver em minha mente era o rosto encharcado de lágrimas de Kenna. Tudo que eu podia sentir era a maneira como seu corpo tremia enquanto ela soluçava. Esse homem já a havia levado ao inferno uma vez e estava ansioso para fazê-lo novamente. Eu me virei. — Sim?

— Bom te ver.

— Eu gostaria de poder dizer o mesmo.

As sobrancelhas de Grant se ergueram. — Não podemos ser civilizados? Afinal, não estamos no tribunal.

Forcei minhas mãos a ficarem relaxadas, para não revelar nada. — Tenho dificuldade em ser civilizado com alguém que magoou as pessoas de quem gosto. Alguém que é um péssimo tipo para um ser humano.

Os olhos de Grant brilharam. — Vejo que Kenna está contando mentiras de novo.

— E que mentiras seriam? — Eu estava curioso para saber que história Grant havia inventado para encobrir seu mau comportamento. Eu me perguntei se ele se convenceu de que a história era verdadeira.

Ele se endireitou. — Ela tem algumas diferentes que ela gosta de contar, então eu não posso ter certeza com o que ela encheu sua cabeça. Mas você deve saber, esta não é a primeira vez que ela tenta roubar dinheiro da minha família.

— Oh, com isso, você quer dizer pedir a você para ser um pai responsável pela filha que você ajudou a criar? — A pessoa na minha frente era o pior tipo de um homem. Aquele que nunca assumiu a responsabilidade por suas ações e não se importou quem esmagou para conseguir o que queria. Nada importava para Grant, exceto ele mesmo.

O calor invadiu as bochechas de Grant. — Nunca foi provado que a criança era minha. Ela provavelmente estava me traindo com outra pessoa.

— Você sabe que isso não é verdade. — Qualquer pessoa que Kenna deixasse entrar conhecia a feroz lealdade de sua natureza. Ela não podia trair alguém mais do que criar asas e voar para a lua. — Ela te amava. Confiava em você. E você a quebrou. Pior do que isso, você deixou seus pais cruéis atacá-la quando ela estava assustada e sozinha. Você não merece respirar.

Um sorriso de escárnio surgiu no rosto de Grant. — Tenho certeza de que foi uma ameaça, advogado.

— O que você vai fazer? Rastejar de volta para a mamãe e o papai? Implorar para que resolvam todos os seus problemas? Não é sempre isso que você faz?

A vermelhidão no rosto de Grant se intensificou a ponto de me perguntar se ele poderia ter um derrame. Eu não teria pressa em ligar para a emergência se ele precisasse. — Eu vejo que alguém está abrindo suas pernas junto com suas mentiras. É assim que ela sempre faz com que os homens ricos se curvem à sua vontade...

Eu vi vermelho. Antes que eu pudesse pensar, eu ataquei. Dois pares de braços me puxaram de volta antes que meu punho pudesse acertar o rosto do idiota.

— Não dê a ele mais munição do que ele já tem. Você vai se odiar se for a razão pela qual Kenna perdeu sua casa. — Ford deu uma sacudida severa em meu braço para garantir. Seu irmão, Hunter, manteve-se firme.

— Eu estou bem, — eu rosnei. — Você pode me deixar ir.

Grant olhou fixamente para nós três como se fôssemos insetos que ele quisesse pisar. — Mas ela vai perder sua casa e qualquer outra coisa que minha avó foi estúpida o suficiente para dar a ela. Ninguém vence os Abbots. Kenna já deveria saber disso.

— Você está errado. — A voz de Caelyn soou da rua para a loja. — Ela não é mais uma garota que você e sua família podem aterrorizar. Ela é forte. E ela vai derrubar você.

Grant zombou. — Você é um lixo, assim como ela. E o lixo sempre pensa que pode elevar sua posição na vida por meio de ameaças e chantagens.

Caelyn levantou o queixo. — Se você pensa que Kenna é lixo, fico honrada em ser chamada do mesmo jeito. Mas esse lixo é a nova gerente da *The General Store*, e isso vem com algumas vantagens. Vantagens como recusar clientes agressivos. Você agora está proibido de entrar, Grant.

Seus olhos se estreitaram em Caelyn. — Diga-me, Caelyn. Como estão esses seus pais? Ainda aproveitando o tempo na prisão?

A cor fugiu do rosto de Caelyn, mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, uma figura apareceu no canto da minha visão, dando alguns passos largos em direção a Grant. E um movimento confuso, ele atacou o idiota, fazendo-o desabar no chão.

Caelyn gritou e Hunter aplaudia. O agressor olhou para Caelyn por um breve momento. — Ninguém deve falar com uma mulher assim. — E com isso, ele entrou na loja.

Soltei um assobio baixo. — Eu não gostaria de mexer com ele.

— Eu não acho que seria uma jogada inteligente, — Hunter comentou.

Grant se sentou e ficou em pé, um pouco vacilante. — Quem era aquele? Eu exijo saber. Vou apresentar uma queixa.

De alguma forma, eu não pensei que nenhum de nós lhe daria o nome de Griffin. O cara podia ser ranzinza, mas esta não foi a primeira vez que ele ajudou quando estávamos em uma situação difícil.

Caelyn se encostou na grade. — Eu não sei do que você está falando. Você tropeçou na borla dos sapatos. — Ela deu de ombros. — Quem diria que era tão perigoso se vestir como um babaca?

40

Kenna

Saí do carro com um saco cheio das frituras favoritas de Crosby em uma das mãos e duas cervejas na outra. Fechando a porta com meu quadril, acionei meu alarme.

— Ei, Kenna.

Eu olhei para cima para ver Penny caminhando para seu veículo. — Ei, Penny. Você terminou o dia?

Ela girou as chaves em seu dedo. — Eu terminei. E estou ansiosa para um longo banho e quente e meu livro.

— Parece uma boa noite para mim. Ele ainda está aí?

Penny concordou. — Debruçado sobre alguns papéis. — Seus olhos brilharam. — Entre. A porta ainda está destrancada.

— Obrigada. — Acenei para Penny e comecei a andar. O pequeno sino tocou quando abri a porta, mas Crosby não gritou. Fui em direção ao seu escritório e parei na soleira.

Crosby estava inclinado sobre a mesa, rabiscando em um bloco de notas, parando para consultar alguns papéis a intervalos regulares. Ele estava tão concentrado em sua tarefa que nem me notou, então tomei tempo para absorvê-lo. O homem precisava cortar o cabelo e fazer a barba, mas eu gostava dele um pouco bruto. Parecia adequado.

O cheiro de uma de suas refeições favoritas deve tê-lo despertado, porque ele parecia cheirar o ar antes de olhar na minha direção. Um sorriso curvou sua boca. — Você não é um colírio para os olhos? E ainda me trouxe um *Reuben*?

Eu segurei duas garrafas. — E cerveja. Não consegui fazer com que Ford colocasse uma Guinness em uma caneca para viagem, mas ele disse que você gosta desta cerveja local também.

Crosby recostou-se em sua cadeira. — O que eu fiz para merecer você?

— Você deve ter sido um menino muito bom em uma vida anterior.

— Uma vida anterior?

Eu sorri. — Vamos lá, você só dá problemas nesta.

— Você está certa. — Ele me olhou de cima a baixo. — Venha aqui.

— Por quê? — Eu perguntei. Crosby parecia não estar pensando nada de bom.

— Eu preciso da sua boca.

Isso, eu poderia dar a ele. Eu caminhei até ele sem hesitação, curvando-me para encontrar seus lábios. Uma das mãos de Crosby envolveu minha nuca, enrolando no meu cabelo. Quase perdi o equilíbrio quando ele tomou minha boca em um beijo faminto. Quando me afastei, me senti um pouco tonta. — Você está bem?

Crosby apertou a nuca como se tentasse aliviar um pouco a tensão ali. — . Hoje foi um dia daqueles.

Coloquei a comida e as cervejas em uma cadeira vazia e me encostei na mesa de Crosby. — Eu soube.

Crosby distraidamente traçou um padrão na minha coxa vestida com jeans. — Eu quase o agredi.

— Estou feliz que você não fez.

Ele olhou para cima para encontrar meu olhar. — Você ainda se preocupa com ele?

Soltei um bufo muito pouco feminino. — Espero que ele caia em um poço de lama cheio de porcos famintos.

Os lábios de Crosby se contraíram. — Estou interpretando isso como um não.

— Eu me importo com *você.* — Eu nunca me perdoaria se Crosby fosse preso ou expulso porque Grant teve sucesso em incitá-lo a uma briga. E Grant sabia como apertar os botões das pessoas melhor do que qualquer pessoa que eu conhecia. Ele tinha essa habilidade inata de discernir o que ativaria o botão de alguém.

Estendi a mão e comecei a massagear os ombros de Crosby, depois seu pescoço. Os músculos pareciam ter sido esculpidos em pedra. — Não deixe ele chegar até você.

Crosby deixou cair a cabeça no meu estômago. — Eu não acho que o rosto de alguém nunca me deixou tão bravo. Só de olhar para ele, sabendo o que ele e seus pais fizeram você passar, eu não aguentei.

Massageei mais profundamente os músculos de Crosby. — Bem, parece que ele vai ter um belo olho roxo. Eu não sei você, mas isso deve tornar mais fácil para mim olhar para ele.

A cabeça de Crosby se ergueu. — Griffin apareceu do nada. Eu não acho que ele gostou de como Grant estava falando com Caelyn.

Eu sufoquei. — O que Grant disse a Caelyn? — Caelyn era durona, mas ela também era sensível. Palavras poderiam machucá-la mais do que a maioria.

A boca de Crosby se achatou em uma linha fina. — Ele chamou vocês de lixo e disse algo sobre os pais dela estarem na prisão.

Meu estômago apertou. — A mãe dela está na prisão. Seu pai fugiu da cidade. É por isso que ela tem a custódia de seus irmãos. Mas é um

assunto delicado para ela. Para todos eles. Eles passaram por tanta coisa, a última coisa que Cae precisa é algum idiota jogando isso na cara dela. Deus, eu quero socar o outro olho de Grant.

Crosby agarrou minhas mãos enquanto eu o soltava. — Vá mais devagar, Rocky. Caelyn se manteve firme e esfregou na cara dele a queda muito, muito bem.

A ansiedade picou minha pele. — Ela não deveria ter feito isso. — Grant não reagia bem ao ser feito de bobo. A última coisa que eu queria era que ele se concentrasse em Caelyn. Ela não tinha um plano alternativo caso perdesse o emprego ou a casa. Tentei me lembrar se os Abbots tinham algum tipo de relacionamento com o dono de Caelyn. Eu acho que não.

Crosby apertou minhas mãos. — Ei, o que há de errado?

— Eu só - eu não quero que Grant vá atrás de Caelyn. — Soltei um som de frustração. — Estou tão cansada disso. Preocupada com o que seu próximo passo poderia ser. Tentando se preparar para um ataque quando ele poderia vir de qualquer direção. É exaustivo estar em alerta máximo o tempo todo.

— Venha aqui.

Crosby me deu um puxão suave em seu colo. Eu fui facilmente, enrolando em torno dele. Seu calor e energia me envolveram. Não pude evitar o pensamento de que me sentia em casa. Quando estávamos juntos assim, eu nunca quis me mudar. Porque aqui, eu estava segura. Protegida. Querida. Aqui, tudo estaria sempre bem. — Podemos simplesmente bloquear o resto do mundo?

Crosby sorriu contra meu cabelo. — Não acho que seja um plano ruim.

— Talvez pudéssemos fazer um forte aqui e nunca mais sair.

— Eu tenho uma ideia melhor para nossa fuga da realidade.

Eu levantei minha cabeça para encontrar seus olhos. — E o que é isso?

Aquele sorriso diabólico familiar se estendeu pelo rosto de Crosby. Mas ao invés de falar, ele tomou minha boca em um beijo abrasador, que falava de uma fome insaciável. Encontramos em um duelo de lábios e línguas. Com uma mordida no meu lábio inferior, ele se afastou. — Deixe-me ficar você.

O desespero em sua expressão me fez procurar seus olhos. Para quê, eu não tinha certeza. — Você me tem.

— Deixe-me ter você, então.

Eu queria dar tudo a ele. Cada pedaço do meu coração e alma. Minha mente e corpo. Mas um lampejo de dúvida me atormentou. Eu estava tão acostumada a jogar pelo seguro, e sexo em um escritório onde qualquer um poderia entrar a qualquer momento não era exatamente do meu personagem.

— Por favor.

Foi o tom suplicante em sua voz que quebrou minha decisão. — Sim.

Crosby se moveu rapidamente. Mãos na minha cintura, levantando-me para ficar de pé. Dedos desabotoaram minha calça jeans habilmente. Eu estremeci quando ele as puxou pelas minhas pernas junto com minha calcinha. Seu olhar se tornou intensamente focado na minha boceta. — Céu.

Eu me contorci no lugar, a umidade entre minhas coxas por causa de seus beijos intensificando com suas palavras. Ele arrastou um dedo pela minha boceta, enviando faíscas por todo o meu corpo. — Vire-se e agarre

a mesa. — Seu tom era um que eu nunca tinha ouvido dele antes. Medido, com cuidado e exigente.

Eu me virei e agarrei a borda da madeira brilhante. Fiquei olhando para a frente, minha respiração ficando mais rápida. O som de um zíper encheu a sala silenciosa. O barulho de um pacote de papel alumínio sendo rasgado.

Senti o calor de Crosby estava nas minhas costas, seus dedos deslizando pela minha boceta. Provocando, brincando, certificando-se de que eu estava pronta. Eu pressionei meus quadris contra ele, silenciosamente pedindo mais. Ele entrou em mim em um movimento fluido, acomodando-se totalmente.

Eu respirei fundo. Era muito mais profundo assim. Crosby começou a se mover e, a cada vez que o fazia, parecia atingir aquele ponto fantasma. Eu não pude segurar meu gemido. O som pareceu estimulá-lo. Suas estocadas foram mais rápido, impossivelmente mais profundas. Mas havia algo mais que eu precisava.

— Você está comigo? — ele rosnou em meu ouvido.

— Estou contigo.

Sua mão deslizou sob minha blusa, sobre o tecido de renda fina do meu sutiã para encontrar meu mamilo. Ele o rolou entre os dedos. As sensações conflitantes me levaram mais alto. E quando Crosby empurrou mais fundo dentro de mim, ele beliscou a carne entre os dedos. Eu me desfiz com um grito sem sentido, Crosby seguindo logo atrás.

Eu respirei fundo, voltando lentamente a mim mesma enquanto Crosby saia de mim. Estremeci quando o movimento atingiu minha carne tenra da maneira mais maravilhosa. Ele beijou o lado do meu rosto. — Muito?

Eu balancei minha cabeça um pouco. — Perfeito. — Essa era a coisa sobre Crosby. Ele me fez sentir segura para explorar coisas que eu nunca pensei em fazer.

— Bem, tenho quase certeza de que nunca mais vou olhar para este escritório da mesma maneira.

Nem eu.

41

Crosby

Eu bati no volante com a batida da minha música, sorrindo para mim mesmo. Ver Grant ter que sentar no tribunal com os olhos mudando para um belo tom de roxo fez o meu dia. Kenna estava certa, tinha sido muito mais fácil olhar para ele com aquele olho roxo. O olhar que o juiz deu a ele foi a cereja do bolo.

O caso estava terminando. Imaginei que o juiz ouviria os argumentos finais em questão de dias. Algo que parecia muito com esperança agitou meu interior. A única coisa que os Abbots tinham a seu lado era sangue. Mas o fato de que eles estavam tentando cortar uma filha adotiva de sua herança só os fazia parecer os idiotas gananciosos que eram.

Direcionei meu carro ao redor da curva da encosta e verifiquei o relógio. Eu queria chegar até Kenna, mas precisava desesperadamente de algumas roupas limpas. Mais e mais meus pertences estavam lentamente entrando em seu armário. A ideia deveria ter me assustado. Em vez disso, descobri que gostava da sensação. Como se minhas meias se misturassem às de Kenna, de alguma forma, deixassem minha marca em seu espaço.

Saí da estrada principal e entrei no bairro de Bluffs. Sempre amei esta parte da ilha e sabia que era o lugar perfeito para fazer uma casa que seria minha. O estilo cinza e branco tinha uma visão incrível e fácil acesso a trilhas de *mountain bike* e escaladas de penhascos. Mas não se comparava à história e às memórias que *The Gables* continham. Não tinha nada a ver com o quão grande e extravagante o terreno e a casa eram, e tudo a ver com o coração que continha.

Entrei em meu semicírculo e fiz uma careta. Havia um BMW sedan parado na frente da minha casa. As placas diziam Washington, mas eu não conhecia ninguém das ilhas que dirigisse um carro como este. Minha pele formigou quando desliguei meu motor e olhei ao redor da minha propriedade.

Meu olhar congelou em uma figura sentada nos meus degraus da frente. O cabelo loiro brilhava ao sol do final da tarde, perfeitamente alisado e arrumado para realçar a blusa e as calças perfeitamente cortadas. Orelhas delicadas decoradas com pérolas. E um colar simples adornava a garganta da mulher.

Eu não conseguia me mover. Isso não estava acontecendo. A última coisa que queria era que esse veneno disfarçado em uma linda embalagem invadisse o lugar que se tornara meu lar. Ela arruinou Boston para mim. Eu não a deixaria fazer o mesmo com *Anchor*.

Abri a minha porta e saí da minha caminhonete. Alicia avaliou meu veículo, a cara cheia de desgosto antes de esconder rapidamente a emoção. — Crosby, você finalmente está em casa.

Pisquei algumas vezes como se isso pudesse esclarecer o absurdo do momento. Alicia agia como se eu estivesse atrasado para um jantar que havíamos planejado, não que ela tivesse aparecido na minha porta sem ser convidada.

— O que você está fazendo aqui?

Seus lábios vermelhos franziram em um beicinho. — Eu queria ver você. Achei que você gostaria que eu tivesse todo esse trabalho. Tive que contratar um investigador particular só para descobrir seu endereço.

— E eu disse que não tinha interesse em vê-la ou ouvir falar de você. Bloquear seu número não era uma mensagem suficiente clara?

Alicia ficou de pé, tirando a calça preta. — Por favor, Crosby. Eu preciso que você escute. Para nos dar uma chance de resolver as coisas.

— Resolver as coisas significaria não transar com meu melhor amigo quando meu anel estava em seu dedo. Resolver as coisas significaria que você não estaria com aquele homem por *anos.*

Ela se moveu em minha direção, estendendo a mão, mas eu evitei. Ela estremeceu. — Eu te magoei. Eu sei. Mas farei de tudo para consertar. Você quer que eu fique de joelhos e implore? Eu vou fazer isso. — Lágrimas brilharam em seus olhos. — Sinto muito, Crosby. Cometi um erro terrível, terrível. Você me deu muito. Você foi tão gentil e atencioso. Não percebi até que era tarde demais que me concentrei nas coisas erradas. Por favor, me dê uma chance de consertar isso.

As lágrimas quebraram um pedaço da minha armadura. — Estou feliz que você esteja tendo alguma perspectiva sobre sua vida. Mas isso não muda nada entre nós dois. Terminamos. Algumas coisas não podem ser consertadas. E a verdade é que não quero que sejam. Eu nunca fui o homem que você queria que eu fosse. Se tivéssemos casado, nós dois teríamos sido miseráveis.

Eu pude ver isso tão claro quanto o dia assim que eu tive algumas semanas para lamber minhas feridas. Alicia e eu nunca fomos destinados a ser. A única razão pela qual eu aguentei por tanto tempo foi porque ela me deu um senso de família que eu nunca tive. Pela primeira vez, meus pais me aceitaram, passaram um tempo comigo. Mas de que adiantaria se eu não estivesse sendo verdadeiro com quem eu realmente era? — A verdade é que você me fez um favor ao me enganar.

Alicia empalideceu. — Não diga isso. Estivemos juntos por tantos anos. Devemos um ao outro tentar fazer isso funcionar. Para conhecer as pessoas que somos agora.

— É muito tarde para isso. Lamento que você tenha vindo até aqui, mas terminamos.

A dor queimou nos olhos de Alicia. — Você está com alguém?

Eu reprimi uma maldição. Se havia uma coisa que Alicia odiava, era perder. Não importava se ela já tivesse jogado fora o osso magro que havia perdido, ela lutaria com unhas e dentes para recuperá-lo. — Se eu estou ou não, não importa. Eu não gostaria de estar com você de qualquer maneira.

O maxilar de Alicia se moveu para frente e para trás como se ela estivesse tentando descobrir o melhor plano de ataque. — Eu não posso acreditar nisso. — Ela se aproximou um pouco mais e eu a desviei novamente. — Você não pode ter esquecido como somos bons juntos. Talvez você só precise que eu te lembre.

Meu estômago embrulhou com o pensamento. — Não tenho interesse em repetir uma atuação exagerada. — Foi cruel, mas era verdade. E eu estava farto das besteiras de Alicia. Ela não me quis. Inferno, ela nem sabia mais quem eu era. Ela só queria a segurança que veio com um relacionamento com Crosby McCoy e o fundo fiduciário que eu tinha entrado aos trinta e cinco.

O calor iluminou os olhos verdes de Alicia. — Você está com raiva, então vou deixar isso passar. Mas você precisa ser honesto consigo mesmo. Você sente falta da sua velha vida. Boston. Sua família. Eu. As coisas podem ser diferentes desta vez. Consiga um emprego com aquela organização sem fins lucrativos que você tanto ama. Vá em suas viagens de acampamento. Mas volte para mim. Venha para *casa.*

Meu maxilar se apertou. Claro, eu sentia falta do *Sox* e de alguns dos meus restaurantes favoritos, mas era isso. Eu nem sentia falta dos meus pais porque eles também não sabiam quem eu era. — Eu não vou a lugar nenhum. *Anchor* agora é minha casa.

Alicia sacudiu levemente a cabeça. — Minta para si mesmo, se for preciso, mas não vou a lugar nenhum. Eu estarei em *The Cove*. Estarei esperando quando você estiver pronto para conversar.

Soltei uma ladainha de maldições enquanto Alicia caminhava até seu BMW alugado, quadris balançando como se isso fosse me deixar de pé. Desci nos degraus da frente, observando enquanto ela se afastava e se afastava da minha casa. Eu esfreguei minhas têmporas.

Meu telefone zumbiu no bolso e o tirei.

Kenna: *A que horas você vem para cá? Estava pensando em fazer frango frito para o jantar.*

Minha garganta ficou seca de repente, tornando difícil engolir. Eu não disse à Kenna que viria hoje à noite. Claro, passamos as noites juntos nas últimas semanas, mas eu não tinha feito nenhuma promessa. Mas todas aquelas noites vieram com expectativas silenciosas. Responsabilidades que eu não tinha certeza se conseguiria seguir em frente. Ver Alicia foi um lembrete frio do que pode acontecer quando uma pessoa se apaixona por outra. Eles poderiam convencê-lo a desempenhar um papel que você nunca desejou. Eu digitei uma mensagem.

Eu: *Vou ter que ficar em casa esta noite. Tenho algumas coisas que preciso fazer e preciso acordar cedo.*

A culpa me consumia enquanto esperava por uma resposta. Mas esta noite, eu precisava apenas de uma coisa: me lembrar que ainda tinha a liberdade na ponta dos dedos. Eu colocaria minha lanterna mais brilhante e faria algumas trilhas de *mountain bike*. Isso colocaria minha cabeça no lugar. E talvez um pouco de distância fosse exatamente o que Kenna e eu precisávamos.

42

Kenna

Virei meu telefone aproximadamente pela vigésima vez na última hora. Nada. Eu até me rebaixei tanto a ponto de ligar para Caelyn e pedir a ela para me enviar uma mensagem, pensando que meu telefone poderia estar com defeito. Boas notícias, eu não teria que desembolsar dinheiro para comprar um novo celular. Más notícias, eu não tinha ouvido nada de Crosby desde a noite passada.

Quando eu dirigi para a cidade esta tarde, sua caminhonete estava parada na frente do seu escritório, então eu sabia que ele tinha terminado o dia com o tribunal. Mas ainda assim, nem um pio dele. Eu encarei o pequeno dispositivo em minha mão, desejando que ele soasse com algum tipo de explicação para o desaparecimento de Crosby. Claro, tinha sido apenas uma noite, mas algo não se encaixou bem no meu interior. E aprendi a ouvir essa voz ao longo dos anos. Se algo parecia errado, geralmente estava.

O que estava me consumindo agora eram milhões de — e se— correndo em círculos pelo meu cérebro. Crosby pode estar enlouquecendo por causa de algo que não tinha nada a ver comigo. Ou algo poderia ter dado errado no caso dos Abbots, e ele não queria me contar. Ou talvez Crosby tivesse parado de brincar de casinha.

Essa ideia fez com que a náusea me percorresse. Eu dormi horrivelmente na noite anterior, virando e revirando, preocupada com Crosby e apavorada pelo meu coração que eu coloquei em suas mãos quando ele nem tinha pedido por ele. Agora, eu estava exausta. Demorou mais de uma camada de corretivo para disfarçar as olheiras sob meus olhos.

— Kenna. — Minha corretora, Corrie, acenou enquanto se dirigia para mim. — Desculpe estou atrasada.

Eu dei a ela um sorriso caloroso, mas foi forçado. — Você não está. Estou adiantada. Estou ansiosa para assinar esses papéis.

Corrie tinha encontrado para mim o pequeno espaço perfeito em uma das adoráveis ruelas que se projetavam para fora da *Main*. Tinha espaço para uma sala de espera, um escritório e até uma pequena sala de reuniões. Além disso, havia uma cozinha na parte de trás que me permitia fazer refeições simples sempre que não quisesse almoçar fora.

Corrie me indicou a rua onde estava meu novo aluguel. — É realmente o espaço perfeito.

— Eu também acho. Agora só preciso pensar sobre móveis.

Ela sorriu para mim. — Aposto que Bell pode te ajudar com isso.

Eu tinha certeza de que Bell me daria um desconto gritante em qualquer peça de mobiliário em sua nova loja, mas eu não queria tirar vantagem. Eu já tinha prometido a mim mesma verificar as etiquetas de preço antes que ela me desse qualquer desconto. — Ela teria tudo decorado em vinte e quatro horas se eu permitir.

Corrie riu. — Essa é uma boa amiga.

— A melhor.

Corrie abriu a porta de meu novo escritório. — Olá, Wendel. É bom ver você novamente. Eu tenho a papelada pronta.

Wendel parecia um pouco nervoso, seu olhar saltando de mim para Corrie e vice-versa. — Receio que possamos ter um problema.

Meu estômago afundou e eu senti uma vontade repentina de chorar. Eu não era uma grande chorona, mas havia atingido meu limite de coisas que não aconteciam do meu jeito.

Corrie se endireitou. — E o que poderia ser isso? Chegamos a um acordo verbal durante a exibição.

Wendel brincou com um fio solto em sua camisa de botão e pigarreou. — A propriedade não está mais disponível.

— E por que isso quando estava disponível ontem? — Era como se houvesse vapor saindo dos ouvidos de Corrie.

— Eu, uh, algo aconteceu.

Eu dei um passo à frente. — Isso teria o nome de Grant Abbot?

Wendel empalideceu e eu sabia que tinha minha resposta. O homem mais velho parecia apavorado e eu honestamente me senti mal por ele. Mas eu também estava exausta, cansada até os ossos. E eu estava cansada de lutar contra esta família. — Vamos, Corrie, vamos embora.

— Mas... — Ela fechou a boca com o meu olhar, mas se virou para Wendel e falou novamente. — Temo que não poderei mais fazer negócios com você. Eu não lido com pessoas que se prostram diante dos valentões.

O homem mais velho balbuciou. — Mas - mas você é a melhor corretora imobiliária da ilha.

— E deveria ter pensado nisso antes de você ferrar minha cliente com um bando de forasteiros gananciosos, — Corrie disse por cima do ombro enquanto me seguia para fora do escritório. Ela soltou um rosnado frustrado. — Eu quero chutar aquele idiota do Grant onde o sol não brilha.

Meus lábios tentaram formar um sorriso, mas falharam sensivelmente. — Lamento que você tenha perdido seu tempo com isso.

Corrie se virou para mim com os olhos duros. — Você não tem nada pelo que se desculpar. Essa família é simplesmente desprezível. — Ela pegou minha mão e apertou. — Minha missão pessoal é encontrar algo ainda melhor para o seu escritório. E o dono será alguém que ficará feliz em cobrar dos Abbots.

— Você não tem que fazer isso. Realmente eu...

Corrie me interrompeu com um olhar. — Este é o meu trabalho, e eu adoro isso. Fico muito infeliz quando alguém mexe com os meus clientes. Será um prazer encontrar para você o lugar perfeito.

Eu apertei sua mão e a soltei. — Obrigada.

— Você vai ficar bem?

Eu queria rir, mas sabia que sairia um pouco histérica e provavelmente se transformaria em um choro de proporções épicas. Eu segurei. — Eu vou ficar bem. Vou apenas tomar um café e voltar para *The Gables*.

Corrie parecia não ter certeza se acreditava em mim. — OK. Dirija com cuidado. Ligarei para você assim que tiver um espaço para você olhar.

Eu balancei a cabeça, e Corrie correu de volta para seu escritório, uma mulher em uma missão. Apreciei seu cuidado e determinação, mas agora, eu tinha o forte desejo de desistir. Tudo que eu queria fazer era me enrolar em uma bola. E eu queria fazer isso nos braços de Crosby.

A parte de trás dos meus olhos queimava enquanto eu olhava para a rua. A caminhonete de Crosby brilhou à luz da tarde. Eu inalei profundamente. Eu era uma mulher adulta. Se eu queria algo,

precisava pedir. Fui em direção à *The General Store* e ao escritório do de Crosby que ficava logo atrás dele.

Minhas mãos começaram a tremer enquanto eu caminhava. A ideia de expor minha necessidade por Crosby me enviou ondas de medo, mas eu continuei. Quando cheguei ao escritório dele, senti como se fosse sair da minha pele. Abri a porta e a campainha tocou.

Penny ergueu os olhos de sua mesa, seu sorriso vacilando enquanto ela me observava. — Oh, querida, o que há de errado?

— O Crosby está aqui? — Minha voz tremeu ligeiramente enquanto eu falava.

— Claro, vá direto.

Fui até a porta de seu escritório e, quando a alcancei, Crosby já havia se levantado de sua mesa. Sua expressão endureceu quando ele me olhou. — O que aconteceu?

— Grant. — Eu não sabia mais o que dizer.

Crosby abriu os braços e eu fui direto para eles. A força e o calor de seu abraço era tudo que eu precisava. Só para saber que não estava sozinha. Não queria que Crosby resolvesse meus problemas, mas queria saber se ele estava comigo enquanto eu precisasse. Ele esfregou a mão para cima e para baixo nas minhas costas. — Diga-me o que aconteceu.

Virei minha cabeça para o lado para que minha bochecha descansasse em seu peito. — Eles falaram com o proprietário de quem eu ia alugar um escritório. Eu encontrei o pequeno lugar perfeito perto da *Main*. Corrie e eu negociamos o aluguel ontem, mas hoje, de repente, ele estava indisponível. Quando perguntei se era por causa de Grant, todo o sangue sumiu do rosto do proprietário.

Crosby murmurou uma maldição. — Eu sinto muito.

— Quando isso vai acabar?

— Em breve. — Ele se afastou, mas segurou meus ombros. — Eu prometo. Teremos argumentos finais em alguns dias e acho que vamos vencer. Grant e Hotchkiss sabem disso, então eles estão usando todos os obstáculos.

— Mas eles vão parar depois que perderem? — Eu estava começando a me perguntar se algum dia ficaria livre daquela família perversa. Grant parecia decidido a garantir que minha vida fosse o mais miserável que ele pudesse fazer.

— Ele não pode ficar aqui para sempre. Pode ser alguns dias péssimos, mas então acho que ele vai voltar para Seattle e lamber suas feridas.

Deus, eu esperava que sim. Enfiei minhas mãos nos bolsos da frente do jeans de Crosby, puxando-o para mais perto. — Eu só precisava ver você. Para deixar tudo isso sair.

Algo passou pelo rosto de Crosby rápido demais para que eu pudesse identificar. — Eu sempre estarei com você. Você sabe disso.

Eu o estudei cuidadosamente. Algo estava errado. — Você está bem?

Ele soltou meus ombros, dando um passo para trás. Minhas mãos escorregaram de seus bolsos. — Estou bem. As coisas estão loucamente ocupadas, fazendo malabarismos com este caso e meus outros casos. É mais do que normalmente faço de uma vez.

A culpa me inundou. Crosby estava sendo pago pela propriedade de Harriet para defender o testamento contestado, mas ainda não podia deixar seus outros clientes passarem. E não ajudou o fato de eu ter sido um ímã de drama ultimamente, e ele ter sido sugado para me ajudar em cada passo do caminho. — Por que eu não faço o jantar para você esta noite? Você pode relaxar e podemos assistir o que você quiser. Até mesmo o *Star Wars* pela octogésima milionésima vez.

Crosby estremeceu. — Na verdade, disse ao meu amigo Michael que iria escalar com ele daqui a pouco. Íamos jantar depois.

— Isso parece divertido. Quer vir depois? — Eu estava me sentindo especialmente vulnerável após os acontecimentos do dia, e não havia nada mais que eu queria do que os braços de Crosby ao meu redor quando adormeci.

Seus olhos hesitaram por um breve momento. — Certo. Eu posso fazer isso.

Ele *poderia* fazer isso. Mas não parecia que ele queria. — OK. Vejo você mais tarde, então.

Crosby deu um beijo no meu cabelo. — Vejo você à noite. Estarei lá por volta das oito.

Saí do escritório, me perguntando quando foi a última vez que ele não beijou meus lábios quando nos separamos.

* * *

Eu olhei para o meu telefone novamente. Já passava da meia-noite, mas eu não conseguia dormir. A única mensagem foi enviada por volta das nove e meia.

Eu: *Tudo bem?*

Não houve resposta. Eu abracei meus joelhos contra o peito o mais forte possível, como se a pressão pudesse impedir meu coração de doer. Eu digitei outra mensagem, desta vez para Bell.

Eu: *Você está no The Catch?*

Mordisquei meu lábio enquanto observava os três pequenos pontos no meu telefone aparecer. Como eu me tornei a garota tentando perseguir

seu namorado? Inferno, ele nem era meu namorado. Ele era uma entidade indefinida sobre a qual eu não tinha direitos.

Bell: *Sim. E aí? Você está bem?*

Eu estava tudo menos bem. Eu estava desmoronando e me odiava por isso.

Eu: *Estou bem. Eu só estava me perguntando se Crosby estava aí?*

Eu me encolhi ao enviar a mensagem. Parecia desesperado e carente. Mas eu estava preocupada. E se Crosby tivesse se machucado ao escalar? Eu não tinha ideia de onde ele tinha ido. Minha frequência cardíaca aumentou. Oh Deus. E se ele estivesse ferido, com frio e sozinho agora? Eu tirei meus pés da cama, movendo-me para vestir um moletom. Meu telefone vibrou.

Bell: *Sim. Ele e seu amigo estão entretendo o bar inteiro. Por quê? Ele deveria estar com você? Quer que eu chute sua bunda para fora daqui?*

Eu encarei meu telefone por um longo momento. Ele estava bem. E eu era a última coisa em sua mente.

Eu: *Não, ele está bem. Eu só não tinha ouvido falar dele depois de escalar e queria ter certeza de que ele estava bem. Você conhece minha paranoia sobre esportes radicais. Deixe ele se divertir.*

Não seria eu quem tentaria puxá-lo de volta. Eu não seria outra Alicia em sua vida, tentando controlá-lo e mudá-lo. Mas isso não mudou o fato de que Crosby pode não ser o que eu precisava. Eu não queria questionar onde o homem da minha vida estava tarde da noite. Não queria me perguntar com quem ele estava. Eu já tinha passado por isso e não tinha vontade de revisitar. E mais do que tudo, queria me sentir um presente na vida de alguém. Nunca mais queria me sentir um fardo.

43

Crosby

Tomei outro longo gole de meu café enquanto o dono do *The Mad Baker* colocava meu *donut* na mesa. Jules me deu uma longa olhada. — Você está horrível.

Forcei um sorriso que sabia que não era suficiente. — Nada que uma de suas barras de bacon não cure.

— Você está muito velho para amarrar um assim.

— Eu tenho 21 anos no coração. Isso não conta para alguma coisa?

Ela balançou a cabeça. — Quanto mais você envelhece, mais alto é o preço de uma noite de festa na cidade.

Eu estremeci. Ela não estava errada sobre isso. Eu olhei para o meu telefone. Nada de Kenna. Eu mandei uma mensagem para ela à uma da manhã quando o bar fechou e não ouvi um pio em resposta. Ela provavelmente estava dormindo. Eu estraguei tudo regiamente. Eu não queria. Mas Alicia conseguiu outro telefone depois que eu bloqueei seu número e começou a me enviar mensagens de texto por volta das seis, exigindo um encontro. Eu coloquei meu celular no modo silencioso e o coloquei no bolso. E então comecei a tomar muitos drinques com Michael, convenientemente esquecendo todos os meus problemas - Kenna, junto com eles.

Quando fiquei sóbrio, já se passavam das cinco horas quando eu deveria estar na casa dela. Eu mandei uma mensagem imediatamente. Desculpando-me profusamente. Já passava das oito da manhã. Ela estava definitivamente acordada. Eu me encolhi. Não era um bom sinal eu não ter ouvido falar dela. Talvez eu pudesse pegar para ela

um *muffin* e seu café favorito para voltar às suas boas graças. Ela amava os lattes de avelã aqui.

A campainha da padaria tocou e eu ergui os olhos. Tive a vontade repentina de me esconder embaixo da mesa. Meu cérebro não conseguiu lidar com Alicia esta manhã.

— Crosby, — ela murmurou. — Você não retornou nenhuma das minhas mensagens.

— Por que eu deveria?

As bochechas de Alicia ficaram vermelhas. — Eu já tive o suficiente disso. Você está tendo um ataque de raiva como um menino mimado. Eu estraguei tudo. Eu me desculpei. Você precisa superar isso para que possamos voltar a Boston e voltar para nossas vidas. Já se passaram quatro anos. Isso deveria ter sido longo o suficiente para você lamber suas feridas.

Agora, esta era a verdadeira Alicia. Aquela que exigia que tudo fosse do seu jeito, no seu horário. A mulher que não tinha ideia de como suas ações poderiam afetar outras pessoas. A pessoa que eu não reconhecia há muito tempo. — Eu superei isso. O engraçado é que você pensa que depois de quatro anos, você tem um pouco de magia sobre mim. Você é veneno, Alicia. E não vou deixar você infectar a nova vida que construí aqui.

Mas ela já tinha infectado. A presença dela por si só me deixou confuso, me fez questionar tudo o que eu tinha com Kenna. Isso me deixou em parafuso, onde fiz a última coisa que queria fazer - causei dor a Kenna.

Alicia revirou os olhos. — Sempre tão dramático.

Eu me levantei. — Por dramático, você quer dizer que eu tenho um coração? Eu sei que é um conceito estranho para você. Mas a maioria das

pessoas considera isso uma vantagem. Você não faria isso porque é um vampiro. Você suga a vida de todos ao seu redor. Você pega e pega até que eles não tenham mais nada para dar, ou você encontra alguém que parece ter mais. Parei de jogar seu joguinho confuso. Se você não sair desta ilha nas próximas vinte e quatro horas, estou entrando com uma ordem de restrição. Eu diria que sua sequência de mensagens de texto e aparecer sem avisar na minha porta me daria um bom caso.

Seria muito constrangedor ter que apresentar esse caso a um juiz, mas não me importei. Eu estava cansado de deixar essa mulher arruinar minha vida. Permitindo que ela distorcesse minha mente.

Alicia empalideceu. — Você não faria isso.

— Me teste. — Eu faria o que fosse preciso para finalmente me livrar dela.

Lágrimas encheram seus olhos. A questão era que eram lágrimas porque ela estava perdendo seu vale-refeição substituto, não porque eu a magoei de alguma forma real. Ela se moveu rapidamente antes que eu tivesse a chance de evitá-la, jogando seus braços em volta de mim. — Por favor, Crosby, sinto muito.

A campainha da porta tocou novamente. Ótimo, uma testemunha dessa exibição. Eu congelei, meus olhos se conectando com os âmbares que olhavam direto para minha alma. *Porra.* Eu me desvencilhei do abraço histérico de Alicia. — Olhos Castanhos.

A dor que atravessou a expressão de Kenna com minhas palavras quase me fez cair de joelhos. Devastação total e completa. Fui até ela, mas ela deu um passo para trás. — Eu, hum, não tenho tempo para isso agora. Devo encontrar a Corrie para ver um novo espaço para o meu escritório.

— Espere, por favor. — Eu queria tocá-la, mas Kenna claramente não queria nenhuma parte da minha pele na dela. Minhas mãos se fecharam em punhos. — Apenas me dê cinco minutos.

Havia calor nas minhas costas. — Quem é *ela?* — A voz de Alicia estava fria como gelo, nenhum indício de qualquer uma das lágrimas ou emoção que aparentemente a atormentou um segundo atrás.

— *Ela* não é da sua conta. Você precisa sair, Alicia. Volte para Boston, agora.

Kenna enrijeceu com o nome. Aquela dor ressurgindo em seus olhos. — Parece que vocês dois têm algumas coisas para discutir. Falo com você mais tarde, Crosby.

Alicia zombou de Kenna. — Ou não.

Eu virei para ela. — Você tem bebido algum suco louco? Não vou voltar para Boston com você. Minha vida está aqui. Sempre estará. E mesmo que não fosse, não há nada neste mundo que poderia me fazer querer uma vida com você.

O rosto de Alicia tinha a sombra de um tomate. — Você vai se arrepender disso. Você vai perceber que esta ilha e aquela mulher nada mais são do que imitações baratas do que você realmente deseja. Mas então, será tarde demais.

— O que quer que te ajude a dormir à noite, — eu murmurei. Alicia saiu correndo da padaria, certificando-se de encarar Kenna no caminho. Eu esfreguei minhas têmporas. — Jesus.

— Ela é, uh, interessante.

Eu zombei. — Essa é uma palavra para ela. — Eu examinei o rosto de Kenna. Sua máscara estava firmemente no lugar, a mesma que ela usava

para manter o mundo fora, agora estava sendo usada para me manter à distância também. Eu queria me chutar. — Kenna, por favor.

Estendi a mão para ela, mas Kenna saiu do meu caminho. — Eu realmente não tenho tempo, Crosby. — Ela olhou para o relógio. — Já estou atrasada.

— Você virá ao meu escritório depois?

Kenna apertou os lábios, mas assentiu. — Não tenho certeza de quanto tempo vou demorar.

— Não importa. Estarei esperando.

— OK. — Sem outra palavra, ela se virou e saiu.

Observei Kenna caminhar pela rua, mantendo meus olhos fixos nela até que ela desaparecesse de vista.

Eu só esperava que ela não desaparecesse da minha vida também.

44

Kenna

Minha respiração ficou cada vez mais rápida enquanto eu andava pela rua principal. Eu engoli os soluços que queriam vir à tona. Eu tinha que me segurar. Eu podia sentir o olhar de Crosby nas minhas costas. Eu não queria que ele soubesse que eu estava desmoronando. Me despedaçando porque eu amo um homem que não me ama de volta. Você não se esquecia das pessoas que amava. Você não escondia as coisas delas. Pelo menos, esse não era o tipo de amor que eu queria.

Virei a esquina na *Bay Street*, onde deveria encontrar Bell e Corrie para ver este novo espaço de escritório. Eu duvidava que estivesse na minha faixa de preço. Todos esses prédios tinham vista para o mar. Tentei me concentrar em analisar os números em minha cabeça, repassando quanto eu poderia pagar pelo aluguel. Não estava funcionando. Continuei vendo o rosto de Crosby em minha mente. Alicia com os braços em volta dele. Eu senti náuseas.

Quando avistei Bell, as lágrimas que eu estava segurando começaram a cair, derramando-se cada vez mais rápido em trilhas silenciosas pelo meu rosto. Assim que Bell pode ver meu rosto, ela começou a correr até mim. Em questão de segundos, ela me envolveu em seus braços. — O que é isso? Grant? O que aconteceu?

Eu balancei minha cabeça contra seu abraço. — Crosby.

Bell soltou uma série de maldições muito criativas. — O que ele fez?

— Ele - ele não me ama.

Bell se afastou, segurando meus ombros. — Ele te disse isso?

— Ele não precisava. Ele disse isso alto e claro com suas ações.

Bell parecia em dúvida. — Vamos. A Corrie nos enviou uma mensagem e disse que vai se atrasar quinze minutos. Vamos sentar na praia.

Segui Bell em direção à água. Eu precisava de alguns minutos para me controlar. Mas aquela parede que eu construí meticulosamente para selar todas as minhas emoções não parecia funcionar mais. Crosby a havia corroído com o desafio de experimentar tudo o que a vida tinha a oferecer. E agora eu não poderia colocá-la de volta, não importa o quanto eu tentasse.

Bell me puxou para sentar em um tronco gasto. — Diga-me o que aconteceu.

Eu contei tudo a ela. Como Crosby não queria um tipo de relacionamento para sempre, sem casamento, sem família. Como Alicia o feriu. Eu disse a ela que havia me apaixonado por ele apesar de tudo. Como ele me fez ver o mundo de forma diferente. Eu compartilhei como ele se afastou nos últimos dias, e com quem eu o encontrei esta manhã. — Eu o amo, Bells. Mas não posso viver assim. Foi uma loucura pensar que poderia. Sempre vou querer mais, e isso não é justo com ele. Ou para mim.

Bell entrelaçou seus dedos nos meus e apertou. — Eu acho que você precisa deixá-lo fazer essa escolha.

Estremeci com o pensamento. Eu queria me fechar para ele antes de nos dar a oportunidade de conversar sobre as coisas. Mas Bell estava certa. Ele merecia saber como eu me sentia. O que eu queria. Mesmo se eu não achasse que isso mudaria nada. — Eu vou falar com ele. Mas vai doer.

— Então, às vezes, você tem que doer antes de poder se curar. Ford me ensinou isso.

Eu dei a ela um pequeno sorriso. — Estou feliz que vocês se entenderam.

Os olhos de Bell procuraram os meus. — Você e Crosby também podem.

— Acho que não. — Matou algo dentro de mim dizer essas palavras em voz alta, mas eram a verdade.

— Mesmo que as coisas não funcionem, não significa que não valeu a pena. Ele mudou você, Kenna. Abriu você para experimentar a vida novamente. Isso sempre será um presente.

E eu ficaria grata por isso pelo resto dos meus dias.

* * *

Esfreguei minhas mãos nas pernas da minha calça jeans. As últimas duas horas foram um borrão. Corrie tinha me encontrado o escritório perfeito e para um negócio gritante. Como ela conseguiu fazer aquela mágica, eu não tinha ideia, mas estava grata. Eu gostaria de poder mergulhar na alegria do momento, mas estava entorpecida. Totalmente morta para qualquer sentimento que não seja a ansiedade vibrando por mim.

Antes de chegar ao último degrau do escritório de advocacia, a porta se abriu e Crosby apareceu. Ele parecia miserável, mas isso não impediu meu coração de dar uma cambalhota. Isso provavelmente nunca teria fim. Fui amaldiçoada a sentir aquela queda livre sempre que topava com ele nesta pequena ilha. Eu empurrei o pensamento da minha cabeça e consegui um, — Ei, — mas saiu um pouco rouco.

— Ei, Olhos Castanhos. Caminhe comigo?

O apelido apertou algo em meu peito. Ele ainda me chamaria assim quando isso acabasse? O que seria pior? Ser saudada com *Olhos*

Castanhos ou meu nome de batismo significaria que eu tinha sido devolvida ao papel de familiaridade casual?

Atravessamos a grama em direção à água. Foi só quando nossos pés tocaram a areia cinza que Crosby falou. — Eu sinto muito por ter te machucado. Alicia apareceu há dois dias e realmente me surpreendeu. Eu só precisava de um tempo para colocar minha cabeça no lugar.

Concentrei meu olhar na praia, sabendo que se eu olhasse para Crosby, minha decisão iria derreter. — Eu entendo a necessidade de espaço, tempo para processar, mas você poderia ter me contado o que estava acontecendo. O que você precisava. Em vez disso, você fugiu e me deixou pensando o que diabos tinha acontecido. — Arrisquei uma olhada rápida na direção de Crosby. Seu queixo estava tão rígido quanto as pedras espalhadas pela praia. — Eu estava preocupada. Achei que você pudesse ter sofrido um acidente de escalada. Tive de mandar uma mensagem de texto para Bell e ver se você estava no bar. Acontece que você estava muito ocupado divertindo com um amigo para me deixar saber que seus planos mudaram.

Crosby parou de andar. — Eu estraguei tudo. Eu sei isso. Alicia não parava de me mandar mensagens, então coloquei meu telefone no modo silencioso. Bebi um pouco demais e perdi a noção do tempo. Fui descuidado. A última coisa que quero fazer é machucar você.

Abaixei-me para pegar uma pedra pequena e lisa e tracei suas bordas com o dedo. Crosby enlouquecendo e me dispensando poderia ser perdoado, mas o toque de despertar não poderia ser esquecido. Eu olhei para cima e encontrei seu olhar, ele implorou para eu entender, mas eu não tinha certeza se conseguiria. — O que você quer que isso seja?

Era realmente a única pergunta para a qual eu precisava de uma resposta. Todo o resto poderia ser suavizado e descoberto, desde que estivéssemos na mesma página com isso. Eu não pude evitar a esperança

que borbulhou em minha barriga, o profundo desejo por este homem ter mudado de ideia sobre o que ele queria que sua vida fosse.

A expressão de Crosby tornou-se cautelosa. — O que você quer dizer?

— Nos. Você e eu. Em seu mundo perfeito, como é esse relacionamento?

Ele se aproximou, estendendo a mão e colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Eu o ondulado hoje, da maneira que Crosby sempre me encorajou a ser. Ele torceu a mecha em volta do dedo antes de soltar. — Quero que sejamos exatamente o que éramos antes de bagunçar as coisas. Amo entrar em aventuras com você, forçando você a assistir *Star Wars* comigo. — Ele passou os braços em volta de mim, puxando-me contra ele. — Eu amo tocar em você e fazer você ganhar vida.

Eu amava tudo isso também, mas não mudava que eu queria mais. — Isso é tudo que você sempre vai querer? Nada de construir uma casa juntos, formar uma família? — Eu não precisava de um anel, mas precisava dele. E de uma forma em que ele estava totalmente presente e comigo.

Crosby enrijeceu. — Eu disse a você quando começamos isso que eu não sou o tipo de cara do para sempre e cercas brancas. Não é o que eu quero para minha vida. Mas eu quero *você.*

A pressão se acumulou atrás dos meus olhos. — Eu não me importo com cercas brancas, mas me importo com a eternidade.

As mãos de Crosby ao meu redor tremiam. — Não podemos simplesmente levar as coisas um dia de cada vez? Por que você tem que colocar toda essa pressão em mim de repente?

Eu saí dos braços de Crosby, suas palavras doendo. — Não é pressão. É te dizer o que *eu* quero, o que *preciso.* Se você consegue

expressar o que quer da vida, eu também quero. Mas temos que ser verdadeiros um com o outro. O que cada um de nós deseja pode não corresponder.

Um músculo na bochecha de Crosby se contraiu enquanto ele esfregava a nuca. — Isso parece muito com um ultimato. Assine na linha pontilhada para casamento e bebês, ou você vai embora. Como isso é justo? Eu me importo com você, Kenna. Eu...

Crosby parou abruptamente, sem terminar esse pensamento. Era o símbolo de tudo o que éramos. Ele podia me amar. Mas ele não podia dizer as palavras. Ele me queria em sua vida. Mas ele sempre teria que ter uma saída de emergência. Isso rasgou algo bem no fundo, não apenas para mim, mas também para Crosby. Eu já tinha jogado o jogo dos desejos antes, esperando que um homem mudasse seus hábitos. Não tinha funcionado bem para mim então, e me recusei a fazê-lo novamente.

Estendi a mão, entrelaçando meus dedos com os de Crosby, sua palma áspera contra a minha. A conexão sempre acalmou algo em mim. Eu olhei em seus olhos castanhos infinitos. — A vida é confusa e aterrorizante, mas também é loucamente bonita. *Você* me ensinou isso. Você me mostrou que meus destroços poderiam ser perfeitos à sua própria maneira, que todas aquelas pequenas rachaduras em minha alma apenas me tornaram mais forte, mais bonita. A verdadeira e autenticamente eu. Você me ensinou o que significa viver de verdade.

Eu segurei suas mãos com mais força, não dando a ele a chance de me soltar. — Mas mesmo com todo o seu esforço para viver a vida ao máximo, você está apenas vivendo uma meia-vida. — As mãos de Crosby se sacudiram nas minhas, seus olhos brilhando. Eu apenas segurei mais forte. — Você está descendo a encosta de uma montanha, mas se recusa a se apaixonar de verdade. Você desce trilhas que me dariam um ataque cardíaco, mas não se permite ter uma família. Você deixa as pessoas se

aproximarem, mas não totalmente. Não para onde elas têm a chance de machucar você.

Levei muito tempo para perceber essa verdade. Crosby sempre pareceu tão aberto, dando boas-vindas a qualquer pessoa em seu círculo, em sua vida. Mas havia uma barreira em torno de quem ele era, e Crosby não deixaria isso cair por ninguém.

— Eu deixei você entrar. Não diga que eu não fiz. — Calor e raiva iluminaram as feições de Crosby enquanto ele falava.

Eu dei um aperto em suas mãos, silenciosamente implorando para que ele me ouvisse, entendesse, me deixasse entrar. — Mas não totalmente.

Ele tirou suas mãos das minhas. — Por que o que temos não pode ser suficiente para você? Preciso da liberdade que construí para mim e não vou desistir disso por ninguém. Nem mesmo por você.

Suas palavras foram um golpe físico, atingindo meu estômago e peito. — Não estou tentando roubar sua liberdade. — Lágrimas se juntaram nos cantos dos meus olhos. — Eu nunca esperei para acorrentá-lo. Eu só queria dar a você mais vida para experimentar. — Parceria. Família. Mas eu não forçaria isso a ele.

As lágrimas começaram a transbordar agora. Aparentemente, eu era uma chorona, afinal. — Eu não quero ficar ressentido com você. Eu não quero que você me odeie ou coloque pressão sobre você. E é exatamente isso que vai acontecer se continuarmos assim. Olhe para nós, já está acontecendo.

E esse conhecimento partiu meu coração. Eu inalei uma respiração instável. — Eu te amo, Crosby. Sempre te amarei, mas isso significa que tenho que deixar você ir. — Cada palavra cortada conforme eu falava, mas não mudou a necessidade da liberação. — Se afastarmos agora,

ainda teremos uma chance de amizade. — Deus, mataria tê-lo em minha vida, mas ele não era meu. Mas seria muito pior fingir que éramos estranhos.

— Amigos? Você está realmente tendo a conversa de vamos-ser-amigos comigo agora?

A raiva no olhar de Crosby ainda estava piscando, mas por baixo, eu vi a dor. Eu engoli em seco. — Eu quero você na minha vida. Eu não quero perder você completamente.

Suas mãos se fecharam ao lado do corpo, os nós dos dedos ficando brancos. — Bem, não tenho certeza se você possa tomar essa decisão. — Sem outra palavra, ele se virou e caminhou de volta para seu escritório.

Eu não conseguia tirar os olhos de Crosby enquanto ele se afastava. Cada passo parecia puxar a cavidade do meu peito um pouco mais. Mordi meu lábio, usando a dor como uma distração, um lembrete de que não poderia correr atrás dele. Se o fizesse, estaria apenas cortejando um coração partido ainda maior. E eu não tinha certeza se me recuperaria daquele que já me partia em dois.

45

Crosby

— Deus, você parece patético.

Eu olhei para Hunter por cima da minha Guinness. — Obrigado.

Ford ergueu os olhos depois de encher uma jarra de cerveja. — Ele não está errado. Você está parecendo um pouco agitado.

Eu sabia que eles estavam certos. Eu sentia horrível. Mas era o que acontecia quando você mal dormia por três dias. Acontece que eu me acostumei a ter o corpo de Kenna enrolado no meu, seus adoráveis roncos e resmungos em seu sono. Agora, tudo que eu tinha era minha cama fria e noites sem dormir.

Ford entregou o jarro a uma das novas garçonetes. — Você está repensando suas escolhas de vida?

Coloquei uma batata frita na boca, mas mal registrei o sabor da fritura. Eu estava repensando tudo. Eu fui um idiota com Kenna quando ela terminou as coisas, e não tínhamos nos falado desde então. Eu precisava consertar isso, mas sabia que enfrentá-la traria tudo de volta. Eu a queria mais do que minha próxima respiração, então por que eu não poderia dar o seguinte passo? No minuto em que considerei, meu peito apertou e eu não conseguia respirar fundo. Kenna estava certa, eu estava correndo com medo. E isso não me fez sentir como um idiota?

Hunter ergueu sua garrafa vazia para seu irmão, pedindo silenciosamente por outra. — Acho que essa reflexão silenciosa sobre algo é definitivamente um sinal de algum arrependimento.

— Vocês dois são piores do que vovós inoportunas. Inferno, você é pior do que Penny. — Ela tem insistido comigo para acertar as coisas com Kenna desde o momento em que voltei para o escritório e joguei um grampeador na parede.

Hunter fez uma careta para mim. — Eu não sou um chato. Só conheço uma boa mulher quando vejo uma. E eu sei que não devo desperdiçar essa oportunidade.

Minha mão apertou meu copo. Hunter conhecia muitas mulheres boas. — Você simplesmente não sabe como segurá-las, certo?

Ele se virou para mim. — Bem, talvez seja hora de eu mudar isso. Se eu convidar a Srta. Kenna para um encontro, devo levá-la para *The Cove* ou *Rocco's*?

O desejo feroz de estrangular Hunter me surpreendeu muito. Ele estava apenas me irritando. Mas eu sabia que não demoraria muito para que algum idiota convidasse Kenna para sair. Talvez aquele contador bajulador com quem ela esteve namorando voltasse.

— Uh, Hunt, — Ford começou. — Eu não cutucaria a besta se eu fosse você.

— Por que diabos não? Alguém precisa fazê-lo perceber que está jogando fora algo bom.

Eu levantei a mão. — Apenas pare já. Não é para ser. — As palavras tinham o gosto de mentira que eram.

Bell se aproximou de Ford, seu braço ao redor dela. — Eu deveria estar muito chateada com você. Mas, honestamente, estou apenas triste. Você está perdendo algo incrível.

Meu peito apertou com suas palavras. Eu estava bem ciente de tudo o que estava perdendo. Não eram as grandes coisas que estavam me

matando também. Foram as menores. Os resmungos de Kenna ao acordar. Os adoráveis olhos turvos que ela me dava até o café fazer efeito. A maneira como ela distraidamente traçou padrões sobre meu torso enquanto assistíamos TV. Mas, acima de tudo, sentia falta da sensação de família quando sempre que estávamos juntos.

Eu precisava superar minhas dificuldades. Descobrir uma maneira de ter Kenna *e* minha liberdade. Minhas costelas deram outro aperto doloroso. Eu precisava dela em minha vida de qualquer maneira que eu pudesse tê-la. Mesmo que isso significasse ser apenas amigos.

Eu encontrei o olhar investigativo de Bell. — Vou acertar as coisas entre nós.

Seus ombros caíram. — Mas não da maneira que deveria ser.

— Somos muito diferentes. Simplesmente não funciona.

Bell abriu a boca, mas Ford apertou seu ombro e ela a fechou novamente. Eu dei a ele um olhar agradecido. Eu não aguentaria muito mais desta inquisição. — Então, tem alguma torta aí? — Eu mal toquei no meu *Reuben*, a última coisa que eu queria era uma torta. Mas eu faria qualquer coisa para nos desviar do assunto que estava rasgando minhas entranhas em pedaços.

* * *

Equilibrei o vaso de plantas em um braço enquanto segurava o café com leite de avelã no outro. Isso foi tonto. Não, o que era pior do que tonto? Idiota? Continuei andando mesmo assim, virando a esquina da rua principal para a baía. Dava para ver o pequeno bangalô que era a novo escritório de Kenna. Não conseguia imaginar um espaço melhor para ela. Tinha aquela sensação de chalé encantador e uma vista incrível da água.

Meus passos diminuíram conforme eu me aproximava. *Não seja um bundão.* Eu caminhei e em direção à porta da frente. Havia um poste de ferro forjado que se projetava sobre a entrada, e eu podia imaginar uma placa pendurada em uma letra delicada com o nome de Kenna. Virei a maçaneta e uma campainha sobre a porta tilintou quando a abri.

— Saio em um segundo.

Apenas o som de sua voz fez minhas terminações nervosas acordarem do estado amortecido em que estavam desde que eu me afastei dessa mulher. Eu olhei ao redor da sala da frente. Ele abrigava uma mesa e um sofá, mas ainda parecia que havia algum trabalho a ser feito. As paredes precisavam de arte, e o espaço poderia usar mais algumas cadeiras.

— Crosby?

Minha cabeça girou na direção de Kenna ao som do meu nome. Seu tom era um redemoinho poderoso de emoções, alegria e dor, esperança e medo.

— Ei, Olhos Castanhos.

As pálpebras baixaram sobre aquele olhar âmbar por um breve momento antes de se levantar novamente. — Ei.

Eu engoli, procurando pelas palavras certas. — Este lugar é perfeito.

Sua boca se curvou. Não era o sorriso completo e desinibido que eu tanto amava, mas também não era o falso. Era algo totalmente novo. Era autêntico, percebi. Kenna não estava se escondendo. Seu cabelo estava preso em uma trança frouxa, mas as mechas seguravam uma onda que ela raramente soltava. Ela usava jeans e uma camiseta casual em vez de uma blusa mais formal.

— Tive muita sorte.

— Eu diria. — Eu queria tanto puxar Kenna em meus braços, inalar seu perfume, sentir aquela sensação de lar. — Eu trouxe para você um presente de inauguração. — Eu segurei o vaso de planta. — Bell disse que você gosta disso.

Kenna sorriu, tirando o pote de minhas mãos. Nossos dedos roçaram brevemente, e isso enviou uma onda de energia para o meu braço. Pela expressão no rosto de Kenna, ela também sentiu. — Sim, mas apenas porque são uma das poucas plantas que consegui manter viva.

Eu ri. — Difícil de matar é uma boa qualidade para se ter em uma planta de casa. — Eu levantei a bebida em minha mão. — Achei que você pudesse precisar de um pouco de avelã para mantê-la vivo.

Ela colocou a planta na mesa. — Você é uma dádiva de Deus. Eu sinto que estou morrendo de cansaço neste momento.

Havia círculos escuros sob os olhos de Kenna, que eu não tinha visto antes porque estava muito distraído com o brilho âmbar de seus olhos. — Posso ajudar em alguma coisa?

Ela aceitou o café com leite e tomou um gole, deixando escapar um pequeno gemido que foi direto para o meu pau. — Isso está ajudando mais do que você imagina. E você não tem que ir ao tribunal?

Eu me senti o maior idiota do mundo naquele momento. Eu nem mesmo mantive Kenna atualizada sobre o caso. — O juiz julgará o caso amanhã.

Kenna tinha ficado longe do tribunal nos últimos três dias, mas os argumentos finais foram dados esta manhã, e o juiz Moore nos disse que ele iria decidir amanhã. Hotchkiss fez uma declaração convincente para encerrar as coisas, mas eu ainda estava esperançoso.

— Uau, eu não posso acreditar que isso finalmente acabou. Que horas?

— Nove da manhã. Você precisa de uma carona ou algo assim? — Eu queria que ela dissesse que sim. Qualquer desculpa para um pouco mais de tempo com ela.

Kenna balançou a cabeça. — Eu ir no meu carro. Ou Bell ou Caelyn podem querer ir também.

Eu não estava mais em seu círculo de confiança. Eu queria ser a pessoa que nunca a decepcionaria. Eu falhei completamente. Mas talvez eu pudesse provar a Kenna que valia a pena me ter na sua vida, mesmo que não fosse da maneira que eu queria. — Eu sinto muito.

Ela piscou algumas vezes. — Pelo quê?

— Ser um idiota na praia outro dia. Você merece ser feliz. Para ter tudo o que quiser. Eu só queria ser aquele cara para você.

46

Kenna

— Me desculpe. Ele disse o quê? — Bell largou a colher na vasilha aberta de sorvete.

Trabalhei na massa do meu biscoito com a colher, tentando não deixar as lágrimas escaparem. — Ele disse que gostaria de ser aquele cara para mim.

— Santo dos Desmaios, Batman. — Caelyn desabou contra o sofá. — Isso é tão romântico.

Bell apontou sua colher para Caelyn. — Não é romântico. Ele precisa se recompor e ser aquele cara para ela.

— Ele ainda não chegou nessa etapa. — Ele pode nunca chegar. Mas eu tinha esperança de que, se Crosby chegasse ao ponto de querer mais, ele me avisasse.

Bell se virou para mim. — E onde isso deixa você? Esperando, esperando que ele tire o dedo da bunda e perceba que você não é a *ex* vadia dele, e que construir uma vida com você não é viver com uma bola e uma corrente?

Caelyn franziu o rosto. — Por que o dedo dele está na bunda? Eu realmente não entendo isso.

— Ugh, não importa, — Bell gemeu. — O que importa é que ele ainda está amarrado a Kenna. Ela precisa seguir em frente e encontrar alguém digno dela. — Bell olhou para mim. — Só não mais um contador, ok?

Eu fiz uma careta para o meu sorvete. Eu não queria outro Henry. Eu queria Crosby. E tive a sensação de que nenhum outro homem jamais

me faria sentir viva da mesma maneira, cuidada e segura, mas sem cortar minhas asas. — Não pretendo voltar a namorar tão cedo.

Bell enviou a Caelyn um olhar. — Ela ainda tem esperança.

— Não é? — Caelyn argumentou. — Crosby é perfeito para ela. — Ela se virou para mim. — Eu realmente acho que ele vai mudar. Basta dar a ele um pouco de tempo para perceber o que está perdendo.

— Não dê ouvidos a romântica desesperada. Você precisa seguir em frente. Você sabe como diz o ditado, a melhor maneira de superar um cara é ficar embaixo de outro, — argumentou Bell.

Eu me encolhi com o pensamento. Cada célula do meu corpo se revoltou com a ideia e comecei a me sentir um pouco nauseada. — Não pressione, Bell. Preciso me curar do meu jeito, no meu tempo.

Bell gemeu. — Ela vai se tornar uma eremita.

— Eu não vou. Estou abrindo meu novo negócio. Eu tenho você, Caelyn, e os pequenos. Eu até comecei a entender aquele personagem suspeito de Ford.

Bell bufou. — Quem diria que veríamos esse dia?

Senti uma pontada de culpa ao me lembrar de como fui dura com Ford quando ele voltou para a cidade. Ele amava minha melhor amiga com uma ferocidade que eu não pensei ser possível. — Acho que vale a pena mantê-lo por perto.

Meu estômago se revirou novamente. Desta vez, senti como se estivesse navegando em um mar especialmente agitado. Eu coloquei meu sorvete na mesa, respirando fundo pelo nariz e deixando-o sair da minha boca.

— Kenna, você está bem? — Caelyn estava instantaneamente ao meu lado.

— Não estou me sentindo tão bem de repente. — Eu estava suada e a náusea só piorava.

— Venha, vamos levá-lo ao banheiro, apenas no caso. — Caelyn me ajudou a ficar de pé, Bell pegando meu outro braço para me firmar.

— Nossa, você estava bem um segundo atrás. O que causou isso? — Perguntou Bell.

— Eu não sei. — Pode ter sido toda a conversa sobre seguir em frente sem Crosby, a maneira do meu corpo vetar essa ideia, mas eu não queria admitir isso para Bell.

Assim que avistamos o banheiro, eu não aguentei. Corri para dentro a tempo de esvaziar o conteúdo do meu estômago. Bell prendeu meu cabelo para trás enquanto eu vomitava. Ouvi água correndo e senti um pano frio sendo colocado na minha nuca.

Quando não havia mais nada em meu estômago, sentei-me sobre minhas pernas, enxaguando as evidências. Deus, eu me sentia péssima.

Caelyn parecia preocupada. — Espero que não esteja com gripe. Talvez seja uma intoxicação alimentar. O que você comeu no dia anterior?

Eu pensei de volta, procurando minha mente. — Nada fora do comum.

Bell ficou quieta enquanto me encarava. — Você tem dormido mais do que o normal também, ultimamente.

— Eu acho. — Eu estava cansada recentemente, precisando de uma soneca à tarde ou indo para a cama super cedo. Mas isso fazia sentido com tudo o que estava acontecendo. Eu estava exausta. Emocionalmente e fisicamente.

Os lábios de Bell franziram. — Acho que precisamos fazer um teste de gravidez.

— O que? Não. Não há como. — Meu cérebro estava indo a um milhão de milhas por minuto. Minha menstruação nunca foi exatamente regular, então não havia por que rastreá-la. Mas fazia mais tempo do que o normal desde que eu tive um... — Não. Não é possível. Estou tomando pílula. Usamos preservativos.

— Toda vez? — Bell pressionou.

— Sim. — Todas as vezes - exceto aquela vez no chuveiro. — Merda.

Caelyn ficou de pé. — O armazém ainda está aberto por mais trinta minutos. Estarei de volta em dez minutos.

O sangue correu em meus ouvidos, fazendo-me sentir como se estivesse em um túnel. — As pessoas vão falar se você comprar um teste de gravidez. — Era uma das maldições de viver em uma pequena ilha.

Ela encolheu os ombros. — Quem se importa. As pessoas falam sobre mim de qualquer maneira.

As palavras de Caelyn fizeram meu coração apertar. A última coisa que ela merecia era gente fofocando pelas costas. Mas eles tinham feito isso desde antes de ela assumir a custódia de seus três irmãos, anos atrás. — Obrigada, Cae.

— A qualquer hora, irmã. Volto num piscar de olhos.

Caelyn se foi, e eu me inclinei contra a porcelana fria da banheira. Isso não estava acontecendo.

Bell apertou meu braço. — Quer que eu te ajude a se levantar para que você possa escovar os dentes?

Eu balancei a cabeça rigidamente. Eu fiz a limpeza em transe, nada realmente penetrando meu cérebro. Quando terminei, sentei-me de volta no chão de ladrilhos. A frieza daquilo pareceu ajudar minha náusea e

meu pânico. E a última coisa que eu queria fazer era vomitar no tapete da minha sala.

Eu contei até dez repetidamente. Eu cantei o alfabeto na minha cabeça. Qualquer coisa para me impedir de enlouquecer com *e se*. Não ajudaria em nada jogar esse jogo. Posso ter uma intoxicação alimentar.

Dez minutos pareceram dez horas, mas, eventualmente, Caelyn se apressou de volta para a porta. — Eu tenho três marcas diferentes, então temos a melhor chance de precisão. Você acha que pode fazer xixi?

Eu concordei. Eu o forçaria do meu corpo se fosse necessário. Eu precisava saber. Caelyn me entregou um pequeno saco de papel e me deu um sorriso encorajador. Foi o mesmo que ela deu a Ava antes dos jogos de futebol, embora Ava ainda não tivesse feito um gol ou recebido um passe. O pensamento me deu vontade de rir, mas eu sabia que soaria histérica, então sufoquei.

Fechei a porta do banheiro e procurei na bolsa. Minhas mãos tremiam enquanto eu abria cada caixa e lutava para manter as instruções com firmeza. Fiz meu trabalho, tampando cada teste e descansando-os na lateral da banheira. Abri a porta e encontrei os olhares nervosos dos meus amigos. — Alguém pode colocar três minutos no telefone?

Bell puxou o dela e bateu na tela algumas vezes. — Entendi.

— Obrigada. — Todos nós andamos no corredor, apenas olhando uma para a outra.

Caelyn estendeu a mão e entrelaçou seus dedos com os meus. — Você está bem?

— Na verdade não. Não posso pensar nisso até saber com certeza de uma forma ou de outra.

Ela acenou com a cabeça e ficamos todos em silêncio novamente. Lutei contra a urgência de andar de um lado para o outro no corredor, sabendo que isso apenas aumentaria minha ansiedade.

O telefone de Bell deixou escapar uma série de *bings* seguidos. — Tempo.

Eu engoli minha garganta repentinamente seca. — Não sei se consigo olhar.

Caelyn se aproximou. — Nós estamos com você. Você não está sozinha.

Bell concordou. — Você nunca estará sozinha.

Lágrimas queimaram o fundo dos meus olhos. — Obrigada. — As duas palavras saíram em um sussurro rouco. Fui para o banheiro e peguei o primeiro teste com as mãos trêmulas. Um sinal de mais rosa brilhante. Eu mudei para o segundo. Duas linhas azuis distintas. E o último. Uma *grávida* muito clara em letras pretas.

Minha respiração me deixou em um sopro, minha mão instantaneamente indo para o meu estômago. Grávida. Havia uma criança crescendo dentro de mim. Meu cérebro e meu coração saltaram de emoção em emoção, sem saber onde pousar. Medo. Esperança. Pânico. Alegria. Todos eles buscaram o domínio dentro de mim.

— Kenna? — Caelyn perguntou timidamente.

As lágrimas que estavam se formando transbordaram. — Estou grávida.

Bell parecia ligeiramente em pânico. — Essas são lágrimas de felicidade ou tristeza? Não sei dizer.

— Estou feliz e morrendo de medo das lágrimas, — eu disse com uma risada sufocada. Eu teria uma segunda chance de ser mãe. Como eu poderia não ficar feliz com isso? Algo que me preocupava nunca poder acontecer. Os médicos me disseram que eu poderia ter problemas para engravidar, mas, aparentemente, Crosby tinha *superesperma*.

Eu congelo. — Crosby. — Eu disse seu nome em um sussurro, meu peito contraindo em um aperto doloroso enquanto minha mão foi para minha barriga ainda plana. Ele não queria filhos. Mas ele ainda se sentiria assim quando soubesse que criamos um ser humano juntos? Meus olhos se fecharam enquanto eu enviava uma oração silenciosa para que ele amasse essa criança tanto quanto eu já amava. Que ele gostaria de estar em sua vida.

— Vamos. — Caelyn gentilmente me guiou até a sala de estar e me ajudou a me acomodar no sofá. Alguns segundos depois, ela colocou um copo d'água em minhas mãos. — Tome pequenos goles lentos.

Eu fiz conforme as instruções. A água fria tinha gosto de céu na minha garganta maltratada. — Eu tenho que dizer a ele.

Caelyn me olhou com cautela. — Você tem... mas você tem tempo. Você não tem que correr para lá esta noite. Reserve alguns dias para processá-lo primeiro.

Ela estava certa. Eu precisava colocar minha cabeça no lugar antes de contar a Crosby. E se eu perdesse essa criança como antes? Meu peito se contraiu em um aperto forte. Eu não tinha certeza se iria sobreviver. Porque eu sabia de uma coisa com certeza.... Eu já amava esse bebê além da conta.

O olhar de Bell endureceu em mim, interpretando mal o medo em meus olhos. — Se ele for um idiota sobre esse assunto, que *se dane*. Seremos as melhores tias que esse garotinho já teve. Somos tão incríveis, não há necessidade de um pai.

Eu engasguei com uma meia risada, meio soluço. — Tenho tanta sorte de ter vocês duas. Obrigada por tudo.

Caelyn se acomodou ao meu lado no sofá. — Estamos aqui por você. Sempre.

E eu ficaria eternamente grata por esse fato. Mas isso não impediu meu coração de esperar que Crosby encontrasse uma maneira de estar lá também.

47

Crosby

Grant Abbot parecia arrogante. Muito presunçoso. E o sorriso malicioso em seu rosto deixou meus nervos à flor da pele. Não achei que o juiz Moore pudesse ser comprado ou ameaçado com um veredicto em particular, mas todo mundo tinha um ponto de ruptura.

Eu olhei de volta para a galeria. Os olhos de Kenna estavam fechados como se ela estivesse rezando ou meditando ou apenas tentando encontrar um momento de paz antes do caos que estava por vir. Deus, ela era linda. Mesmo sem ser capaz de ver aqueles olhos âmbar que puxavam minha alma, ela era a criatura mais linda que eu já vi. Não era sua pele lisa e dourada, ou seu lindo cabelo cor castanho que caía em ondas soltas ao redor de seu rosto. Não eram as maçãs do rosto perfeitas ou aqueles lábios deliciosos de frutas vermelhas. Era a maneira como ela brilhava de dentro para fora. A luz que irradiava de dentro me chamou, alisou todas as minhas arestas e acalmou o ritmo frenético da minha energia interna. Ela me equilibrou da melhor maneira possível. E eu sabia que fiz o mesmo por ela.

A emoção obstruiu minha garganta quando Kenna abriu os olhos, aqueles orbes âmbar olhando diretamente para mim como se ela soubesse de tudo e me aceitasse de qualquer maneira. Eu amava essa mulher. E ela me amava. Assim como eu estava. Ela não tentaria me mudar ou me forçar a viver uma vida que eu não queria. Kenna simplesmente queria uma existência onde estivéssemos juntos.

Eu podia ver de uma forma que eu tinha medo de tentar antes. Envelhecendo juntos, contribuindo para a bela história de *The Gables*. Eu podia imaginar Kenna perseguindo crianças naquele quintal gramado, proporcionando um lar para as crianças no sistema de

adoção. Nada disso me impediria de meus momentos de liberdade. De perseguir o pico de uma sessão de escalada ou a emoção de descer uma montanha em uma bicicleta. Isso simplesmente me daria um lugar e uma família para onde voltar.

Kenna não desviou o olhar, nossa conexão pulsando entre nós. Kenna tinha sido minha casa desde o momento em que realmente me deixou entrar em seu mundo. E eu tinha jogado isso de lado como uma criança que não conseguiu o que queria. Deus, eu fui um idiota. Pior do que isso, fui descuidado com a pessoa que mais significava para mim neste mundo. Eu estava tão envolvido em me certificar de que não poderia ser amarrado por ninguém ou nada que perdi a coisa mais incrível que já aconteceu comigo.

Avancei, abrindo a boca para dizer alguma coisa, nem tinha a certeza do que, quando o oficial de justiça falou. — Todos se levantem.

Os olhos de Kenna brilharam com algo que parecia muito com esperança, e eu tive que me forçar a me afastar da emoção e encarar a frente do tribunal. Eu me senti como se tivesse levado um soco nas costelas, incapaz de me concentrar ou respirar fundo. Eu só conseguia pensar em como consertaria as coisas com Kenna.

Eu balancei minha cabeça, tentando fazer meus olhos se concentrarem no juiz Moore. O olhar irritado no rosto do homem me tirou da minha névoa. Eu dei uma rápida olhada por cima do ombro. Kenna parecia preocupada agora. Senti um desejo penetrante de ir até ela, para confortá-la. Mas eu não podia, não agora. Ela tinha sua equipe de apoio. Eles vieram com força total. Bell, Caelyn, Ford e Hunter. Até o pai de Bell, Dr. Kipton, que fora o médico de Harriet, estava presente.

Forcei meu olhar de volta para o juiz Moore. Quando ele se sentou, o resto da corte o seguiu. Ele limpou a garganta, estudando todos os rostos no tribunal, um por um. — Peço desculpas pelo atraso nos procedimentos

de hoje, mas, infelizmente, o xerife teve que ser chamado à minha casa esta manhã.

Eu enrijeci, olhando para o lado dos Abbots da quadra. Grant e Ben Hotchkiss trocaram um olhar, mas foi cauteloso. Quando Grant voltou seu olhar para o juiz, um músculo em sua bochecha pulsou. O que diabos estava acontecendo?

O olhar do juiz Moore endureceu quando ele olhou ao redor da sala. — Eu não aceito tentativas de suborno levianamente.

Alguém que parecia muito com Caelyn soltou um suspiro atrás de mim. Meu estômago afundou. Grant estava bagunçando o sistema. Se tivéssemos sorte, ele tentaria influenciar o juiz a seu favor. Mas se ele fosse realmente inteligente, pode ter enviado uma mensagem falsa de nossa equipe, levando o juiz a acreditar que estávamos tentando influenciar o resultado do julgamento.

O juiz continuou falando. — Enquanto conversamos, os delegados do xerife estão coletando provas e encontraremos quem tentou exercer influência indevida sobre este tribunal. E eles serão processados em toda a extensão da lei.

Moore dirigiu seu olhar para Grant e Hotchkiss enquanto falava, e meus ombros relaxaram um pouco. Mas, ao mesmo tempo, meu sangue começou a esquentar. Este idiota pensou que poderia comprar a lei que queria, assim como comprou tudo em sua vida. Sua família resolveu todos os problemas jogando dinheiro ou poder. Mas tive a sensação de que hoje chegaria ao fim.

Eu sorri para Grant, sabendo que meu sorriso era um pouco selvagem. Seu olhar se estreitou em mim, o hematoma verde-púrpura ao redor de seu olho tornando a ação ridícula. Pela primeira vez na vida, Grant Abbot ouviria a palavra *não.*

— Estou pronto para fazer minha decisão.

— Meritíssimo, — Hotchkiss começou. — Considerando esses novos desenvolvimentos, devemos considerar o adiamento da decisão?

— Não, — afirmou o juiz Moore com firmeza. — A menos que você esteja questionando minha capacidade de ser objetivo. Você está questionando isso, Sr. Hotchkiss?

— Não, claro que não, Meritíssimo.

— Bom. Então vamos acabar com isso. Estou quase acabando com toda essa farsa.

Eu lutei para segurar minha risada, mas pude ouvir um bufo baixo vindo da direção de Bell diretamente atrás de mim. Aparentemente, o juiz Moore acabou com os Abbots e todas as suas besteiras.

Moore juntou as mãos e as colocou sobre a mesa. — Sobre a validade da última vontade e testamento de Harriet Abbot, declaro que vontade se mantem. — Grant parecia prestes a estrangular o juiz. — Se dependesse de mim, eu teria você e seus pais privados da herança que estão recebendo. Mas não tenho esse tipo de autoridade. O que estou decidindo é que você arcará com todos os honorários advocatícios de Crosby McCoy.

O juiz Moore se virou para mim. — Sr. McCoy, por favor, envie suas horas faturáveis ao tribunal e ao Sr. Hotchkiss até o final da semana.

— Sim, meritíssimo.

— O tribunal está encerrado.

Com uma batida do martelo, tudo acabou. Eu me levantei, virando-me para ver Kenna envolvida em um abraço após um abraço. Eu me afastei com um sorriso, observando a mulher que significava tudo para mim ser cercada de amor e apoio. E agora, ela poderia manter sua casa, seu lugar seguro, também.

Quando o último simpatizante liberou Kenna, ela se virou para mim. Contornei a pequena cerca de madeira que separava a sala do tribunal e a puxei em meus braços. Eu não me importava que não tivéssemos resolvido as coisas entre nós, eu precisava abraçá-la. — É seu, Olhos Castanhos. Ninguém pode tirá-lo.

Suas mãos envolveram minha cintura, agarrando meu paletó. — Obrigada, Crosby. Por tudo. — Sua voz estava rouca, quase inaudível por causa da emoção que envolvia suas palavras.

— Qualquer coisa para você.

Kenna se afastou, procurando em meu rosto o significado de minhas palavras. Eu não poderia falar aqui. Mas eu o faria, o mais rápido possível. Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Podemos falar depois? Eu posso ir para *The Gables*.

Kenna acenou com a cabeça. — Estarei em casa. Vou parar e pegar algumas caixas no caminho. Quero arrumar minha casa antes mesmo de pensar em me mudar para a propriedade principal.

Eu ri. — Sua casa é muito limpa. Duvido que haja mais do que três coisas supérfluas naquela casa.

Kenna sorriu, me liberando. — Você ficaria surpreso. Minha desordem é simplesmente organizada. — Ela parou por um momento, uma expressão de incerteza tomando conta de seu rosto. — Até logo?

— Eu estarei lá. — Eu coloquei toda a segurança que pude para essas palavras, implorando a ela para ler a esperança que deveria ter nelas.

— Estarei esperando. — Ela ficou na ponta dos pés e pressionou os lábios contra minha bochecha barbuda. — Obrigada novamente.

— Sua vadia.

Eu estremeci com a fúria na voz de Grant, virando-me e me colocando imediatamente entre ele e Kenna. — Você vai querer dar um passo para trás antes de ser preso por assédio. Ou pior, agressão.

Grant olhou para mim, seu ódio torcendo suas feições. — Aquela prostituta avarenta roubou o que me pertence.

Bell olhou onde estava Kenna e eu antes Ford pudesse detê-la. — Tenho certeza que a única prostituta gananciosa por aqui é você.

— O dinheiro nunca poderia comprar etiqueta para você, Isabelle, — Grant respondeu.

— Oh, vá se foder — Bell disparou de volta.

Ford colocou um braço em volta dos ombros de sua noiva. — Tudo bem, *Trouble*. Você disse sua parte.

— Não sei, — interrompeu o Dr. Kipton. — Eu estava gostando de ver minha filha colocar esse bastardo ganancioso em seu lugar.

Nosso grupo riu, mas Grant ficou com um tom de vermelho surpreendente. — Fiquem atentos. Todos vocês.

Kenna enrijeceu atrás de mim, a tensão irradiando de seus músculos para os meus. Passei um braço em volta dos ombros dela. — Não dê ouvidos, não há mais nada que eles possam fazer.

Hotchkiss deu um passo à frente, conduzindo Grant pelo corredor. — Eu não teria tanta certeza sobre isso.

Kenna suspirou, desabando em mim. — Isso nunca vai acabar?

Eu me virei, colocando seu rosto em minhas mãos. — Acabou. Grant está chateado, mas aposto qualquer coisa, na segunda-feira ele estará na primeira balsa para sair daqui. Se não antes.

Ela olhou por cima do meu ombro para onde Grant e Hotchkiss tinham desaparecido. — Eu espero que você esteja certo.

48

Kenna

Peguei a caixa do balcão da cozinha e coloquei no chão. A cozinha de Harriet estava cheio dos melhores dispositivos e aparelhos que o dinheiro poderia comprar. Eu não precisaria de tudo o que já tinha, então estavam indo para o *Habitat For Humanity*.

Peguei uma bandeja da ilha, sorrindo para ela. Havia dois conjuntos de impressões de mãos. Minha e de Harriet. Ela me levou para a loja de pinte-sua-própria-cerâmica na cidade não muito depois de eu me mudar com ela, querendo que fizéssemos algo especial para marcar a ocasião. Nós tínhamos feito esta bandeja, onde as impressões de nossas mãos foram transformadas em flores.

A pintura estava desgastada. As folhas pareciam mais bolhas, e a abelha parecia mais um pássaro raivoso. Mas Harriet me disse que a bagunça era parte da diversão, que estávamos criando uma memória e isso era o que importava. Eu levantei a bandeja, abraçando-a contra meu peito. — Eu queria que você ainda estivesse aqui. Deus, eu poderia usar uma de nossas sessões no balanço agora.

Eu queria contar a ela sobre o bebê e pedir sua sabedoria sobre como dar a notícia a Crosby. Mas acima de tudo, eu queria o conforto de sua presença. Fechei os olhos, abraçando a bandeja com mais força, como se isso pudesse fazê-la ganhar vida. Suspirei quando meus olhos se abriram. Eu não poderia trazer Harriet de volta. Mas ela estava ao meu redor. Em seus canteiros de jardim favoritos e os tesouros antigos que ela coletou para celebrar a história da ilha. Na tábua de carne marcada na cozinha, onde cada marca contava a história do tempo que passamos juntas ou cuidando de seus entes queridos. Mas acima de tudo, ela estava nos fundamentos de cada estrutura desta propriedade, o lugar

seguro que ela havia criado para uma garota que não tinha um lar de verdade. Seu espírito viveria nesta casa e em mim.

Eu sorri para a bandeja, colocando-o de volta no balcão. Parte dos desejos de Harriet já estava se tornando realidade. Eu ia construir uma família aqui. Minha mão foi para minha barriga. — Você e eu, B. Vai ser uma aventura e tanto.

Uma batida soou na porta e eu olhei para o meu relógio. Era muito cedo para Crosby, mas meu estômago deu uma cambalhota, me perguntando se ele havia encerrado as coisas antes do previsto. Abri a porta para encontrar alguém que definitivamente não era Crosby. — Janet. O que você está fazendo aqui?

Ela jogou o cabelo ruivo sobre o ombro. — Eu só vim dizer adeus à minha garotinha. Estou voltando para o continente. Esta ilha é muito claustrofóbica.

Eu pisquei de volta para ela. Era sempre a mesma coisa, ela vinha rasgando minha vida, destruindo coisas a torto e a direito, e depois agia como se nada tivesse acontecido. Não valia a pena tentar entrar na dor que ela causou ou tentar fazê-la ver as consequências de suas ações. Seria uma perda de energia e um tempo precioso. — Dirija seguramente. — Eu olhei além dela para ver um táxi parado. — Espera. O que aconteceu com seu carro novo?

Seus lábios franziram. — Eu posso ter gastado algum dinheiro antes do que deveria. Eu tive que devolvê-lo.

Aparentemente, o suborno de Grant veio com uma garantia de devolução do dinheiro. Eu sorri. Serviu bem à mulher.

Janet olhou para a casa principal. — Você não quer se livrar dessa monstruosidade? Você poderia conseguir um grande condomínio em um arranha-céu em Seattle. — Ela me deu um sorriso. — Talvez me consiga

um do outro lado do corredor... poderíamos ficar juntas o tempo todo. Realmente se reconectar.

Eu engoli de volta meu bufo de risada. — Acho que vou passar.

Janet encolheu os ombros. — Eu tive que tentar mais uma vez. Vejo você por aí, Joaninha.

Eu me encolhi com o apelido que ela me chamou durante a minha infância, mas Janet perdeu a reação, já voltando para o sedan com um aceno de seus dedos. Fiquei olhando enquanto o táxi desaparecia no caminho de cascalho. Eu nunca entendi como pude ter vindo dela. Janet era descuidada com seu afeto e sua animosidade, indo e voltando entre as duas como um jogador de tênis tentando cobrir os dois lados da quadra.

Eu nunca seria isso. Minha amizade, meu cuidado, meu amor, eles sempre estariam firmes. Especialmente para o pequeno ser crescendo dentro de mim. Fechei os olhos por um breve momento, silenciosamente enviando todo o amor dentro de mim para o meu filho, querendo que fosse a primeira coisa que ele ou ela sentisse de mim.

Meus olhos se abriram com o som de pneus no cascalho mais uma vez. Desta vez, não foi um táxi que desceu pela estrada. Minha coluna enrijeceu, mas eu mantive minha posição. Eu não fugiria disso, e Grant descobriria que eu, como o juiz, não poderia ser pago.

Ele parou o carro esportivo bruscamente na frente da minha casa de hóspedes. Ele parecia ridículo saindo do veículo que estava tão baixo no chão que o cascalho provavelmente havia arranhado o chassi. — Kenna, precisamos conversar.

Eu levantei meu queixo. — Tenho certeza de que não temos mais nada para conversar.

A rosto de Grant endureceu quando ele cruzou para a minha porta. — Você precisa parar com essa brincadeira ridícula e devolver *The Gables* para minha família. É nosso.

Uma risada saiu de mim. Eu não pude evitar. Eu havia atingido meu limite de pessoas que estavam loucas tentando roubar minha felicidade, minha paz, meu *lar.* — Você teve um ferimento na cabeça ultimamente? Não vou dar a você ou a seus pais *The Gables*. Não é o que Harriet queria. O que ela queria era que você crescesse e assumisse alguma responsabilidade pela sua vida. Ter que ganhar alguma coisa em vez de ter que ser entregue a você em uma bandeja de prata. Então, você tem que fazer algum trabalho voluntário antes de receber o dinheiro que ela te deixou. Por isso você não está recebendo cada centavo que ela tinha. Lide com isso!

A mão de Grant atacou tão rápido que mal registrei o movimento antes que o tapa jogasse minha cabeça para o lado e me fizesse cambalear alguns passos para dentro da minha casa de hóspedes. O choque e a dor florescendo na minha bochecha me congelaram. A verdade diante de mim não fazia sentido. Grant era um idiota com direito, mas ele nunca foi violento comigo.

Antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, veio outro golpe. Desta vez, um punho nas minhas costelas. — Parece que alguém precisa lembrá-la do seu lugar neste mundo.

Todo o ar foi expelido de meus pulmões com o golpe. Eu me esforcei para respirar. Eu me virei, tentando proteger meu estômago, meu bebê. Isso não estava acontecendo. Outro soco atingiu meus rins, me fazendo cair de joelhos.

Eu rapidamente me levantei, correndo em volta dos móveis para colocar a mesa de café entre nós. — Saia daqui, Grant! Antes que eu chame a polícia. — Exceto que eu não estava com meu telefone. Ele estava sobre o balcão e Grant estava entre nós.

Um sorriso de escárnio apareceu em seu rosto. — Esta ilha insignificante? Eles demorariam muito para chegar aqui. E quem acreditaria em você de qualquer maneira? Um bom advogado de defesa caro e tudo isso logo vai desaparecer.

O brilho nos olhos de Grant que acompanhou suas palavras fez com que um pavor gelado corresse por minhas veias. Ele já tinha feito isso antes. E ele fugiu. Meu olhar disparou para a porta da frente e para o meu quarto.

— Tente fugir. Eu te desafio, — Grant zombou.

Lágrimas queimaram meus olhos, mas me recusei a desviar o olhar do homem que me machucou tanto. Ele não destruiria minha chance de felicidade, de verdadeira alegria. Agora não. Eu ataquei, esperando que o movimento o atordoasse, e eu pudesse me libertar e me mover para o lugar aberto. Eu correria para a água e nadaria para longe. Grant sempre foi lento na água.

A mão de Grant agarrou meu cabelo, puxando violentamente. Quando meu corpo voltou para ele, eu me virei, trazendo meu joelho para cima em um chute rápido em suas bolas.

— Sua vadia de merda! — Ele gritou. Seu punho balançou, fazendo contato com minha têmpora. O mundo cintilou ao meu redor.

E então não havia nada além de escuridão.

49

Crosby

Eu parei em frente à casa de hóspedes de Kenna. O sol do final da tarde parecia fazer toda a propriedade brilhar com um tom dourado. E agora era tudo de Kenna. Para sempre. Eu esperava que esse conhecimento lhe desse um pouco de paz. Mas acima de tudo, eu esperava que ela me deixasse voltar para o mundo dela.

Peguei o buquê de flores coloridas que repousava no assento ao meu lado. Eu não tinha mimado Kenna do jeito que deveria, levando-a para encontros e fazendo gestos grandes e pequenos que a deixavam saber que ela estava em minha mente. Isso mudaria agora.

Saí da minha caminhonete e me dirigi para a porta. Obriguei-me a manter meu controle leve sobre os talos, quando os nervos me dominaram, querendo parti-los em dois, apenas para sentir alívio. Não importava se Kenna estivesse hesitante em acreditar em mim no início, eu apenas a esperaria, provando que estava aqui para ficar.

Eu pisei na varanda da frente e congelei. A porta estava aberta apenas alguns centímetros. — Kenna, — chamei.

Sem resposta.

Minha frequência cardíaca acelerou enquanto eu lentamente empurrava a porta mais alguns centímetros. — Kenna? — Talvez ela tenha corrido para a casa principal com alguns de seus pertences? Olhei por cima do ombro, mas não vi nenhum sinal de vida ali.

Foda-se. Kenna poderia gritar comigo mais tarde por invadir sua privacidade, mas eu precisava saber se ela estava bem. Eu empurrei a porta totalmente aberta, passando pela soleira e instantaneamente parei

no meu caminho. O espaço estava uma bagunça. Cadeiras viradas. Itens aleatórios lançados.

Meu olhar se fixou em algo no chão. *Não.* Isso não estava acontecendo. Meu peito convulsionou em um aperto doloroso enquanto cruzava a sala em três longas passadas, as flores em minha mão caindo no chão.

— Kenna! — Ajoelhei-me ao lado de sua forma caída, as mãos pairando sobre seu corpo encurvado. Deus não. Afastei o cabelo de seu rosto e respirei fundo. Sua bochecha estava inchada e havia lágrimas na pele. Minha mão tremia enquanto eu pressionava dois dedos ao lado de seu pescoço. O baque constante contra meus dedos fez o ar ser expelido de meus pulmões em um sopro.

Tirei meu telefone do bolso e disquei três números.

— Nove um um, qual é a sua emergência?

Minha voz permaneceu extremamente calma, como se não pertencesse ao homem cujas vísceras estavam sendo retalhadas pelo medo e pela dor. — Minha namorada. Acabei de chegar à casa dela e ela foi atacada. Ela está inconsciente, mas seu pulso está forte.

— Sim senhor. Enviarei os socorristas imediatamente. Qual o seu endereço?

Eu recitei o endereço do *The Gables*, instruindo-a a direcionar os médicos para a casa de hóspedes menor. — O que eu faço? Devo rolá-la de costas? Parece que ela está com dor. — O pânico estava aparecendo na minha voz agora. Eu queria ajudá-la. Minha Olhos Castanhos. Ela parecia tão pequena e quebrada, e eu tinha que consertar.

— Por favor, não a mova, senhor, não sabemos se houve uma lesão na coluna. Espere pelo socorro.

Fiquei parado, colocando a mão gentilmente no ombro de Kenna. A camiseta que ela usava estava rasgada, escorregando um pouco para que minha palma tocasse sua pele dourada. Ela estava quente. Isso tinha que ser um bom sinal, certo?

Meus olhos se fecharam em uma oração silenciosa. *Por favor. Não a tire de mim.*

* * *

Andei para cima e para baixo no corredor do hospital. Fazia horas e eu ainda não tinha respostas. Nenhuma atualização sobre Kenna além de que ela estava inconsciente. Nenhuma informação da polícia. Apenas perguntas intermináveis. Quando quase arrancara a cabeça de Parker pela terceira vez, ele finalmente desistiu, dizendo que ligaria com qualquer notícia.

Eu não me importava com isso agora, tudo que me importava era a mulher que eu amava e ter certeza de que ela estava bem. Segura e inteira e olhando para mim com aqueles olhos âmbar tão cheios de amor e aceitação que eu não conseguia respirar. Eu me virei e cravei os nós dos dedos na parede fria do hospital. Eu ansiava por socá-la, para me distrair da agonia em meu peito com uma dor diferente em meus punhos.

Uma mão firme apertou meu ombro. — Ela vai ficar bem.

Deixei minha cabeça cair contra o gesso da parede. — Você não sabe disso, Ford. O médico ainda não saiu para nos dar atualizações e já se passaram duas horas.

— As meninas estão conversando no posto de enfermagem agora, tentando obter notícias. Esse tipo de coisa leva tempo. Kenna está no melhor lugar que ela poderia estar. Eles estão cuidando bem dela.

Eu empurrei a parede. Ford estava certo. Eu precisava ficar positivo. Kenna fora transportada de helicóptero para o Memorial

de Seatle. Os paramédicos trabalharam o mais rápido possível para estabilizá-la e movê-la. Mas nunca me senti mais impotente do que quando me sentei naquele helicóptero e os observei trabalhar, lutando para juntar o máximo de palavras que pude para entender o que estava acontecendo.

Uma mulher com cabelos grisalhos amarrados em um coque baixo apareceu no corredor. — Família de Kenna Morgan?

Eu me endireitei, o sangue rugindo em meus ouvidos. — Eu sou o namorado dela, Crosby McCoy. Este é o amigo, Ford Hardy. — Não era verdade, mas também não era mentira. Eu seria tudo para Kenna, assim que ela abrisse aqueles lindos olhos.

— Eu sou a Dra. Castor. Sr. McCoy, posso falar com você em particular por um momento?

Eu balancei a cabeça, me afastando de Ford, meu coração afundando. — O que é isso? Ela vai ficar bem, certo? — A mulher queria ficar sozinha comigo para me dizer que algo estava errado? Que as coisas estavam piores do que esperávamos?

Dra. Castor me deu um sorriso gentil. — Estamos otimistas de que Kenna terá uma recuperação total.

Meus ombros caíram em uma respiração exalada. — O que há de errado com ela? Posso vê-la agora?

— Kenna teve uma fratura feia no braço esquerdo que exigiu um cirurgião ortopédico, foi o que tomou tanto tempo. Ela também teve uma concussão bastante severa. Isso, combinado com o baixo nível de açúcar no sangue, é o motivo de tanto tempo para trazê-la de volta. Ela está dormindo agora, e nós a levaremos para um quarto em breve para acomodá-la. — Dra. Castor parou por um momento antes de

continuar. — A gravidez dela parece estável. Achamos que o bebê também vai ficar bem.

O mundo inteiro parecia desacelerar como se eu estivesse vendo e ouvindo tudo debaixo d'água. Grávida. Kenna. Um bebê. Minha mente aclarou, acelerando de volta com uma centena de perguntas diferentes, mas apenas uma importava no momento. — O bebê... — minha voz falhou — está tudo bem?

— Sim. Chamamos um especialista para examinar Kenna e o bebê. A frequência cardíaca e todos os outros níveis estão bons.

— Eu preciso vê-la. — Eu precisava tocá-la, tocá-los, me assegurar de que eles estavam bem. Um bebê. A ideia de que Kenna tivesse enfrentado essa notícia sozinha pela segunda vez na vida me deu vontade de me estrangular. Mas ela não estaria mais sozinha. E isso significava não acordar com uma sala vazia. — Por favor, — implorei a médica.

— Vamos lá, eu mesmo levo você.

Voltamos pelo corredor. Bell e Caelyn estavam paradas com Ford, parecendo destruídas e.... nervosas, talvez? Algo fez clic na minha cabeça. — Vocês sabiam?

Bell olhou para Caelyn. — Ela só descobriu alguns dias atrás. Ela ia te contar hoje.

— Vocês deveriam ter me contado! — Eu rugi. — No segundo em que você entrou neste hospital, deveria ter sido a primeira coisa que saiu da sua boca. E se eu tivesse perdido as duas e nunca tivesse sabido?

Caelyn se encolheu, lágrimas caindo de seus olhos. — Dissemos a uma enfermeira, mas pensamos que Kenna deveria ser a pessoa a lhe dizer.

Ford deu um passo à frente. — Não sei o que está acontecendo, mas você não vai falar com elas dessa maneira.

— Kenna está grávida, — respondi bruscamente a Ford. Sua boca se abriu em resposta.

Bell ergueu a mão para Ford. — Ele tem razão. Devíamos ter contado a ele. Sinto muito, Crosby.

Eu balancei minha cabeça, não tendo tempo para lidar com isso agora. — Vamos, — disse a Dra. Castor.

Ela se afastou de nossa cena dramática, me levando por um labirinto de corredores e subindo em um elevador. Quando finalmente alcançamos a porta aberta de um quarto, eu congelei. Como ela era antes, minha feroz, menina de coração terno. Ela parecia tão incrivelmente frágil ligada a um monte de máquinas.

A Dra. Castor pigarreou. — Entre. Ela está apenas dormindo, não inconsciente.

Eu balancei a cabeça rigidamente e lentamente caminhei até ela. A cadeira rangeu contra o chão quando eu a puxei para mais perto da cama. Eu relaxei e peguei a mão de Kenna, com cuidado para evitar o IV e o monitor de oxigênio.

Pressionei sua mão em meus lábios, apenas segurando-a. — Olhos castanhos... — Lágrimas se juntaram em meus olhos, transbordando e escorrendo pelo meu rosto. — Você tem que estar bem. Você e nosso pequeno *gremlin*. Vamos ser uma família. E estarei ao seu lado em cada passo do caminho.

Procurei em seu rosto qualquer sinal que ela estava desperta. Não havia nenhum. Eu descansei o braço dela de volta na cama, mantendo sua mão na minha. Com a outra mão, estendi a mão lentamente, com

cuidado para evitar seu braço engessado e quaisquer tubos, e descansei minha palma suavemente em sua barriga. — Eu te amo, Kenna.

O calor se espalhou pelo meu braço e em meu peito. Nós criamos um ser vivo. E este pequeno milagre já era incrivelmente forte. — Eu também te amo, pequena. Serei o melhor pai possível. Provavelmente vou bagunçar bastante, mas você nunca terá que questionar o quanto eu te amo.

Eu deixei meus olhos fecharem, enviando mais orações silenciosas. *Por favor, não tire minha vida de mim quando ela está apenas começando.*

50

Kenna

Vamos ser uma família. Eu te amo. As frases flutuavam em minha mente, mas eu não conseguia agarrar nenhuma delas. Atrás de tudo, havia um leve bipe. Isso e dor. Soltei um pequeno gemido.

— Kenna? Você está acordada? Abra esses lindos olhos.

A voz de Crosby me puxou, mas também a chamada de sono.

— Por favor querida. Eu preciso saber que você está bem.

A agonia absoluta na voz de Crosby me fez lutar para abrir meus olhos.

— Lá está ela. Deus, você me assustou muito.

Ele parecia devastado, como se tivesse vivido cem vidas enquanto eu dormia. Tentei falar, mas minha garganta gritou. — Água? — Eu mal consegui pronunciar uma única palavra rouca.

Crosby se moveu como um raio, agarrando um copo rosa com um canudo. — Aqui. Apenas alguns pequenos goles para o caso de você se sentir mal.

Comecei a balançar a cabeça, mas a ação fez minha cabeça latejar. Tomei um gole cauteloso. O líquido frio era o paraíso na minha garganta. Soltei o canudo e tentei novamente. — O que aconteceu-? — Eu congelei, tudo voltando para mim em um flash de imagens e a sensação de punhos contra carne. Eu ataquei com meu braço livre, segurando a mão de Crosby, lágrimas brotando em meus olhos. — O bebê. O bebê está bem? — Tive esperanças, sabendo que era

improvável que uma gravidez tão precoce sobrevivesse ao tipo de violência de que me lembrava.

— O bebê está bem. Você vai ficar bem. Está tudo bem.

Minhas lágrimas correram mais livremente. — Eu ia te contar hoje. Mas então Grant...

Todo o rosto de Crosby endureceu em uma expressão que eu nunca tinha visto antes. — Foi Grant?

— Sim, — eu sussurrei.

Crosby puxou o telefone com uma das mãos, os dedos voando pela tela. — Eu tenho que avisar Parker. Tenho certeza que ele vai precisar de uma declaração, mas isso pode esperar.

— Sinto muito, Crosby.

— Não, Kenna. — Crosby pressionou os lábios na minha palma. — Você *não* tem *nada pelo* que se desculpar. Estou feliz que você e nosso pequeno *gremlin* estejam bem.

Um soluço saiu do meu peito. — Nosso pequeno *gremlin*?

Um pequeno sorriso apareceu nos lábios de Crosby. — É assim que venho chamando ele ou ela. Nós nos conhecemos enquanto você dormia. — Ele colocou o telefone no meu colchão e colocou a mão gentilmente na minha barriga, desenhando círculos com o polegar.

— Você quer esse bebê? — Eu respirei fundo, prendendo-o, não fui capaz de soltar até que ouvi as palavras.

— Eu quero você. Eu quero nosso bebê. Quero construir uma casa e uma família. Eu quero tudo.

Minhas lágrimas vieram mais rápido enquanto meus ombros tremiam. — Sério?

Crosby olhou nos meus olhos. — Sério. Eu ia à sua casa para lhe dizer isso esta tarde. Deus, Kenna. Eu errei tanto. Fiquei apavorado e nem percebi. Eu estava me agarrando com tanta força a essa ideia confusa de liberdade, quando tudo isso eram escudos para manter as pessoas fora. Barreiras para que eu não me machucasse novamente. Mas não importa porque você se esgueirou atrás deles de qualquer maneira. — Ele levou minha mão aos lábios novamente. — Te amo com tudo o que tenho e com tudo o que sou. Por favor, deixe-me amar você.

— Eu também te amo. Com tudo o que tenho. Eu não quero ninguém além de você.

Crosby se inclinou, tomando cuidado para não bater em meu braço engessado e roçou os lábios nos meus. — Para sempre.

Uma batida soou do outro lado da sala. — Ouvimos dizer que alguém estava acordada. — Ford segurou a porta para Bell e Caelyn, que correram para dentro.

Caelyn começou a chorar no segundo que nossos olhos se encontraram. — Oh Deus, Kenna. Eu estava tão preocupada. Você está bem? Você está com dor? Podemos pegar alguma coisa? Devo chamar uma enfermeira?

— Diminua a velocidade, piloto de corrida. — Bell jogou um braço sobre os ombros de Caelyn. — Se ela está beijando o surfista, acho que vai ficar bem.

Eu sorri para meus amigos. — Amo vocês, pessoal.

Bell estendeu a mão e apertou meu pé que estava sob a pilha de cobertores. — Sempre, irmã. Você nos deu um susto.

— Eu me dei um também. — Eu não pude lutar contra o arrepio quando uma imagem do rosto de Grant, tão cheio de ódio, encheu minha mente.

O telefone de Crosby tocou e ele o pegou da cama. — Parker já prendeu Grant. Ele e sua família estão criando um inferno, mas eles o pegaram.

Um pouco de tensão em meus músculos diminuiu. Eu estava segura.

Bell agarrou a mão de Ford com força. — Eu não posso acreditar que ele fez isso. — Por mais que todos nós soubéssemos que Grant era um idiota, nenhum de nós tinha pensado que ele iria tão longe.

Caelyn mordiscou o lábio inferior. — Ele não vai se safar com isso, certo?

Crosby leu sua mensagem de Parker. — Grant tem os nós dos dedos rachados e inchados. E teremos o testemunho de Kenna. Esse é um caso forte.

— Nós nem mesmo precisamos de nada disso.

Crosby ergueu os olhos para a minha declaração. — Não temos?

— Não. Harriet tinha um monte de câmeras que gravam tudo, instalado fora de todos os pontos de entrada de nossas casas no ano passado. Ele deveria estar nas gravações. Provavelmente até a primeira vez que ele me bateu porque estávamos na minha varanda.

Crosby desviou o olhar por um breve momento, movendo o queixo. Eu apertei sua mão com tanta força quanto eu tinha. — Estou bem. E ele não vai me machucar nunca mais.

Crosby se voltou para mim. — Não ele não vai. — Ele se inclinou para frente e pressionou seus lábios na minha testa. — Você é forte *para caralho*. Por você, por nosso bebê. Eu te amo.

Nunca me cansaria de ouvir essas palavras. — Com tudo o que sou.

EPÍLOGO

Kenna

DUAS SEMANAS DEPOIS

— Zoe, isso é lindo! Muito obrigada por fazer isso para mim. — Recostei-me no sofá enquanto a observava criar um cartão de melhora cheio de glitter e adesivos e tudo mais feminino.

Zoe mordiscou o lábio inferior. — De nada. Você está se sentindo melhor, certo? Você ficará bem?

Meu coração se partiu pela garotinha que já havia perdido tanto. Não foi fácil para ela quando soube que eu tinha acabado no hospital. Nós conversamos ao telefone algumas vezes desde que sofri o ataque, mas eu finalmente estava tendo um tempo de qualidade com minha garota. — Estarei cem por cento em algumas semanas. Eu só tenho que arrumar esse gesso feio enquanto isso. — Eu levantei meu braço coberto de gesso. — Acha que pode me ajudar a decorá-lo?

Um pequeno sorriso apareceu no rosto de Zoe e ela assentiu.

Peguei alguns marcadores da mesa de centro. A ação fez minha cabeça girar, mas mantive um sorriso no rosto, não querendo que Zoe se preocupasse. A concussão ainda me deu alguns efeitos colaterais persistentes desagradáveis, mas eles foram diminuindo a cada dia. Eu dei um tapinha no assento ao meu lado. — Venha aqui.

Zoe veio até mim enquanto Ingrid e Crosby assistiam das cadeiras do outro lado. Ela abaixou-se cuidadosamente para o sofá e pegou uma caneta. — Que tal algumas flores?

— Isso soa perfeito. As flores vão alegrar este elenco com certeza.

Zoe ficou quieta enquanto trabalhava, e dei-lhe tempo, sabendo que ela se abriria quando estivesse pronta. Ela desenhou flores rosa, roxo e laranja, criando galhos verdes que conectava todos eles. Ainda focada em seu trabalho, ela perguntou: — Eles pegaram o bandido, certo?

Meu peito deu outro aperto. — Eles o pegaram, Zo. Ele vai ficar na cadeia por um longo tempo.

A filmagem da câmera do lado de fora da minha porta tinha sido um golpe mortal. Entre isso e as declarações dos meus médicos, Grant foi acusado de tentativa de homicídio. Provavelmente seria reduzido para agressão agravada quando fôssemos ao tribunal, mas Grant não escaparia desta vez. Ele iria pagar por suas ações.

Annabelle e Clark apareceram na ilha brevemente, mas fugiram de volta para Seattle para lamber suas feridas e tentar descobrir uma maneira de libertar seu filho da prisão. Isso não iria acontecer. E a ilha inteira ficou feliz em vê-los partir.

A revelação mais surpreendente foi que Lacey ajudou com a tentativa de suborno do juiz Moore. Foi encontrado suas impressões digitais em toda a maleta de dinheiro que havia sido deixado em sua casa. Impressões que estavam em arquivo de quando Bell denunciou Lacey por beber quando era menor de idade. Ela provavelmente evitaria uma pena de prisão real, mas Lacey estaria no mínimo em liberdade condicional. Parecia que o Karma finalmente estava fazendo uma visita àqueles que mereciam.

Crosby esteve ao meu lado durante tudo isso, minha rocha. Mas quando ele teve que assistir a filmagem de Grant me atingindo, pensei que ele poderia perder o controle. Felizmente, Ford e Bell estiveram conosco na delegacia. Ford havia levado Crosby para fora e tudo o que ele disse pareceu ajudar. Isso e me ter na cama ao lado dele todas as

noites. Nunca me senti mais segura do que quando estava nos braços de Crosby.

Enquanto eu estava no hospital por alguns dias, Bell e Caelyn correram para deixar um dos quartos de hóspedes do andar de baixo da casa principal pronto para eu ficar. Evitar escadas durante essas primeiras semanas de minha recuperação era fundamental. E eu não tinha vontade de permanecer no lugar onde quase perdi tudo. Eu iria voltar a casa de hóspedes eventualmente, fazer as pazes com o que tinha acontecido lá, mas não havia pressa. E eu queria tornar a casa principal minha. *Nossa casa.* O lugar onde Crosby e eu criaríamos nossa família.

Coloquei minha mão sobre minha barriga e sorri para Crosby. Seus olhos castanhos claros pareciam cintilar enquanto ele sorria de volta para mim.

— Estou feliz que eles o pegaram.

Zoe me trouxe de volta à nossa conversa atual e dos meus devaneios. — Eu também.

Ela colocou a tampa de volta em seu marcador. — Tudo feito. Gostou?

Eu levantei meu gesso para examinar seus rabiscos. — Está perfeito. Acho que você pode ter um futuro como artista.

Zoe corou. — Posso ser jogadora de futebol profissional também?

— Não vejo porque não.

Ingrid ficou de pé. — Falando em futebol, precisamos ir para que você não se atrase para o treino.

Zoe olhou de volta para mim. — Você acha que poderia vir ao meu jogo no próximo fim de semana?

— Eu adoraria ir. Basta me dizer onde e quando. — Estar perto de Zoe e vê-la prosperar me deu uma leveza que eu não sentia há muito tempo. Talvez nunca. A menina me deu esperança. Que independentemente das nossas circunstâncias, podemos curar.

— Impressionante.

Eu me levantei lentamente, minhas costelas ainda doendo um pouco com o movimento. Crosby estava ao meu lado em um segundo. — Cuidado.

Eu joguei para ele uma colher falsa. — Pare de cacarejar em cima de mim como uma mãe galinha. — Crosby poderia muito bem ter tentado me envolver em um plástico bolha pelo paranoico que ele estava sobre eu me machucar ainda mais.

Ingrid sorriu para nós dois enquanto colocava um braço em volta dos ombros de Zoe. — Ele cacareja porque ele se importa.

Crosby deixou escapar um suspiro exasperado. — Eu não cacarejo. Sou apenas cauteloso.

Zoe deu uma risadinha. — Pareceu um pouco desagradável.

Os olhos de Crosby se estreitaram na garota. — Vou me lembrar disso na próxima vez que jogarmos futebol. Chega de facilitar para você.

Ela encolheu os ombros. — Você poderia tentar, mas ainda vou deixá-lo na poeira.

— Essa é minha garota. — Eu estendi a mão e Zoe me cumprimentou.

Crosby e eu observamos Zoe e Ingrid entrarem no carro dela e seguirem pela estrada de cascalho. Inclinei minha cabeça contra o ombro de Crosby. — Estou tão feliz por ter visto Zo.

— Eu também. Ela estava preocupada com você.

— Eu odeio isso. Mas acho que ela está à vontade agora, não é?

Crosby enrolou uma mecha do meu cabelo em seu dedo. — Definitivamente. — Pressionando os lábios na minha têmpora, ele perguntou: — Você está pronta para dar um passeio até o balanço?

Eu me afastei um pouco. — Você realmente vai me deixar andar lá fora?

Crosby fez uma careta. — Eu não sou tão ruim.

— Você meio que é. — Na primeira semana, ele nem me deixou ir ao banheiro sozinha. Ele me acompanhou até lá e depois sentou do lado de fora da porta, me fazendo gritar para ele a cada trinta segundos que eu estava bem.

Crosby segurou meu rosto com as mãos. — Eu quase perdi você. Você não pode me culpar por ser um pouco mais cauteloso.

Eu derreti com a mistura de medo e amor em seus olhos. — Me desculpe. — Fiquei na ponta dos pés e toquei meus lábios contra os dele. — Eu te amo. E eu não vou a lugar nenhum.

— Estou contando com isso. — Crosby nos conduziu lentamente até o balanço que dava para a água, um dos meus lugares favoritos em toda a propriedade.

Quando chegamos ao local, eu estava um pouco sem fôlego, mas o ar fresco tinha me feito bem. — Não posso acreditar que esta seja a nossa casa.

— Temos muita sorte.

— Nós realmente temos.

Crosby e eu ficamos sentados em silêncio enquanto balançávamos suavemente para frente e para trás. Tudo sobre o lugar era perfeito. O

cheiro do ar salgado, o sol nos envolvendo, a paz e o conforto de estar com quem eu amava.

Crosby levou minha mão aos lábios, beijando o centro da palma. Ao colocá-lo em sua coxa, ele começou a traçar desenhos absurdos nos meus dedos. — Eu te amo, Kenna. Mais do que eu jamais pensei ser possível.

Eu olhei para Crosby, absorvendo a emoção em seu rosto. — Estou muito feliz com isso.

Ele riu, pressionando um beijo na minha testa. — Eu te disse que Harriet me deixou algo em seu testamento também?

Eu me endireitei no balanço. — Não. O que foi isso? — Eu amei que Harriet tivesse pensado em incluir Crosby. O relacionamento deles também tinha sido especial, e eu sabia que fosse o que fosse, ele teria muito valor.

Crosby puxou algo de seu bolso que eu não pude ver. — Tenho de ser honesto, quando o vi pela primeira vez, fiquei confuso. E quando li a carta dela para mim, pensei que ela poderia ser um pouco maluca. Eu tinha certeza de que não iria me apaixonar novamente.

Minhas sobrancelhas se juntaram. — O que ela te deixou?

Crosby abriu a mão e na palma estava uma aliança de ouro com um enorme diamante de corte esmeralda. — Este foi o anel que Richard deu a ela quando pediu a Harriet em casamento. Harriet disse em sua nota que sabia que eu iria encontrar alguém em quem confiar meu coração novamente, e ela queria que eu tivesse este anel que já continha tantos anos de amor.

Eu respirei fundo, meu coração acelerando em um ritmo descontrolado no peito. Crosby encontrou meu olhar, tanto amor em seus olhos. — Você vai usar este anel, Kenna? Seja minha esposa, minha parceira, a mãe dos meus bebês, minha casa.

— Sim, — eu sussurrei, lágrimas enchendo meus olhos.

Crosby colocou o anel em meu dedo, os raios de sol fazendo arco-íris dançar na pedra e brilhar ao nosso redor. Ele tomou minha boca em um beijo lento. Quando ele se afastou, encontrei seu olhar, procurando, esperando. — Se a mãe de Zoe abrir mão de seus direitos parentais, eu quero adotá-la.

Crosby sorriu. — Eu não faria de outra maneira. — Tudo dentro de mim esquentou com suas palavras. Ele ficou sério, parecendo olhar ainda mais fundo nos meus olhos, todo o meu ser. — Eu te amo, Olhos Castanhos.

Eu senti tudo o que havia nessas palavras, alegria e dor, triunfo e luta, esperança e medo. Ele estava dando tudo para mim, e eu daria tudo de volta para ele. Eu toquei meus lábios contra os dele pela segunda vez. — Com tudo o que sou.

Fim